

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS QUE NOS AFETAM: um diálogo com crianças
trabalhadoras que insistem em estudar.**

Autora: **MARGARETH MARTINS DE ARAUJO**

Orientadora: **PROF^o DR^a CORINTA MARIA GRISÓLIA GERALDI**

Este exemplar corresponde à redação final da tese de doutorado defendida por Margareth Martins de Araujo e aprovada pela comissão julgadora.

Data: / /

Assinatura: _____

Comissão julgadora:

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO / UNICAMP

Araujo, Margareth Martins.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS QUE NOS
AFETAM: um diálogo com crianças trabalhadoras
que insistem em estudar. / Margareth Martins Araujo
- Campinas, São Paulo: [s. n.], 2005.

Orientador: Corinta Maria Grisólia Geraldi.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1- Professores – Formação. 2- Educação
Permanente.

2- Trabalho Infantil. 4- Direitos Humanos. I.
Araujo, Margareth Martins de. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Para Thalles, filho amado, por me ensinar que o mundo permanece girando e a vida não pára, mesmo quando (e por isso) se fazem teses.

AGRADECIMENTOS

Apreendi que se depende sempre, de tanta muita diferente gente.

Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. É tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente, onde quer que a gente vá.. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho, por mais que se pense estar...

Gonzaguinha

Restringir os agradecimentos *quando a gente entende que é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas* é muito difícil. Pessoas de todas as idades, anônimas, próximas, distantes, esquecidas, queridas, outras nem tanto, mas que ainda nos constituem como indivíduo indiviso que sendo muitos, é um só. Indivíduo único e ímpar, mas nunca sozinho, *por mais que pense estar*. Para todas essas *pessoas* do meu ontem, do meu hoje e certamente do meu amanhã, *muito obrigada* por constituírem, das mais diversas maneiras. Há, porém, *outras tantas pessoas* que têm a ver de forma mais imediata com o meu agora. A estas gostaria de agradecer nominalmente.

MUITO OBRIGADA

G.A.D.U., por todas as oportunidades que me tens dado ao longo da vida, por Te fazeres presente em cada pessoa que encontrei, em cada situação que vivi e com as quais sempre me foi possível aprender algo. **Muito obrigada.**

Professora Doutora **Corinta Maria Grisolia Geraldi**, orientadora e amiga por ter me apresentado nova e significativa forma de aprender com os meninos trabalhadores o fruto do presente trabalho, pelas orientações lícitas precisas e preciosas que em alguns momentos foram além do território acadêmico.

Professora Doutora **Regina Leite Garcia**, pelas inúmeras orientações dadas ao longo de minha vida de aprendente e, principalmente, por permitir que eu faça

parte de sua opção de vida por um mundo melhor e ainda, por ser um exemplo vivo da capacidade humana de transformar a si e ao mundo.

Professora Doutora **Edwiges Zaccur**, pela cumplicidade acadêmica e, principalmente, por me ensinar teórica e praticamente a redimensionar a visão de sociedade, de homem e de mundo e por colocar-se lindamente na vida como ensinante e aprendente.

Professor Doutor **Guilherme do Val Toledo** pelas leituras atentas aos meus textos e pelas contribuições sensíveis e competentes.

Ao **GRUPALFA** pelos encontros de sexta, pela troca e pelo aprendizado.

Ao **GEPEC**, pelos valiosos momentos de trabalho e debate, pelo convívio intelectualmente fraterno e, em especial **Adriana Varini, Maria Emília e Glaucia** pela acolhida amorosa fazendo de mim ao mesmo tempo a estrangeira (carioca) e a nativa.

Beto, amado, amante, companheiro de toda uma vida, pela paciência, incentivo e, principalmente, pela presença ativa nos momentos de maior dificuldade.

Ana Maria Rezende de Oliveira, pelos encontros de terça nos últimos dois anos e, por ler em “primeira mão” cada frase, cada parágrafo, cada capítulo dessa tese que aos teus olhos estavam sempre “bons”. Pelas experiências de vida compartilhadas.

Minha Família, pelo apoio, por representar meu eterno “porto seguro” para onde sempre retorno e onde sei que sempre serei acolhida. A você meu **Pai-amigo**, pela cumplicidade política e intelectual que fez de mim um ser de permanente busca. Especialmente para ti **Mãe**, “cais maior” de todos nós, meu referencial, meu SUL. Se a todos devo um pouco do que sou, a ti eu devo muito mais.

Crianças trabalhadoras e famílias, pelas lições de vida, trabalho e amor, prova contundente do quanto o ser humano é capaz de fazer para superar as adversidades.

Professoras das crianças trabalhadoras, por abrirem as portas de suas salas de aula fazendo com que eu aprendesse um pouco mais sobre a importância de exercer o magistério.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o trabalho infantil urbano, diz respeito à organização das crianças trabalhadoras nos espaços onde desenvolvem suas funções e possíveis conseqüências na escola. Busca detectar algumas contribuições para a escola, visando o sucesso escolar de alunos e professores. Portanto, questões como: disciplina, organização espacial, socialização, trabalho individual e solidário, administração financeira, formas de apreensão do mundo, como lidar com situações novas, e formas de aprendizagem, entre inúmeras outras, nortearam a pesquisa nas ruas da cidade de Duque de Caxias. Para tanto foi narrado e analisado o movimento da experiência de um grupo de crianças em seus espaços de trabalho e nas escolas públicas onde estudam, período compreendido entre 2000 - 2004. Utilizei como recurso metodológico da história oral (Brioschi e Trigo) - entrevistas não diretivas e acompanhamento direto presentes no interior da tese. Foram utilizados alguns princípios de análise do cotidiano escolar, da micro estrutura (Certeau) e da linguagem (Bakhtin), que possibilitaram a construção dos seguintes indicadores: a superação da invisibilidade, e da indiferença que tanto marcam os estudos sobre o trabalho infantil urbano, a explicitação da singularidade das crianças, a elaboração de pistas para o trabalho escolar mediadas pela leitura das práticas vividas nas ruas e nas escolas, e indagações surgidas das vivências compartilhadas com as professoras e responsáveis. A análise destes indicadores demonstrou a importância do trabalho infantil ser considerado como fonte informadora e formadora de alunos e professores, à medida que todos se responsabilizam. No movimento dos encontros, questões relativas às trajetórias pessoais, que conduziam estas crianças à condição de trabalhadoras em tão tenra idade, emergiram. Suas histórias, memórias, sonhos e desejos relativos à vida escolar, profissional e pessoal, tramados em seus passados, atravessando seus presentes e vislumbrando seus futuros, tornaram-se a tônica dos encontros. Os apontamentos produzidos são revividos neste trabalho como narrativas (Benjamin), procurando dar visibilidade à questão do trabalho infantil urbano, a explicitação da singularidade das crianças, bem como a possibilidade de construção de algumas das diferentes lógicas em jogo na negociação e destinos das crianças trabalhadoras, suas famílias e professores. Dos múltiplos lugares que ocupei, o de pesquisadora foi marcado pela interlocução com alguns autores, mas, principalmente com Freire, Boff, Cyrulnik, Morin e Bakhtin. Esta opção teórica foi delineada durante o processo, quando este deu a ver a complexidade dos acontecimentos que o marcavam e nas palavras que traduziam -lhe as marcas, fazendo surgir nas narrativas produzidas pelos /nos encontros, outras palavras, que podem constituir outros sujeitos, outras histórias, outros tempos, outras relações, outras narrativas. O projeto de pesquisa foi desenvolvido no GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada da Faculdade de Educação da Unicamp - e contou com o financiamento da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento.

ABSTRACT

Experiences that touch us: a dialogue with harworking children who insist n studying.

Our research was developed in district of Duque de Caxias, Baixada Fluminense, along whit fifty children who not only study but also work. They are urban children who work doing freight in public fairs, juggling at traffic lights, selling sweets at pubs and the like. These children consist of a share of the Brazilian people between nine and fourteen years of age who work to raise their families income. Our main aim is to learn with these hardworking children about their lifestyles at their working place by placing them in touch with school work which thereby will contribute to turn this school into an area of success for both hardworking students and teachers.

SUMÁRIO

**Nosso verdadeiro estudo é o da
condição humana.
Emílio Rousseau**

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS QUE NOS AFETAM: um diálogo com crianças trabalhadoras que insistem em estudar.....	i
RESUMO	ix
ABSTRACT.....	xi
PONTOS DE PARTIDA.....	1
CARTOGRAFIA DE UMA PESQUISADORA EM CONSTRUÇÃO.....	35
A PROFESSORA APRENDENTE E AS CRIANÇAS TRABALHADORAS:	
I Uma escola para todos e para cada um.....	78
A história de Sérgio.....	85
A história de Lilia.....	93
II O Pensar das professoras sobre as crianças trabalhadoras	125
III Com o que sonham as crianças trabalhadoras e os seus.	173
Cenários da pesquisa:.....	207
I – Cenas de rua	207
II – Cenas da escola:.....	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	209
PONTO DE CHEGADA OU DE PARTIDA?	209
Bibliografia	227
ANEXOS:	239
INVENTÁRIO DOS DOCUMENTOS COLETADOS NA PESQUISA.....	239
Uma História Infantil.....	246
Produções das Crianças	258

PONTOS DE PARTIDA.

A minha vida intelectual é inseparável da minha vida. (...) Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida.(...) Não alieno as minhas zonas de sombra. (...) Sei que todo conhecimento de uma sociedade, de uma história, de uma vida, incluindo a sua própria é ao mesmo tempo tradução e reconstrução mentais.

Edgar Morin

É preciso começar. Reviro minhas idéias, revisito o meu passado à procura de um possível início, um fio condutor para minhas idéias, um ponto de partida. Mas, como iniciar algo que sempre existiu? Para contar minha história seria preciso chegar aos primórdios da existência humana, uma vez que, nossa raça sempre esteve presente sobre a face da terra. Contar minha história, portanto seria contar a história de uma série de outros seres humanos, suas vivências e experiências.

* * *

Começo por uma história em que o jogo já estava de antemão jogado contra aquela criancinha deixada ao lado de uma boa casa de um jovem casal ainda sem filhos. A jovem mãe, solteira, sem amparo financeiro e com o leite materno escasseando, temia o pior para sua filha. Sem conseguir emprego, sem saber o

que fazer e, cada vez mais transtornada, termina por deixá-la ali para salvá-la. Naquele momento lhe parecia a única saída.

Quem sabe, gestos, como esses, sejam pensados para dar uma oportunidade a filhos gerados, mas sem maiores chances junto à mãe biológica. Seria talvez um ato de coragem.

Venho mergulhando nos últimos anos na pesquisa que envolve crianças que têm algo em comum com o início de minha própria história. Este início de minha própria história, sinteticamente explanada acima, tem algo em comum com a vida das crianças que venho acompanhando na pesquisa.

O relato se justifica a partir do momento em que dá outro sentido à pesquisa que faço com as crianças das classes populares que enfrentam duras condições de sobrevivência. No **rost**o de cada uma delas a tradução do descaso e do abandono por parte dos governantes. Encontrar com elas para conhecer suas vivências ajudou a me conhecer melhor. Falo de algo que têm faltado a essas crianças lutadoras: **encontros**¹ e **oportunidades**.²

* * *

¹ - **Encontro**- O encontro com as crianças trabalhadoras, a convivência com elas deixaram marcas em mim. Seus corpos, rostos e vidas tomaram conta da minha própria vida.

_ Boff ao falar sobre o cuidado com o outro entre dá destaque especial ao significado do rosto dizendo: O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e con-voca. Especialmente o rosto do empobrecido, marginalizado e excluído. O rosto possui um olhar e uma irradiação da qual ninguém pode subtrair-se. O rosto e olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nascer assim a res-ponsa-bilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética que reside nesta relação de res-ponsa-bilidade diante do rosto do outro, particularmente do mais outro que é o oprimido. (2000:139)

² - - **Oportunidade** - Ocasão, ensejo, lance. Circunstância adequada, ou favorável; conveniência. A questão da oportunidade vem sendo insistentemente retomada nos discursos políticos ainda que o discurso prevaleça sobre a ações mais consistentes. Uma das questões apontadas como alternativa de superação do trabalho infantil é igualdade de oportunidades aliada à estratégias de compensação e de integração.

Revedo os rostos dessas crianças trabalhadoras de diferentes épocas, ressalto que o trabalho infantil não é invenção da modernidade, quando crianças passaram a trabalhar em algumas fábricas. Não se trata de algo novo. Já na época do Brasil Império, encontramos documentadas através da obra de Debret (2000), cenas do cotidiano de um Brasil recheado de crianças trabalhando junto a seus pais, freqüentemente mães, que contavam com o apoio de seus filhos durante o período de trabalho, fosse na cidade ou nas fazendas.

O quadro abaixo retrata uma cena do Brasil Império. As crianças ajudavam no trabalho de suas mães, conhecidas como *negras de ganho* ou *de tabuleiro*. A foto foi encontrada no livro *Crianças escravas, crianças dos escravos*; de José R. Góes e Manoel Florentino.



Por não terem com quem deixar seus filhos, as escravas os levavam para o local de trabalho como até hoje ocorre com as mães trabalhadoras de nossa época. Como a interação faz parte da natureza humana, paulatinamente a criança brinca, dramatizando o trabalho realizado por seus pais e, sem que seja percebido exatamente quando, passam a realizar as tarefas. Com o passar do tempo, assumem as funções profissionais de seus pais com o mesmo desempenho, ou

até melhor. Como diz o dito popular: Serviço de criança é pouco, quem não aproveita é louco.

As famílias geralmente levam seus filhos para o trabalho. Este é um fato mais comum do que possamos pensar. Muitas famílias que trabalham em seu próprio comércio, deixam seus filhos entrarem em contato com as tarefas profissionais e, em muitos casos, propõe a eles algumas regras a serem seguidas em troca de um pagamento, por mais simbólico que seja. Certamente este é um processo de aprendizagem, de troca, de construção de **conhecimento**.³

* * *

Volto ao tempo das lembranças de minha infância, quando ajudava meu tio e pais nos serviços de cartório durante o loteamento de alguns bairros da cidade do Rio

³ **Conhecimento** _ para Freire, na dimensão humana... não é um ato, através do qual, um sujeito transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o mesmo ato de conhecer pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se, assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que seu ato está submetido. Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é, como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (Freire,1979: 28)

_ Conhecimento não é coisa só de cabeça, é de corpo inteiro. (Freire, 1991:27)

- Boaventura de Souza Santos, ao discutir o paradigma dominante afirma: Duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-nos a caminho, mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo desconhecimento é autodesconhecimento. (Santos, 1995:8)

- Em nossa pesquisa, mais do que aprender, conhecemos uns aos outros através da troca de idéias, noções variadas sobre o fazer de cada um, informação que nos chegavam através de notícias sobre o tema pesquisado. Ao poucos tomamos consciência de nós enquanto seres individuais e coletivos, a partir das relações que travamos uns com os outros.

de Janeiro. Para eles, com certeza, tudo não passava de uma brincadeira, mas para mim era uma séria atividade. Por mais comum que seja a criança dramatizar cenas do cotidiano, dele muito é aprendido e um mínimo de trabalho infantil é realizado.

Fui aprendendo que, nem todas as crianças trabalhadoras o fazem para ajudar a aumentar o orçamento doméstico. Não, pelo contrário, algumas crianças trabalham para permanecerem junto a seus pais e o trabalho vem como consequência deste acompanhamento, de um estar junto que é pertença ao grupo familiar. Em outros casos acompanham seus pais para aprenderem sobre questões básicas de um empreendimento a ser herdado no futuro. Os pais que assim agem com seus filhos geralmente propõem sistemas, regras de trabalho em troca de um aporte simbólico.

A partir desse movimento de identificação do meu tema de pesquisa em mim, foi possível percebê-lo ao meu redor, no mundo. Foi possível pensá-lo a partir de um processo histórico dando margem para compreendê-lo a partir de suas especificidades. Para além de estar escrito em mim e no mundo, e talvez por isso mesmo, chego a posicionar-me frente a ele de forma a constatar que há nele algo possível de ser generalizado.

É a partir da tentativa de estabelecer um diálogo entre o local e o global, entre o específico e o generalizável que proponho refletir sobre a escola a partir do trabalho infantil. Uma escola que seja possível, necessária para as crianças trabalhadoras. Uma escola para todos e para cada um, que se gesta cotidianamente, a partir da escola que temos. Pode até não ser a ideal, mas é a escola com que as crianças podem contar e com a qual venho aprendendo nos últimos anos.

Embora tenha iniciado a pesquisa com doze crianças, hoje conto com cerca de cinqüenta. Elas desenvolvem suas funções a partir dos mais variados motivos. Independente dos motivos que as levem ao mundo do trabalho infantil venho aprendendo, cada vez mais, com este universo temático.

Ao pesquisá-las, o faço também com seus familiares e professores, uma vez que se encontram imersas em suas histórias e vida, com um passado, um presente e certamente, um futuro. A partir do convívio com os familiares das crianças pesquisadas, foi possível constatar que as crianças que hoje pesquiso fazem parte da quarta geração de crianças trabalhadoras, ou seja, seus bisavôs, avôs e pais também trabalharam durante a infância. Muitas são descendentes de escravos; são **discriminadas**⁴ por causa da cor de sua pele, condição econômica, hábitos e costumes. É como herança que passa de pai para filho. Embora seus pais lutem para que os fatos não se repitam pouco ou quase nada conseguem fazer para romper com o estigma da pobreza.

Ao verem os filhos com o mesmo destino de seus antepassados, sentem como se a questão fosse hereditária, passando de pai para filho, e se deparam com uma enorme dificuldade para superar o quadro de desrespeito e de abandono em que se encontram. É com profunda tristeza que constataam as limitações de suas vidas, sentem-se desesperançados. Uma das formas de lutarem contra este estigma, tem sido, por incrível que pareça, a redução do número de filhos. Não atrelada a um planejamento familiar, aliás, esta não é uma forma de planejamento familiar regido

⁴ **Discriminação-** As crianças por nós pesquisadas são pardas e negras e, portanto, são alvos constantes de diversas formas de discriminação, por serem pobres, trabalharem, trabalharem nas ruas, são pobres, por morarem em comunidades ou bairros simples, etc. Segundo estudos e pesquisas a discriminação racial é fator de seletividade escolar, colocando os negros em desvantagem. A população negra é prejudicada pelas más condições da rede de ensino público, única alternativa para a grande maioria do contingente de ascendência africana. (Plano de Atividades PENESB 2004 -2006:13).

_ Para Jandir Freire, ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel sem pausa ou re'posuo, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpoe os ideiais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (1983:2).

_ Kabengele diz ser o racismo um modo de exclusão baseado na marca biológica. Nos fala ainda sobre o neoracismo, que vem a ser o racismo exercido a partir do fenótipo, salientando ligeiramente a questão cultural.(1998:45)

pela necessidade e não pela escolha entre possibilidades dadas, mas imposta pelas condições aviltantes de vida.

*Já foi o tempo que a gente podia ter mais filhos. Agora é unzinho ou dois e olhe lá. Se puder é melhor não ter nenhum. Se pobre tivesse juízo não tinha essa carreira de filho.
(D. Creuza mãe de José)*

Já é possível encontrar famílias com um ou dois filhos apenas, bem diferente de alguns anos atrás, quando as famílias das classes populares eram numerosas, compostas de seis a doze filhos, por exemplo. Esta tem sido uma forma de controlar, o estigma mencionado anteriormente, evitando a reprodução da mão de obra barata para o mercado e trabalho. Aqui, cabe propor mais uma pergunta⁵ entre tantas que me ocorrem na pesquisa atravessada por uma curiosidade epistemológica :

* * *

Se, desde o começo a vida é tão aberta à curiosidade: como a escola poderá ajudar, cada vez mais, as crianças trabalhadoras a terem sucesso? Essa pergunta atravessa toda a pesquisa com o cotidiano dessas crianças.

5 - **Perguntas**- e respostas não pertencem a uma mesma e relação ou (categoria) lógica; não podem ser contidas numa única e mesma consciência (única e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma exotopia recíproca. Se a resposta não dá origem a uma pergunta, separa-se do diálogo e junta-se a um sistema cognitivo e impessoal. (Bakhtin, 1987:411)

Curiosidade - é o sentimento de surpresa quando o homem se encontra diante da vida. (Freire:1997:719)

_ A curiosidade é uma característica marcante nas crianças por mim pesquisadas, através dela, enfrentam o mundo, realizam sonhos, se constroem como sujeitos nas ruas da cidade, ampliam seus limites. Em muitos casos parecem ousadas, transgressoras, colocando em xeque algumas normas pré-estabelecidas para o convívio social, quase indiscretas, livres, leves, soltas, se colocam a caminho do conhecer, do desvendar, do descobrir. Dificuldades cotidianas são relativizadas, praticamente desaparecem, diante de um novo desafio, e uma nova aprendizagem. Através da curiosidade, por elas demonstrada, é possível perceber um forte interesse em aprender algo novo, geralmente necessário para o bom andamento do trabalho, um interesse que raramente aparece ao entrarem em contato com os rituais da escola. Ao entrar em contato com esta característica reflito sobre o quanto às crianças trabalhadoras se assemelham aos pesquisadores... Investigam, fazem perguntas, são inquietas.

Ao contextualizar meu tema de pesquisa, faço uma pergunta que se abre a inúmeras outras, desdobrando-se permanentemente. Este fato permite um ampliar constante do trabalho, uma vez que abro novas formas de intelegir o mundo; Ao fazê-lo vou tomando consciência de que sempre há algo mais a ser questionado, perguntado, revisitado, ampliado.

Este fato que traz para mim um pouco mais a consciência do próprio devir, ou seja, o permanente vir a ser existente em todas as pessoas, na natureza, nas instituições por nós criadas, etc. Um movimento que possibilita o vislumbrar um espaço de construção de alternativas possíveis de superação do estado atual em que o trabalho infantil no Brasil se encontra. Por existir em movimento, sempre haverá possibilidade de intervenção humana, comprovando que é possível mudar a história, escrevê-la de outra forma.

Enquanto não nos damos conta de determinada situação, é como se ela estivesse coberta por um manto de invisibilidade, não a vejo e, por não vê-la, não a toco, não sou por ela tocada, não a sinto e, portanto, dela não me ocupo. Não tem cheiro e nem cor e, por não tê-los, não os vejo.⁶

O manto da invisibilidade é também fruto da impossibilidade de compreender. Como diz Von Foerster (1996: 69): Os olhos só vêem aquilo que o cérebro compreende. Quem sabe seria importante, neste ponto de nossa trajetória refletir sobre o Livro dos Conselhos citado e Ensaio sobre a cegueira de José Saramago: Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

⁶- **Ver-** Marilena Chauí em seu texto: "Janela da alma, espelho do mundo", ao discutir a questão do olhar afirma: Aceitamos discordâncias dizendo que cada qual tem direito ao seu ponto de vista ou à sua perspectiva, sem causar-nos estranheza o crermos que a origem das opiniões dependa do lugar de onde vemos as coisas e sem que nos detenha a palavra "perspectiva".(...) E cita Merleau - Ponty: ver é ter à distância. (Chauí, 2000: 31- 40).

_ Durante a pesquisa raras não foram as vezes em que me questioneei: O que vejo, vivo, sinto, realmente acontece? Sou obrigada a concordar co Chauí (...) depende do lugar de onde vemos (...). Foi quando percebi que o resultado da pesquisa é parcial, depende de onde vejo, de como vejo e principalmente daquilo que politicamente me interessa mostrar, visibilizar, potencializar.

A partir do momento em que você se identifica com sua questão temática, a descobre como parte de si mesma, se percebe a ela misturada; não dá para negar, evitar, apartar-se dela. Talvez aí resida a maior riqueza e o maior perigo da pesquisa social; a de procurar se manter envolvida e não tão envolvida ao mesmo tempo. Será possível?⁷

Já não podemos estar em um mirante, acima do bem e do mal, observando o nosso tema. Somos o próprio tema, ele está escrito em nós. A distinção entre o sujeito e o objeto da pesquisa é relativizada, passando a exigir que todos sejam ,ao mesmo tempo, sujeito e objeto ou, melhor ainda, somos todos sujeitos da pesquisa; nos influenciando permanentemente. Pondo por terra a visão objetiva⁸.

⁷ Fizemos muitas leituras e estudos sobre o tema, dada a relevância da desmistificação de um certo modelo de pesquisa tido como único e científico, passível de produzir 'ciências humanas' (sic). Vale lembrar, entre tantos, o já clássico estudo de Löwy: As aventuras de K.Marx contra o Barão de Munchhausen, sobre o mito da neutralidade da ciência e as ideologias. Nossa pesquisa se opõe a tal leitura da ciência e do conhecimento.

8 Visão objetiva _ O mundo que conhecemos, sem nós, não é mundo, conosco é mundo. Daí deriva o paradoxo fundamental: nosso mundo faz parte de nossa visão de mundo, a qual faz parte do nosso mundo. A visão chamada de objetiva, que exclui o observador-conceptor do, objeto observado-concebido, é metafísica no sentido mais abstrato do termo. (Bakhtin, 1996: 223).

_ A reintrodução do observador na observação havia sido efetuada na microfísica (Bohr, Heisenberg) e na teoria da informação (Brillouin). É com mais profundidade ainda que o problema se coloca na sociologia: qual é o lugar que nos cabe, observadores - conceituadores, nesse sistema do qual fazemos parte. Por trás da noção de observado esconde-se a noção ainda nefasta do sujeito. Sem dúvida, em física podemos ultrapassar a noção de sujeito sob a condição de bem esclarecer que toda a nossa visão do mundo físico se faz por intermédio de representações, de conceitos ou de sistemas de idéias, ao ainda seja, de fenômenos próprios ao espírito humano. Mas podemos ultrapassar a idéia do observador - sujeito num mundo social constituído pelas interações entre sujeitos? (Morin, 2000:59)

- Ou ainda para nos auxiliar na reflexão sobre visão objetiva trago Bakhtin com seu conceito de excedente de visão: Esse excedente, constante em minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante precioso, num conjunto de dadas circunstâncias - todos os outros se sintam fora de mim. (1997: 103).

- Prigogine e Stengers ao se referirem as diferentes linguagens possíveis também nos dão pistas para melhor compreendermos a questão da visão objetiva ao dizerem: (...) as diferentes linguagens possíveis, os diferentes pontos de vista tomados sobre o sistema, são complementares; todos tratam da mesma realidade, mas não podem ser reduzidos a uma descrição única. Esse caráter irredutível dos pontos de vista de uma mesma realidade é muito rigorosa a impossibilidade de descobrir um ponto de vista genérico, um ponto de vista a partir do qual a totalidade do real seria simultaneamente visível. (1997:175).

- Ou ainda com Boff em seu livro: A águia e a Galinha ao escrever a introdução: Todo ponto de vista é a vista de um ponto ao refletir sobre o ato de ler: (...) Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpretam a partir de onde os pés pisam. (...)

* * *

Dentro da concepção de visão objetiva avalizada por Bakhtin, é possível inferir também que, nosso tema de pesquisa sem nós, sem a forma particular com que o vemos, não existe. Ele faz parte de nossa visão sobre ele e sobre o mundo, talvez seja exatamente por isso que não dá para pensá-lo de outra forma, a não ser a partir de nós.

O que fazer com as antigas certezas? Neste momento sinto que servem apenas como ponto de partida, e não de chegada⁹. Funcionam mais ou menos como os limites os quais ampliamos à medida de nossa necessidade.

Ao falar sobre a escola das crianças trabalhadoras, não posso fazê-lo sem considerar professores, uma vez que ambos fazem parte de um mesmo processo. O sucesso de um é o sucesso de ambos.

Ao olhar os dados do IBGE (2000:23), é possível perceber, que a situação do trabalho infantil no Brasil está acontecendo com muito força. Os dados revelam a existência de aproximadamente 4 milhões de crianças de 14 anos trabalhando no Brasil e 5 mil, com idade inferior a 5 anos. Existe uma indignação justificada diante da exploração do trabalho infantil. Mas, até que ponto pouco se aprofunda suas causas e seus vínculos com um modelo perverso?

Todo o ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. (...) A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. (1999:9).

⁹ Ou, na expressão de Geraldi, J.W., como portos de passagem.

Afirmo, mesmo que de forma provisória, que o trabalho infantil escreve nos corpos das crianças e, em suas histórias de vida também, um roteiro de inúmeras situações ambivalentes. Ao mesmo tempo em que adoce a criança, também ajuda a comprar alimentos e remédios; ao mesmo tempo em que a expõe a todo o tipo de sorte, pelas ruas que aparece, também a resguarda de uma série de situações como a fome e a falta de moradia. Certamente que uma das características do trabalho infantil que mais me solicitou tempo para compreendê-la foi a ambivalência¹⁰ desse trabalho.

* * *

Ao ver fotos de uma outra pesquisa¹¹, sobre o trabalho infantil, percebi que dialogam com a que realizo, demonstrando de forma bastante contundente o quanto o trabalho infantil escreve e se inscreve na vida da criança e da criança escrever e se inscreve também, ao mesmo tempo na história do trabalho infantil no Brasil. Há algumas inscrições e escritas que são marcas perceptíveis a olho nu, como por exemplo, as mutilações, queimaduras etc; outras só percebemos com um pouco mais de atenção, ao conversarmos com as crianças que, expressam seus sentimentos.

O trabalho exige esforço físico além da capacidade infantil, leva as crianças a um estado de esgotamento físico e mental, chegando a ponto de mal conseguirem se alimentar, estudar ou até mesmo, brincar.

¹⁰ **Ambivalência** _ Termo aprendido a partir dos estudos realizados da obra de Bakhtin (Bakhtin,2000)

_ Foi com sentimento ambivalente que iniciei a pesquisa com crianças com o decorrer do tempo este sentimento foi resignificado fazendo com que, perceba que existem pontos positivos e negativos nele.

¹¹ UNICEF Brasil Prevenção e combate ao trabalho infantil e exploração sexual (2000: 52)

É por isso que afirmo sobre o poder de inserção do trabalho na vida cotidiana das crianças por mim pesquisadas. Ao mesmo tempo em que se inscreve na vida das crianças, também é por elas inscrito. Como a sincronicidade de Jung (1999:32), ao se referir a fenômenos que ocorrem ao mesmo tempo, ambos, trabalho infantil e crianças trabalhadoras, dialogam permanentemente, **interagem**¹² de forma complementar, contraditória, porém não de forma excludente. Trata-se, portanto, de um processo de interação na ação com o mundo.

* * *

As crianças que fazem parte de minha pesquisa, apesar de trabalharem nas ruas, não são os chamados meninos de rua¹³, o que demonstram no trabalho, através das roupas que vestem e da forma como abordam os “fregueses”. Precisam atraí-los e não afastá-los. Alternam horário de trabalho e de estudos, vivem com a família, compreendida nas suas mais variadas formas: parental, clássica, uniparental e não parental.

São crianças da urbanidade com atividades em feiras-livres, supermercados, sinais de trânsito, pontos de ônibus etc. Elas para além de trabalhar, estudam e por isso também as acompanho em suas escolas, objetivando estabelecer um diálogo, cada vez mais crescente, entre o mundo do trabalho e o mundo da escola, para que ambos contribuam, de forma significativa, para a emancipação das crianças trabalhadoras.

¹² **Interação** Uma sociedade é produzida pelas interações entre os indivíduos e essas interações produzem um todo organizado que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem da linguagem e da cultura. Portanto, o processo social é um círculo produtivo ao qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquele que os produz. (Morin, 1996: 182).

¹³ **Sujeitos** de outra pesquisa que necessitam de uma abordagem própria e complexa para compreender sua relação com os mundos institucionalizados. Esse é outro desafio que aponto, mas sinalizo como não fazendo parte do universo que pesquisei.

Venho pesquisando parte de uma grande parcela da população brasileira de dois milhões de crianças, com idade de dez a quatorze anos, que trabalha para reforçar a renda familiar, segundo os dados do Censo de 1999. Tanto a Convenção de Genebra (2000), sobre os Direitos da Criança, quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - (Lei Federal No. 8069, de 13/07/90), consideram como criança todo o ser humano até aos 18 anos. É importante ressaltar que o ECA foi promulgado pelo Congresso como consequência da Constituição Cidadã, de 05 de outubro de 1988. Aliás, é no art 60, do ECA, que proíbe que trabalho infantil a menores de 14 anos de idade, exceto na condição de aprendiz.

Como não poderia deixar de ser, o referido diálogo desvela a trama da tessitura do cotidiano escolar, pondo em pauta o desfiar de antigas questões e tece novas concomitantemente, possibilitando um refazer permanente da escola que se dispuser a manter esse diálogo. O resultado deste processo é uma escola que se compreende em devir, que estabelece relações históricas com as demandas do seu tempo e, principalmente, que compreende a importância de assumir uma postura reflexiva para que o sucesso seja alcançado.

O processo de pesquisa tem me ajudado a aprender com elas e a partir delas, sobre suas lógicas, hábitos e, principalmente, como enfrentam as inúmeras situações adversas a que estão expostas.

Embora vivam em uma árida realidade, contrariando tudo o que é esperado para elas, numa sociedade como a brasileira, rompem com o determinismo que lhes é imposto, não se deixando abater. Sabem que, apesar de tudo o que aconteceu em suas vidas, é preciso reagir positivamente, enfrentando as situações desafiadoras, resultantes de um processo de vida aviltante.

Suas experiências fazem com que aprendam sobre o quanto são capazes de enfrentar em seu dia-a-dia, lutar pelos seus sonhos, acalentar esperança, fazer

sua própria história. Elas não aceitam seus destinos como predeterminado, vislumbrando espaços para mudança, a partir da soma de esforços com seus familiares. Muitos se transformam em provedoras de suas famílias, adquirem autoconfiança, revelam um caso de **resiliência** ¹⁴

Quantas vezes encontramos em nossa sala de aula, crianças que, olhando para nós, seguindo nossos passos, demonstram algo diferente, ainda não identificado por nós? Quantas vezes nos perguntamos sobre o que realmente lhes interessa, que tipo de vida levam, como se relacionam com suas famílias, que papéis desempenham? Por trás da criança que nos observa, há um ser humano, com

¹⁴ **Resiliência** - capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade. (Rodríguez, 2000: 185).

_ A forma de viver das crianças trabalhadoras e de seus familiares foi objeto constante das reflexões que até os dias atuais me acompanham como exemplo da possibilidade humana de superar-se, tal qual o mito da Fênix, renascer das cinzas, auto superar-se permanentemente, fazer a sua hora, ser autor e protagonista de suas histórias. Talvez seja por isso que com tanta paixão e compaixão (*como a filologia latina da palavra sugere, é a capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro.* (in Boff, 2000:126)), escrevo sobre e com eles, me importo, sou com eles.

_ Para Exupéry em seu livro *Piloto de Guerra*, ao falar sobre amizade, sinaliza: *Só estou ligado àqueles a quem eu me dou. Só compreendo a quem me uno.* (1999:31)

_ Com Morin, ao trabalhar o conceito de comunidade de destino (...) A humanidade deixou de construir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção, ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um. (2000:114)

_ Para Boff, (...) o desenvolvimento social visa melhorar a qualidade da vida humana. Isso implica em valores universais como vida saudável e longa, educação, participação política, democracia social e participativa e não apenas representativa, garantia de respeito aos direitos humanos e de proteção, contra a violência, condições para uma adequada expressão simbólica e espiritual. Tais valores somente se alcançam se há um cuidado na construção coletiva e social, se há convivialidade entre as diferenças, cordialidade nas relações sociais, compaixão com todos aqueles que sofrem ou se sentem à margem, criando estratégias de compensação e de integração. Cuidado especial merecem os doentes, os idosos, os portadores de algum estigma social, os marginalizados e excluídos. Por eles se mede o quanto de sustentabilidade e de cuidado essencial realizou e realiza uma sociedade. Além disso, importante é cultivar compreensão, paciência histórica, capacidade de diálogo e sentido de integração criativa com referência ao lado dia-bólico e demente da história humana. Tais valores incluem o cuidado essencial. (2000:138)

uma história a ser contada, uma vida sendo vivida, sonhos a serem realizados. Qual o nosso papel neste contexto?

Ao enfrentar situações tão adversas, em sua maioria, as crianças, pesquisadas, ao invés de se fragilizar, se potencializa e, ao chegar na escola, traz consigo a esperança de mudar de vida através dos estudos, pois sabe a importância da escola para o seu futuro e o de sua família. Por isso, lutam como podem para nela permanecer. A densidade do cotidiano escolar os desafia permanentemente, fazendo-o superar-se a cada dia.

Os estudos sobre resiliência não falam de uma pessoa permanentemente resiliente. O que existe, são comportamentos resilientes, demonstrados por algumas pessoas, em alguns momentos de enfrentamento de situações adversas. A resiliência não funciona como um traço da personalidade, e sim como um comportamento possível de ser desenvolvido, mas sem qualquer controle sobre seu aparecimento e exercício.

Nos parece importante compreender melhor o que explica certas crianças que, tudo indicaria condenadas ao fracasso escolar e social, mas apesar das situações drásticas se potencializam na adversidade.

* * *

A atitude diante dos resultados não desejados poderia ser assumida pela escola que passaria a reconhecer no chamado erro do aluno, um movimento na direção da possibilidade de acerto. Estamos em permanente construção. Cada experiência em relação a um conhecimento novo é importante, pois ampliamos nossa forma de compreender o mundo. Aprender com novas experiências seja com os outros ou não, nos impulsiona ao progresso. Somos diversos, provisórios, inacabados, incompletos. Mas como tomar consciência de tal fato? Como compreender à medida do dito por Freire (1997:55), *onde há vida, há*

inacabamento? O permanente vir a ser, torna-nos definitivamente diferentes, diversos, múltiplos. Como trabalhar com um dos preceitos fundamentais da dialética: a unidade na diversidade? Quais as pistas dadas por estas reflexões enquanto educadores que somos?

Superar o universo mecânico e estático, objeto da física clássica e núcleo gerador do velho paradigma da ciência é preciso. Um paradigma simplificador que impõe ao universo uma ordem, que não leva a desordem em conta, simplifica o que vê. Urge auto-superar-se, superar nossos conceitos e preconceitos em busca de um fazer pedagógico que propicie a inclusão da multiplicidade, do diverso, da diferença e porque não dizer da desordem. Uma desordem que seja percebida pelo que há de melhor, ou seja, o eterno movimento existente no universo, na vida, na escola, na própria sala de aula.

Somos simultaneamente ordem-desordem-organização, equilíbrio-desequilíbrio-equilíbrio, vida-morte-vida. Levar em conta as múltiplas possibilidades de nossos alunos, faz do processo pedagógico um espaço possível, onde a diferença seja reconhecida como característica existente em todos. Ao trabalhar com a pedagogia da inclusão e não da exclusão, os educadores contarão com um universo amplo de possibilidades. O diferente passará a ser visto apenas como diferente. Ou seja, nem melhor nem pior, apenas diferente. Em cada aluno há um universo que garante semelhanças genéricas – que são muitíssimo parecidas, permitindo aos educadores avançar em seus trabalhos a partir de suas experiências acumuladas – e diferenças específicas – que os levarão a caminhos novos a partir de um olhar investigador e de um permanente diálogo entre teoria e prática, objetivando compreender o novo que se apresenta. Ao compreender como se dá esse processo, os educadores poderão enriquecer a atividade docente, pois compreenderão que seus alunos não precisam ser culpados por serem diferentes.

Aquele grupinho ali não vai, não adianta, não querem nada com a hora do Brasil.

(Vera, professora de Isaias, 10 anos).

Vera é professora há dez anos, vem trabalhando com Isaiás nos últimos dois anos. Isaiás, aluno trabalhador, criança esperta, compreende o que diz a professora, porém não aceita.

Ela pensa que depende só de mim. Quando a professora explica, eu fico paradinho olhando e ouvindo, mas não adianta. Eu não consigo compreender o que ela diz. Será que sou burro só na escola?

(Isaias, 10 anos).

Quem são os que não querem nada com a hora do Brasil?

Por que o Brasil não quer fazer a hora desses meninos?

Esse grupo certamente é constituído de crianças que de alguma forma resistem ao processo de massificação realizado pela escola. Resistem por terem formas específicas de aprendizagem e de apreensão do mundo. Resistem por que de uma forma ou de outra a escola ainda não lhes consegue ensinar.

Isaiás chegou a ponto de se perguntar: *Será que sou burro só na escola?* O mundo do trabalho tem sido um espaço onde Isaiás exerce suas potências. Lá ele começa a encontrar sentido para sua própria existência, percebe-se capaz de realizar coisas, obter retornos positivos de suas ações. Já o espaço escolar se revelou para ele como despotencializador, desfibrador lócus em que seus limites/diferenças são compreendidos como definitivos e não como superáveis.

Os estudos de Cyrulnik neurologista, psiquiatra, psicanalista e um dos fundadores da etologia humana defendem a importância da *figura de apego*. Para o autor é *indispensável ao desenvolvimento e aprendizagem a presença de uma figura de afeto*¹⁵, *mãe ou mãe substituta, que forneça os nutrientes afetivos, sem os quais não há vida e o próprio acesso à linguagem é bloqueado.* (1991:32). Com toda a atenção que um processo de transposição conceitual exige, ousou dizer que a escola pode funcionar como *figura de afeto* ou ainda como *espaço de apego*, um local onde as crianças pesquisadas sentem-se então reconhecidas em suas histórias de vida, atentas às possibilidades. Continuando em meu processo de ousadia, digo que nós, os humanóides em processo de humanização, somos também constituídos por espaços e tempos que poderiam ser denominados de afetivos ou de apegos. Épocas de sucesso, de alegrias que demarcam nossas vidas e que funcionam como oásis em momento de plena turbulência.

É como se nós, os humanos, tivéssemos uma memória para cada sentido conhecido e ainda desconhecido, conforme nos mostra a fala de Carlos de 11 anos:

Quando estou muito triste, penso no Natal, em uma festa bacana, coisas legais que me aconteceram e aí, a tristeza passa.

Quem de nós se esquece dos momentos de alegria? Há os de tristezas também, que podem nos tornar resistentes ou não, porém somos marcados por pessoas, objetos, espaços e tempos que também poderiam ser denominados de afetivos, pois nos fortalecem para a vida. O processo narrado por Carlos me parece até terapêutico, pois algumas *lembranças de afeto* o potencializaram.

¹⁵ - **Figura de apego** - Boris Cyrulnik, neurologista, um dos fundadores da etologia humana, em seus estudos defende a importância da *figure d'attachement*, (figura de apego ou figura de vinculação), é indispensável ao desenvolvimento e aprendizagem a presença de uma mãe ou mãe substituta, que forneça os nutrientes afetivos, sem os quais não há vida e o próprio acesso à linguagem é bloqueado. (Cyrulnik:1991)

- Nosso grupo de pesquisa no Rio GRUPALFA UFF traduziu por figura de apego.

O espaço escolar, ao se desconectar da real possibilidade do aluno trabalhador, deixa de fora o *vínculo afetivo*. A criança se torna marginalizada na e pela escola, impedida de construir laços de convivência prazerosa. Laços que dão sentido à sua existência no espaço escolar. A destruição de vínculos afetivos certamente contribui para a exclusão do aluno.

Os que não querem nada com a hora do Brasil assim o são porque enxergados através de uma ótica reducionista que os rotula e os relega ao segundo plano. Ótica reducionista, visão de homem e de mundo simplificada. Compreender cada aluno como um universo único, específico, particular é mais um desafio a ser enfrentado por nós, educadores. É como se o aluno fosse um mar de possibilidades e a escola tenta fechá-lo em uma pequena caixa. O que fica de fora é significativamente maior do que a escola conta para trabalhar.

Onde queremos chegar?

Heisenberg e Bohr,(1996: 16), os pais da física quântica, relativizaram o rigor da física newtoniana no domínio da metafísica e nos mostraram que não é possível observar ou medir objetos sem interferir neles, sem os alterar a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que entra. Lançamos mão deste princípio quântico para refletir sobre o processo educacional. Se o aluno é modificado pelo olhar do professor, que nem sempre é atento, o aluno passará a ser aquilo que o professor for capaz de enxergar nele. O que vem a ser muito pouco diante de suas reais possibilidades. Ou seja, o professor não o verá realmente, mas apenas terá acesso a sua interpretação sobre ele. E é exatamente por isso que só podemos obter resultados aproximados em nossas interpretações.

Importante lembrar o que Heisenberg fala sobre o princípio da causalidade da mecânica clássica: *o fundamental é acabar com a idéia de determinismo*. (1991:32). Acho que além do olhar viciado, no que se refere à criança da classe

popular, seria importante que nós professores trabalhássemos em nós essa idéia determinista, simplificadora e linear de causa-efeito.

Através de uma visão linear do tempo, e com o reforço da física newtoniana, aprendemos o conceito de passado, presente e futuro. Ao levarmos em conta esta ordenação, enquanto professores, não podemos deixar de compreender que o momento da sala de aula é o momento presente. O presente é o único momento em que podemos fazer algo concretamente. O momento presente, como próprio nome já diz é um presente, é um direito adquirido por estarmos vivos. O passado se foi, já não temos mais nenhum poder sobre ele. Mas, o futuro, se constrói sempre a partir de ações cotidianas, realizando *micro-revoluções* com diz De Certeau (1995:209). E a escola precisa estar atenta a este fato e assumir constantemente o compromisso em promover vida, e não morte. Ao deixar de construir vínculos afetivos, com seus alunos, certamente a escola estará promovendo morte e não vida, pois os deixa, entre outras coisas, entregues à própria sorte.

* * *

As crianças trabalhadoras, em sua grande maioria, usam o que Certeau (1980:104), denomina de astúcia e eu, também denomino de inteligência. Analisam a situação traçam planos e avaliam freqüentemente o fruto de suas atitudes. Pensam, falam e agem, na maioria das vezes, como uma pessoa adulta.

Chama minha atenção o altíssimo o grau de responsabilidade demonstrado por elas. Característica desenvolvida ao longo de muitos anos de sofrimento e de privações de toda a sorte. O que os fazem reagir desta forma? Porque não se revoltam ou se colocam em situação de vítima? Seria por causa da intervenção familiar?

Apesar de tudo, são alegres, bem humoradas. Muitas das crianças pesquisadas por mim compreendem-se capazes de escrever uma outra história para si e para seus familiares. Lutam com coragem e não desanimam. Não se mostram submissos, enfrentam corajosamente as situações.

.São crianças que me ajudam a refletir um pouco mais sobre o trabalho infantil urbano e, me ensinam, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, que seus familiares acompanham seus trabalhos, não os exploram e ainda nutrem nos mesmos a importância dos estudos para que superem a situação em que se encontram. A marca pessoal dessas crianças é, certamente, a **astúcia**.¹⁶

* * *

Senso de ocasião é o que não falta às crianças trabalhadoras. Elas encontram até formas de brincar no próprio trabalho. Ao discutir a questão do trabalho infantil urbano é possível perceber que ele se dá no campo e na cidade. Este último se processa nas ruas e nas casas (doméstico e domiciliar).

Quando doméstico as crianças realizam tarefas do cotidiano de uma casa, como passar, cozinhar, lavar, fazer faxina etc; o domiciliar aparece em forma de terceirização, há, geralmente, mesmo de maneira informal, um vínculo contratual,

¹⁶ **_ Astúcia _** A astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso” “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta” estará sujeita à astúcia. Clausewitz compara ainda a astúcia à palavra espirituosa: Assim como a palavra espirituosa é uma espécie de prestidigitação em face das idéias e das concepções. É uma prestidigitação relativa a atos. (...) A arte de “dar um golpe” é o senso da ocasião. (Certeau, 1994:101)

_ Senso de ocasião é uma característica apresentada por muitas crianças trabalhadoras que, decidem rapidamente sobre o melhor produto a ser vendido, quando e onde devem fazê-lo. Inúmeras vezes presenciei alterações nos tons de voz, nas posturas, até mesmo nos preços, para a efetivação de uma venda. Astúcia exercida cotidianamente para o enfrentamento do ser e estar criança trabalhadora em um contexto de emergências como a baixada Fluminense.

e a criança trabalha auxiliando os pais que assumem alguma forma de empreitada, seja dobrando envelopes, costurando bolsas, sapatos, roupas etc. Em muitos casos, o trabalho familiar e a própria dinâmica do cotidiano familiar, se confundem.

No relatório da OIT (2000), a América Latina aparece com o terceiro pior desempenho entre os continentes do planeta. São 7,6 milhões de crianças entre dez e quatorze anos trabalhando, o que significa uma em cada cinco. Elas representam 4% da população ativa da região.

Desses trabalhadores, 90% estão na economia informal; três em cada quatro deles não têm mais que dois anos de escolaridade. A jornada média de trabalho é de 35 horas semanais e, os salários pagos a 90% dos garotos e garotas é inferior ao salário mínimo de seus respectivos países. Os estudos apontados pela OIT indicam ainda que essas crianças, que ingressam aos dez anos no trabalho, ao chegarem à idade adulta conseguem um salário equivalente a apenas 20% daquele que recebem os jovens que passam a trabalhar com 18 anos e que, em média, possuem sete anos de escolaridade.

Na Colômbia, a metade das oitocentas mil crianças que o governo reconhece que trabalham não possui nenhum grau de instrução, segundo os dados de 1998 da OIT. A Colômbia é considerado um dos países do continente que mais explora a mão-de-obra infantil.

A Argentina, o Chile e o Uruguai são os países da América Latina com melhor desempenho nesse quesito. Na Argentina, por exemplo, 252 mil crianças trabalham, segundo o Fundo das Nações Unidas Para a Infância (UNICEF); 149 mil, segundo o governo argentino. No Chile, as crianças só podem trabalhar após concluírem a educação básica e receberem autorização dos pais. Lá, apenas 107 mil crianças trabalham.

Apesar de ter em média 50% inferior à do continente - ou seja, uma em cada dez crianças trabalha -, o Brasil ainda é um grande explorador de mão-de-obra infantil. Tanto que a taxa de **trabalho infantil**¹⁷ no país é uma das três maiores da América Latina, se consideramos o trabalho de cinco a quatorze anos. Países com situação semelhante, como é o caso de Honduras e Guatemala, têm renda per capita três vezes inferior à brasileira.

É, antes de qualquer coisa, o desenvolvimento da educação e a aquisição dos direitos humanos pelos pequenos que trabalham e seus familiares. Uma forma de combater a pobreza no Brasil passa, certamente, pela erradicação do trabalho infantil no planeta.

* * *

O trabalho infantil é há muito repudiado. No século VI, a.C., os judeus, de volta a Jerusalém, após o exílio na Babilônia, já se rebelavam contra o destino de seus filhos, escravizados em troca de alimento: "algumas de nossas filhas já estão reduzidas à escravidão. Não está em nosso poder evitá-lo; pois outros têm os nossos campos e as nossas vinhas" (Bíblia Sagrada - Neemias 5,5).

Ao falar sobre trabalho infanto-juvenil, é possível afirmar que, além de ser social e eticamente indesejável, é um instrumento de manutenção da pobreza. Gera

¹⁷ **Trabalho infantil** - Na linguagem vulgar qualquer tipo de actividade produtiva desenvolvida por crianças fora do sistema educativo, independente de sua natureza, duração e condição em que se verifica. (...) Na perspectiva jurídica, o trabalho infantil é uma espécie ilícita da actividade de menores, constituída por uma relação laboral, normalmente assalariada, na qual o trabalhador tem idade inferior ao mínimo estabelecido por lei (actualmente essa idade mínima legal é de 16 anos) para acesso ao emprego. Na perspectiva sociológica o conceito de trabalho infantil é mais abrangente, na medida em que abarca não só o trabalho realizado pela criança na empresa, mas também o trabalho domiciliário, as actividades domésticas e todos os tipos de trabalho que envolvam mão-de-obra infantil, quer que sejam por conta própria (isto é, da respectiva família) ou de outrem. (Sarmiento, 2000:34).

_ Toda e qualquer actividade desenvolvida por crianças mediante remuneração ou não. (Conceito elaborado a partir de reflexões feitas junto aos grupos de pesquisa: GRUPALFA - UFF e GEPEC - UNICAMP)

consideráveis perdas financeiras, resultantes do 'baixo' desenvolvimento humano das crianças obrigadas a trabalhar.

Recentes pesquisas (PNAD, 2000) assinalam que, se a criança começa a trabalhar aos sete anos, vai receber ao longo da vida 37% menos, em média, do que receberia se tivesse ingressado no mercado de trabalho aos 14. Se a comparação for com uma pessoa que começou a trabalhar aos 21 anos, o percentual de perda de quem iniciou na luta aos sete anos pulará para 50%. Absolutizar a estatística não é nosso objetivo, é preciso não perder de vista a existência de um certo Lula que, de acordo com os dados estatísticos, nunca chegaria à presidência.

É possível afirmar a existência de uma relação entre nível de escolaridade dos pais e inserção de seus filhos no mercado de trabalho. O trabalho infantil no Brasil e no mundo, segundo a Unicef, mantém estreita relação com o grau de escolaridade e pobreza dos pais. Quanto mais instruída é a mãe, mais as crianças demoram a engrossar as fileiras do trabalho ilegal e precoce.

De acordo com nossa pesquisa as crianças não deixam de brincar para trabalhar, muito pelo contrário, com a **infância**¹⁸ invadida pelas tarefas profissionais, ambas as atividades se alternam em seus cotidianos. Creio não poder afirmar que tenham suas infâncias roubadas, porém as têm mescladas pelo trabalho infantil. As crianças pesquisadas brincam e trabalham ao mesmo tempo, e em um mesmo local.

¹⁸ **Infância** _ Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio _ ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jovens de todos os dias. (Áries, 2000:193).

_ A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância. (Franklin, 1995:7).

É preciso dizer que o conceito de infância tem variado ao longo dos anos e de sociedade para sociedade. Sua complexidade nos inspira a pensar que ela deve ser entendida como uma construção social não havendo, portanto, uma única forma ou um único jeito de ser criança, resgatando a infância.

* * *

A maior incidência de trabalho realizado por crianças no Brasil verifica-se no setor agropecuário, particularmente na agricultura. Grande número de crianças também é empregado no setor informal urbano e em residências.

Após um período de regressão tímida, a exploração de mão-de-obra voltou a crescer em 1999, a uma taxa de 1,9%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD - 2000). Esse levantamento mostra que no país há 2532.065 crianças trabalhando na faixa etária dos dez aos quatorze anos, mais outras 375 mil na faixa dos cinco aos nove. O trabalho infantil ocupa 9% da população brasileira de cinco a 14 anos. Em 1995, o país tinha 12,5% das crianças nessa faixa etária trabalhando. Isso significa dizer que 36% da mão-de-obra infantil da América Latina é brasileira.

Pesquisas recentes indicam IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2000) que existem hoje no Brasil, trabalhando nos mais diversos setores da economia, 7.316.636 crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos. São três milhões deste total, os que exercem atividades agrícolas, um milhão trabalha na indústria e os restantes distribuem-se entre os setores de comércio e serviços em geral.

É a região nordeste de nosso país que abriga o maior contingente de crianças trabalhadoras na agricultura. Segundo dados do IBGE (2000), existem 719.602 crianças abaixo de 14 anos de idade e 635.278, entre 15 e 17 anos

desenvolvendo atividades agrícolas naquela região. No país todo 1. 499. 148 crianças até 14 anos e 1. 460. 754 adolescentes entre 15 e 17 anos de idade trabalham na agricultura.

Do ponto de vista do empregador, o trabalho assalariado infanto-juvenil apresenta algumas vantagens em relação àqueles executados por adultos. As crianças podem ser mais facilmente adequadas à demanda de mão-de-obra, podendo ser também mais facilmente dispensada. Além do mais, o trabalho infantil é menos valorizado.

A pesquisa é desenvolvida na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro não apresenta resultados diferentes. Por ser uma cidade marcada por profundos contrastes econômicos, éticos, étnicos e morais, que abriga milhares de pessoas das classes populares também traz em si a presença significativa de crianças que necessitam trabalhar para aumentar a renda familiar.

As condições do trabalho infantil são precárias e envolvem desde o não remunerado ao pagamento em espécie e mercadoria; manejo de ferramentas cortantes e produtos tóxicos, carregamento de fardos pesados. Este fato torna possível afirmar, que faz parte do cotidiano de grande parte da vida das crianças brasileiras o **trabalho**¹⁹.

¹⁹ - **Trabalho** Para Marx, trabalho é atividade produtiva, prática do manejo dos instrumentos essenciais a todos os ofícios, associada à teoria como estudo da própria realidade e dos elementos e princípios fundamentais das ciências. (1987:22)

- Para Cramsci, o trabalho é a forma do ser humano participar ativamente na vida da natureza a fim de a transformar e a socializar. (1987:41)

- Para Sarmento, a palavra trabalho é usada em acepções diversas, pois tanto pode referir-se a toda e qualquer actividade humana (inclusive a puramente mental ou intelectual), ou a actividades de natureza exclusivamente econômica. (2000:32)

- Para Boff, Trabalho agora é trabalho assalariado e não atividade de plasmação da natureza. As pessoas vivem escravizadas pelas estruturas do trabalho produtivo, racionalizado, objetivado e despersonalizado, submetidas à lógica da máquina. (97).

_ Neste texto utilizei a palavra trabalho em seu sentido sociológico mais amplo, e não apenas no econômico. O trabalho com o qual convivi durante os anos de pesquisa mostrou-se de duas formas: *tripalium* (três paus, instrumento de tortura da antiguidade, que deu origem à palavra "trabalho"), ou seja, um verdadeiro instrumento de tortura. Aristóteles dizia: *escravos e animais domésticos atendem com o corpo às necessidades da vida*. (in Arendet, 1981:90), quando crianças e seus familiares são obrigados a trabalhar para sobreviver, como evidenciamos nos casos de Sérgio, Paulo e Alexandre, por exemplo, e *poiésis* ações criativas, sociais, políticas, encontrada principalmente no trabalho das crianças, guardando as devidas proporções, em momentos de ludicidade, socialização e tomadas posição. Como diz saint - Exupéry em seu

O encontro com minha família se deu por entre laços de generosidade e afeto. Fui cuidada afetiva, eticamente e com todo o respaldo jurídico. Nunca senti necessidade que não fosse atendida, no seio da minha família aprendi o respeito e o amor ao próximo, e, principalmente, um profundo gosto pela vida. Desnecessário dizer que devo tudo isso à minha mãe, meu pai e todos os demais familiares que souberam acolher e **cuidar**²⁰ com o amor indispensável à vida.

Independente da idade, etnia ou credo todos, em algum momento, necessitam de cuidado, reconhecimento e aceitação. Este é um fato que ocorre com as crianças trabalhadoras, tão discriminadas que são nas ruas, nos bares onde entram para utilizar o banheiro, e até mesmo na escola. Ocorre também com os adultos que de uma forma ou de outra não atendem aos padrões socialmente estabelecidos.

O principal vilão da história é, principalmente, a dificuldade em aceitar as pessoas independentes de suas opções de vida. Ao se estabelecer um grupo de convivência, seja com crianças ou adultos, dentro ou fora de uma instituição, seja ela educacional ou religiosa, etc, passam a existir determinadas regras que

livro Escritos de Guerra: *A verdadeira liberdade só existe no processo criativo. O pescador é livre quando seu instinto o guia na pesca. O escultor é livre quando entalha um rosto*, (1999:15) Ambos aspectos são possíveis em um mesmo espaço e atividade, quem sabe ser fruto do caráter informal do trabalho realizado pelos sujeitos de minha pesquisa. Importante ressaltar que sou contra a exploração da criança que, ao ser escravizada, tem sua infância roubada.

²⁰ Cuidar - Boff - *Cogitare-cogitatus* e de sua corruptela *coyedar, coidar, cuidar*. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura: Cogitar, pensar, colocar atenção mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O cuidado somente surge quando alguém tem importância para mim. (1999: 91) (...) O que se opõe ao cuidado e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, zelo e desvelo. \representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e envolvimento afetivo com o outro. (33). (...) O cuidado imprimiu sua marca registrada em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado o humano se faria inumano. (190).

- Característica marcante, possível de ser observada durante a pesquisa, é o envolvimento e o cuidado que as crianças trabalhadoras demonstraram ter umas para com as outras, talvez fruto do aprendizado com a e na vida, uma vez que, para sobreviver foi desenvolvido pelas classes trabalhadoras, ao longo de tantos anos de descaso por parte dos governantes, o cuidado, o amparo, o socorro.

- Heidegger - O cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico. Um fenômeno ontológico existencial básico, ou seja, a base possibilitadora da existência humana enquanto humana. (2002:34)

funcionam como fator avaliativo de quem poderá ou não ali permanecer. Para entrar há de se cumprir um certo ritual estipulado pelo perfil a ser encontrado em cada pessoas do grupo.

Com as crianças trabalhadoras, nas ruas ou nas escolas, os fatos se passam da mesma forma. Existem grupos com regras próprias e elas se agrupam a partir dessas regras ou por afinidades também. Nas ruas dificilmente estão sozinhas sempre há alguém por perto seja freguês antigo, familiares ou até mesmo outras crianças trabalhadoras.

Apesar de todas as circunstâncias em que se encontram, dos desafios a serem encontrados e dos medos a serem vencidos, todas as crianças trabalhadoras demonstram, de uma forma ou de outra, a necessidade de serem aceitas e reconhecidas em seus saberes, como todos os seres humanos.

* * *

Comprovamos em alguns momentos em nossas vidas o quanto as boas intenções nos colocam em situações desviante. Trago para ilustrar minha afirmação algo vivenciado durante meu processo de alfabetização.

Aos quatro anos comecei a freqüentar a educação infantil. Era uma instituição religiosa bem conceituada no bairro, local onde todos sonhavam em colocar seus filhos. Até hoje me recordo do uniforme azul marinho com um avental branco e um chapéu estilo coco, com uma fita de gorgorão azul marinho disposta ao redor e findando em um formoso laço.

O cheiro dos materiais, da merendeira e principalmente o aroma do perfume da primeira professora ainda permanece em mim. Como professora não conseguimos dimensionar a força da nossa presença junto aos nossos alunos. Nós os

marcamos de forma indelével, deixamos vestígios de nossa passagem por toda uma vida.

Tudo parecia correr bem quando a professora foi substituída. O verdadeiro terror se instalou na turma naquele momento. Pela primeira vez, tive medo de uma pessoa. Quando ela se aproximava de mim, tremia dos pés à cabeça. Apesar da adequação dos materiais e da sala, o medo era constante em mim e nas outras crianças. Foi difícil, muito difícil.

Um certo dia, sem saber bem o motivo, a professora substituta estava mais nervosa, mal humorada mesmo. Entrou em sala gritando muito conosco, empurrando as carteiras e como de costume, rispidamente, iniciou as atividades. Recebemos folhas com desenhos pontilhados para serem cobertos. De repente, ela veio em minha direção de forma raivosa, gritando:

_ Continua escrevendo desse jeito? Vai ver o que farei com você. Isso é coisa do diabo e eu não permito. Vou amarrar sua mão até aprender.

Sem me saber diferente das outras pessoas fui julgada e condenada por existir como existia. Obrigada a negar minha natureza desrespeitando-a, assistia às aulas com a mão esquerda amarrada ao pé da mesa. A tortura física e emocional a qual fui submetida fazia com que ficasse em evidência, sendo olhada de forma diferente pelos outros alunos. Como portadora de uma doença grave, fui isolada do restante da turma, ficando cada vez mais vulnerável.

Minha família, com as melhores intenções e seguindo as orientações da escola, também amarrou a mão esquerda na hora da alimentação e dos exercícios de casa. Minha avó ficou encarregada da tarefa e, lembro o quanto se sentiu culpada, ao descobrir após alguns anos, que a lateralidade fazia parte da herança genética de cada pessoa. Poucos anos antes de morrer, ainda se desculpava.

Escrever com a mão direita ou esquerda é um aspecto educacional que ainda está em discussão. Ainda não sabemos qual a melhor atitude a ser tomada, porém o

bom senso informa sobre a necessidade do educador respeitar as características pessoais do educando.

As cenas na escola e em casa foram constrangedoras para todos. Ao se dar conta do ocorrido, minha família tentou superar a situação de inúmeras formas, oferecendo-me brinquedos e jogos. O processo vivido levaria muitos anos para ser superado. Sem sombra de dúvida, uma forte **experiência**²¹.

* * *

Em contraponto com a vivência da mão amarrada no início da vida escolar havia o gosto desenvolvido pela narrativa, num verdadeiro ambiente familiar alfabetizador. Sempre envolvidos com a formação e o bem estar dos filhos, meus pais não pouparam esforços para de nós cuidar. Certa vez um dos meus irmãos sofria de

21

_ **Experiências** - Para Larrosa, experiência seria tudo aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa (...) O saber da experiência tem a ver com aquilo que somos, com nossa formação e nossa transformação. (1996:145). (...) Toda viagem verdadeira é interior e toda experiência verdadeira é experiência de si mesmo. Na experiência as pessoas se encontram a si mesmas. E, às vezes se surpreendem pelo que encontram e não se reconhecem. E têm que se reconstruir, que se reinterpretar, que se refazer. Por isso nas viagens verdadeiras, nas viagens em que nem tudo está previsto, volta-se transformado. E para transformar-se é necessário que algo se passe (nos aconteça) e que o acontecimento nos prove, nos derrube, nos negue. E para estabelecer algum tipo de continuidade entre um que saiu e outro que chegou é preciso uma transformação narrativa. O outro que chegou é outro, entre outras coisas, porque sabe quem era antes e porque pode contar a história de sua própria transformação. (Larrosa 2000: 469)

_ Em nossa pesquisa valorizamos a experiência e todo o aprendizado dela advindo, uma vez que a compreendemos como experimentação de algo que nos ocorre e, experimentação de nós mesmos. Ao enfrentarmos algum fato, experimentamos a situação em si e nos experimentamos frente à nova aprendizagem. É, portanto, fonte de autoconhecimento e não somente conhecimento de algo a nós estranho. É possível afirmar que, através da experimentação, adquirimos conhecimento de forma sensorial, pois aprendemos por intermédio de nossos sentidos. Experimentação, portanto, tem sentido de tentativas de se fazer algo, de superação dos erros, de construção de sucesso.

_ Ter a rua como cenário de minha pesquisa foi aceitar um desafio até então impensado anteriormente. A experiência de fazer concretamente parte do texto e do contexto das ruas, conviver com a sujeira, com os vários odores, sentar no chão, nos bancos das praças, meio-fios, ficar em pé nos sinais de trânsito, no aterro sanitário, nas favelas, ora me invisibilizando, ora me visibilizando, exposta a todo o tipo de poluição sonora e de violência foi uma experiência que se inscreveu em minha vida transformando-a.

constipação intestinal e, após inúmeras tentativas resolveu seguir as orientações do nosso médico Homeopata, Doutor Shedler e colocou algumas revistas e livros em uma prateleira do banheiro. Nosso médico era adepto da teoria que apontava a leitura como uma fonte de relaxamento, tornando possível, então, o funcionamento regularmente dos intestinos das pessoas que sofriam com a situação mencionada.

Como esta era uma situação que não acometia apenas a um dos meus irmãos, papai resolveu construir em um dos banheiros da casa uma mesa redonda, com bancos. Ambos revestidos de pastilhas, A mesa era decorada constantemente com vasos de flores dando ao banheiro um certo ar de descontração fazendo com que todos relaxassem ao entrar.

A estante suspensa deu lugar a uma grande estante que ia do chão até ao teto, tornando assim, a utilização do banheiro um momento relaxante. Com o acervo ampliado, contávamos com leituras dos clássicos nacionais como Monteiro Lobato, por exemplo, até exemplares de jornais, revistas e gibis. Meu pai, por ter se alfabetizado sozinho, lendo gibis como: Fantasma, Flash Gordon, Superman, entre outros, nos fornecia todo o tipo de leitura possível, inclusive gibi.

Tínhamos assinatura de jornais e revistas de ampla circulação na época. Preocupados com a leitura e a escrita dos filhos, meus pais nos forneciam bastante material para leitura. Eram livros a ser lido e pintado posteriormente, apenas com o leve passar de um pincel com água em suas páginas; a Bíblia, histórias da vida dos santos da Igreja Católica, livros de literatura infantil como o Patinho Feio, Chapeuzinho Vermelho, A gata Borralheira, entre outros, também nos foram fornecidos e por nós experimentados.

Fazíamos rodas de leituras e comentávamos sobre o livro que estava sendo lido. Acompanhávamos a tudo atentamente e aguardávamos, ansiosos, o horário dela para que a família pudesse se reunir e também conversar trivialidades. É preciso

dizer da alegria existente nesses encontros. Neles aprendíamos a falar e a ouvir, a esperar nossa vez e a respeitar o ponto de vista alheio, principalmente os diferentes dos nossos. A convivência em grupo nos foi ensinada e, é inegável a importância dessa atitude para a nossa formação.

Assim como as rodas de leituras tinham, ou melhor, temos até os dias atuais as rodas de conversas. Nelas contamos casos nos imitamos, nos divertimos lembrando de algum fato engraçado ocorrido conosco e exercitamos nosso poder de dramatizar os fatos. Somos uma família conversadeira, ouvimos a todos sem distinção. Nas rodas de conversa, a barreira espaço - tempo é quebrada, parece que temos todos a mesma idade e a fala é conquistada por ordem de pedido.

Inúmeras vezes caíamos na gargalhada só em olhar para o rosto da pessoa que estava contando um fato, outras vezes, a própria pessoa ria tanto de si mesma, que acabava por convidar a todos para fazê-lo também. Nossos antepassados apareciam e com eles continuávamos aprendendo. Passado presente e futuro se fundiam em um aqui e agora permanente. Com a barreira espaço-tempo rompida, seguíamos história após história, em um permanente exercício de aceitação nossa e do outro. A **vida cotidiana** de cada um de nós ganhava um novo matiz, a ordem do dia era **acolher**.²²

²² **Vida cotidiana** - Para Heller, a vida cotidiana é a vida do homem inteiro (...). Nela, colocam-se *em funcionamento* todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas capacidades manipulativas, idéias e ideologias. (1989:17).

Acolher- Para Boff, é na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem às relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação. (2000:139).

- Durante a pesquisa, foram se alternando momentos de acolhida e de rejeição, de acordo com a situação experienciada, com a atividade desenvolvida ou mesmo com o ambiente em que nos encontrávamos. Ao olhar os rostos e corpos das crianças, com o passar do tempo, já podia suspeitar de como o dia de trabalho estava. Fui aprendendo a respeitar o momento de cada criança, de cada grupo, de cada professor, de cada sala de aula, fui aceitando, paulatinamente, que nem tudo me era permitido, existiam regras que, de forma interdita ou não, precisavam ser respeitadas. O processo de acolhimento se traduz em receber, atender, admitir, aceitar, mas também implica em limitar, ponderar, respeitar. Esta foi mais uma lição aprendida tanto na rua quando na escola.

* * *

Eu e meus irmãos sempre fomos presenteados com cadernos, blocos, lápis, canetas, pincéis, tintas, massa para modela e papéis variados, muito papéis. Era um forte convite para a escrita, o que fazíamos constantemente. A leitura e a escrita eram estimuladas constantemente em nós.

Talvez seja por este motivo que escolhi fazer a minha tese em tom de narrativa como possibilidade de texto de pesquisa dentro das opções que temos vivenciado no GRUPALFA e no GEPEC, como diz Larrosa em sua coletânea de textos que explicitam a narrativa como possibilidade de pesquisa: *Déja-me que te cuentes*, para que trouxesse à tona o gosto pela leitura e pela escrita de alunos, pais e professores. Embora não seja da área de letras e tenha certa dificuldade com a escrita optei por escrever em forma de narrativa, respaldada que estou em minha experiência de vida, contando como aprendi, no seio de minha família, as experiências vivenciadas em situação de pesquisa.

Para isso, agrupei o material adquirido em situação de pesquisa em três grandes vivências: com as crianças, as professoras e sobre os seus sonhos. Por ousar narrar, talvez fique mais exposta do que deveria, porém o prazer de realizar meu trabalho, aliado ao fato de fazer o melhor possível fez com que aceitasse o desafio. Desafio compartilhado com os grupos de pesquisa acima mencionados e, especialmente, presente na produção de Maria Emília - Tese, 2003. O caminho por mim escolhido foi a arte de **narrar**²³.

²³ _ **Narrar** _ A faculdade de intercambiar experiências (...) que interpenetra o saber das terras distantes, trazidos pelos migrantes, com o saber do passado, recolhidos pelo trabalhador sedentário. (Benjamin, 1994: 198 - 199).

_ Durante a pesquisa expusemos minuciosamente nossos propósitos para com todos os sujeitos da pesquisa, contamos nossas histórias, relatamos nossas experiências e registramos fatos vividos. Alternando os momentos e as atividades, todos passamos por este processo, eu, as crianças, alguns de seus familiares e professoras.

CARTOGRAFIA DE UMA PESQUISADORA EM CONSTRUÇÃO.

Tenho o costume de andar pelas estradas Olhando para a direita e para a esquerda E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento

É aquilo que nunca antes tinha visto.

Fernando Pessoa

As reflexões que me levaram ao Doutorado são fruto das questões construídas/ investigadas a partir dos estudos do Mestrado, realizado na Faculdade de Educação da UFF - Universidade Federal Fluminense, quando discuti os frutos do processo de aquisição/ apropriação da leitura e da escrita da classe trabalhadora no mundo do trabalho. Nesta época já fazia parte do Grupalfa - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização das Crianças das Classes Populares desta convivência adveio a construção do meu tema de pesquisa.

A partir do projeto de pesquisa: Escola feita de caos e cosmos - crianças trabalhadoras que aprendem e nos ensinam quando ajudadas, cheguei ao Doutorado e venho, desde então, aprofundando meu exercício reflexivo. Com as ferramentas teóricas, obtidas através dos estudos, continuo o processo de pesquisa iniciado há doze anos, junto a doze crianças que além de trabalharem nas ruas da cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, também estudam. Ressalto que as crianças por mim investigadas fazem parte de um universo de dois milhões de crianças com idade de dez a quatorze anos que trabalham para reforçar a renda familiar no Brasil.

Pretendo apresentar algumas reflexões de ordem prático-teórica sobre o ofício de pesquisa, a partir das experiências trazidas pelo trabalho de campo. Busco compreender as questões que me constituem, revelando no cotidiano de minha existência marcas que fizeram e fazem de mim um ser curioso, inquieto, solidário e humano. Através do exercício permanente de compreensão do meu devir de professora-pesquisadora, construo caminhos possíveis de compreensão/intervenção da/ na realidade, sempre de forma coletiva, interativa e, portanto, dialógica.

Busco trabalhar enquanto pesquisadora na direção do que Boaventura (1989:32), denominou de uma *ciência prudente, ou melhor, uma nova configuração do saber que se aproxima da phonesis aristotélica ou seja, um saber prático que dá sentido e orientação à existência e cria o hábito de decidir bem.*

As idas e vindas na universidade têm me desafiado a pensar cada vez mais no desenvolvimento sustentável e humanizado para nós, humanos, através da valorização dos fatos singulares e das ações cotidianas. Busco viver o ofício de professora-pesquisadora, revolvendo entranhas a exemplo do que Vieira nos relata sobre o modo de conhecer dos antigos:

Sacrificavam os animais; consultavam-lhes as entranhas e, conforme o que viam nelas, assim prognosticavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento: senão as entranhas, que é o lugar do amor; porque não prognostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama.(...) Não há lume de profecia mais certo do que consultar as entranhas dos homens. De que homens? De todos? Não, dos sacrificados.(...) Se quereis profetizar o futuro, consultai as entranhas dos homens sacrificados: Consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que sacrificam: e o que elas disserem, isso se tenha por profecia.

Assim busco o meu fazer de professora-pesquisadora, não apenas como aquela que professa e pesquisa a vida com a dor, mas também os sonhos, os desejos e as possibilidades de superação, a partir do ponto de vista dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam, para que no futuro não haja os que se sacrificarão. E o faço, permito-me dizer, por amor juntamente com Freire (2000:23):

Eu não jogo em nada que não tenha amor. Sem amorosidade, não só em relação às crianças, mas em relação ao próprio processo de ensinar e aprender - e digo de pesquisar- a professora não se justifica em sua prática.(...) É preciso, porém saber amar. O fato de só amar, não basta. Para amar como educadora - e enfatizo como pesquisadora - você precisa cientificamente saber como amar, saber como você pode fazer-se mais eficaz e tornar-se mais eficaz e tornar seu amor mais eficaz para que ele seja meio de libertação de opressão.

Cada vez mais o amor e a emoção são incorporados à pesquisa, recuperando o vínculo entre emoção e razão (Damásio, Atlan, Varela, Maturana) Segundo este último:

Ao não compreendermos os fundamentos emocionais de nosso agir, tornamo-nos prisioneiros tanto da crença de que os conflitos e problemas humanos são racionais - e, portanto, devem ser resolvidos através da razão - quanto da crença de que as emoções destroem a racionalidade e são uma fonte de arbitrariedade e desordem na vida humana. E, a longo prazo, não compreendemos nossa existência cultural. (2001:182).

E ainda continua:

O amor é a emoção fundamental na história da linguagem hominídea a que pertencemos. (...) O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro enquanto legítimo o outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências. (1998: 67).

A emoção está presente em todos os momentos de realização da pesquisa, a tal ponto, que já não consigo escondê-la de mim mesma. A razão, em nossa sociedade é supervalorizada, em detrimento da emoção, porém é preciso correr o risco de olhar para outro lado. E não apenas isso, pois se produziria a conhecida *curvatura da vara*, é preciso fazer um *detour*, implicando novas possibilidades de olhar, sobretudo porque a modernidade não realizou suas promessas no âmbito social.

Definitivamente, chegamos ao século XXI sem conseguir diminuir as diferenças sociais entre ricos e pobres, alfabetizados e não alfabetizados, entre tantas outras situações fortemente marcadas por questões de raça, de gênero e etnia. As crianças por mim pesquisadas são, em sua maioria, afrodescendentes, oriundas

de famílias que tiveram seu direito à escolarização negado. É isto que pretendo: uma ciência com amor e sabor, que seja meio de libertação e não de opressão.

Durante a construção do texto da tese, luto com os pronomes pessoais. Ao usar por mais tempo a primeira pessoa do plural o faço por compreender que o *Eu* é habitado por *Nós* que, por sua vez, é composto por muitos *Eus*. Não os compreendo como antagônicos, muito pelo contrário, os vejo em diálogo permanente, contudo, em alguns momentos se faz necessária a utilização do *EU*, apenas para sinalizar situações que tenham ligação diretamente comigo.

Sinto, cada vez mais nitidamente, que um texto com a finalidade de tese tem resultados provisórios por natureza, contém em sua tessitura um diálogo permanente entre a pesquisa e o ato de pesquisar, ou seja, entre o fazer e o como fazer, entre o conteúdo e forma. Por razões não apenas de opção, como também coerente com concepções político-teóricas, busco traduzir em meus textos, este diálogo, o que não se significa um antagonismo em relação a outras formas de elaboração textual.

Por este motivo não me furto em falar sobre o processo vivenciado sempre que o texto assim o requerer. A forma com que compreendo o vivido em processo de pesquisa faz com que esta seja a lógica a ser trabalhada e, portanto, privilegiada para o presente trabalho.

Encontro, em Alberto Caeiro, ainda que de forma aparentemente contraditória, uma tradução aproximada da minha vida enquanto pesquisadora. Embora carregado da metáfora do olhar, encontro-me acolhida em suas reflexões sobre sua forma de ser e estar no mundo. Estes versos traduzem o movimento do meu pesquisar

*O meu olhar é nítido como um girassol
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo...
Creio no mundo como um malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se faz para o pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores.
Para ver as árvores e as flores é preciso também não ter filosofia nenhuma.
Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu...
O essencial é saber ver.
Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!).
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...*

(Alberto Caeiro)

O que me seduz no processo de pesquisa é o desconhecimento, é a dinâmica da novidade, é o enfrentamento com o desconhecido. Para que este processo ocorra, é preciso, a exemplo do dito por Caeiro, nascer a cada dia, descortinar o cotidiano com o olhar primeiro, com o envolvimento primeiro, genuíno, capaz de aceitar franca e abertamente os fatos como se mostram. Talvez seja por isso que

não consigo separar a pesquisa da vida. Para mim uma está contida na outra, ambas se pertencem.

Busco ser eu mesma em cada momento da pesquisa, pensar não só a partir de minha história de vida, mas também de movimentos que me permitem o exercício do deslocamento de meu ponto de vista. Este, certamente, não é um processo dado a priori. Vem sendo longamente exercitado no decorrer da vida e da pesquisa. Nela imprimo minha marca pessoal acreditando que o coletivo que se refrata na produção da singularidade seja força motriz para auxiliar a enxergar o que possa vir a ser trabalhado pela pesquisa.

A duras penas, aprendi com e no processo de pesquisa, a desaprender, a abrir mão das amarras da minha formação e ampliar meu campo de visão. Nunca tive a pretensão de fazer nada radicalmente diferente, todavia, sempre sonhei em lutar pelo direito de dizer o que penso, desde que não fira a ética da convivência humana. Às vezes o pesquisador coloca para si algumas questões difíceis de serem por ele cumpridas. Às vezes se mantém abraçado a uma convicção que poderá levá-lo a caminhos não desejados, contudo a imprevisibilidade é um dos pontos altos da pesquisa, cabendo ao mesmo desenvolver condições para com ela trabalhar.

As estradas da vida pessoal-profissional pelas quais andei fizeram-me um ser mais atento que busca no próprio trajeto das experiências vividas, aprendizados possíveis, locais e globais que possibilitaram e ainda possibilitam minha compreensão do mundo e da realidade em que estou inserida. Uma compreensão que adquire novos contornos, à medida que exercitada cotidianamente, estabelece um diálogo entre o singular e o plural, comprometida que está com a celebração da humanidade.

Há muito me ocupo dos estudos sobre o processo de empobrecimento da classe trabalhadora em nosso país, com a ausência de um desenvolvimento sustentável e com a necessidade de uma ciência que no dizer de Boaventura se traduz como *uma ciência que nos torne mais felizes, mais próximos uns dos outros, mais solidários, mais afetuosos com nossos semelhantes e com a natureza.* (1987:43)

Assistimos nas últimas décadas aos desastres ecológicos que agridem, de forma catastrófica, a Terra e como resposta a tal agressão, encontramos lugares onde a vida é praticamente impossível até o presente momento. Digo até o presente momento, pois, compreendo juntamente com Morin que tudo se integra no planeta e que *filhos e filhas da Terra integram uma relação cósmica, como acreditam e acreditam as culturas de muitas outras civilizações* (2000: 32) Tenho procurado aprender com lições como essa o quanto estamos interligados, o quanto fazemos parte do sistema planetário e, arrisco dizer, do universo.

Há muito venho sonhando com uma ação educadora e pesquisadora capaz de formar verdadeiramente o ser humano, a partir da visão de integrante deste todo maior que é o universo, capaz de cuidar de si e do universo como integrantes de um todo interligado e extremamente dependentes um do outro, capaz de se ver no outro e humanizar-se crescentemente nessa prática pesquisadora.

Penso que de uma forma ou de outra, tenhamos consciência disso ou não, as profissões nos remetem ao cuidado com o outro, com o próximo e, porque não dizer, com o planeta. Leonardo Boff nos diz: *Sem o cuidado, ele (o humano) deixa de ser humano. Se não recebe cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, a vida perde sentido e morre* (1999:46). Drummond também nos alerta para a mesma questão levantada por Boff e nos dá pistas para fazê-lo ao dizer que: *A defesa da terra começa no interior de cada um de nós.*

Dentro de cada ser humano e ao refletir sobre as falas trazidas nesse momento reforço em mim o sentimento da relevância da temática eleita, para a construção de uma escola capaz de ensinar com humanidade, recuperando a auto-estima de professores e alunos de classes populares, freqüentemente responsabilizados pelo fracasso. Isso sem dizer dos valores históricos políticos e sociais das crianças trabalhadoras brasileiras, quase sempre negados, no ambiente que não foi pensado para elas.

Retorno a Morin:

Platão disse muito bem: “para ensinar necessita-se de Eros”, que significa amor, prazer, amor pelo conhecimento, amor pelas pessoas. Se não há isso no ensino, na investigação, no conhecimento nenhum resultado é interessante. (2000:59).

O que dizer então sobre a grande maioria das nossas escolas que têm trabalhado, de forma mecânica e desarticulada, os conhecimentos por elas veiculados? *Paulo Freire*, ao falar sobre a *capacidade amorosa da educadora* conclui que:

Não joga em nada que não tenha a ver com amor. Sem amorosidade, não só em relação às crianças, mas em relação ao próprio processo de ensinar e aprender, a professora não se justifica em sua prática.(...) É preciso, porém saber amar. O fato de só amar, não basta... Para amar como educadora você precisa cientificamente saber como amar, saber como você pode fazer-se mais eficaz e tornar seu amor mais eficaz para que ele seja meio de libertação e não prática de opressão.(1999:19).

Trago ambos autores por saber que o tema tratado por eles – amor - tem sido alvo de sérias críticas por parte da academia, desqualificando inclusive aqueles que dele se ocupam. Apesar de todas as críticas creio ser o amor de fundamental importância, para todo aquele que se ocupa da construção de uma escola favorável às crianças das classes populares, que necessitam, mais do que

qualquer criança de outras classes, de reconhecimento no mundo escolar. Para mim, reconhecer o outro é legitimá-lo, é antes de tudo, um ato de amor.

A Campanha de 2002 da CNBB: *Por Uma Terra Sem Males* enfoca principalmente o processo de extermínio por que as nações indígenas estão passando em todo o mundo. Pesquisas recentes mostram que apenas na região de Dourados, em Mato Grosso do Sul, são 9000 índios, vivendo em condição de extrema pobreza, fazendo parte das chamadas *famílias sem esperança*. É possível imaginar o que venha a ser isso? Famílias inteiras sem nenhuma perspectiva de vida. Os dados são sobre os índios, mas, em nível nacional a questão é muito mais complexa e, nas grandes metrópoles esse mesmo processo vem se traduzindo em bolsões de miséria, levando desesperança a muitos brasileiros.

O índio Marcos Terena, no livro de Edgar Morin – *Saberes Locais e saberes Globais*:

O Olhar Transdisciplinar, diz que: quando morre um povo indígena, ele nunca mais volta. Desaparece uma civilização, sua língua nunca mais é redescoberta.(...) A biodiversidade, as águas doces estão todas nas terras indígenas. Nós, os índios que estamos cuidando deste patrimônio ao longo do tempo, nunca tivemos oportunidade de contar e de compartilhar o que significa para nós esse patrimônio, em termos de vida.(2000:18).

Um conhecimento importantíssimo para a sobrevivência planetária, que vem sendo jogado fora, desrespeitado ao longo dos anos. Ao trazer os autores eleitos até então, o faço objetivando perseguir a construção de um referencial teórico que busque o desenvolvimento científico de forma mais humana, justa e solidária. Para nós pesquisadores, o efeito desta busca poderá se constituir em uma oportunidade de incluir os já excluídos.

* * *

A pesquisa é desenvolvida em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, apontada como uma das maiores cidades dormitório da América Latina. Uma cidade que abriga profunda contradição, como: a pobreza e a riqueza convivendo lado a lado e explicitando, freqüentemente, a forma de exclusão dos trabalhadores. É uma cidade que arrecada a terceira maior renda do Estado, mostrando-se contraditória por excelência e rica por essência; fascinante pela mistura de culturas e marcada pela desigualdade construída pelas mãos dos homens através da história.

Nos rostos das crianças investigadas, com raríssimas exceções, encontramos olhos tristes, reveladores, quem sabe de profunda decepção com a própria vida. Olhos que apenas se iluminam quando aparece o prazer nas brincadeiras, nos momentos raros de descontração ou advindo do encantamento pelo trabalho realizado.

Trabalhamos com cinqüenta crianças, de seis aos treze anos, doze delas acompanhadas mais de perto por mim. São crianças marcadas pela exclusão social e que lutam por sua sobrevivência e pela sobrevivência de seu grupo. Crianças que sonham como todas as outras, porém se percebem estigmatizadas pelas pessoas com as quais convivem durante seu processo de trabalho.

Foi pensando em questões como estas que privilegiamos o espaço de trabalho infantil como campo de pesquisa, aceitando o desafio de conviver com elas, acompanhando o seu dia a dia, aprendendo com elas sobre elas. Sua família a formal e a informal, sua escola, a da vida e a institucional farão parte da nossa investigação. A criança trabalhadora se coloca na família e na escola de forma diferente? Assume novos papéis, redireciona a ação da família e da escola, seu comportamento, assume responsabilidades? Seus limites, suas possibilidades, como pensam e agem farão parte da nossa pesquisa.

A partir de uma história de vida profissional construída predominantemente em sala de aula, pois faço do ofício de ser professor o desafio de minha própria existência, busco o que mais me seduz para o exercício do magistério: a potencialização dos alunos, seres humanos, gente em busca de conhecimentos que possam contribuir para a realização de sua humanidade.

A realização da humanidade pelos seres humanos é um processo histórico e social através do qual nos transformamos de humanóides em seres humanos. Falamos sobre épocas de humanização e desumanização e percebemos que a escola é também um local onde o referido processo se dá, uma vez que nossas crianças lá convivem cotidianamente e coletivamente. É justamente nos espaços de convivência que se dá a oportunidade de humanização evidencia-se a responsabilidade da escola, para muito além da formação intelectual de seus alunos, embora grande parte dos educadores não perceba o tamanho da responsabilidade, a complexidade que envolve nosso trabalho.

Minha pesquisa em sala de aula tem sido marcada principalmente pela reflexão acerca de como o/ a professor/ a pode contribuir para que se tornem capazes os considerados *incapazes*, os discriminados, os colocados à margem do sistema, da escola, da vida. Minha ação pesquisadora hoje traz marcas da professora de ontem que se preocupava prioritariamente com os alunos que não avançavam. Foi do incômodo deixado pelos que não avançavam, pelos que não aprendiam, que derivou professora aprendente e a pesquisadora, superando o olhar simplificador, de uma realidade altamente complexa, em que fora formada.

Sempre me pergunto o que fazer com os alunos que não têm sucesso dentro da escola? Virar para o lado continuar fingindo que nada acontece, não é possível. Assim como não é possível achar que nada têm a ver comigo.

O/A professor/a ao entrar em sala de aula, traz consigo concepções de homem/mulher e de mundo adquirida através de sua formação e durante toda a

sua própria vida. Traz também modelos idealizado de aluno e de aluna seu objetivo primeiro é fazer com que seus alunos se adaptem ao modelo pré-estabelecido. Os alunos com suas histórias de vida são avaliados a partir daquilo que lhes falta. O que já têm não é levado em conta.

Olhar o aluno a partir de uma ótica simplificadora, reducionista, através de modelos pré-estabelecidos, o/a professor/a faz com que ele percam sua identidade, para depois moldá-los de acordo com os padrões impostos pela sociedade. Aliás, essa foi a tese do estudo realizado por Establet e Baudelot (1971), ao explicitarem os processos de recalçamento e inculcação, dois mecanismos complementares utilizados na escola capitalista para expropriar as crianças dos vestígios de suas culturas originárias e poder prepará-las para aceitar e assumir a cultura hegemônica. Quando o aluno resiste a este processo, quando não se adapta, fica como se estivesse perdido no vácuo. Já não é o que era antes, mas também não é aquilo que a escola gostaria de que se tornasse. Mesmo que critiquemos, hoje, o mecanismo da análise de Establet e Baudelot, não podemos deixar de utilizar esse 'olhar' para compreender a situação dessas crianças na escola, uma vez que as contradições também se revelam no processo educativo.

Vejo na metodologia uma fonte capaz de abrigar a libertação ou a opressão dos alunos. Refletir sobre elas passou a ser para mim uma possibilidade de superação do jogo que há muito vem sendo jogado em nossas escolas. Através de uma reflexão sobre a metodologia utilizada em sala de aula, talvez se encontrem alternativas de crescimento tanto para professores como para alunos.

A explicação mais coerente para a postura assumida pela escola diz respeito à visão positivista, surgida na metade do século XIX, que tem norteado o processo ensino aprendizagem, fazendo com que a escola atenda, sobretudo aos interesses das classes dominantes. Ao longo dos anos limitou-se o pensar filosófico; supervalorizando a razão em detrimento da emoção, da sensação, da

intuição. A objetividade ganhou força junto ao saber científico, e a subjetividade, carregada de sua riqueza foi deixada de lado.

Há muitos séculos os orientais já afirmaram e hoje a ciência vem redescobrendo: tudo está interligado, tudo está em relação com tudo. Tudo coexiste e interexiste com todos os outros seres do universo e, conseqüentemente, tudo é complementar, tudo ainda está em processo de nascimento, tudo é devir.

O pensamento dos orientais coincide com o de Morin ao afirmar que o paradigma da simplificação é:

um paradigma que põe ordem no universo e expulsa dele a desordem. A ordem reduz-se a uma lei, a um princípio. A simplificação vê o uno e o múltiplo isoladamente, mas não pode ver que o Uno pode ser ao mesmo tempo Múltiplo. Tende-se assim tanto a separar o que está ligado (disjunção), como a unificar o que está disperso (redução). (1995:86)

Reforçando a concepção de Morin, leio em Prigogine e Stengers que é *“somente num mundo simples, e singularmente no mundo da ciência clássica, onde a complexidade é apenas aparente, que um saber, pode constituir uma chave universal”*.(1997:13)

Trabalhar no sentido inverso vem a ser um dos grandes desafios a ser enfrentado hoje pelo pesquisador. É preciso trabalhar, ao mesmo tempo, o todo e as partes, o macro e o micro, o ter e o ser, a unidade na diversidade, pautada na lógica da conjunção e não dicotomização em busca da construção permanente de um equilíbrio dinâmico que por mais contraditório que possa parecer, traduz-se em movimento.

Mais uma vez Morin inspira nossa reflexão ao falar sobre o pensamento complexo:

O pensamento complexo é, pois, essencialmente o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. É o pensamento capaz de reunir (complexus: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas, ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto. (2000:207)

Este tem sido o nosso principal desafio enfrentado ao pesquisar as crianças trabalhadoras: o de tentar compreendê-las a partir do que têm de específico, individual, singular pondo-os em diálogo com o que há de geral, coletivo e plural.

Heráclito (550-450 a.C.) tinha razão ao dizer: *não há nada permanente exceto a mudança*. Seria interessante trabalhar a idéia matriz de permanência que o homem ocidental desenvolve, principalmente do século XVII, e que caracteriza a busca desenfreada da civilização ocidental para driblar a realidade. O pensamento ocidental onipotente coloca o homem acima da natureza, portanto ele não pode aceitar a idéia de um ser tão superior seja finito, acabado, enquanto a natureza que ele pensa dominar permaneça.

Mais uma vez a ciência pode comprovar o que o lado oriental do mundo sabe há séculos. O caos não sinaliza apenas a morte, ele traz em si também a vida, ou seja, o caos não é simplesmente desordem como o adjetivo caótico costuma significar. Ele se mostra de forma generativa e autocriativa. Abre espaço para outras organizações portadoras e constituidoras de novos sentidos.

Sem perder de vista, que longe da tão sonhada harmonia, o processo de aquisição/ construção de conhecimentos, a própria aprendizagem é recheada de situações de aparente caos, de desequilíbrio permanente e dinâmico. Estamos sempre aprendendo algo sobre as coisas. Queiramos ou não, o cotidiano humano

é permeado de situações de aprendizagem e o processo de refletir sobre elas faz com que tomemos consciência, e as incorporemos ao nosso fazer.

As pessoas que obtêm sucesso sabem que se tentarem alguma coisa e não obtiverem o resultado desejado, pelo menos tiveram uma experiência de aprendizado. Elas usam o que aprenderam e tentam alguma coisa. Tomam algumas novas medidas e produzem alguns novos resultados. Não se sentem fracas perante o resultado indesejado, potencializam-se a partir desse processo. Lembramo-nos de Thomas Edson após ter tentado pela centésima quarta vez a construir a lâmpada elétrica sem obter o resultado desejado foi questionado:

*_Você errou novamente?
Respondeu: _ Não, apenas descobri a centésima quarta forma de
não se fazer uma lâmpada elétrica.*

(Franklin, 1974:94)

Esta atitude diante dos resultados não desejados poderia ser assumida pelo pesquisador que passaria a reconhecer o chamado erro dos pesquisados como um movimento na direção da possibilidade de acerto. Estamos em permanente construção. Cada experiência em relação a um conhecimento novo é importante, pois ampliamos nossa forma de compreender o mundo. Aprender com novas experiências, seja com os outros ou não, nos impulsiona a auto superação. Somos diversos, provisórios, inacabados, incompletos. Mas como tomar consciência de tal fato? Como compreender a medida do dito por Freire: *onde há vida, há inacabamento*. (1997:55) O permanente vir a ser, torna-nos definitivamente diferentes, diversos, múltiplos. Como trabalhar com um dos preceitos fundamentais da dialética: a unidade na diversidade? Quais as pistas dadas por estas reflexões enquanto educadores que somos?

Necessitamos superar o universo mecânico e estático, objeto da física clássica e núcleo gerador do velho paradigma da ciência. Um paradigma simplificador que impõe ao universo uma ordem, que não leva a desordem em conta, simplifica o que vê. Urge nos auto-superar, superar nossos conceitos e preconceitos em busca de um fazer de pesquisa que propicie a inclusão da multiplicidade, do diverso, da diferença e porque não dizer da desordem. Uma desordem que seja percebida pelo que há de melhor, ou seja, o eterno movimento de possibilidades existente no universo, na vida, na escola, na própria pesquisa.

Além dessa dicotomia desfeita entre ordem e desordem, também é desfeita na pesquisa a dicotomia entre sujeito e objeto. Heisenberg e Bohr, os pais da física quântica, relativizaram o rigor da física newtoniana no domínio da metafísica e nos mostraram que não é possível observar ou medir objetos sem interferir neles, sem os alterar a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que entra. Lançamos mão deste princípio quântico para refletir sobre o processo educacional. Se o objeto pesquisado é modificado pelo olhar do pesquisador no âmbito da física quântica, que dizer quando se trata de um aluno nem sempre atentamente observado pelos profissionais da escola. Possivelmente ele passará a ser aquilo que fomos capazes de enxergar nele. O que significa muito pouco diante de suas reais possibilidades. Ou seja, o pesquisador não o verá realmente, apenas terá acesso a sua interpretação sobre ele. Talvez por isso só possamos obter resultados aproximados em nossas interpretações.

Importante lembrar o que Heisenberg (1996:23), fala sobre o princípio da causalidade da mecânica clássica: *o fundamental é acabar com a idéia de determinismo*. Acho que além do olhar viciado, no que se refere às crianças das classes populares, seria importante que nós pesquisadores trabalhássemos em nós essa idéia determinista, simplificadora e linear de causa-efeito.

Através de uma visão linear de tempo, e como reforço na física newtoniana, aprendemos o conceito de passado presente e futuro. Ao levarmos em conta a ordenação, enquanto pesquisadores, não podemos deixar de compreender que o momento da pesquisa é o presente. O presente é o único momento em que podemos fazer algo concretamente, ele como o próprio nome já diz, é um direito adquirido por estarmos vivos. Mas, o futuro se constrói sempre a partir de ações cotidianas, onde realizamos micro-revoluções como diz Certeau, (1995:203). A pesquisa para mim é uma escola na qual preciso estar atenta a este fato e assumir constantemente o compromisso em promover vida e não morte. E sobre isso o pesquisador pode exercer sua função ancorada na percepção de que o passado poderá ser pesquisado, lembrado, trazido à tona. A partir desta percepção me aproximei de 50 crianças mas só consegui construir *vínculos afetivos* com 15, porque estas se abriram para o contato e as outras não.

O presente vivido na pesquisa se transforma em modelos dinâmicos transformados permanentemente. Passado, presente e futuro estão interagindo, de forma complexa num eterno devir. O que o professor tem em sala de aula, através do momento presente, terá, certamente, futuro. Tudo isso ao mesmo tempo. Daí, a necessidade de respeitarmos a história de vida dos alunos. Dentro de cada aluno, não apenas na memória genética, mas na concepção que traz de si, de homem e de mundo há a marca da construção histórica e permanente da própria humanidade. O aluno ao aprender, ao construir conhecimentos o faz de acordo com uma história de vida. Benjamin afirma:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava, Antes de tudo não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. (...) E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (1975: 63-82).

A concepção em questão não é somente a necessidade do pesquisador, ao pesquisar, estar atento para a contínua e concomitante ação do passado, presente

e futuro. Precisa ainda, se ver envolvido nesse processo, sem fazer distinção entre pesquisador/pesquisando – sujeito/objeto. A distinção precisa perder seu contorno estático e dicotômico e assumir forma de um contínuo. Assim, construirá em si a concepção de que as pesquisas na área da educação precisam trabalhar no sentido de construir o sucesso de alunos e professores e, portanto, do pesquisador também. É saber que, mesmo não sabendo assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho, o movimento de busca, de pôr-se em movimento, sempre vale a pena.

Este é um processo que poderá fazer com que o professor perceba que, quando o aluno fracassa, ele, professor, fracassa também. O sucesso do professor dificilmente estará separado do sucesso do aluno. O que estamos sugerindo é muito mais do que uma simples integração. Estamos nos referindo a um permanente e crescente processo de transformação, de um no outro. Um processo que longe de ser simples, é complexo. Estamos nos referindo a um estado permanente de aprendente a ser assumido não apenas pelo pesquisador, como também, pelo professor. Trata-se muito mais de aprender do que simplesmente ensinar. Afirmamos com isso então, não ser apenas o aluno o aprendente na sala de aula, o professor também aprende.

A afirmativa de Paulo Freire de que *o professor ao ensinar também aprende* (1985:23), se faz mais uma vez presente, uma vez que o permanente processo de transformação existe. A cada dia, aprofundamos nossas reflexões sobre o trabalho do professor, que passa além da mera transmissão/ orientação dos conteúdos, o uno e o múltiplo coabitam continuamente no mesmo espaço.

Nosso objetivo maior é que as crianças trabalhadoras, já vivendo com tantos impedimentos, consigam efetivamente se apropriar da linguagem escrita. Pretendemos contribuir para a construção de um ambiente alfabetizador favorável às crianças da classe trabalhadora.

Como educador eu dou muito mais ênfase a uma compreensão de um método rigoroso de conhecer. A minha grande preocupação é o método enquanto caminho de conhecimento".
(Freire, 1995:97).

Compreendemos juntamente com Freire que o método não deva ser utilizado como uma camisa de força. Para nós o método é apenas um meio para compreender o que nos dispomos a investigar e por isso, precisa ser muito bem construído. Acreditamos em sua construção e esta se dará juntamente com o desenvolvimento da pesquisa, e este caminhar não pode ser feito de forma aprisionada, portanto, trabalharemos com (o / um) método que vai se adequando ao que a realidade vai mostrando, ou seja, tentaremos trabalhar com pistas que possam nos revelar o que até então estava escondido. Gramsci nos diz que: *as pistas estão escritas no real.* (1995:24). Logo precisamos saber encontrá-las, colocando-nos o mais atentos possível a cada situação vivenciada por nós, pelos alunos e por outros ao mesmo tempo.

Pretendemos *escovar a realidade investigada a contrapelo*, como nos sugere Benjamim (1998:33). Como a pesquisa por mim realizada se confronta com fatos, com cenas do cotidiano e não apenas com dados, procuro por trás deles outras situações e fatos neles diretamente ou indiretamente implicados, sempre buscando compreender o modo de pensar da criança trabalhadora, na escola da vida e na vida da escola.

Neste processo é preciso estar o mais inteira possível, contando não apenas com a razão, mas com a intuição, emoção, assim como também, com todos os órgãos dos sentidos; tendo ainda como principal aliada neste processo, a minha forma particular e única de apreender o mundo.

É um desafio a ser enfrentado por que abraça, de forma deliberada, a possibilidade do inacabamento dos fatos, da história. Mais do que partir do todo

para as partes, é preciso perceber como se constituem, dialogam, interagem. Recompôr uma história que por um simples descuido poderia ter ocorrido de forma completamente diferente e assumir principalmente e, antes de tudo, que a história é escrita pelos homens e, portanto, possível de ser modificada a qualquer momento, através de ações planejadas, articuladas e coletivas.

Há de se ter uma proposta, há de se ter um caminho a ser trilhado com o objetivo de auxiliar na desconstrução do trabalho infantil urbano; há de se ter alternativas para superar o desemprego no qual as classes trabalhadoras têm sido jogadas ao longo dos últimos anos; e há de se construir um fazer pedagógico capaz de incluir as crianças que trabalham.

Inúmeras pistas sobre a construção desse fazer pedagógico estão exatamente na situação em si, ou seja, junto às crianças que trabalham, seus familiares, o trabalho que desenvolvem, a escola em que estudam, enfim, na forma como vivem e apreendem o mundo. Creio ser este o papel dos pesquisadores ao abraçar um trabalho inspirado nos estudos de Ginzburg, reconstituir o passado, objetivando intervir no presente, para construir o futuro.

Podemos ainda pensar nas lentes de um par de óculos e compará-las ao uso adequado da teoria e suas implicações metodológicas. Elas precisam se adequar à necessidade de visão do seu usuário. Lentes fortes ou fracas demais, longe de permitirem visão adequada levarão o pesquisador para longe da realidade a ser investigada. O mesmo não acontecerá com as lentes adequadas. Elas propiciarão ao pesquisador a revelação da complexidade existente no real.

Costumamos afirmar que fazer pesquisa é viver; ao falarmos sobre nossa pesquisa, falamos sobre a vida, uma vez que a nossa questão temática está inserida no cotidiano dos homens e mulheres comuns.

Assim, acredito que tudo depende da forma como vemos os fatos; depende da nossa formação, dos autores eleitos, das nossas possibilidades ou limitações de intervir no real. O ato de pesquisar é um bom exercício para nos olharmos. É importante manter sempre em mente o fato de que ao pesquisarmos, nos pesquisamos também.

É preciso levar em consideração que nosso olhar poderá estar sujo, acarretando uma interpretação errada dos fatos. Por isso, podemos apenas nos aproximar, sondar a realidade. Aquilo que vejo de uma forma, poderá ser enxergado por outra pessoa diferenciadamente, é preciso ter humildade, saber que é a minha visão sobre o assunto é, portanto, apenas parte integrante da realidade pesquisada.

Assim pensando, para cada tipo de pesquisador e pesquisa será preciso uma metodologia diferente. Enquanto pesquisadores que somos, queremos no aproximar do real para melhor compreendê-lo e não simplificá-lo.

*No limite é solidário. Se tendes o sentido da complexidade, tendes o sentido da solidariedade. Além disso, tendes o sentido do caráter multidimensional de qualquer realidade.
(Morin, 1990:100).*

Buscamos através do nosso trabalho construir um referencial teórico que nos permita escapar do olhar homogeneizador sobre o real, um olhar que pasteuriza as diferenças. Tal postura constitui-se em desafio, pois remete à ação investigadora, a novos campos teórico-epistemológicos que diferem dos já consagrados.

Durante muitos anos, para nós, a realidade poderia e deveria ser olhada de forma linear, harmoniosa e histórica. Tudo era determinado, preciso e simples. Nossas lentes não permitiam enxergar a realidade como indeterminada, imprecisa e complexa. As visões clássicas da pesquisa desvalorizavam a desordem, desconsideram a irregularidade, o caminho alternativo (desvio), em relação a uma

estrutura estabelecida. Valorizavam a ordem entendida como harmonia, constância e invariância.

Assim aprendemos a olhar a escola de forma homogeneizadora, direcionados por uma visão simplificadora do real que transformou as diferentes formas de ser, de agir, de dizer, de fazer, de pensar e de aprender das crianças, como desordem que, em nome da pseudo-ordem, precisa ser impedida.

A criança que não corresponde às normas privilegiadas pela escola passa a ser vista como diferente e geralmente é deixada à margem do processo educacional, uma vez que a escola lida com a média, com o igual, com os padrões pré-estabelecidos. Como agir na construção de um outro olhar sobre as crianças, diferente daquele que foge à ordem natural trabalhada pela escola e na escola?

O caminhante faz seu caminho ao caminhar (Machado, 1996). O processo de caminhar, com seus avanços, recuos e desvios também é pedagógico e nos informa sobre como é possível aprender a partir da própria caminhada. Cabe nessa pesquisa se deixar afetar pelos fatos, refletir sobre eles, escavá-los, revolvê-los buscando compreendê-los mais ampla e profundamente. É possível através de opções teórico-metodológicas construir alternativas mais coerentes com os fatos investigados, dando ênfase no compreender o compreender do outro.

Temos como ponto de partida a escola, o cotidiano de crianças trabalhadoras, buscando compreender a teoria que se encontra subjacente à prática, confrontando-a com novas teorias, no movimento de volta à prática da escola para transformá-la. Este é o princípio norteador do nosso projeto de pesquisa. Ao falar sobre o papel da teoria, Morin nos diz: *“ela não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é chegada é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema”*. (1998:335). Para nós, o papel da teoria junto ao nosso trabalho de pesquisa é o de nos

fornecer elementos para nos ajudar a olhar, a enxergar, a ver, a indagar, a interpretar e a organizar a realidade investigada procurando não perder de vista o dito por Minayo: “*essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela*”. (1995: 18)

Ao longo dos anos fomos aprendendo que o conhecimento é construído: histórica, social e coletivamente, através da ação dos homens junto a outros homens e junto à própria natureza, através do confronto de diferentes leituras do real.

O exercício permanente de abandonar novas idéias é ao mesmo tempo doloroso, instigante e desafiador; exige perseguir a humildade perante o conhecimento e nos remete a perseguir permanentemente a postura de eternos aprendizes. Uma postura que construímos ao longo dos anos ao viver e conviver nesse processo junto ao grupo de pesquisa do qual sou integrante.

O espaço de pesquisa se traduz em um momento de riquíssima aprendizagem. A convivência em grupo, os múltiplos olhares, a integração/ desintegração nos auxiliam na construção da nossa própria identidade enquanto pesquisadores. O confronto de múltiplas idéias, articulado pelas antigas e novas teorias permite que aos poucos o velho pesquisador vá deixando para trás as amarras de sua formação e se constitua/ construa nesse fazer.

A unidade sempre provisória entre teoria e prática, objetividade e subjetividade é um processo vivido dialeticamente e concordamos com Minayo ao dizer que “*nada pode ter sido intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática*.” (1995: 17). O pesquisador, ao realizar o seu trabalho, constrói a percepção de que a vida cotidiana é o espaço de gestação da teoria, da problematização do vivido. É preciso debruçar sobre a prática, acompanhá-la, investigá-la para que a teoria seja percebida, vista, construída. A teoria sem a prática é esvaziada de sentido assim como a prática sem teoria limita

o seu saber. O diálogo permanente entre ambas nos traz a possibilidade de ampliar a interpretação do real.

Concordamos com Corazza ao dizer que “*somente na condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso e nelas investigar redes e significações*” (1996:16). O pesquisador é por natureza um inconformado. Ele precisa estar sempre em movimento, questionando, perguntando, seguindo pistas, construindo alternativas que lhe possibilitem avançar em seus estudos. Garimpar a realidade e construir um olhar de estranhamento sobre o já visto, sobre o já vivido, o que fascina a cada instante.

Fazer pesquisa exige de seus componentes um exercício permanente de interpretação e reinterpretação da realidade. Aos poucos o pesquisador constrói sua identidade pautada no exercício permanente de idas e vindas a campo. Uma realidade que é construída coletiva e socialmente, e faz com que o pesquisador se fortaleça como pesquisador e como ser humano.

O processo de pesquisa exige, como foi dito por Marx, “*enxergar para além das aparências*”, (1844: 34) fazendo o pesquisador avançar na direção de sua própria construção, aprender sobre seus limites e sobre suas possibilidades, aprender sobre o outro e com o outro a respeito de novas formas de olhar, enxergar, ser e estar no mundo. Construir também a percepção de que o todo está contido nas partes assim como as partes também estão contidas no todo. Dessa experiência advém a concepção de que não há isolamento entre o todo e as partes e do quanto é importante construir uma visão cada vez mais ampliada do real a ser investigado. Aprender ainda que ao pesquisar altera o que está sendo pesquisado e ao fazê-lo, modifica-se também.

O embate entre teoria e prática dá-se através do permanente exercício de leitura da realidade, objetivando compreendê-la para melhor intervir sobre ela. Novos olhares sobre práticas são construídos, à medida que o pesquisador assume o

compromisso primordial de construir permanentemente novos caminhos, novas posturas, novas formas de ser e de estar no espaço eleito e no próprio mundo. Prática e teoria, teoria e prática travam novos diálogos e propiciam novas leituras, olhares e interpretações. Somos hoje capazes de enxergar de forma mais apurada aquilo que antes nos passava despercebido. Nos gestamos nessa prática descobrimos nossos caminhos, nos potencializamos.

O olhar do pesquisador, o embate permanente com o real propicia a construção de novos olhares, de novos pesquisadores que certamente farão parte daqueles que compõem o próprio objeto de pesquisa. Acreditamos ser muito difícil mergulhar no processo de pesquisa sem deixar marcas, pistas, desejos, sonhos naqueles que são pesquisados. A metáfora da semente pode ser aplicada neste momento, o pesquisador deixa em campo semente de novos olhares, sentidos e desejos. Uma semente que germinará e dará bons frutos à medida que o compromisso com o tipo de homem e de mundo vai se construindo. Se, cada ser pesquisado é capaz de ser transformado pelo próprio processo de pesquisa, certamente a pesquisa auxiliará a transformação daqueles por ela envolvidos.

“Uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com pleno emprego da tentativa mental do sujeito”. (Morin, 1996:335).

A necessidade de embasar teoricamente nossa prática se coloca de forma imperativa, porém concordamos com Morin quando chama nossa atenção sobre a importância do pleno emprego da atividade mental do sujeito sobre a teoria. Temos compromisso com a busca de uma teoria que não reduza, que não simplifique, que não mutile a realidade investigada.

Para investigar o cotidiano de crianças trabalhadoras, na tentativa de compreender quais são seus conhecimentos acerca da escola e seus processos de aquisição da linguagem escrita, sua aplicabilidade, o valor dado ao ensino, enfim, o espaço ocupado pela escola em suas vidas; pensamos em trabalhar com

autores que pudessem, de certa forma, embasar nossa pesquisa, fortalecendo e orientando-a.

Elegemos um elenco de autores como Martins (1995), por exemplo, quando chama nossa atenção sobre a chegada do estranho nos espaços a serem investigados, nos alertando sobre a necessidade de aceitarmos as pessoas como são, chamando nossa atenção, enquanto pesquisadores que somos, sobre o equívoco de uma percepção aligeirada, dada a priori, negadora dos conceitos das pessoas pesquisadas, subjugando-as.

Para nós, trabalhar a partir do sugerido por José de Souza Martins, é aceitar, permanentemente, o desafio da compreensão, da lógica do outro. É um pleno exercício de empatia, nos fazendo refletir de modo cada vez mais distante do nosso ponto de vista, da nossa forma de pensar, ver e estar no mundo; nos convidando ao exercício de compreender, de apropriar-nos do mundo dos sujeitos pesquisados. O centro é o outro e não apenas nós. Colocar em diálogo a nossa forma de compreender como o outro compreende é a nossa própria compreensão, é um grande desafio.

Ao pensarmos apenas na pesquisa, perdemos a dimensão do cotidiano dos sujeitos da pesquisa, interferimos na dinâmica estabelecida a partir da experiência advinda dos processos do fazer do grupo investigado e, conseqüentemente, interferimos como estranhos que somos, no fazer de cada um deles.

Com Barbier, fortalecemos nosso pensar sobre a “*escuta sensível uma compreensão ativa*” (1992:43), como uma postura possível de ser trabalhada, junto às crianças acompanhadas. Pretendemos educar nosso pensar, nosso olhar, nossos processos de compreensão e apreensão da realidade colocando-os a favor das crianças a serem investigadas.

A partir de questões construídas em situação de pesquisa pretendemos trabalhar com o *paradigma indiciário* de Ginzburg, levando em conta que: “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador, limitando-se a pôr em prática regras pré-existent” (1997: 56). Certamente entrarão em jogo não apenas o faro, o golpe de vista e a intuição, mencionados também pelo autor, tentaremos estar em situação de pesquisa de forma plena, levando em conta também a emoção, o sentimento, associando-os aos componentes já mencionados.

Penso neste momento no meu papel de pesquisadora perante a humanidade daqueles meninos, sujeitos e não objetos da pesquisa. Não se trata de uma pesquisa que busca o saber absolutizado e desencarnado. Como Gilberto Gil, em *Queremos Saber* preocupo em saber das implicações do conhecer, inventar e saber: emancipação do homem/ Das grandes populações/ Homens pobres das cidades/ das estepes, dos sertões.

* * *

Inicialmente a pesquisa aconteceria nos espaços abertos das ruas, praças e feiras livres onde os meninos trabalham. Na medida em que a convivência com alguns desses meninos se estreitava, foi se fazendo importante incorporar o espaço da escola, buscando compreender como aqueles meninos safos na vida, capazes de agir como adultos se sentissem infantilizados ou mesmo incapacitados para aprender o que a escola tem a lhes ensinar.

Ao chegar à escola, grande foi minha surpresa ao encontrar outras crianças que também trabalham. Em casa, o chamado trabalho domiciliar, realizando tarefas domésticas; ou ainda nas ruas, vendendo doces, fazendo malabarismo na frente dos carros ou lavando os vidros dos carros enquanto o sinal de trânsito permanece fechado. Não pude me privar de mais esta aprendizagem: o objeto de

pesquisa é multifacetado, é assim que ele se mostra, denso, complexo, imerso que se encontra, em uma teia de sentidos e significados.

Como o senhor Palomar, em *Leitura de uma onda*, de Ítalo Calvino, me sinto desafiada a refletir sobre caráter dinâmico, provisório e mutante do objeto/ sujeito da pesquisa. Sempre haverá algo não visto por ele, algo que chame sua atenção de forma diferenciada, sempre haverá o novo a persegui-lo e a mostrar-lhe sua condição sempre limitada de ver, sentir, de ser e estar no mundo. Sempre haverá algo sendo aberto e reaberto em novas perspectivas, como ondas que surgem continuamente e que não podem ser compreendidas isoladamente. Haverá sempre algo a ganhar novo influxo, nova força, nova perspectiva.

Obter a compreensão do inacabamento das coisas, dos seres, da finitude da vida faz com que o pesquisador adentre por caminhos tortuosos, porém possíveis de serem trilhados. Aquilo que, anteriormente, poderia a ele parecer impossível, aos poucos, passa a ser percebido como algo possível. O fato dele não ver as coisas, não significa a sua inexistência.

Bem, vai tentando dar um jeitinho aqui, outro ali, para enquadrar a realidade e estudá-la de forma dedicada e séria... Então, é preciso realizar no ato da pesquisa, leituras locais e globais, flexionar o olhar, incluir as sensações, valorizar as emoções. É preciso considerar o passado, para compreender o presente, e construir o futuro. E, como no texto do senhor Palomar é possível indagar:

“Será que o verdadeiro resultado a que o senhor Palomar está a chegar é o de fazer correr as ondas em sentido oposto, o de inverter o tempo, o de apreender a verdadeira substância do mundo, para lá dos hábitos sensoriais e mentais?”

A experiência das coisas que o pesquisador pode ter é sempre limitada, daí a necessidade de levar em consideração, as percepções de outras pessoas, para

chegar a uma síntese possível. A proposta de fazer pesquisa é quase enlouquecida, uma vez que nunca chegará a um resultado de fato, apenas se aproximará dele. É preciso se contentar com isso. Cabe indagar, se existe um resultado de fato.

O lado nômade da pesquisa também existe e não posso negá-lo. Há muitos encontros e despedidas. O grupo pesquisado se modifica, em alguns momentos se reduz, em outros se amplia. Tem gente que chega para ficar, tem gente que vem só olhar, tem gente a sorrir e a chorar é assim, chegar, ficar ou partir.

O tema eleito além de ser mutante é também móvel. Transforma-se e tem movimento; movimento que se processa interna e externamente e que produz outros movimentos. Movimentos interativos, múltiplos, complexos. Movimentos capazes de me ensinar, na prática, sobre o quanto a pesquisa social nos permite tímidas aproximações, interpretações possíveis, fluídicas, rarefeitas, sobre nós e sobre os outros.

Em situação de pesquisa me vejo assim: em processo de sistematização desses encontros e convivências, a partir do tema eleito. É na troca, na interação com o outro, através de processos narrativos que me conheço, conheço o outro, conheço melhor a natureza das relações que estabelecemos e conheço melhor o mundo à medida do dito por Freire. Conhecendo-me posso, quem sabe, estar de forma mais plena no mundo, participando de forma mais humanizada dele. Hoje percebo com mais clareza que *fazer pesquisa é viver*. Daí, em momentos de pesquisa ou de lucidez, não sei, questiono se *é realmente possível fazê-la plenamente*. A complexidade da vida é densa, profunda e se deixa mostrar muito pouco e aos poucos, se constitui em um autêntico desafio.

Recorro ao conceito de complexidade de Morin para melhor compreender o cotidiano pesquisado e as relações que nele se estabelecem. Creio ser este conceito de fundamental importância para a percepção dos fenômenos referentes

às relações sociais, para não incorrer em um erro sinalizado pelo próprio autor ao nos alertar sobre ser um equívoco muito grande tratar as relações sociais como relações simplificadas ou considerar a complexidade como resposta para um evento social incompreensível e não como um desafio, como uma característica a ser considerada no momento da análise.

Busco a definição do autor para melhor entendimento do conceito:

“A complexidade situa-se num ponto de partida para uma ação mais rica, menos mutiladora. Creio profundamente que quanto menos um pensamento for mutilado, menos mutilará os humanos. É preciso lembrar os estragos que as visões simplificadoras fizeram, não apenas no meio intelectual, mas na vida. Muitos dos sofrimentos que milhões de seres suportam, oriundos dos efeitos do pensamento parcelar e unidimensional”. (1999:122).

Buscando fugir do fenômeno da simplificação, persigo a idéia de que os sujeitos, a realidade e as instituições não são homogêneos e reflito, constantemente, sobre a inexistência da previsibilidade das situações aparentemente estáveis. Tenho confirmado na prática da pesquisa o teorizado por Morin e, sinto a necessidade de assumir cada vez mais a caoticidade, a desordem, o inesperado não só na pesquisa, como em mim. Independente do meu querer, as coisas assim se mostram. Com isto estou afirmando a latente necessidade de assumir a desordem, a multiplicidade, a alteridade e, acima de tudo, a heterogeneidade dos sujeitos pesquisados.

E retorno aos egípcios mais uma vez ao afirmarem que *as coisas estão aí, para quem tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir*. E, o que vem a ser os olhos e os ouvidos dos pesquisadores? Quais são as bagagens que carregamos para o mundo da pesquisa? Arrisco dizer que, para além de olhos e ouvidos precisamos, em situação de pesquisa, valermos-nos de todos os sentidos de que dispomos, inclusive a intuição para nos encorajar a seguir pistas aparentemente sem valor, desnecessárias, vulgares, comuns.

Tenho aprendido com incursões espaciais, temporais, incursões teóricas e práticas, incursões singulares e plurais, incursões locais e globais, que fizeram e fazem de mim uma eterna aprendiz, ou melhor, aprendente. Um ser inacabado, questionador, mutante, em devir, feliz.

* * *

Ao problematizar o que não era nenhum problema, nem problemático, para as outras formas de ensinar e pesquisar fazemos a pesquisa – que procura e ensina.

(Sandra Corazza)

Busco compreender como as professoras, independente dos cargos que ocupam, sujeitos de minha pesquisa que são, e a escola, vêem, lidam, pensam e agem a respeito da criança trabalhadora, como estabelecem suas relações cotidianas, e o quanto é possível aprender com todos que ali convivem. Busco mais, busco a pesquisa que – procura e ensina.

O que procuro é apenas um modo para chegar ao novo, ainda não visto ou já visto, porém esquecido; ao inesperado e, ao procurar, acho. Faço esta afirmação respaldada em inúmeras situações de pesquisa, pois raras não foram as vezes em que, partindo de um motivo, uma questão para ir a campo, sou quase atropelada por uma situação, fato ou tema. Eles vêm ao meu encontro e o processo que se estabelece é tão intenso que preciso fazer um grande esforço para não me distanciar dos objetivos da pesquisa.

Refletir e escrever sobre o lugar e os sujeitos da pesquisa demanda um complexo exercício de compreensão das minhas próprias possibilidades de fazer pesquisa e foi exigido de mim, estar no campo de pesquisa o mais inteira possível com meu intelecto, razão, intuição e tantos outros sentidos que sequer me dei conta de sua existência e foi com Freire que aprendi: *“Quanto mais formos capazes de aperfeiçoar, em nós mesmos, nossa sensibilidade, mais capazes seremos de conhecer com rigor”*. (1896: 98)

Além disso, fui construindo ao longo dos anos uma forma de fazer pesquisa dialogada, voltando freqüentemente aos sujeitos pesquisados, às suas falas, na tentativa de aproximar minha compreensão do por eles dito. Falo em pesquisa dialogada por entender, com Freire ser o diálogo o *“encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para comunicá-lo não se esgotando; portanto, na relação eu-tu”*. (1970:120). E por isto falamos sobre nós, nossas experiências, sobre o vivido, sobre o mundo. Sei que através do dialogo poderei desfrutar da alegria de aprender com os outros. Fui aprender no processo de pesquisa sobre a importância de aprender com os outros aquilo que desconheço, a exercitar a humildade e principalmente sobre o quanto o pesquisador precisa estar em campo e dos sujeitos que valem a pena interrogar: o *“erro de interpretação pode ser nosso”* (Valla, 1997).

Hoje vejo que pratico uma pesquisa que se pretende dialogada, interativa, portadora de ética e estética, uma pesquisa do encontro entre seres humanos, independente da hierarquia intelectualizada das pesquisas, mais do que nunca, uma pesquisa entre seres humanos que aprendem e ensinam, ao mesmo tempo, sobre si, sobre a vida, sobre o mundo.

“quaisquer que sejam as civilizações; a encruzilhada representa a chegada diante do desconhecido; e como a mais fundamental das reações humanas diante do desconhecido é o medo, o primeiro aspecto desse símbolo é a inquietação”.
(Chevallier & Cheerbrant).

Venho desenvolvendo o que denomino de pesquisa dialógica itinerante. Dialógica por compreender juntamente com Bakhtin que: o “objeto” também é um sujeito que pede/exige para ser levado em consideração nas suas particularidades e idiossincrasias – quer e requer, na identidade de classe, gênero e raça, o reconhecimento das suas diferenças e peculiaridades, pois processos de inserções sociais não atingem a todos da mesma forma e existem muitas formas de se ter razão. E itinerante pelo próprio movimento dos sujeitos da pesquisa que são levados pela força do cotidiano do trabalho infantil a se deslocar de lado para o outro, em busca de melhores pontos para realizarem seus trabalhos.

Tento compreender o outro, o sujeito de minha pesquisa, que diferente de mim, traz em si um universo de possibilidades. Mas, como diz Bakhtin a questão da *compreensão* é sempre complexa, pois:

“Compreender sem julgar é impossível. As duas operações são inseparáveis: são simultâneas e constituem um ato total. A pessoa aproxima-se da obra com uma visão de mundo já formada a partir de um ponto de vista. (...) Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação, ou até de uma denúncia, do ponto de vista pessoal. O ato de compreensão supõe um combate cujo móvel consiste numa modificação e num enriquecimento recíprocos”.
(1985:388).

Com o permanente exercício de não julgar os sujeitos de minha pesquisa fui paulatinamente aprendendo a aceitá-los em suas singularidades e multiplicidades. Fui tentando incorporar seus modos de vida, me colocar debaixo de sua pele, sentir como eles.

Por causa do caráter nômade dos sujeitos pesquisados e da própria natureza do trabalho por eles realizados, em alguns momentos os segui, em outros os acompanhei. Às vezes fazia as duas coisas ao mesmo tempo, procurando entrar em sintonia com o ritmo imposto pelo movimento do cotidiano de cada um deles. Todo este processo me permite perceber que onde havia afeto, aceitação ou ainda algum tipo de identificação das crianças para com a pesquisadora, seja por parecer com sua professora, alguma pessoa querida, elas se sentiam acompanhadas, caso contrário, seguidas e importunadas, acarretando alguns matizes para pesquisa.

Com a pesquisadora não aconteceu diferente. Este foi um processo de mão dupla. Sabedora da inexistência da neutralidade, ela também se identificou mais com algumas crianças do que com outras. Uma identificação orientada principalmente pelo que havia de maior informação para sua pesquisa nos fatos e falas trazidos por cada uma delas.

A grande maioria das falas escolhidas para fazerem parte da tese é representativa do pensar de mais de uma criança, ou seja, cada fala trazida abriga o pensar, em alguns momentos de forma aproximada, de mais de uma criança. Foram eleitas por darem maior visibilidade ao tema que está sendo discutido naquele momento. Embora ditas em ocasiões e por crianças diferentes, existe nelas algo que as aproxima.

O tempo todo o texto foi trabalhado se permitindo esse tipo de aproximação, evidenciando o que há de comum entre os fatos e as falas. É uma opção para as falas das crianças, seus familiares e professoras. Ressalto que as frases aqui contidas são cada uma de seus respectivos autores, o que há nas falas, no que se refere ao conteúdo, algo que é possível de ser identificado, por aproximação ou

não, para mais de uma criança. Este procedimento metodológico trouxe a seguinte implicação: embora tenha trabalhado com cinquenta crianças, no texto da tese aparece um número bem menor.

Tento compreender o tipo de pesquisa realizada além da já mencionada (dialógica itinerante). Percebo ser também uma pesquisa qualitativa informada pela pesquisa ação. Percebo existir algo de pesquisa participante, embora não tenha sido chamada para cooperar em nenhum projeto, uma vez que me vi às voltas com a escola, discutindo em algum momento o fazer com o trabalho que ali se estabelecia. Se a vida impulsionou, a provisoriedade dela, e os sujeitos da pesquisa com seus inacabamentos chamaram a pesquisadora para este fazer.

É preciso dizer o quanto foi delicado voltar o foco de minha pesquisa, para a escola, pois venho pesquisando as crianças em seus locais de trabalho, e ao voltar para a escola, precisei reencontrar-me. Delicado, por saber que os profissionais que nela trabalham merecem todo o meu respeito, por estarem desenvolvendo como podem, suas tarefas em espaços e conjunturas nem sempre favoráveis, por admitir se educar/ensinar, tarefa complexa, com as demandas atuais da nossa sociedade a situação se intensifica e, acima de tudo, por saber sobre a importância de ser professora, em uma época que exige de todo aquele que educa uma compreensão maior sobre a convivência entre crianças e adultos, alunos e professores.

Um dia cheguei a pensar que conhecia relativamente bem a escola, espantoso, me senti como uma estrangeira, quase intrusa. Pela primeira vez, vi a escola assim, como um misto de conhecido e desconhecido, me sentindo ao mesmo tempo estrangeira e nativa daquela terra, daquele espaço, daquele lugar e porque não dizer, daquele tempo.

*“A encruzilhada é, igualmente o lugar.
De encontro com os outros, tanto exteriores como interiores. É um
local privilegiado para as emboscadas; exige atenção e vigilância”.*
(Chevallier & Cheerbrant).

Em situação de pesquisa, é interessante perceber que, ao mudar o vínculo com ela, todo o antigo e conhecido contexto se ressignifica por completo; cria novos matizes, transborda de questionamentos, outras conjugações são possíveis, outros vínculos se estabelecem. Olhá-la como professora é, ao mesmo tempo, igual e diferente de olhá-la como pesquisadora. Sim, mais uma vez os gregos já pensaram nesta questão e, é em Heráclito que anoro minhas reflexões: *“Um mesmo rio nunca passa duas vezes embaixo da mesma fonte, o rio já não é o mesmo, a parte já não é a mesma”*. Eu diria: São e não são ao mesmo tempo.

Tudo isso provocou profunda inquietação e passei a buscar respostas em mim, na escola, em nós, algo que pudesse ajudar. Ledo engano, entre inúmeras possibilidades de resposta o que encontrei foram, mais e mais questionamentos.

Aprendi em situação de pesquisa sobre as inúmeras possibilidades advindas do questionário com um único tema, ou ainda, de percebê-lo a partir de um único ângulo, quando múltiplas alternativas se apresentam. Verdadeiros universos são vislumbrados a cada vez que me movo. Configura-se uma nova realidade, ou melhor, configura-se uma nova face da totalidade a qual ousou chamar de realidade.

Como um jogo de xadrez, cada vez que movo uma peça, ele adquire nova configuração, portadora de diversas possibilidades ou impossibilidades, desafiando e convidando permanentemente o educador ao exercício pleno do

raciocínio, mas não só. O xeque-mate deste jogo é sempre dado no pesquisador ao surpreender-se com o ainda não visto, pensado e vivido.

“E se nas encruzilhadas está tanto Hécate quanto Hermes Psicopombo, é para indicar-nos que devemos escolher para nós e em nós.

Entre o céu e a terra e os infernos.

Na verdadeira aventura humana, a aventura interior, não encontramos senão a nós mesmos na encruzilhada: Nossa esperança era a de uma resposta definitiva, mas diante de nós há somente novos caminhos, novos obstáculos, novas vias que se abrem”.

(Chevallier & Cheerbrant).

Revistei antigos lugares já vistos, habitados, sonhados, porém eu já não era a mesma e aqueles lugares já não eram os mesmos. É no mínimo curioso poder constatar um fenômeno como este. Ao mudarmos nossas crenças e valores tudo ao nosso redor muda, é alterado. Daí a sensação de (des)conhecido ao mesmo tempo sentindo sobre o lugar, as pessoas e os objetos que guardam em si, sincronicamente, o já visto e o inédito. Utilizo o termo sincronicidade por compreendê-lo como algo que ocorre comigo e com a escola, ao mesmo tempo.

O conhecimento humano sobre a física atômica e a teoria da relatividade transformou, e muito, a visão do mundo. Conseqüentemente alterou-se o conceito de espaço e tempo, os quais passaram a ser variáveis e a constituírem o chamado *continuum* espaço, tempo; por outro lado, a física atômica alterou o conceito de matéria e a sua relação com a energia.

O homem que durante milênios usou sua própria energia muscular, a dos animais, dos ventos, dos rios, das queimadas da lenha, que via sua vida, até então dependente de quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra; os quais lhe

proporcionavam a energia e os alimentos necessários à sua sobrevivência, se vê desafiado a articular seus antigos conhecimentos e suas antigas formas de vida, com os frutos do avanço da ciência.

O desafio normalmente gera desequilíbrio, mal estar e exige uma tomada de posição. Ao longo dos anos, o homem se viu às voltas com sua adaptação às demandas do seu tempo. Sua forma de ser, de agir e de pensar no e sobre o mundo, esteve e estará sempre diretamente relacionada aos adventos científicos do seu tempo.

Por este motivo, ao longo do presente trabalho me apropriarei de alguns conceitos oriundos ou não da área da educação, na tentativa de elucidar algumas questões advindas da pesquisa. O farei, por compreender que uma teoria pode informar sobre a outra. Muitos pesquisadores já o fizeram. O próprio Jung ao trabalhar seu conceito de sincronicidade ousou, ao lançar mão dos estudos realizados a partir de outras áreas do conhecimento humano, a partir do seu contato com Nils Bohr, Wolfgang Pauli e sua antiga amizade com Albert Einstein. Ao conviver com eles e ao debater sobre inúmeras temáticas, Jung percebeu a equivalência do átomo com a unidade básica do mundo físico e a psique do ser humano. No final dos anos vinte, começou a formular o princípio de *relação acausal*, a que deu o nome de sincronicidade.

O legendário grupo de Rock, The Police, na década de oitenta, inspirado nos estudos de Jung criou a musica Synchronicity I. Dela extraio alguns trechos reveladores do meu pensar e sentir sobre o tema. Sim, os alunos são sempre muito, muito mais do que aquilo que sobre eles podemos ver, sentir e pensar. É Prigogine quem nos diz que:

“Henri Bergson tentou defender, contra Einstein, a multiplicidade dos tempos vividos coexistentes na unidade do tempo real, defender a evidência intuitiva que nos faz pensar que essas durações múltiplas participam de um mesmo mundo (...). A descoberta da multiplicidade dos tempos não é ‘revelação’ surgida da ciência, de repente; bem ao contrário, os homens de ciência deixaram hoje de negar o que, por assim dizer, todos eles já sabiam”. (1997:210).

Sinto-me desafiada a pensar que para além do que enxergamos existe um universo, o que vejo em meu aluno é sempre uma possibilidade dentre inúmeras existentes.

*“A encruzilhada, no entanto, é também o lugar da esperança: o caminho seguido. Até aqui não estava obstruído; cada nova encruzilhada oferece uma nova possibilidade de escolher o caminho certo. Com uma única ressalva: as escolhas são irreversíveis”.
(Chevallier & Cheerbrant).*

Fui desafiada, a todo o momento, ao exercício de estranhamento daquilo que pensava conhecer, e ao desocultamento daquilo que antes não percebia, não compreendia. Sinto que tudo já estava lá e, de certa forma, eu ainda não havia visto. Von Foerster me ajuda ao dizer que só *“vemos o que compreendemos”*. (2000:69) Reafirmo com isso: É bem possível que tudo já estivesse lá. Creio estar falando de níveis diferenciados de compreensão, ou ainda, de estado mental diferenciado. Estado mental, emocional e intelectual.

Se apenas vejo aquilo que compreendo então, é bem possível que a compreensão seja auxiliada por infinitos momentos de constituição do sujeito enquanto humano, profissional, intelectual e tantas outras.

Parece-me que a visão da existência humana em devir se aproxima um pouco de tal idéia. Ou seja, ao me colocar cada vez mais em contato com a escola, amplio minha compreensão sobre ela, sobre seus atores, objetos e principalmente sobre mim mesma, sobre a forma de percebê-los e com eles conviver. Compreendo-me em movimento e tudo o mais também. As pessoas são como são, aceitá-las assim, é fazê-lo de forma plena sem que necessitem de modificação ou até mesmo de padronização, para serem aceitas pelas pessoas ou pelos grupos. Falo de autenticidade, característica difícil de ser exercida nos dias de hoje.

Talvez seja exatamente por isso que alguns autores nos alertam sobre a dificuldade encontrada ao nos aproximarmos dos sujeitos de nossa pesquisa. Por um lado, eles se encontram em devir com seus próprios movimentos e histórias de vida e por outro, nós também. Daí abrirem mão da conclusão, por exemplo, substituindo-a por considerações finais. Ao mesmo tempo em que fechamos um tipo de compreensão abrimos outro, ao mesmo tempo, simultaneamente.

Um tema não se esgota a partir do momento em que seu pesquisador finda a pesquisa. Ele sempre existiu e existirá, independente de ter sido eleito como um tema de interesse de alguém. Não existe uma relação direta entre eleger um tema de pesquisa e o início da existência do mesmo.

O ato de ensinar, assim como o ato de pesquisar, exige do educador e do pesquisador um profundo exercício de humildade que possa levá-los a perceber que a matéria com a qual trabalham é composta por indeterminadas causas. Daí a idéia de que a única certeza possível é das incertezas.

Inúmeros fatores se combinam em sala de aula. Inúmeros fatores também se combinam em situações de pesquisa e, uma determinada situação percebida poderá ter como fonte geradora o não imaginado. Os estudos sobre a

sincronicidade me desafiam a pensar sobre como as coisas se combinam, como se interpenetram e existem. Por isso, busco afastar cada vez mais de mim o julgamento apressado, análises precipitadas e a rejeição às pessoas e aos fatos a que desaprovo. O meu ponto de vista, é apenas meu. Particular, datado e historicizado, não podendo emprestar a ele em sentido de *verdade* ou ainda de *totalidade*.

É um desafio permanente aceitar o fato de que as coisas podem ser assim “ou não”, como diz Caetano Veloso. O *ou não* faz com que eu volte ao ponto inicial de minhas reflexões, buscando outra possibilidade de interpretação dos fatos, me arriscando durante o processo e, ao tentar formular uma possível explicação, voltar ao começo, pois um outro *ou não* certamente surgirá.

Com tantas idas e vindas vou me fazendo no processo. Ao voltar já não sou a mesma que partiu. Fui transformada durante a viagem e, aquilo que procurei compreender aparecerá para mim, mais uma vez, com um novo matiz, com um novo sentido. Assim a vida vai se processando, através de níveis diferenciados de compreensão.

Não posso negar que sofri processo de aceitação e de rejeição nas escolas. Fui abraçada e discriminada pelos professores, independente do cargo que ocupavam. Penso que para além da aceitação da figura da pesquisadora, está o peso da responsabilidade de tê-la cotidianamente se envolvendo com e na escola. Algumas vezes calada, outras vezes falante, em alguns casos brincando com as crianças, em outros brigando, participando ativamente dentro da escola. É algo ainda novo, pouco comum e procurei compreender que somos vistos de formas diferentes pelas pessoas.

Essa experiência me marcou sobremaneira, até hoje reflito sobre a importância do dito por Maturana “*Aceitar o outro, enquanto legítimo o outro*”. (1998:67) É muito, muitíssimo difícil. Acho que posso tê-lo como desafio, como meta a ser atingida. Jamais como uma atitude tomada de uma hora para outra. Tenho mais pontos de vista, carrego conceitos e preconceitos estabelecidos e construídos ao longo dos anos de vida e o exercício de sair de mim para chegar ao outro, do jeito que ele é, é um permanente desafio. Talvez, quem sabe, aí esteja uma das principais chaves para a construção do sucesso escolar das crianças por mim pesquisadas.

Retornamos a Maturana e Varela ao afirmarem a partir da investigação sobre a *deriva natural dos seres vivos* que a competição não participa da evolução humana: “*Não há sobrevivência do mais apto, o que há é sobrevivência do apto. Trata-se de condições necessárias, que podem ser satisfeitas de muitas maneiras, e não de otimização de critérios alheios à própria sobrevivência.*” (2001:127). Não se trata, portanto, de classificar as crianças após terem sido estimuladas a competir umas com as outras, trata-se, pois de saber que todas têm seu valor. Ai, encontro pistas para afirmar que todas as crianças são capazes de obter algum tipo de sucesso na escola a partir do momento em que tenham satisfeitas suas condições necessárias.

Se puderem ser aceitas, cheguem e permaneçam como são e estão na escola, para que a partir da convivência cotidiana neste espaço, aprendam o ensinado, considerando suas possibilidades, sem precisar se transformar em outras crianças para aprender; consigam encontrar o que buscam e, ao encontrar, realizem plenamente seus sonhos.

Lidamos o tempo todo com a complexidade, recheada de multiplicidade, de diferenças e de desafios, porém nossa forma homogenizadora de ser e de estar no mundo, acaba fazendo com que coloquemos todos em uma forma. Fazendo com que sejam enxergados a partir de uma mesma lógica, a partir de um mesmo

ponto de vista, de um agir e de um pensar distante, muito distante do ser único e singular que entra na escola. Ser nós mesmos é difícil, muito difícil e se constitui em mais um desafio a ser enfrentado pelo pesquisador.

A PROFESSORA APRENDENTE E AS CRIANÇAS TRABALHADORAS:

I

Uma escola para todos e para cada um.

Tudo tem uma história, as pessoas, os animais, as plantas e o planeta. As teses como os livros também guardam suas histórias. Pode até não ser uma história empolgante, mas há sempre o que contar sobre eles. Esta, por exemplo, surgiu da necessidade de fazer uma releitura do material colhido em situação e pesquisa.

Esta é uma história marcada pelas vidas de pessoas simples como eu, você e tantas outras. Homens, mulheres, idosos, jovens e crianças, brasileiros das classes populares. Pessoas que trabalham, sonham e lutam para sobreviver. Imersas em seu cotidiano quase sempre adverso, encontram tempo para nos ensinar a partir de suas vivências e experiências.

Para resguardar a identidade das pessoas pesquisadas, seus nomes foram trocados, permanecendo apenas os fatos, as situações, as vivências e experiências tal qual foi possível de percebê-las. O cenário onde tudo se passou também permanece o mesmo. Estas são histórias nossas, e histórias de ninguém, de lugares nossos e de lugares locais e globais.

Nosso maior desejo é despertar a consciência das pessoas não só sobre a sofrência humana de crianças trabalhadoras, mas promover uma reflexão acerca de possíveis caminhos pedagógicos a serem trilhados por elas e seus

professores, na tentativa de superação da situação em que se encontram e, principalmente, anunciar a fortaleza que é possível ser construída a partir dos embates cotidianos pela sobrevivência.

Nossa história começa com uma menina que gostava muito de ouvir histórias e de estudar. Embora ninguém acreditasse no que dizia cresceu anunciando a todos que seria professora. As pessoas não acreditavam porque a escola foi uma experiência difícil para ela. Deixou-lhe marcas profundas difíceis de serem superadas.

Esse episódio foi um fator marcante que a fez insistir, investir e intervir no magistério. Ela sempre se perguntava: quem sabe se as coisas podem se dar de outra forma?

Apesar da experiência traumática, ela sempre brincava de dar aulas. Talvez o vivido possa tê-la ajudado a pensar na possibilidade de uma escola feliz, acolhedora e solidária, uma escola capaz de colocar o saber do professor, realmente, a favor de seus alunos. Um clima emocional saudável é favorável ao processo educacional. A escola não é apenas o lugar de violência, seja de que ordem for, de tortura e preconceito ou segregação de qualquer ordem. Alunos e professores têm direito à saúde mental. A escola pode e deve se humanizar. Aliás, é vital que o faça em curtíssimo prazo.

Os anos foram passando e cada vez mais ela confirmou sua vontade de ser professora. Perseguiu seu sonho pela vida a fora. Nada a afastou dele por um milímetro que seja. Aprendeu, a duras penas, que se é difícil realizar um sonho, mantê-lo é muito mais. A menina cresceu e virou professora. Quanto mais trabalha, mais gosta do que faz.

A professora levou consigo o gosto por ouvir histórias e pela leitura, também por escrevê-las. Sempre que pode, estimula seus alunos a fazerem o mesmo.

No fundo, ela sente, intui, e o estudo associado à experiência do dia-a-dia confirma que o ouvir histórias, a leitura de mundo, de livros, e a produção escrita podem transformar o mundo. Eles constituem um processo que fala diretamente ao potencial criador dos homens, fazendo com que, á medida do dito por Freire: “sonhem *sonhos possíveis, potencializadores dos seres, transformadores do mundo.*” (2000: 117)

A jovem professora aprendeu no seio de sua família o amor pela leitura. Gosta de passar boa parte do seu tempo livre lendo, diz que os livros são bons companheiros, com eles aprende muito, sua imaginação voa ao criar os cenários em que as histórias se passam e, em alguns momentos, chega a se colocar no lugar dos personagens. Aprende, com Mário Quintana, um dos escritores preferidos, que: “*Uma vida não basta ser vivida, precisa ser sonhada*”. Foi assim que, desde muito cedo aprende sobre a importância dos sonhos em sua vida e na vida das pessoas.

Até hoje, luta pelo que chama *escola possível*. Pretende-se fraterna, digna, solidária e, principalmente, capaz de acolher a singularidade. Sonha com uma escola para todos e para cada um. Essa escola já está por aí, coexistindo, ainda que timidamente, com as outras escolas no interior de várias escolas e mesmo de uma única escola.

A recém formada professora resolveu fazer um concurso público para trabalhar. Embora muito contra a vontade dos pais, ela o fez. A cidade escolhida foi Duque de Caxias. No ato da inscrição, ela precisou apresentar um comprovante de residência na cidade em que prestaria o concurso. Valeu-se do que Certeau (2000:210) denominou de *astúcia*, embora longe, muito longe de conhecê-lo, para conseguir, com uma amiga de faculdade, uma conta de luz que pode auxiliá-la em seu ato de rebeldia.

Aprovada e classificada entre os dez primeiros lugares, enfrentou uma situação inesperada. A estrutura da rede pública estadual da cidade é recheada de acordos

pouco lícitos. A professora, apesar de bem classificada, é designada, com todas as outras aprovadas nos primeiros lugares, para os distritos mais distantes. É ainda e sempre prioridade do município preencher as vagas das escolas mais distantes com professoras e professores recém chegados à rede e, ao mesmo tempo, propiciar a transferência dos mais antigos para o primeiro distrito.

Também havia uma outra razão para o preenchimento das vagas dos distritos mais distantes: um interesse em guardar as melhores vagas para as pessoas eleitas, ou seja, para as filhas dos conhecidos, dando lugar aos conchavos que, aos poucos, são descobertos pelo grupo das dez primeiras colocadas. É importante ressaltar que o processo vivido por elas é tão forte que as une até hoje, apesar de histórias diferenciadas serem por elas escritas.

O dia da apresentação da jovem professora marcou-a fortemente. Nunca realizara uma viagem tão longa de ônibus e, como aprenderia futuramente com a hipérbole das mães de seus futuros alunos: *“o ônibus chega primeiro no Ceará, do que a Campos Elíseos”*. Após três horas de viagem por ruas sem asfalto, o motorista avisava que a escola ficava no próximo ponto. Horrorizada com a distância e amando o verde da serra da Mantiqueira, que se deixava ver forte e plenamente, cruzou o portão da escola. Não podia desistir. Era um desafio para ela. Não apenas a viagem se transformava em desafio, o processo vivido a cada dia também.

A diretora austera a recebeu com solenidade e, após a conversa inicial, tratou de passar as regras para o trabalho. Ambas, escola e diretora, gozavam de excelente conceito junto à Secretaria Estadual de Educação e ao Núcleo de Educação, o que facilitava a ida das recém-concursadas.

Nesta escola, a jovem professora vai aprendendo uma das mais inquietantes lições da vida: *as pessoas passavam fome*. Não o sabia A única experiência de que tomara conhecimento sobre pessoas passando por privações ocorreu na

época em que o Rio de Janeiro foi acometido por uma catástrofe (1966), choveu em um único dia o previsto para um mês, e muitas pessoas perderam suas casas e pertences.

Naquela época, ela e seus irmãos doaram alguns brinquedos para as crianças que haviam perdido os seus. Naquela situação, ela experimentou a força da solidariedade, do exercício de humanidade, ao se condoer com o sofrimento das outras pessoas, experiência que a marcou profundamente e, com certeza, mudava o rumo de sua vida para sempre. Experimentava, pela primeira vez, a felicidade existente no ato solidário.

Por mais que procurasse entender, não conseguia uma explicação para o fato de um de seus alunos, o Rodrigo, comer e repetir, até nove vezes, a alimentação fornecida pela escola. Esse fato ocorria sempre às sextas-feiras. Foi quando a professora resolve perguntar:

- Rodrigo, porque você repete tantas vezes a merenda?

Rodrigo levanta o rosto suado e com um olhar de quem parecia prestes a desmaiar, responde:

- Depois de hoje, professora, só vou comer segunda-feira.

A jovem e inexperiente professora abraçou o menino e chorou. Sem perceber, o choro chamou a atenção das outras professoras que se apressaram em retirá-la do refeitório. Ela não conseguia, e ainda não consegue, aceitar aquela situação. Era demais para ela admitir ser possível que as coisas se passassem dessa forma. Durante a semana, a merenda escolar era a única alimentação sólida ingerida pelo aluno. Depois, a professora descobriu não ser ele o único a passar por privações, que o mesmo ocorria com seus familiares. Para além do choro da jovem e inexperiente professora, algo precisava ser feito.

O fato é o divisor de águas para a atenta professora aprendente. Aquela sexta-feira jamais seria esquecida por ela e, ao lembrá-la, chora. Chora porque nela o cotidiano escolar se escreve /inscreve com força. Ela ainda não sabia, mas a vida que naquele momento se apresentava de maneira tão hostil para Rodrigo era uma construção humana e histórica e, portanto, possível de ser modificada, não estava pronta e acabada.

Por ainda não o saber, apenas se indignava e, da indignação, construiu seu posicionamento frente, não apenas à situação do Rodrigo, mas perante a vida. Se os homens a constroem, eles também podem modificá-la e se vê, pela primeira vez, com possibilidades de integrar na luta pela transformação da sociedade tão desigual em que vivia.

É preciso que se diga: a jovem professora tentou voltar para casa e deixar de lado tudo o que vivenciou naquela sexta-feira, porém seus pensamentos não a deixam dormir. A fala, o rosto, a expressão no olhar daquela criança jamais deixam de acompanhá-la. Ela tomou consciência da necessidade de colocar o seu conhecimento à disposição dos que realmente necessitam e desejam crescer. A professora ainda não havia travado nenhum contato com a obra de Paulo Freire, porém se sentiu, mesmo que ainda intuitivamente, impelida a se posicionar contra quem e a favor de quem colocava o seu conhecimento, a partir do seu trabalho.

Com o passar do tempo, professora transmuta no cadinho do fazer pedagógico seu fazer cotidianamente, ao ponto de não mais separar a vida profissional da vida pessoal. Dedicar o tempo, e por que não dizer, sua vida à compreensão dos processos vividos na escola, principalmente os que envolvem as crianças trabalhadoras, aquelas que, para além de estudar, trabalham, chamando para si a responsabilidade de auxiliar na complementação da renda familiar.

Ao se ocupar das crianças trabalhadoras, ela percebe a existência de aspectos comuns, possíveis de serem generalizados e, por isso também o faz com as outras crianças que aparentemente não trabalham. Ela diz aparentemente porque aprendeu, com as próprias crianças, que todas trabalham, desenvolvem tarefas mais simples ou mais complexas, nas casas ou nas ruas.

A professora, ao participar de dois grupos de pesquisa, o GRUPALFA, em Niterói, e o GEPEC em Campinas, aprendeu juntamente com a experiência profissional sobre a importância da construção coletiva do conhecimento na escola e nos grupos de estudo. Com a ajuda dos grupos construiu um conceito de trabalho infantil: *todo trabalho realizado pela criança mediante remuneração ou não.*

Pensando, refletindo e vivendo a escola, ela conhece Sérgio, aluno da segunda série do Ciclo Básico, e Lilia, professora do Ensino Fundamental. Ambos convivem em um mesmo cenário geográfico: a Baixada Fluminense, embora em escolas diferentes. São marcados pelas vicissitudes de suas existências, lutam para sobreviver às questões trazidas pela vida.

Sérgio hoje tem treze anos e Lilia vinte e seis. Apesar das idades e locais diferentes, uma vez que Sérgio ainda é criança e Lilia é jovem, suas histórias são reveladoras de aspectos comuns e ambos foram crianças trabalhadoras e demonstram o quanto é importante a escola em suas vidas.

A professora aprendente, antes de começar a contar as histórias de Sérgio e de Lilia, ressalta o quanto é importante dizer que o tempo todo vai aprendendo a prestar mais atenção aos acontecimentos, às pessoas e, com elas aprender. Descobre que a vida é uma grande escola e que, nela, todos aprendem. Todos os que estão ao nosso redor são nossos mestres, mesmo sem nos dar conta disso.

A história de Sérgio

Sérgio é o caçula de uma família de três irmãos, vive com sua mãe e com sua irmã em uma comunidade da cidade de Duque de Caxias. Há dois anos perdeu seu irmão mais velho para o tráfico, fato que deixou toda a família em profundo desespero, uma vez que contavam e acreditavam mesmo que o irmão mais velho viria ajudar às famílias nos momentos de dificuldade.

Ao comentar com as pessoas conhecidas sobre a vida de alguma criança pesquisada, as reações de quem ouve são as mais inesperadas: algumas não acreditavam, dizendo ser muita tragédia para uma única família; outras, não suportando ouvir, pediam que parasse.

A bem da verdade, inquieta ao tomar conhecimento de muitos fatos, chega a ponto de perder o sono. E por isso diz que, em sua pesquisa, não trabalha com dados, e sim, com fatos. Após alguns anos conheceu o professor Sarmiento que, ao ouvi-la falar, disse-lhe: *“você pode até deixar de dormir, mas nunca de sonhar.”* Apesar de todo o impacto, é preciso continuar. Neste momento a professora se lembrou dos versos da letra de uma música, *O bêbado e o equilibrista* que diz: *“Sabe, a esperança equilibrista/ Sabe que show de todo artista/ Tem que continuar.”*

Dona Rosa é a mãe de Sérgio, mulher nova que traz impressas em seu corpo as marcas de muitos anos de sofrimento advindas da tentativa de criar os filhos após o falecimento trágico do marido. Trabalhando como empregada doméstica na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, tem períodos que só pode vir em casa uma vez por semana, o que a faz deixar Sérgio aos cuidados da irmã. Sempre se cobra pelo ocorrido com o filho mais velho e, ao mesmo tempo, reflete sobre ter feito o máximo que pôde para livrá-lo daquela situação. Porém não foi possível.

Preocupada a professora, a princípio, achou muito sério o fato de Sérgio ficar aos cuidados da irmã, pensou nos perigos a que ambos estão expostos, porém ao conviver por mais tempo com as crianças trabalhadoras em seus locais de trabalho, escolas e moradias, foi se dando conta do que sua avó dizia: “*nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que balança cai*”, ou ainda, que *as aparências enganam*.

Ela foi aprendendo algo muito importante e de que jamais se esqueceria: *nas classes menos favorecidas economicamente é comum crianças maiores tomarem conta das menores e esta já é uma forma de trabalho infantil detectada uma das modalidades do trabalho infantil doméstico*. Na maioria das vezes, este é um fato que ocorre sempre com o acompanhamento de algum adulto que, mesmo à distância, observa o que se passa. Outra situação comum é as mães deixarem seus filhos apenas sob a guarda de um vizinho. As pessoas se amparam, se ajudam cotidianamente, na tentativa de superação das limitações que lhes são impostas.

Hoje, aos quarenta e cinco anos, D. Rosa se diz cansada de tanta luta e, sempre que pode, opta por um trabalho que a deixe mais perto de casa, olhando como pode, a criação dos filhos. Apesar de contar com a ajuda de Carla, sua filha, que trabalha tomando conta de crianças, sabe que sua presença é importante, uma vez que teme pela sorte de Sérgio. Sabe também da criação que deu a ele, mas, é ciente do quanto o apelo do tráfico é sedutor.

Sérgio, após ter repetido a mesma série duas vezes, por não simpatizar com a professora e ter se sentido excluído em sala de aula, resolveu, por conta própria, arrumar outra escola para estudar, pois compreendeu a importância dos estudos para a superação das dificuldades financeiras trazidas pela vida. Ao conversarmos sobre este momento de sua vida, Sérgio disse:

- *Você sabe o que é a gente esperar que a professora olhe para a gente e ela não olhar? A gente ficar com o dedo levantado um tempão e ela nem ligar? Parece que a gente nem está ali.*

- Sei bem como é. Você se sentiu como?

- *Eu? Quer saber da verdade? Fiquei com raiva, chamei ela daquele nome e resolvi sair da escola. Eu já estava de olho nesta_escola, sabia que seria feliz aqui e, resolvi entrar e pedir para estudar.*

A professora aprendente muito se mobilizou com este outro fato que: as crianças trabalhadoras são muito independentes e, em contrapartida, sentem profunda dificuldade em seguir o ritmo da escola, como por exemplo: seguir ordens não discutidas anteriormente com elas. Elas pensam, questionam e decidem o que lhes ocorre no trabalho e na escola.

Ela pensou sobre as palavras de Sérgio e refletiu sobre as inúmeras vezes em que as crianças foram e são invisibilizadas aos olhos do professor, da escola, da família e, até mesmo, da própria sociedade. A invisibilidade é uma estratégia antiga, respaldada na ideologia neoliberal *aos amigos tudo, aos inimigos a Lei*.

A escola, ao invisibilizar seus alunos, professores outros, faz o jogo do *esconde-esconde*, onde se deixa mostrar apenas o que interessa ao poder que seja mostrado, mais do que isso, ela ensina de forma subliminar um processo manipulador das relações de grupo, prepara os jovens para comportamentos pouco éticos e promove a infelicidade dos por ela invisibilizados.

Ao estudar sobre a questão da invisibilidade descobriu que ao longo da história da humanidade sempre existiram os invisibilizados. Estes traduziram formas diferenciadas de vida, acreditavam no que a maioria não cria e eram tratados como loucos ou inimigos do poder. A este tipo de comportamento devemos o atraso da ciência e, do avanço ético, estético, moral e humano dos homens.

Muitos, como inimigos, foram fadados à fogueira; outros, os considerados loucos, ao hospício.

Pensativa a professora se recordou do momento em que descobriu a existência do trabalho infantil na época do Brasil Império. Voltou um pouco mais no tempo e encontrou referências na Bíblia à exploração de crianças escravas; um pouco mais e, se deparou com cenas das pinturas rupestres, trazendo crianças e adultos, trabalhando e, se deu conta, do quanto ele se manteve invisível, até aquele momento, para ela. É quando constata ser o trabalho infantil produzido pelos homens ao longo da história.

Voltando aos dias atuais percebe que Sérgio, sem se saber por muitos invisibilizado, revela sua insatisfação com uma escola que não o percebe, que não o considera. Fala sobre a infelicidade que sente e do seu sonho em estudar em outra escola. Ainda bem que este fato não o fez desistir de estudar. Solidária, a professora sofreu com ele e quis saber como se sente agora, ao que respondeu:

- Agora me sinto como gente, eu existo. Todo mundo me vê, me conhece, pergunta de mim. Aqui estou feliz.

A felicidade de Sérgio estava ancorada, principalmente, na sua aceitação pela professora, colegas e funcionários da escola. Humana, a professora, mais uma vez, se pôs a pensar sobre o quanto é fácil tornar as pessoas felizes, principalmente em se tratando de uma criança. Na escola onde Sérgio estuda, entra em contato com a auxiliar de direção que o recebeu. Ela conta:

- Ao sair de casa para visitar parentes, Sérgio passava por aqui, uma escola municipal, em que sempre teve vontade de estudar. Após um desentendimento com a professora, criou coragem e veio em busca de uma vaga para dar continuidade aos seus estudos. Ao ser atendido por mim, me pus em seu lugar, não gostaria que isso ocorresse comigo ou com meus filhos. Ele começou a estudar imediatamente.

Empática, a professora pensou sobre o quanto é importante o exercício de colocar-se no lugar do outro. Longe de ser uma postura piegas, é um *ato de amor*, de identificação com a própria humanidade. É quando pergunta para a auxiliar de direção:

- E a burocracia?

- Ficou para depois, quando a mãe de Sérgio pôde trazer os documentos e efetuar a matrícula formalmente falando.

Dentre as inúmeras questões trazidas pela vivência de Sérgio, destacamos a autonomia por ele demonstrada ao procurar uma outra escola para dar continuidade aos seus estudos. Com este episódio, aprendemos que, de maneira geral, as crianças trabalhadoras desenvolvem em tenra idade estas características, já que são expostas a processos que exigem delas um posicionamento e, como nem sempre têm responsáveis por perto, agem e depois comunicam.

Esperançosa a professora ama a educação, nela acredita e não pode deixar de pensar nos ensinamentos e aprendizados da coordenadora ao se responsabilizar pela inclusão de Sérgio em seus quadros. A disponibilidade da escola em aceitá-lo, mesmo sem a mãe ter levado os documentos necessários para efetivar a matrícula fez toda a diferença.

Aos olhos de algumas pessoas pode parecer algo banal, mas os educadores sabem o quanto a burocracia é capaz de emperrar a vida educacional dos alunos. Por causa de uma foto, por exemplo, muitas crianças das classes populares ficam sem estudar. Parece que a foto é mais importante do que as crianças. As pessoas que atendem a comunidade, em geral, não desenvolvem um olhar aprendente e compreendente para com as crianças e seus responsáveis.

Com os altos índices de desemprego, acarretando pessoas privadas de seu direito de trabalhar para sobreviver, muitas vezes, não se tem dinheiro nem para comer, quanto mais para fotos ou xerox. As famílias tão maltratadas pelo desemprego de seus mantenedores ainda são culpabilizadas, ao deixarem seus filhos sem estudar.

De tudo isso fica a certeza da importância de profissionais da educação que chamam para si a responsabilidade de resolver os problemas, prestando o seu serviço da melhor forma possível. Em vez de criarem obstáculos buscam alternativas para resolvê-los.

Certo dia, ao chegar à escola pesquisada, a professora ouviu Sérgio dizer:

- *Ontem faltei à aula.*

- Por quê?

- *Quando eu acordei, abri o armário da cozinha e não tinha nada para comer. É final de mês, a grana fica curta e aí falta tudo lá em casa. Sei que é errado mentir para a mãe, mas não tinha outro jeito. Não se deve fazer bilhete falso também. Eu tinha que resolver isso e aí tive a idéia do bilhete.*

- O que escreveu no bilhete?

- *Escrevi assim:*

Sr. Responsável,

Hoje, dia 28/03/00 não haverá aula para o aluno Sérgio. Obrigada.

A Direção.

- Como fez para entregar o bilhete para sua mãe?

- Ela tinha ido para o trabalho bem cedinho e eu tive essa idéia quando acordei. Peguei minha caixa com doce e fui fazer dinheiro. Vendi todos os doces, tem dia que parece que Deus ajuda. Fiz cinco reais, comprei mais doces e dobrei. Foi um bom dia.

- E depois, entregou para sua mãe o dinheiro?

- Não, não!

- O que fez então?

- A gente tem que ser esperto, tem que tá ligado. Eu fui ao mercado e comprei as coisas.

Pode parecer mentira, mas existem pessoas que não sabem o preço dos alimentos. Foi quando ela perguntou:

- O que comprou com dez reais?

- Com dez reais, você não sabe não?

Nessa hora, teve medo de ser descoberta. Realmente, não sabia o preço das mercadorias e sentiu vergonha por isso. Por outro lado, se sentiu fascinada com toda aquela conversa e deixou sua vergonha de lado para aprender mais com Sérgio que, continua contando sua façanha:

- Comprei feijão, arroz, macarrão, batata, farinha e ovos. Não deu para a carne, mas a gente quase não liga. Levei tudo para casa, coloquei tudo no armário e quando minha mãe chegou mostrei o bilhete, ela me perguntou o que fiz durante o

dia e, quando ela abriu o armário até chorou. Ela me abraçou dizendo: Obrigado Deus, obrigado por este filho.

Algumas questões chamam a nossa atenção entre elas o fato que poderia tê-lo levado a chamar para si a responsabilidade de dividir com sua mãe o sustento da casa. Ao comprar por própria conta as provisões, demonstra, além de autonomia, consciência de que precisa fazer algo, pois a despensa estava vazia. Demonstra, também, dentre o que foi possível, que sabe, de certa forma, a lista de gêneros alimentícios utilizados em sua casa, fato difícil de ser sabido por crianças que não chamam para si tal responsabilidade, pois não precisam fazê-lo.

A professora aprendente, através desta experiência, começou a nutrir por ele um misto de carinho e admiração. Jamais pensou existir uma criança com a consciência tão desperta para sua própria condição de vida. Ele poderia ter se alienado e não o fez, poderia ter se revoltado e também não o fez. Com profunda admiração pela figura humana de Sérgio e respeito pelo sujeito pesquisado, partiu para conviver com outras pessoas que um dia foram crianças trabalhadoras e com as crianças trabalhadoras também.

A história de Lilia

Observadora, a professora aprendente conheceu Lilia quando esta fazia sua graduação. Na época Lilia assistia às aulas e o seu jeito de ser calmo, meigo e singelo encantava a todos. Ao olhá-la, ninguém poderia adivinhar o processo por ela vivido. Durante os últimos períodos, Lilia engravidara, andava com certa dificuldade e contava os dias para que o período terminasse. Antes de findar, em um encontro sobre elaboração de monografia, Lilia contou sua história.

Lilia assim narrou sua história:

Nasci em uma família muito humilde e não conheci minha mãe biológica que faleceu quando eu tinha apenas dois anos e meio de idade. Eu e meus dois irmãos fomos criados por nossa avó materna que é a mãe maravilhosa com que Deus nos presenteou e a quem chamávamos de mãe.

Atenta, a professora ouvia a vivência de Lilia reparou que, aos poucos, as lágrimas vinham aos olhos de quem ouvia o que estava sendo falado. Combinando saudade e meiguice, sem ter vergonha de sua história e se afirmando cada vez mais como pessoa linda e humana que era, continuou:

Sou a irmã caçula e não conheci meu pai até completar 13 anos, pois ele nos abandonou quando minha mãe faleceu. Ele reapareceu um ano e meio, antes de falecer em consequência de alcoolismo.

Meu avô materno não morava conosco. Ele morava em uma colônia onde cuidava de um problema de saúde, que só bem mais tarde descobri que se tratava de hanseníase. Ele nos visitava de vez em quando e nós a ele. Era muito bom quando podíamos estar juntos. Em uma das visitas que nos fez, faleceu dormindo.

A partir do relato de Lilia, foi possível refletir sobre a importância da família na formação das pessoas. Nela aprendemos sobre nós, sobre a vida e sobre os outros; somos, permanentemente, desafiados a nos humanizar, a crescer como pessoa integrante de um coletivo, por menos que a família possa ser. E Lilia continuou:

Éramos muito pobres e contávamos com a misericórdia de Deus, o amor de mamãe e a ajuda de algumas pessoas para sobreviver.

Eu e meus irmãos, em idade escolar, fomos matriculados na escola por mamãe que, mesmo analfabeta, tinha a consciência da importância dos ensinamentos escolares na vida das pessoas.

Aprendi muito cedo a sofrer com tudo que fazia minha mãe sofrer. E o que mais me incomodava é que não podia fazer nada para ajudar. Comecei a trabalhar muito cedo como empregada doméstica e babá e resolvi transformar os estudos no meio de me libertar de todas as dificuldades por que passávamos e do preconceito e da indiferença de algumas pessoas.

Quando minhas professoras falavam que estudando as pessoas podiam ter uma vida melhor, através de um emprego e que ganhavam o respeito de todos, eu acreditei, pois era com esses olhos que as via, com respeito e admiração.

Os direitos trabalhistas de minha mãe nos renderam uma pequena pensão (antes de falecer trabalhava em uma fábrica de tecidos). Mamãe conseguiu se aposentar por invalidez e passou a ser nossa tutora legal juntamente com o saudoso Pr Jacy, que ajudou a resolver tudo isso.

Reflexiva, enquanto Lilia fala, a professora pensou sobre algumas pessoas que por motivos de incompatibilidade de gênio abriam mão de conviver com suas famílias, de aprender com elas e sobre elas, de desfrutar da união advinda dos laços consangüíneos.

O mundo tem de tudo mesmo. Pessoas com família, que não querem com ela conviver, pessoas com família que lutam para nela permanecer, e, finalmente, aquelas que buscam integrar a família que, por algum motivo passageiro, encontra-se desintegrada.

Solidária, a professora se pôs a pensar sobre o vínculo religioso que, de certa forma, permeava toda a fala de Lilia. Coincidentemente, as crianças trabalhadoras por ela pesquisadas também demonstravam este forte vínculo. Ela se lembrou de uma entrevista com o médico Patch Adams que, ao falar sobre a importância da religião na vida das pessoas, diz: *A fé ajuda as pessoas a sobreviverem*. A cada dia fica mais evidente, na área médica, por exemplo, o papel da religião para as pessoas em situação de adversidade.

Ela detectou a importância do amparo, do auxílio de uma pessoa para com a outra. A fraternidade existente entre algumas famílias que são vizinhas, pertencentes às camadas menos favorecidas economicamente, faz com que sobrevivam em ambientes hostis, se fortaleçam, ultrapassem barreiras. Um vizinho olha os filhos do outro, alimenta-os, cuida deles. Auxilia-os durante a ausência dos pais por motivo de trabalho. Se o gás acaba, a comida termina de ser feita na casa da vizinha, se não há comida para uma família, a vizinha divide o que tem com a outra e dizem sempre com um sorriso nos lábios: *Panela onde come um come dois*. Formam verdadeiras redes de solidariedade.

Solidarizar-se com o sofrimento do outro, além de nos humanizar, também nos torna mais fortes e menos queixosos em relação às nossas próprias dificuldades e limitações. Esse fato ficou evidente ao ouvir Lilia falar sobre sofrer ao ver o

sofrimento de sua mãe. Tanto Lilia como Sérgio se solidarizaram com a situação em que suas mães se encontravam e tomaram a decisão de trabalhar, ainda muito jovens, para auxiliar no rendimento de suas famílias. Ambos relataram suas vivências sem mágoas e com a certeza de que se fortaleceram com elas. É no enfrentamento das adversidades que o caráter humano se fortalece.

A grande maioria das mães das crianças trabalhadoras era analfabeta ou semi-analfabeta e, como a mãe de Lilia, também lutavam para que seus filhos entrassem e permanecessem na escola. Eram sabedoras da importância dos estudos para o futuro de seus filhos e, por isso, investiam e insistiam para que estudassem. Não raro encontrávamos crianças das classes populares cursando uma mesma série por vários anos consecutivos, eis um exemplo deste fato: falam sobre os ensinamentos da escola e não os da vida ou da família.

Olhou o mundo e pensou nos agrupamentos das espécies nele contidas este é um exercício realizado freqüentemente por que, sempre se interrogou sobre a organização dele. . Há de se ter algum tipo de aprendizado a partir da diversidade conjugada à singularidade_ Os animais, as plantas, os crustáceos, os humanos, tudo traz em si as marcas da família, da ancestralidade, da superação em busca do aperfeiçoamento da humanidade.

Ela também dedicou algum tempo de sua reflexão ao tema da semelhança. Os familiares, geralmente, se parecem entre si. Pais, irmãos, sobrinhos, tios. Não é difícil perceber tal semelhança. Esta pode ser uma primeira possibilidade de nos considerarmos pertencentes a um grupo. O sentimento de pertencimento humaniza os seres, fazendo com que busquem proteger, ajudar, conviver. Quem sabe, o assemelhar-se não nos faz exercer os sentimentos e, construir os conceitos de união, integração, ética, solidariedade, tão necessários à nossa frágil sobrevivência.

Somos tão frágeis assim? Pensando bem, a sobrevivência pode ser frágil, mas as atitudes a serem tomadas, as lições a serem aprendidas, as opções realizadas, são extremamente fortes, exigem o exercício permanente do auto-aperfeiçoamento. A construção humana, apesar de ser ao mesmo tempo forte e frágil, é a que temos em mãos cotidianamente, seja pessoal ou profissionalmente falando.

Algumas pessoas, a bem da verdade, levam muitos anos para perceber sua importância no contexto familiar. Na família, como nos grupos, cada pessoa tem seu papel, exerce uma função, tem direitos e deveres. É nela que damos os primeiros passos no que nos levarão para o mundo. Ali experimentamos as primeiras emoções, amamos e deixamos de amar pessoas, exercitamos a liberdade de optar e de nos responsabilizar por nossas opções.

E lá está Lilia, por entre falas entrecortadas pela emoção, contando sobre o esforço coletivo do padre Jacy, sua mãe e irmãos para unirem a família. Ela e os seus tiveram cedo na vida este tipo de aprendizagem. Aprenderam sobre o quanto é importante permanecerem juntos.

Se nos detivermos a olhar ao nosso redor, não será difícil detectar um grande número de famílias separadas pelo sofrimento. A falta de dinheiro, a fome, os vícios, a perda de um ente querido. Tragédias coletivas como as ondas gigantes da Ásia, ou individuais como a de Lilia, são reveladoras do quanto a humanidade sofre. Ao longo da história, nunca tivemos dia de paz.

Muitas vezes, o aluno que está em nossa sala de aula tem histórias de vida semelhantes à de Lilia, e não nos damos conta deste fato. Nos preocupamos apenas em passar da melhor forma possível os conteúdos nos esquecemos de que por de trás dos olhos que nos acompanham, em sala de aula, há um ser humano, uma criança em muitos casos marcada pelas vicissitudes da vida e que luta para sobreviver às situações adversas.

Crianças que trazem em si marcas da desagregação familiar e da fome, por exemplo, aprendem em um outro ritmo, desgastadas que estão pelos fatos da vida. Elas não são ficção, são reais, de carne e osso, e estão bem aí em nossa frente, dentro da nossa sala de aula. Se repararmos bem, pedem, através de seu olhar, por socorro e, em muitos casos, contam apenas conosco. Uma palavra certa na hora certa, um olhar ou um simples toque poderá fazer a diferença por toda uma vida. Não podemos ficar indiferentes, pois, antes de sermos professores somos humanos e isto, nos iguala, nos assemelha, nos agrega.

Retorno ao relato de Lilia:

Minha irmã e meu irmão não terminaram o antigo primeiro grau, mas eu continuei sendo boa aluna e cada dia gostava mais de estudar (ficava triste quando precisava faltas às aulas).

Apesar de todas as minhas dificuldades, sempre pude contar com o carinho, incentivo e reconhecimento de meus professores e diretores.

Ainda era muito pequena e já dizia que queria ser professora sem saber da linda missão que me aguardava. Sonhava em ser como a minha professora da quarta série, Dona Nelma, alta, simpática, inteligente e humana.

Hoje sei que a escola foi realmente o meu segundo lar, onde foi formada parte do meu caráter e de minha personalidade e onde aprendi a olhar o mundo de frente e ter perspectivas.

Estou terminando o curso de pedagogia e sou a prova de que a escola usa de afetividade, sensibilidade, amor e compromisso que podem libertar e transformar a sociedade.

Sou motivo de orgulho, admiração e respeito para a minha família e amigos que acompanharam a minha jornada.

Peço a Deus, que com tudo que recebi, possa ajudar a outras pessoas a encontrarem seus caminhos e possa servir de exemplo para meu filho.

Com essa mania de ruminar as idéias, a professora aprendente não consegue parar de pensar na situação de Lilia. Eram três irmãos e destes, apenas ela foi compelida a dar continuidade aos estudos. O que terá nela sido despertado através da convivência na escola? Quais os fatores decisórios para uma futura opção? Por onde passaram suas escolhas? Certamente, quanto a isso não temos controle. Existem alunos que são tocados de forma diferenciada pela escola, professores, amigos e família. Porém, algo é possível afirmar: a escola pode fazer a diferença na vida das crianças. Dentro da escola poderá nascer a opção pelo magistério conforme ocorreu com Lilia e, acima de tudo, a criança poderá encontrar alguém que poderá lhe inspirar para um comportamento futuro.

O carinho, o incentivo, a atenção, o reconhecimento do esforço realizado pelo aluno auxiliam de forma produtiva o processo educacional. Independente de situação econômica, classe social, sexo e etnia, qual o ser humano que não gosta de um elogio, de um reconhecimento, de um ato de carinho e atenção? Quem de nós não se potencializa ao ouvir um elogio, ao ser brindado com um ato de afeto? Quem de nós não se emociona com o sorriso de uma criança, com o afago de um pai, com a ternura do amor materno?

Lilia afirma: *A escola foi realmente meu segundo lar (...)* Atenta, a professora percebeu emoção na fala de Lilia, entre elas o quanto a escola representa para as crianças. Comparar a escola ao lar significa valorizá-la tal qual sua família, é o lugar onde ela se sente bem, gosta de ficar, passar o seu tempo não apenas estudando, mas na companhia de professores e colegas, livre da problemática das ruas, do tráfico, da prostituição, do abandono.

Será que Lilia tem noção da importância do seu papel para sua família? Ela é a primeira em muitas gerações a concluir uma universidade. É muito mais do que motivo de orgulho, ela é a prova viva de que sua história de vida, apesar de aparentemente determinada, não a impediu de romper com o jogo que para ela estava jogado. Com muito esforço, diria mesmo com suor e lágrimas, ela é a prova viva de que, apesar dos pesares, outra história pode ser contada.

A generosidade de Lilia que, mais uma vez se emocionou ao contar sobre sua vontade de auxiliar outras pessoas, e se resgatar ao resgatá-las, não deixou de ser percebida. Faz toda a diferença em sala de aula, um professor que se vê em seus alunos e, ao ver-se, com eles se solidariza e rompe com a barreira da distância imposta por tantos métodos e técnicas.

Ajudar as pessoas a encontrarem o seu caminho na vida disse Lília. Emocionada, a professora aprendente, as inúmeras vezes em que, pensa na escola assim, como um local de oportunidades onde as crianças passam para serem ajudadas na construção de suas histórias, na superação de seus limites. É muito mais do que a transmissão de conhecimentos. É a forma encontrada por nós educadores para nos superarmos ao trabalhar com nossos alunos.

É principalmente por histórias como a de Lilia que destacamos a importância dos estudos sobre resiliência para a escola. Eles evidenciam a densidade do cotidiano escolar, sua diversidade complexa e anunciam, colocam em evidência algumas possibilidades de ajuda para quem precisa superar situações de dificuldades, aprender com elas e se fortalecer para a vida. E, o relato de Lilia nos informa a este respeito:

(...) Hoje sei que a escola foi realmente meu segundo lar, onde foi formada parte de meu caráter e de minha personalidade, onde aprendi a olhar o mundo de frente e ter perspectivas.

Construímos, paulatinamente, a percepção do quanto as situações são efêmeras e, portanto, possíveis de serem alteradas, modificadas, transformadas pelas mãos de homens, mulheres, jovens, idosos, crianças, enfim, pelas mãos da humanidade que demonstra a força construtora e renovadora do amor enquanto coletividade. E continua Lilia:

(...) Comecei a trabalhar muito cedo como empregada doméstica e babá e resolvi transformar os estudos no meio de me libertar de todas as dificuldades por que passamos e do preconceito.(...).

Somos tão frágeis assim? É possível afirmar que a resiliência que segundo Rodríguez (2000): “a capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”, é um fenômeno construído e, portanto, não é tarefa do sujeito sozinho. Pessoas com características resilientes, ao longo de suas vidas, contam com a presença de figuras significativas (Cyrulnik, 1991), para o autor é: “indispensável ao desenvolvimento e aprendizagem a presença de uma figura de afeto, mãe ou mãe substituta, que forneça os nutrientes afetivos sem os quais não há vida e o próprio acesso à linguagem é bloqueado”. Elas estabelecem vínculos de solidariedade, admiração ou até mesmo de apoio, que permitem, de certa forma, o desenvolvimento da auto-estima, da confiança em si e, principalmente, de esperança no futuro. Falamos em esperança, por compreendê-la enquanto realização cotidiana dependente de nossas ações. A história de Lilia pode nos auxiliar mais uma vez ao narrar:

(...) Apesar de todas as minhas dificuldades, sempre pude contar com o carinho, incentivo e reconhecimento de meus professores e diretores.

A resiliência rompe com a determinação, com o jogo jogado, com o imobilismo que há tantos anos acompanham nossas crianças trabalhadoras. Ela traz consigo a possibilidade de alterar destinos outrora reconhecidos como inalterados e instaura a possibilidade de uma nova história ser escrita. Encontramos um forte exemplo disso no relato de Lilia:

(...) resolvi transformar meus estudos em um meio de me libertar de todas as dificuldades por que passávamos e do preconceito e indiferença de algumas pessoas.

É possível que seja exatamente esta a dimensão, por menor que seja, de quem precisa se manter vivo hoje, ao menos hoje, de conseguir sobreviver a cada dia, o que põe em marcha as crianças sobre as quais pesquisamos e suas famílias . Apesar de toda adversidade, é possível perceber que têm garra para viver e fé na e pela vida. Vivem o dia de hoje como podem, com toda a incerteza e imprevisibilidade trazidas pelo devir e, imediatamente, um novo dia se anuncia.

Ao olhar de perto esta situação, a atenta professora aprendente se põe a pensar no equilíbrio dinâmico dos físicos quânticos. Acha mesmo que as condições de vida das pessoas por ela pesquisadas se assemelham a esse conceito. É justamente na incerteza e na imprevisibilidade que se descobre um universo de possibilidades apenas visto por aqueles que têm olhos para ver. Outras pessoas, em situação semelhante, certamente sucumbiriam.

Retornemos à história de Sérgio, só que desta vez, dialogando com sua mãe, D. Rosa, é ela quem nos fala sobre seu cotidiano, sobre a dureza do dia-a-dia, sobre a sofrência daqueles que cismam em sobreviver, teimosos que são, segundo ela, e principalmente sobre a esperança em dias melhores:

O que dá pra hoje dá pra hoje. Amanhã Deus dará, descubro um dia de cada vez o que fazer para chegar viva até amanhã. Sei que não posso ficar de braços cruzados. Tenho que tirar a vida de onde não tem pra tirar...(lágrimas nos olhos) já vivi dias piores, cheguei até aqui, preciso continuar, tenho que levar até o fim. Os filhos não pediram pra nascer. Tenho que me virar. Por isso que preciso da ajuda dele, me esforço, mas sozinha não dá. Sei que um dia saio dessa.

Apesar da mãe de Sérgio ter perdido, há três anos, o filho mais velho, de dezesseis anos, na guerra do tráfico de drogas, não se permite sequer pensar que o mesmo possa ocorrer com Sergio. É viúva, luta com dificuldade para sobreviver, tinha tudo para sucumbir, sentir-se derrotada, porém aceita sua atual condição e marcha na direção do possível.

Estudos sobre resiliência apontam que não há situação adversa maravilhosa e do quanto seria necessário para sobreviver a ela, lutar com as armas que se tem. Mesmo sem ter tomado conhecimento de tais estudos, foi o feito por D. Rosa. Ela, não aceitava as coisas como estavam e ao que alguns chamam de teimosia insiste em chamar de atitude resiliente. D. Rosa não conseguia planejar o dia seguinte, não conseguia sequer prever minimamente o dia de amanhã e só conhecerá as armas para o combate cotidiano no processo, no devir, não dá para saber de antemão. Uma vez que sobreviveu às mortes do marido e do filho, cabe-lhe a sobrevivência como herança.

Apesar de a resiliência promover mudanças individuais, ela se dá através de processos coletivos. É preciso que exista o outro, a interação, o diálogo. É na convivência com o e no cotidiano que os sujeitos se tornam ou não resilientes. Ela é um fenômeno psicológico, construído socialmente, ao longo de um período da vida, não é tarefa de um sujeito sozinho. Pessoas com atitudes resilientes têm suas histórias marcadas pela presença de figuras significativas, estabeleceram vínculos, ou seja, de apoio ou de admiração e desenvolveram, certamente, a auto-estima e a auto-confiança.

Passemos, mais uma vez, para o relato de Lilia:

Sou motivo de orgulho, de admiração e respeito para minha família e amigos que acompanharam minha jornada.

Sensíveis, a professora e Lilia, mais uma vez se emocionam neste momento do relato só que desta vez, profundamente. Havia nos olhos de Lilia um misto de confiança e de orgulho ao dizer: *consegui*. Ao mesmo tempo, foi possível perceber a preocupação de Lilia em servir de exemplo para outras pessoas que também passam por situações semelhantes. Lilia saiu potencializada desse processo e, o fundamental, sem perder a ternura que sempre a acompanhou. Lilia, sempre acreditou que seria possível e foi.

Há na resiliência uma dimensão de esperança no futuro, um sentido anunciado, uma meta, um horizonte que impulsiona as pessoas para a frente e anuncia a existência de uma dimensão ética e utópica. Ela está, portanto, grávida de outros sentidos e possibilidades.

As histórias de Sérgio e de Lilia são reveladoras desta dimensão. É evidente, em suas experiências, que a esperança é colocada como a utopia do texto do Galeano (2000:22), quando comparada ao horizonte, pondo as pessoas a caminhar, *se estas dão dois passos, esses dois passos se afastam*. Em relação a ela, só as pessoas podem se pôr a caminho.

Em ambos os casos, assim como nos casos das outras crianças pesquisadas e seus familiares, há uma forte dose de esperança. Apesar de toda rudeza da vida, da emergência advinda da necessidade de sobreviver, também nutrem esperança em dias melhores.

Acreditam que de alguma forma a vida irá melhorar, que o jogo não está jogado e que podem contar com Deus e consigo mesmo para sair da situação em que se encontram. São obrigados a crer na provisoriedade da situação e dizem:

_Vai passar, é só uma fase, sei que vai passar. Tenho fé em Deus. Ele me deu dois braços para trabalhar, tenho filhos para criar. Eles não pediram para nascer e, é preciso sobreviver. Todas as outras coisas passaram, essa também passará.

Este foi o relato de D. Rosa, mãe de Sérgio, ao se referir à situação em que se encontra atualmente. Em alguns momentos a professora aprendente pensava que pessoas em situação de emergência constroem possibilidades a partir do exercício da fé no futuro, na crença em dias melhores e planejavam a superação do atual estado de coisas. Sonham com o que chamavam de um futuro melhor e, creio ser o que as mantém vivas.

Para elas, as condições adversas da vida podem levar as pessoas a uma atitude existencial provisória, um modo de ocupar-se apenas com o presente, encontrando nele forças para enfrentar o amanhã que, segundo elas, a Deus pertence.

É preciso construir sentido para a vida, um sentido acompanhado da idéia de futuro possível, mesmo que imediato, mas possível. Talvez por isso participem tanto de projetos imediatos, realizáveis em curto prazo, palpáveis, viáveis, concretos como a organização de atividades de trabalho ou de lazer, como: uma roda de capoeira, um torneio de futebol, a virada da laje de um vizinho, a organização de um campeonato, de uma comida comunitária, por exemplo.

Projetos individuais se misturam com projetos coletivos. É no coletivo que, em muitos casos, encontram forças para enfrentar as adversidades encontradas no dia-a-dia. Aprendem a cuidar dos outros e, ao fazê-lo, acabam por cuidar de si próprios. Cuidam como podem, com os recursos que têm, embora aos poucos avisados, possa parecer exatamente o contrário.

Persistente, a professora aprendente mais uma vez, se recordou dos estudos que fez a partir dos escritos de Leonardo Boff sobre o cuidado:

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra. Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado. O cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade. (1999:32),

e insiste em suas reflexões sobre a importância do mesmo na manutenção da vida das pessoas e até do próprio planeta. Ela também leu em reportagem veiculada pelo Jornal O Globo de 25 de janeiro de 2003, sobre a necessidade dos recém nascidos em relação ao cuidado. Crianças prematuras *necessitam de cuidado e o simples fato de ouvirem música, uma cantiga de ninar ou uma história, fazia com que melhorassem.*

Os pequenos, quando não são amados, morrem de carência. E deve ser por isso que os prematuros revelam melhora significativa, ainda na incubadora, com a presença de alguém que lhes possa fazer companhia. Sim, somos seres coletivos, plurais, subjetivos, complexos. Em janeiro de 2005 os meios de comunicação noticiaram o nascimento de gêmeas prematuras que apenas demonstraram aceitação do tratamento ao serem colocadas em uma mesma incubadora.

Estudos realizados por Boff (2000:16) realizados recentemente, destacam a importância de a humanidade deixar de ter apenas uma noção biológica de si mesma, devendo assumir, ao mesmo tempo, sua inclusão indissociável na biosfera.

A noção de *comunidade de destino*, Morin (2000:123) nos remete, cada vez mais, para uma convivência ética, amorosa, solidária e, por que não dizer, feliz. É por isso que defendo o direito à ternura, à meiguice, ao afeto, ao respeito. É por isso que luto pelo direito à ternura, por acreditar ser reveladora de respeito, de cuidado e de ética.

O cuidado tem dupla dimensão: a de manter vivos os seres humanos e o planeta, e a compreensão de que a coletividade é o destino da humanidade, fato que nos faz desenvolver o sentimento de irmandade para com as outras pessoas.

O cuidado remete nossas reflexões ao conceito de figura de apego vindo a ser a pessoa com a qual a criança cria laços afetivos, indispensáveis ao seu desenvolvimento e a sua forma de se relacionar com a vida, e me insere também no conceito de Apoio Social (Vala:2000) *“como sendo um fenômeno onde, através da interação amorosa e prática de apoio entre as pessoas envolvidas no processo, é possível superar situações adversas”*.

Os vínculos são extremamente importantes para a vida das pessoas. Funcionam como vitaminas que nutrem seus organismos, fortalecendo-os, trazendo energia e um novo sentido para viver a vida.

Pesquisas (Jornal O Globo-23/01/00) realizadas junto a pacientes terminais mostram uma relativa melhora, ao ouvirem uma boa música ou ainda ao escutarem uma história. Alguém se ocupa deles, lhes dá carinho, atenção, afaga suas cabeças. O contato físico, os toques são fundamentais para a existência humana.

Estudos sobre a resiliência realizados até hoje não têm como objetivo detectar o que ocorre exatamente no interior das pessoas, fazendo com que algumas reajam ou sucumbam frente às adversidades da vida. Ainda não é possível detectar qual o conjunto de fatores que interferem em tal posicionamento. Porém, é possível detectar algumas características comuns em pessoas que passaram por fortes golpes na vida. Características que nos permitem avançar paulatinamente no sentido de compreender o processo que tece a resiliência. Hoje, já sabemos que, quando o sujeito tem um resultado positivo, apesar de toda adversidade e de todas as condições desfavoráveis, a resiliência pode emergir. Ela é um resultado

percebido a posteriori, não planejado e fortemente marcada pelo aleatório, imprevisto, adquirindo, portanto, certa invisibilidade.

Aprendemos, então, que, como educadores, não podemos prever, evitar ou planejar situações promotoras de resiliência. Mas já sabemos de situações que promovam o fortalecimento emocional como: auto conceito positivo, gosto pelo desafio, o exercício do bom humor, o cuidado consigo, com o próximo e com a natureza, esperança no futuro, entre outras, são claramente identificáveis no cotidiano escolar.

A escola é, portanto, promotora de situações que estimulam características encontradas em pessoas cujo comportamento tenha se mostrado em algum momento resiliente. E sobre esse aspecto é Lília quem nos fala mais uma vez:

Quando minhas professoras falavam que, estudando, as pessoas podiam ter uma vida melhor através de um emprego e que ganhariam o respeito de todos, eu acreditava, pois era com esses olhos que as via, com respeito e admiração.

Atividades planejadas ou não, diálogos instalados de maneira informal, um contato passageiro que seja, deixam marcas indelévels em nós e, sem nos darmos conta do processo, inscrevem em nós possibilidades de enfrentamento, fortalecendo-nos, fazendo-nos sentir, mesmo que de forma inconsciente, que é possível superar situações adversas.

Podemos externar atitudes resilientes, portanto não apenas no que se refere às atitudes sofridas como também às palavras ouvidas. E quanto a isso, também não temos controle.

Há uma ligação entre passado, presente e futuro que passa a ser explicitada pelos estudos sobre a resiliência. De alguma forma, mesmo que a pessoa não volte a demonstrar atitudes resilientes, é possível perceber que existem marcas

indicadoras de um estilo de vida mais confiante no futuro. É como se ficasse inscrito na pessoa: se fui capaz de vencer a dificuldade uma vez, poderei fazê-lo novamente.

A vida é uma construção permanente. Mesmo quando desconstruímos algo em nós, construímos algo paralelamente a este processo. Os estudos sobre resiliência me ensinaram que o ser humano cresce ao enfrentar as adversidades.

Um Ravazzola (2001:116) ao falar sobre como as ciências sociais têm se comportado, em relação à metáfora da resiliência, ressalta que “*ela tem se mostrado como frutífera para descobrir fenômenos observados em pessoas que superam as adversidades*”.

Ao conviver com crianças trabalhadoras aprendemos que, para além de descobrirem desde muito cedo a necessidade de cuidar de si e de seus familiares, alimentam a esperança em dias melhores. Acreditam na vida, lutam por ela e revelam ser, fortemente marcadas, pelo sentimento de felicidade. Onde e quando muitos teriam motivos para sucumbir, elas se revitalizam.

Demonstram ter uma atitude otimista perante as adversidades e são fortemente marcadas por elas, vendo em cada situação de crise uma oportunidade, diferente das pessoas que assumem uma postura pessimista perante a vida vendo em toda oportunidade uma crise. É, por causa da postura otimista, que as crianças pesquisadas, em sua grande maioria, se dizem felizes. *Celebram a vida...*

Para elas a felicidade funciona como um escudo, um escudo que as auxilia a enfrentar as adversidades, assumindo novos sentidos para antigas inquietações, procurando olhar para o lado bom da vida e aprendendo com isso que vale a pena insistir, continuar vivendo.

As crianças trabalhadoras e seus familiares não atrelam a felicidade à posse ou dinheiro. Atribuem a uma postura positiva perante os desafios da vida. Enfrentam

a falta de dinheiro, as situações de abandono e de penúria a que estão expostas cotidianamente, e fazem com que aprendam a olhar a vida com outros olhos, descobrindo que é possível viver com dignidade, embora sejam tratados de forma indigna por parte de nossos governantes.

Outra característica marcante na pesquisa realizada junto às crianças trabalhadoras e seus familiares é o bom humor que, traduzindo-se traduzia em um fortíssimo sinal de saúde mental. Elas acreditavam ser o bom humor um forte aliado para o enfrentamento dos desafios do cotidiano.

Os estudos sobre resiliência nos informam sobre *a importância do humor como um dos fatores promotores de resiliência. Explicam que, fisiologicamente falando não é difícil perceber que o convívio com pessoas bem humoradas é marcado por experiências de bem estar e, conseqüentemente, maior possibilidade de obtenção de sucesso.* (Rodríguez, 2001:16)

A resiliência nos coloca enquanto escola, o desafio de trabalhar com crianças que trazem este tipo de vivência acerca do mundo e das questões da vida, encontradas na felicidade, no bom humor e, principalmente, no cuidado.

* * *

A cada criança encontrada, um novo aprendizado. A cada aprendizado, novas reflexões. A cada reflexão, a descoberta do quanto o ser humano carrega em si um verdadeiro universo de possibilidades que poderão ser acionadas a partir das oportunidades surgidas na vida.

Atenta a professora continuava o seu caminhar e percebia, de forma inesperada que, apesar de não ter a intenção de pesquisar as famílias das crianças trabalhadoras, ao conviver com os pequenos também o fazia com alguns

responsáveis e, alguns fatos e histórias chamaram muito sua atenção e por isso resolveu trabalhar também com eles.

É preciso dizer que o nascimento da maior parte das crianças trabalhadoras pesquisadas, não foi planejado por seus pais, fazem parte da chamada gravidez não desejada. Muitas crianças nasceram com seus pais ainda no início da adolescência e quase sempre por causa de desinformação.

Ao entrar em contato com pais e responsáveis pelas crianças pesquisadas, embora não sendo esse o seu objetivo, um rico material de pesquisa foi aparecendo, confirmando o quanto é difícil realizar *o chamado recorte do objeto*. Cada criança tem um passado, uma família, uma história, é por eles profundamente marcada, fato que demonstra ser necessário considerá-los também.

Existem vários pontos em comum entre as crianças como: a princípio todas passam por algum tipo de privação, fazendo com que o perfil do grupo pesquisado fique cada vez mais delineado: todas têm família, embora se organizem de formas diferenciadas — algumas apenas com mãe; outras com mãe e irmãos; outras com pai, mãe e irmãs; outras apenas com pais. Todas têm para onde voltar após um dia de trabalho, são cuidadas, fazem questão de andar limpas e arrumadas para não serem confundidas com meninos de rua, e, principalmente, todas estudam e sonham com o sucesso dentro da escola, são sabedoras da importância do papel da escola em suas vidas.

Isaías trabalha fazendo carreto na porta de um supermercado da cidade, tem 10 anos de idade e mora na favela do Lixão, uma das maiores do município, abrigando hoje cerca de cinco mil pessoas em situação de extrema pobreza. Pela proximidade com o centro da cidade, com a rodoviária e com a famosa escola de samba, daquela comunidade parte um grande número de crianças trabalhadoras,

as quais, em muitos casos, se revezam com seus pais, nas idas e vindas de casa até o ponto de trabalho.

É uma das pouquíssimas crianças acompanhadas, que consegue manter contato visual com alguma pessoa de sua família durante a maior parte do tempo de trabalho. Este fato facilita aos adultos de sua família orientá-lo quando necessário, uma vez que trabalham na rodoviária em frente ao referido supermercado. Apenas a título de informação, a rodoviária mencionada é a mais movimentada da cidade, recebendo por dia cerca de 25 mil passageiros diariamente. São pessoas que utilizam as linhas de ônibus intermunicipais e interestaduais.

Com D. Josefa, mãe de Isaías, começamos a perceber a preocupação das mães com os riscos a que seus filhos estão expostos durante o período de trabalho:

- Sabe como é, né? A gente tem que ficar de olho, senão o bicho pega. Minha mãe, a avó dele sempre dizia: é de pequenino que se torce o pepino.

Com pai, mãe e duas irmãs, Isaías divide uma casa de alvenaria com apenas quatro cômodos. Trabalham sonhando com a possibilidade de ampliá-la, objetivando maior conforto para todos. Sonham em mudar de vida, embora não falem em sair da favela, o que chamou atenção da perceptiva professora que ouvia atentamente, uma vez que passou a perceber a existência de níveis diferentes de pobreza no interior da favela. Em alguns casos, mesmo sendo possível, as pessoas não pretendem de lá sair.

Como D. Josefa, outras mães também se preocupam com a segurança de seus filhos durante o período em que trabalham nas ruas e buscam, como podem, zelar para o seu bem estar, não abrindo mão de orientá-los e educá-los mesmo em situação de trabalho. Para elas, o fato de as crianças trabalharem, não as impede de exercerem o papel de mãe.

Se, por um lado, no universo das mães das crianças trabalhadoras, existem as que se preocupam com a segurança de seus filhos durante o período de trabalho, não abrindo mão de educá-los permanentemente, por outro lado, existem aquelas que se comportam de forma diferente, deixam seus filhos pelas ruas, demonstrando, aparentemente, não ter qualquer preocupação com os filhos, no que se refere à segurança e à educação.

Este segundo grupo de mães é composto de pessoas que, apesar de serem relativamente novas, perderam a alegria de viver, não acalentam sonhos, não acreditam na vida, não têm por que lutar. Massacradas que são pela aridez da pobreza, estigmatizadas por suas histórias de vida, têm como uma das conseqüências do estado de abandono em que se encontram, o abandono de seus filhos. É um grupo que muito mobiliza. São pessoas, seres humanos em profundo processo de desumanização, mulheres entre vinte e quarenta anos, portadoras de fisionomias sofridas, aparentando ter muito mais idade do que realmente têm.

É difícil constatar a situação em que algumas pessoas se encontram sem nos consternar. A palavra constatar é utilizada porque ao conviver na Baixada Fluminense há tantos anos, acompanhando o empobrecimento e o envelhecimento cada vez mais rápido da população de rua, não há como não solidarizar-se. Nos últimos anos, mais diretamente com as crianças trabalhadoras, imagina o quanto deve ser difícil a vida das pessoas, porém, ao deparar concretamente com a realidade dos fatos, tudo se redimensiona. Concorda com Frederico Felini, ao falar sobre o efeito da imagem sobre as pessoas: *“uma imagem fala mais que mil palavras.”* A concretude do real tem muita força e possibilita- inferir sobre um fato inúmeras leituras, obriga a rever a vida e a repensar o mundo.

Nos rostos e corpos daquelas mulheres não há sinal de cuidado pessoal. Parece que não ligam para a aparência: nenhum batom, nenhum creme ou perfume e, com roupas andrajosas, movem-se por toda parte. Por entre cenário de profunda pobreza exercem cotidianamente suas existências, esquecidas dos velhos sonhos acalentados e da figura humana que um dia foram. Como afirma Rosângela, mãe de Felipe: *Quando me olho no espelho, não me reconheço mais, estou muito acabada...*(lágrimas nos olhos).

Pensativa a professora lembrou, por exemplo, nas mulheres indígenas, sem nenhum conforto a partir da ótica das pessoas que moram na cidade, vivem, ao ar livre, em ocas e procuram, de acordo com a sua cultura, os cuidados essenciais com seus corpos, cabelos e pele. Sei que não posso comparar as duas situações. A própria sociedade em que ambas se encontram inseridas dá o matiz diferenciador. Ser integrante de uma comunidade indígena, com um contato direto com a natureza, retirando dela os produtos necessários para os cuidados básicos, é completamente diferente, de ser urbanizada, desgastada e sofrida. Portanto, penso ser possível, apesar de toda limitação imposta pela situação financeira, descobrir um caminho para o cuidado consigo mesmo e com as outras pessoas, Cuidado com a aparência, com o que se fala, com o que se faz, com o que se acredita. Haverá sempre uma forma melhor de nos mover no mundo e de sermos nele e com ele.

Não se refere aqui ao estado de relaxamento ou desleixo em que algumas pessoas, homens ou mulheres, independente do sexo, uma vez que esta não é uma questão de gênero, se encontram. Refere-se à questão do *cuidado*, já mencionado anteriormente, essencial à existência humana.

A tristeza está por toda parte, sendo difícil permanecer ali por muito tempo. A bem da verdade, fica chocada ao constatar o abandono social, humano, ético e moral a que estão expostas. São mulheres jovens ainda e, sem nenhuma perspectiva para o futuro. A despeito do dito sobre a questão do cuidado, ele não faz parte das

vidas daquelas mulheres. É como se não tivessem motivo para se agarrar à vida, como se estivessem mortas em vida, sem terem por que lutar, se refugiavam na bebida ou nas drogas.

Ao falar *refugiar*, o faz por ter aprendido com elas que tanto a bebida quanto as drogas funcionam como um abrigo, onde podem ficar até a situação melhorar. Porém, o que elas não conseguem perceber é o quanto este artifício só piora a situação, mantendo-as cada vez mais distantes da solução.

É preciso registrar o sentimento de impotência que, às vezes, a invade, como no episódio de Rosângela:

Sei o quanto estou tomada pelas sensações provocadas pelo ambiente, pelas pessoas, pelo aspecto deplorável da comunidade, onde lixo, animais e pessoas desfrutam o mesmo espaço ou tudo o mais, porém o que mais me incomoda nesta situação, como um todo, é o sentimento de impotência que me invade. O que fazer diante da constatação dos fatos? Como auxiliar, amparar uma pessoa que se encontra nesta situação?

Qual o papel do pesquisador nestes momentos? Quem fala primeiro, o ser humano ou a pesquisadora? Há como separá-los? O que fazer? Choro junto?

(Apontamentos de campo, 05/03/02)

Esta é uma situação recorrente em seu trabalho. Sabe sobre o quanto a própria origem do vínculo dá o tom da conversa, porém, mais uma vez a questão do mito da neutralidade se faz presente. Antes da pesquisadora, existe um ser humano com sensibilidade, capaz de colocar-se no lugar do outro, com um acentuado sentimento de compaixão pelo próximo e politizada o suficiente para perceber que toda situação é uma construção social e, portanto capaz de ser modificada a partir da ação do próprio homem.

Com o episódio de Rosângela, aprendeu que o pesquisador não pode tudo, mas pode algumas poucas coisas e, com este aprendizado, é possível, em alguns casos, conversar com as pessoas sobre seus sonhos, por menores e imediatos que sejam, fato que se transforma em um exercício de potencialização das crianças e seus familiares, permitindo-lhes perceber o quanto podem fazer por elas mesmas.

Não existem super-homens, príncipes encantados ou políticos salvadores da pátria externos a nós. Todos habitam a nosso redor, e somos capazes de chamá-los à cena no momento adequado. Ninguém poderá fazer por nós aquilo que teremos de fazer, cabendo-nos a escolha. É sempre assim: estamos submetidos ao eterno processo de escolha. Se as condições não forem favoráveis no momento, é preciso fazê-las favoráveis; é um exercício que demanda tempo, sonho, planejamento, perseverança e ação.

Lições como estas são aprendidas pela professora aprendiz no berço de sua criação, nos estudos e junto às crianças trabalhadoras e suas famílias e foi com elas que tentei lidar com as situações existenciais trazidas pela pesquisa, desafiando-a a repassar antigas lições de vida e humanidade. Assim, sensibilidade, emoção e racionalidade passaram a dialogar permanentemente dentro da mulher, que se faz professora e que se pretende pesquisadora.

Cresce no sentido freiriano ao dizer que saber e crescer têm tudo a ver:

“Crescer faz parte da experiência vital.(...) Crescer entre nós é um processo sobre o qual podemos intervir. (...) Crescer fisicamente, normalmente, com o desenvolvimento orgânico indispensável; crescer emocionalmente equilibrado crescer intelectualmente através da participação em práticas educativas quantitativa e qualitativamente asseguradas pelo Estado; crescer no bom gosto diante do mundo; crescer no respeito mútuo, na superação de todos os obstáculos que proíbem hoje o crescimento integral de milhões de seres humanos espalhados pelos diferentes mundos em que o mundo se divide, mas, sobretudo, no terceiro. (Freire, 1982:125-126)

Crescer no bom gosto diante do mundo; crescer enquanto pessoa, ser humano, mulher, gente. Saber-se partícipe de uma mesma comunidade planetária, de uma mesma sociedade e, principalmente: saber-se em devir, saber que imprime em nós a possibilidade de permanente superação sabendo-nos não determinados.

Com apenas nove anos de idade, Paulo trabalha também fazendo carreto, no mesmo supermercado. Mora com a mãe e com uma irmã de doze anos que trabalha como babá. Perdeu o pai há cinco anos e diz lembrar-se pouco dele. Gostaria muito que ainda fosse vivo. A mãe trabalha como doméstica, recebe cerca de um salário mínimo por mês e conta com o auxílio dos filhos para reforçar o orçamento familiar.

Paulo é uma criança feliz, brinca, trabalha e estuda, gosta da escola e fala sobre a aula que gostaria de ter:

_ Uma aula que a professora respeite seus alunos e que seus alunos também respeitem ela.

O fato de trabalhar não impede nossas crianças de sonharem com o tipo de escola, aula e professoras que gostariam de ter. Paulo se assusta muito com o desrespeito existente entre alunos e professores, o que o deixa apreensivo, dificultando sua aprendizagem.

E continua Paulo:

- Professora estressada, aluno estressado, você já viu né... Coisa boa é que não vai dar. Todo mundo fica nervoso, o clima esquenta, é muito chato. Tem gente que

não liga, mas eu ligo estou aqui para aprender, não para ouvir brigas. Chega lá na rua, quero paz.

Embora seja criado em um ambiente de extrema violência, Paulo com ela não compactua, demonstra sofrimento com a violência e busca isolar-se sempre que possível. Sua sensibilidade é evidente e sente-se ameaçado com posturas agressivas por parte das outras pessoas. Apesar de trabalhar nas ruas e estar exposto a variadas formas de violência, Paulo não se acostuma e busca para si, sempre que possível, a paz.

Compreende, já tão jovem, a importância da paz, do respeito aos seus direitos e aos direitos das pessoas. Sabe que a paz é construída cotidianamente. Através da convivência com as pessoas, aprende sobre a importância da paz. Como diz Tiago de Melo no *Estatuto do Homem*:

“O Estatuto do Homem

Artigo Primeiro

Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo Segundo

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo Terceiro

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo Quarto

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único

O homem, confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Artigo Quinto

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Artigo Sexto

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Artigo Sétimo

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor.

Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo Oitavo

Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.

Artigo Nono

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo Décimo

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único

Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

Artigo Décimo Primeiro

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais compra o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso e das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem."

(Santiago do Chile, abril de 1964 dedicado a Carlos Heitor Cony)

(<http://www.vidaem poesia.com.br/thiagodemello.htm>)

Em notas do caderno de campo encontramos:

Realmente, uma das coisas que mais chamam minha atenção é a forma com que Paulo encara a vida e as questões que a ele chegam. O que o faz se preocupar com questões como direito e deveres, razão, paz? Por que elege esses e não outros temas? Como e quando aprendeu a se ocupar dessas questões? Sei que as crianças não são iguais. As pessoas também não, mas parece-me que tais temas não são comuns entre as crianças. Ou ao menos não eram...

(Caderno de campo, 10/05/01)

A criança é a criança do seu tempo. Caso estas não fossem questões emergentes da época atual, certamente Paulo não se ocuparia com elas, e sim, com as advindas de outras situações que o mobilizariam. Os dias atuais exigem do pequeno trabalhador uma forma diferenciada de ser criança, de se mover no mundo, de ser gente, pois vive em um contexto de emergência que o obriga a descobrir ou até mesmo criar novas formas de sobrevivência.

Por estar exposta a freqüentes desafios a criança trabalhadora que, na urbanidade trabalha, é obrigada a desenvolver habilidades de sobrevivência em situações limites, aprende a controlar a emoção e a dar boas risadas ao pensar no que a ela ocorre. Possuidora de saúde mental invejável, aprende com a vida, sobre a transitoriedade das situações limitadoras em que ora se encontra e que, suportando os momentos mais difíceis, poderá superá-las .

Como suporta as situações limitadoras? Com quem conta? Como aprende a conviver em um contexto de emergência? De onde retira força e energia para enfrentar o dia seguinte? Como consegue ser feliz apesar das condições? Compreendemos ser principalmente em um cadinho como este que poderão ser forjados comportamentos resilientes como o apresentado pelas crianças trabalhadoras.

Durante os anos em que convive com as crianças trabalhadoras, não se lembra de tê-las visto deprimidas com as questões que as obrigam a trabalhar. Tristes sim, mas deprimidas não; muito pelo contrário, tiram, não sabe bem de onde, uma alegria, uma esperança e uma vontade de viver, difíceis de ser encontradas em muitos adultos em situação semelhante, talvez porque a criança não tenha a dimensão real dos fatos.

José tem 13 anos, trabalha fazendo carreto em supermercados, criança calada, fala pouco, porém presta atenção a tudo o que ocorre à sua volta. Com um

comportamento arreadio, não se envolve em brigas ou brincadeiras e se afasta sempre das situações geradoras de tumulto. Com ele, passei a ter mais atenção sobre os direitos das crianças no que se refere aos processos vividos em aula:

- (...) não gosto quando a professora grita e sacode a gente.

José demonstra levar a sério seus estudos. Durante o período de trabalho, nos intervalos, faz os deveres de casa para obter boas notas. Teme perder mais um ano letivo, porém, reclama da atitude da professora para com seus alunos e o faz de forma bastante irritada. Para ele, a rua já é bastante barulhenta e agressiva, não precisa ocorrer o mesmo dentro da escola.

Algumas crianças compartilham da visão de José. Acreditam que a escola pode ser um lugar de paz, de convivência respeitosa, onde as pessoas são consideradas e não achincalhadas publicamente, ficando em evidência a partir do que têm de pior. Creio não haver dúvidas, entre nós, sobre o fato de que as crianças aprendem com o exemplo e do quanto a convivência coletiva é aprendida na escola, portanto cuidar para que as pessoas convivam eticamente em seu íntimo, também é tarefa do educador.

E continua José lembrando-se dos ensinamentos de sua mãe, D. Cleuza:

-Quem tem vergonha, não envergonha aos outros.

As crianças trabalhadoras são atentas a muitas coisas e José mostrou o quanto leva em consideração os ensinamentos de sua mãe e os aplica em sua vida cotidiana. Ele sabe que o dito por sua mãe não deve ficar restrito ao ambiente familiar. Percebe o quanto a escola também é lugar de exercitar o respeito pelo outro, independente da idade, cor, sexo ou função que exerça.

A compreensiva professora acredita que José esteja falando não apenas de respeito, mas de uma convivência mais ética, fraterna e humana entre as pessoas;

está se referindo aos processos subliminares de exclusão pelos quais as crianças passam na escola a partir da superexposição de que algumas são vitimas, assunto sério para uma criança na idade de José, porém necessário para nossas reflexões.

Ela tem se preocupado, ao longo de alguns anos, com essa questão também. Fica pouco à vontade com o desrespeito com que algumas professoras se tratam, conforme evidencia o diálogo travado entre duas professoras, sobre o almoço:

- *O que tem para o almoço?*

- *Colega!*

Poderia ter trazido inúmeros outros diálogos para ilustrar a reflexão, porém traz este por considerá-lo emblemático. Longe dela intenção de denegrir a imagem da escola. Sebe que ela não é apenas isso, mas também o é, e acredita ser esta situação importante de ser trazida por afetar diretamente muitas crianças, embora nem todas a verbalizem.

O tipo de refeição a que a professora se referia era a galinha, e ao chamá-la de colega, evidencia o uso popular. Ao comparar-se e ao comparar sua colega a esta ave o faz no sentido conotativo, desrespeitando a si e a sua colega. Diálogos como esses são comuns no interior das escolas entre os professores, fato que muito me assusta, uma vez que a naturalização desses processos nos remete à possibilidade de repeti-los com as crianças. A banalização da convivência entre adultos e crianças deixa a todos expostos, trazendo-lhes o desrespeito e a falta de consideração.

Com indignação chega a se perguntar como é possível a um educador tal atitude. Sabe que não são santos e nem modelos de virtudes, porém nos comunicamos também a partir de como nos expressamos e nos comprometemos com as situações. Se este fosse um caso isolado, talvez não chamasse minha atenção

como chamou e não faria hoje parte de minhas reflexões. O que evidencio aqui é o fato de o mesmo tratamento ser estendido às crianças, a partir de um processo de naturalização da forma desrespeitosa com que as pessoas se tratam.

O fato de José ser aluno não o impede de perceber o quanto as crianças aprendem com e na escola sobre o desrespeito. Dizendo de outra forma, a escola, em muitos momentos, ao educar, deseduca também. A professora pesquisadora traz este fato à tona exatamente por acreditar que o mesmo ocorre por falta de atenção por parte dos professores, e não para expor a escola e os profissionais que nela atuam. Muito pelo contrário, o faz por acreditar que, ao colocar a temática em pauta, a situação passa a receber um tratamento diferenciado da invisibilidade ou mesmo naturalização, objetivando sua superação. Bem, passemos a Alex.

Com apenas dez anos, é integrante de uma família numerosa, tem quatro irmãos e, por ser o primogênito, começou a trabalhar para auxiliar na composição da renda familiar. Ele engrossa as fileiras das crianças trabalhadoras e impele a professora aprendente a pensar sobre sua forma de ver a bagunça feita pelos alunos durante as aulas. O diálogo a seguir é elucidativo e deixa transparecer o seu pensar sobre esta questão. Ao ser perguntado sobre o que menos gostava dentro da escola respondeu com ar enfezado:

_ A bagunça dos alunos.

- Mas, fazer bagunça não é bom? Você não gosta?

-Hora de estudar é hora de estudar, hora de bagunçar é hora de bagunçar. Uma coisa é uma coisa, outra coisa, é outra coisa.

Retomando o caminho de volta para a casa, longe do local onde tudo se passou, pensa na experiência que acabara de vivenciar. Por estranho que possa parecer as crianças refletem sobre as situações vivenciadas na escola e, o fato de não falarem sobre elas, não significa que não foram por elas tocadas. Embora seja o

caminho de todos os dias, ela está diferente, tomada pelos pensamentos questiona-se sobre a quantidade de situações experienciadas dentro das escolas pelas crianças e que os professores nem se dão conta. Pensa consigo mesma: Quantos universos cabem em uma sala de aula?

II

O Pensar das professoras sobre as crianças trabalhadoras

A professora aprendente, ao continuar com o seu trabalho junto às crianças trabalhadoras, resolveu fazê-lo nas escolas em que elas estudavam e lá conhece as professoras com as quais também aprendeu. Ao falar sobre a temática do seu trabalho percebeu o espanto nos rostos e no tom da voz das pessoas que ainda não se aperceberam da importância dele. É quando se lembra de que os dados estatísticos sobre o trabalho infantil são extremamente escassos, e que esta falta de informação é resultado do próprio caráter assumido pelo trabalho infantil que, em sua grande maioria, passa despercebido, constituindo um fenômeno oculto e porque multifacetado e complexo, urge estudá-lo.

A partir dos estudos sobre o trabalho infantil, ela tomou consciência de que ele só foi verdadeiramente descoberto como um problema em si, no final dos anos 80 e início dos anos 90. Portanto, enquanto categoria de estudo, é extremamente novo.

Ela percebeu que, pensá-lo a partir da ótica da escola, não seria diferente. Com tantos outros temas a serem priorizados pela instituição, acredita ser este mais um a tomar novos contornos dentro do cotidiano escolar, a partir principalmente dos altíssimos índices de desemprego no país e da necessidade do reforço da renda familiar advinda dos baixos salários dos pais das crianças que, por força de seu contexto econômico, precisavam trabalhar.

Ao conviver com professoras de crianças trabalhadoras, busca fazê-lo a partir de algumas questões que há muito a inquietam. São questões construídas com base

no convívio com as crianças trabalhadoras em seus ambientes de trabalho e também nas escolas em que estudam.

O que as crianças pensam sobre o trabalho infantil? Por que trabalham? Você conhece ou conheceu alguma criança trabalhadora? Há diferenças entre a criança que trabalha e a que não trabalha? O professor da criança que trabalha precisa desenvolver alguma característica diferente para com ela lidar? A criança trabalhadora traz algum tipo de desafio para seu professor? Há alguma pergunta que gostaria de fazer sobre este tema? São questões construídas durante o processo de pesquisa e que se unem a inúmeras outras elaboradas ao tentar compreendê-las.

Seu principal objetivo é o de tentar compreender o pensar das professoras sobre o trabalho infantil e como vêm as crianças trabalhadoras. A grande maioria, para seu espanto, sequer pensou sobre o assunto. É o que ocorreu, por exemplo, com Ana Luiza ao dizer:

- já tenho muita coisa para me preocupar, se ainda trago mais essa, minha cabeça não agüenta.

Ela está com cinqüenta anos de idade e trabalha há vinte, em escolas, tendo sido, anteriormente, apenas dona de casa. Com dificuldades, retomou os estudos após quinze anos e se acreditava em desvantagem em relação às professoras mais jovens. Seu rosto traz o cansaço e a desesperança advindos do magistério. Seu olhar só se iluminava com o contato com as crianças e diz freqüentemente gostar de dar aula que, para ela é o melhor momento do dia.

Diferente ocorreu com Rosa, professora acompanhada, em situação de pesquisa, que revelou em sua fala um altíssimo índice de rejeição no que se refere ao tema pesquisado:

- Não gosto da idéia, nego - me a pensar, a discutir, é horrível!!.

Ao repelir, se indignar e, até mesmo, se negar a falar sobre o assunto, dificultava, cada vez mais, a possibilidade de compreendê-lo como um fenômeno histórico, político, econômico e social e, por não levá-lo em conta, inviabilizava a escola, para a criança trabalhadora que tanto necessita dela, pois, com base nos conhecimentos fornecidos por ela, melhor transitará no campo de trabalho e na vida.

Tomar consciência de que a criança trabalhadora constrói seus próprios mecanismos de sobrevivência no mundo do trabalho, independente da quantidade de anos que tenha passado na escola e da qualidade dos ensinamentos lá aprendidos pode auxiliar em uma futura organização curricular, por exemplo.

O papel da escola na vida da criança trabalhadora é de fundamental importância e a professora aprendente reconheceu com as crianças trabalhadoras e seus familiares ser a escola fonte propulsora dos aprendizados necessários à luta pela sobrevivência e faz parte do movimento de superação em que ora se encontram, porém afirma que, o processo de trabalho infantil também é pedagógico. É lidando com ele que a criança trabalhadora aprende a trabalhar, se virar, ir à luta e defender seu ganha pão.

A bem da verdade, é também para aqueles que o pesquisam, é nele e com ele que vem aprendendo nos últimos anos a refletir sobre o trabalho infantil. Durante

as idas e vindas de dela, no processo de pesquisa, conheceu Marcelo e com ele conversou sobre como faz para trabalhar sem saber ler e escrever:

- Quando vim trabalhar na rua, não sabia ler direito só copiava do quadro. Hoje sei ler mais ou menos.

- E como fazia antes de saber ler mais ou menos?

- Olhava as cores, decorava as embalagens, pedia ajuda aos garotos legais e até a alguns clientes. O preço da mercadoria aqui é um só e, acabei decorando. Aprendi sozinho. Alguns garotos também me ajudaram.

Com apenas dez anos de idade, Marcelo falava pouco. Fisionomia fechada trabalha vendendo doces, mas, em alguns momentos, parecia meio amedrontado com a rua. Reprovado sucessivas vezes pela escola, precisa trabalhar e com este aprendeu sobre o mundo do trabalho que está repleto de possibilidades de aprendizagens positivas como, por exemplo, as relatadas por Marcelo e também as negativas, como fumar e beber.

Marcelo reconheceu a importância da escola em sua vida profissional, quando perguntou:

_Você não acha que se eu estudar mais posso fazer coisa melhor, ganhar mais dimdim?

A pergunta feita por Marcelo não deixa dúvidas sobre a função da escola em sua vida, leva-lo-ia a superar o estágio em que atualmente se encontra. Outras crianças trabalhadoras também narraram para a professora aprendente fatos semelhantes a respeito do papel da escola em suas vidas, e ela se preocupou

com o fato de a escola, a partir da figura de seus profissionais, se negar a aceitar o trabalho infantil como ponto a ser levado em consideração durante o planejamento, execução e avaliação de seus conteúdos e métodos.

Ao negar a contribuição do trabalho infantil para os conteúdos curriculares, a escola fechava os olhos ao fato concreto de que as crianças trabalham cotidianamente, lavando louças, limpando a casa, cuidando dos irmãos e até mesmo estudando. Consideramos o estudo uma forma de trabalho, pois nele, a criança emprega tempo e energia.

Atenta, a professora aprendente tomou consciência de que levar em consideração o fato de as crianças trabalharem é diferente de dar-lhes tratamento especial. Defende a antiga idéia de que, ao saber sobre seus alunos, seus familiares, o local em que vivem e como vivem, a escola pode obter mais sucesso junto a elas.

Como a criança trabalhadora é vista pela escola?

A criança trabalhadora, no ambiente escolar, assume variadas posturas. Dentre elas é possível destacar a independência no que se refere às normas do cotidiano da sala de aula. É compreendida como algum tipo de problema de comportamento: bagunça, rebeldia ou agitação. Outra postura fortemente percebida é a apatia, que é traduzida em alguma forma de problemas de atenção ou concentração como: sonolência e distração, ou seja, são rotuladas. Mesmo desconhecendo o fato de a criança trabalhar, os professores a rotulam e a professora aprendente leu em um livro escrito por Leo Buscaglia um outro autor por ela admirado, que *os rótulos são fenômenos que distanciam, eles nos separam de outros homens.*

Os rótulos empregados são pejorativos e, como todos os outros, impeditivos do conhecimento da criança, de suas crenças, cultura, etc. Ao rotular a escola só vê a criança a partir de uma única ótica emprestando a ela - única ótica - o sentido de totalidade. Por trás da criança agitada ou que dorme, há uma criança que trabalha, que luta no ambiente escolar para sobreviver com sucesso, apesar das aparências indicarem exatamente o oposto. Sentir-se compreendida em suas especificidades pode fazer com que a criança trabalhadora se acredite aceita pela escola e consiga nela conviver de forma mais integrada.

Saber se seus alunos trabalham ou não, é um dado importante a ser levado em consideração, transformando-o, inclusive, em conteúdo pedagógico; uma vez que a visão de sociedade, de homem e de mundo das crianças trabalhadoras, é muito diferenciada das outras crianças.

Neste caso sugerimos uma composição articulada entre os saberes das crianças que trabalham e das que não trabalham, objetivando a melhoria da qualidade de ensino. Trabalhando com os fatos de sua pesquisa, constatou a força do aprendido com um de seus professores, Wanderley Geraldi: *“Os dados são sempre mais, muito mais ricos do que nossa possibilidade de interpretá-los.”*

No que se refere ao pensar das professoras sobre o infantil, a pesquisa revela um outro tipo de sentimento: o sentimento de pena por parte das professoras para com as crianças trabalhadoras, um sentimento que, não superado, paralisa qualquer atitude que pode ser tomada, pedagogicamente falando.

É um dia de verão, mês de dezembro, a escola está envolvida com as festividades de encerramento do ano letivo e há no ar uma atmosfera que irradia, ao mesmo tempo, alegrias e tristezas. Alegrias para professores e alunos que sabem do

sucesso obtido após um ano de trabalho e estudo, e de tristeza para aqueles que, apesar de terem trabalhado e estudado, o sucesso não chegara até eles.

Este é um período do ano letivo que as professoras gostam que chegue, pois em breve podem desfrutar de merecidas férias. No entanto, também é um período em que avaliam o processo educacional vivido, o rendimento dos alunos e seu próprio rendimento.

Por mais que resistamos em pensar, é exatamente assim que as coisas se processam. O sucesso profissional do professor está ligado ao sucesso do aluno. Vivendo ambos o mesmo processo, em um mesmo espaço, interagindo cotidianamente em sala de aula, não seria possível avaliá-los separadamente. Ambos fazem parte de uma mesma realidade.

Daniela tem 22 anos de idade, é estagiária em uma das escolas acompanhadas. Com ela foi travado o seguinte diálogo:

- Em seu curso de Formação de Professores ou o de Pedagogia, chegou a tratar, ler ou estudar sobre o trabalho infantil?

- *É uma situação muito complicada, pois essas crianças poderiam estar estudando e tendo uma infância. Não acho correto, é muito triste, tenho pena delas.*
- *Nunca ouvi falar sobre isso. Não me sinto preparada para trabalhar com esse tipo de criança. Às vezes vejo na rua, não chamam minha atenção, é como se eles fizessem parte da paisagem.*

A fala de Daniela nos faz pensar sobre o que significa dizer que a criança trabalhadora faz parte da paisagem. É como se a professora invisibilizasse,

despotencializasse, tornasse-a inexistente. Trazendo este fato para dentro da escola, se inexistente, é nada, não conta, não tem vez e não tem voz. Como poderia então estabelecer um processo educacional se a figura do outro fora abandonada?

Daniela não teve o objetivo de agir assim, porém, é assim que as coisas se processam, excluindo a criança. O fato de a criança trabalhadora estar em sala de aula não significa que seja levada em conta. É como se estivesse apartada do processo, o que vem a ser diferente de excluída, uma vez que, para excluir, é preciso existir.

Daniela ignorava que havia na turma uma criança que trabalha vendendo flores nos bares da cidade. Sobre ela sabia apenas que diferia das demais por dormir, de vez em quando, durante a aula. Referia-se a ela dizendo: *Parece que está sempre com sono*. Ao perceber a conseqüência, abria mão de investigar a causa, ou seja: por que ela dorme durante alguns momentos em aula, principalmente, nos menos envolventes e empolgantes? Além de trabalhar, ele estudava e esse fato o diferenciava dos demais, apenas por parecer sonolento. Se a criança que não trabalha à noite dorme durante as atividades menos envolventes, imagine a criança que trabalha. Neste caso, embora dificulte a permanência da criança de forma ativa na escola o seu trabalho não a impede de estudar.

Outro aspecto importante na fala de Daniela e de muitas outras professoras é o fato de a criança trabalhadora também viver a seu modo, sua infância. O trabalho não a impede de vivê-la, muito pelo contrário, no local de trabalho, também brinca, se diverte, briga, ou seja, o fato de trabalhar não a impede de ser criança, apenas são crianças com maior responsabilidade.

Um grande número de professoras acredita que a infância precisa ser vivida plenamente pelas crianças, longe das exigências do mundo do trabalho; porém é importante sinalizar o fato concreto da necessidade do trabalho para as famílias menos favorecidas. O ideal seria que não trabalhasse, porém, em caso de necessidade é preciso que a atenção de todos se volte para a questão: ela não apenas trabalha, é uma criança vivendo como pode sua infância.

Dados do IBGE revelavam que, aproximadamente quatro milhões de crianças de 14 anos trabalham no Brasil. Esses dados denunciavam de forma bastante veemente o altíssimo grau de esfacelamento dos tecidos econômicos e sociais a que chegamos.

As crianças pesquisadas ficam diariamente expostas ao sol, à chuva e a todo o tipo de incidentes possíveis de serem experimentados por quem trabalha nas ruas. Sobrevivem vendendo os mais variados tipos de mercadoria, do chiclete às rosas, dos refrigerantes ao amendoim. Também fazem carretos em feiras-livres ou empacotam alimentos nos supermercados. Todas buscam, de alguma forma, auxiliar seus familiares.

Chama a nossa atenção, cada vez mais, a dificuldade de as pessoas se compadecerem com a situação do trabalho infantil, passando pelas crianças trabalhadoras como se fizessem parte da paisagem, ou seja, não chamam a atenção, não tocam as pessoas. Estas vêm a situação como sendo natural e até mesmo necessária. Uma percepção que não é apenas de Daniela, muitos comungam dela, inclusive professores.

Estar desatento à questão do trabalho infantil, vê-lo e aceitá-lo como natural, de nada ou muito pouco nos vale. Perdemos a oportunidade de questioná-lo, de nos compadecer com ele e de transformar nosso questionamento e nossas

compaixões em fonte propulsora para a transformação da forma com que as crianças trabalhadoras são encaradas pela escola, por seus professores e colegas de turma e, mais do que tudo, da forma como percebem serem vistas pela escola.

O que nos falta?

Como sempre, existe o outro lado da moeda, recorreremos ao depoimento da professora Carla que, na época, era diretora de uma das escolas onde pesquisa é desenvolvida.

- O que pensa sobre o trabalho infantil?

- É altamente desumano, pois a criança deve ter direito ao estudo e à brincadeira, porém, tenho contato com crianças que precisam trabalhar para garantir, ao menos, a comida. Na escola, enquanto diretora, procuro incentivar esses alunos para que não deixem de estudar.

Apesar da proposta inicial da pesquisa não ter sido o acompanhamento das professoras de alunos trabalhadores, a força do cotidiano pesquisado levou a professora aprendente a caminhar por outras veredas e, em uma delas, encontrou Carla, 22 anos, diretora de escola. Com seu sentido atento para as questões do trabalho infantil, procurava fazer com que as crianças trabalhadoras de sua escola permanecessem, o máximo possível por lá, mantendo a qualidade do atendimento educacional a elas oferecido.

Crianças que trabalham para garantir ao menos a alimentação não se traduzem em exceção no mundo do trabalho. Muito pelo contrário, têm sido a regra. Muitas pessoas argumentam, com razão, que é melhor a criança estar na rua trabalhando

do que estar solta, fazendo *o que não deve*. Lembram-se até das que, desde cedo, trabalham e hoje são pessoas bem sucedidas.

É com profunda tristeza que a professora aprendente alertou-se de que qualquer que seja a posição, que nos lembremos: são apenas crianças e a divisão da responsabilidade do sustento da família com elas só pode ser fruto de uma economia desigual como a nossa, herança de uma sociedade escravocrata, um verdadeiro infanticídio, algo comparado apenas ao holocausto.

Embora a legislação brasileira proíba o trabalho infantil abaixo de 14 anos, é com facilidade que constatamos o oposto. Ao circular com um pouco mais de atenção pelas ruas das grandes cidades do país, detecta-se o alto índice de crianças trabalhando de sol a sol, dia e noite, não importando se estejam com cinco, oito ou dez anos.

Sendo o papel uma folha em branco, aceita de forma passiva tudo o que nela é impresso e dar seqüência ao que está escrito, é uma outra história. Porém, devolver ao país o crescimento econômico, propiciar a ampliação do número de empregos, garantir escolas para todos, são tarefas que encontram em sua concretização inúmeros empecilhos e, a professora aprendente não tardou a perceber o quanto o trabalho infantil está diretamente ligado a essas questões.

Na grande maioria dos países chamados de “primeiro mundo”, crianças abaixo de 15, 16 e às vezes 18 anos, não podem trabalhar. A visão de sociedade, de homem e de mundo nesses países é essencialmente diferente da nossa. Projetam para os cidadãos o que há de melhor no que se refere à saúde e educação. Ao tomar como principal exemplo a Noruega ela o faz porque este é o país onde todas as necessidades básicas da população foram atendidas. Alunos que estudam, o equivalente aqui ao ensino médio, recebem por mês mil reais para estudar; enquanto no Brasil uma pessoa que trabalha em média de dez a doze horas por

dia recebe o equivalente a trezentos e dezesseis reais, para sustentar a si a seus familiares. Enquanto lá, eles ganham para estudar, aqui a classe empresarial da área de transporte associada ao setor jurídico, por exemplo, age de forma a impedir o direito da criança de sair de casa para estudar.

Indignada a professora aprendente questiona: o que se passa conosco? O que realmente queremos para nossas crianças? E para o nosso país? Por que tanta injustiça social? O que há de errado?

Ela sabe sobre as inúmeras e profundas contradições econômicas e sociais existentes no país, fato que a faz reafirmar, cada vez mais, a necessidade de superar a violência existente contra a criança através da exploração de sua mão-de-obra.

Sem poder fechar os olhos ao considerável número de desempregados e de subempregados existentes no país, uma vez que ambos também produzem a necessidade da utilização da mão-de-obra infantil, insiste em refletir sobre alternativas de superação. É exatamente por isso que é enfática ao afirmar que o trabalho infantil não deixará de existir no Brasil, enquanto suas principais causas não forem eliminadas, causas herdadas de sucessivos governos comprometidos com interesses adversos aos da população.

Embora compartilhe da visão de que o trabalho infantil tem origem no desrespeito e na exploração, acredita que ambos são relativos e dependem da situação em que estejam envolvidos. Aprendeu com as crianças e com seus familiares que o trabalho infantil nem sempre passa por essas questões.

As crianças pesquisadas são altamente respeitadas por seus familiares e estes contam seriamente com o trabalho daqueles para o orçamento familiar. As crianças, por sua vez, sentem-se importantes, valorizadas, ao dividirem com seus familiares tal responsabilidade. Entre o ideal e o real, a professora aprendente acaba optando por compreender que, nesse caso, respeitar a criança é deixá-la trabalhar para que não venha a morrer de fome.

Ela ressalta o sentimento de pena que cumpre, eminentemente em nós, um papel paralisante, de acomodação, despertando em algumas pessoas o desejo de ajudar através de atitudes isoladas, descontextualizadas e despolitizadas, fazendo com que as crianças permaneçam na mesma situação, não transformando em nada as suas e as nossas vidas.

Mais um ponto de reflexão é o binômio: exploração /desrespeito por aparecer com bastante veemência em sua pesquisa. São tratados coordenadamente por compreender que um está inteiramente ligado ao outro.

Saudosa, a professora aprendente, lembra de como conheceu Dinastina, mulher miúda, porém corajosa, batalhadora, que luta para dar dignidade a sua família. É professora e não desiste facilmente de seus alunos. Era uma manhã de agosto. Foi à escola para conhecer alguns responsáveis pela permanência das crianças nela, como coordenadores de turno, inspetores e professores. Confirmou, por umas das crianças trabalhadoras, uma de suas antigas suspeitas, a de que alguns profissionais da escola, não apenas a professora, são responsáveis por tornar a escola mais agradável, acolhedora, e, portanto acessível para elas. Em se tratando principalmente de crianças trabalhadoras, o sentir-se bem e aceita é de fundamental importância. Aliás, para qualquer ser humano. Quem não gosta de ser bem-vindo?

Ao encontrar Dinastina, falaram sobre os trabalhos que desenvolvem, como se sentem e os maiores desafios que enfrentam em seu cotidiano. Ali, em meio a idas e vindas das crianças, a sonoridade de uma escola repleta de alunos e no calor do fazer pedagógico, sem saber porque, intuiu estar diante de um exemplo vivo de criança trabalhadora. Algo em Dinastina fala muito mais do que suas palavras. Em seu corpo estão escritas marcas possíveis de serem identificadas. Estas se assemelham muito às trazidas nos corpos das crianças pesquisadas. Por alguns segundos, reflete sobre como o ofício de pesquisar trata de refinar as percepções do pesquisador, fazendo com que este se veja às voltas com sentimentos impensados anteriormente para um pesquisador. Ela já consegue ler os corpos das pessoas e percebe pelos calos nas mãos, pela musculatura muito desenvolvida principalmente nos braços e nas pernas, e pelas cicatrizes ao longo das pernas, joelho e braços, se tratar de uma criança trabalhadora.

Ao encontrar pessoas que haviam sido crianças trabalhadoras, percebe a existência de uma profunda identificação da pessoa com a criança e, geralmente, ocorre a necessidade por parte do adulto, de não se permitir perder a criança trabalhadora, ou seja, a grande maioria das professoras que foram crianças trabalhadoras têm para com seus alunos uma espécie de pacto de honra, e não se permitem perder nenhuma criança. Sentem que, ao propiciar o sucesso dos alunos trabalhadores, estão resgatando a si mesmas, obtêm a possibilidade de escrever de outra forma suas próprias histórias, uma vez que precisaram abandonar os estudos para trabalhar, retornando, apenas, quando adultas. Ali, travaram o seguinte diálogo:

- O que você pensa sobre o trabalho infantil?

- *É exploração, um desrespeito à criança. Fui criança trabalhadora e sei bem como essas coisas se processam.*

A professora Dinastina tem 44 anos, trabalha há 19 em turmas de alfabetização, com alunos da comunidade de classes populares, especificamente com alunos de uma das maiores favelas da cidade de Duque de Caxias. Ela não esconde sua indignação sobre o trabalho infantil. Como mencionou, foi criança trabalhadora e, ao olhar para trás, reconhece o quanto aprendeu e sofreu, e preferia ter apenas estudado.

Quando vê crianças trabalhadoras em sua turma, procura ajudá-las o máximo que pode. Reconhece sua responsabilidade para com elas e, acima de tudo, sente-se compelida a dar o melhor de si mostrando que ela também um dia o foi. Diz-lhes que é uma situação passageira que não é para a vida toda. O que sente é uma indignação fundamentada, sobretudo, na sua história de vida, na exploração da própria força de trabalho.

Dados do Anuário dos trabalhadores de dezembro de 2000-2001, segundo o IBGE e PNAD revelam que existiam, em trabalhos não agrícolas no Brasil, 45.706 meninos entre 5 a 9 anos e 573.767 em idade de 10 a 14 anos; no que se refere a meninas, são 27.999 de 5 a 9 anos e 358.950 de 10 a 14 anos. Sem dúvida, são dados extremamente alarmantes que evocam alguns questionamentos tais como: Como produzimos tantas crianças trabalhadoras? Qual o nosso objetivo com tamanho descaso? Aonde queremos chegar? O que se passa com uma nação que desampara seus jovens e idosos?

Neste momento a professora aprendente se recordou do diálogo um dia travado com Jaime, criança trabalhadora de onze anos, ao falar sobre suas perspectivas de vida:

- O que pensa sobre seu futuro?
- *Eu não sei de nada, só sei que não quero envelhecer.*
- Por que? Não gosta de cabelos brancos ou das rugas trazidas com a idade?

Temendo o que estava por vir resolveu encaminhar a conversa para as modificações do aspecto físico advindos com o passar do tempo. Optou por falar da estética alterada ao longo dos anos e, para sua surpresa, Jaime foi extremamente firme, politizado e, até mesmo lógico em sua resposta:

- Acho que não vale a pena. Para que envelhecer? Para ficar disputando lugar embaixo da ponte com as pessoas? Olha aqui, desde quando pobre tem direito a futuro no Brasil? Você parece que dorme.

Naquela manhã quente do mês de abril, ela se sentiu suspensa no ar com a resposta dada por Jaime. É como se estivesse alheia ao que se passava ao redor, não via e não era vista por ninguém. Tratou de se despedir e passou a caminhar por algumas horas, um exercício aprendido ao estudar os gregos, o pleno exercício da peripatética, e por ela assimilado há alguns bons anos, para tentar assimilar melhor o que se passara. Ela precisava fazer algo, sair daquela situação e a caminhada ajudaria a refletir sobre o sentido das palavras proferidas por Jaime. Havia em sua fala um certo ar de denúncia no que se refere ao desamparo e ao descaso para com os idosos em nossa sociedade. Algumas palavras têm um efeito devastador, principalmente quando vindas de uma criança de apenas onze anos de idade, que, apesar de lutadora, não conseguia pensar em uma vida longa e feliz. Suspeitando que crianças com percepções tão apuradas, como as expressas por Jaime sobre sua real situação, pudessem se deixar levar pela revolta e se transformar em presa fácil do tráfico, temeu pelo futuro dele e sentiu no âmago do seu ser o peso da injustiça social a que Jaime e tantas outras crianças estão expostas. Foi quando escreveu em seu caderno de campo:

Hoje passei por uma árdua experiência e um rico aprendizado. Jamais poderia imaginar que as crianças trabalhadoras se dessem conta da gravidade da situação em que estavam imersas e, principalmente do quanto o futuro se mostrava sofrido para os já tão exigidos. Interessante, mais uma vez me sinto impulsionada a fazer algo concreto contra esta triste situação. A primeira vez foi em Campos Elíseos, quando descobri que as pessoas passavam fome. Naquela época, o trabalho infantil urbano ainda não era tão visível quanto hoje e, agora, ao descobrir que as crianças, além de passarem fome e apesar de trabalharem, querem fugir de um futuro anunciado de privações. Ao ver o quanto Jaime estava profundamente marcado, o quanto trazia a dor de ser e estar criança trabalhadora em um país como o nosso, e ao se dar conta da produção em massa de crianças como Jaime ao longo de nossa história de nação subdesenvolvida ou em desenvolvimento como alguns insistem em chamar... Não dá mais para virar para o lado e continuar dormindo, não dá para fingir que nada está acontecendo.

(Diário de Campo, 27 de abril de 2002).

De fato esta foi uma experiência marcante para a professora aprendente, uma experiência que intensificou sua vontade de fazer concretamente algo contra aquela situação. Foi quando tomou consciência da dimensão do tema por ela pesquisado e percebeu que era um trabalho para toda uma vida. Ela se deu conta de que seu tema constitui tarefa a ser executada por muitos e ao longo de vários anos, e, principalmente, perpassado por muitos outros temas e questões. A duras penas, foi descobrindo que o seu tema sempre existiu e continuará existindo após o término de seu trabalho. Neste momento ela intensificou o sentimento de compaixão para com os pequeninos trabalhadores, seres humanos impedidos de desenvolver plenamente suas potencialidades, ceifados que são em tenra idade.

Como se não bastasse, olhando ao redor percebeu, com facilidade, que pouco se falava e menos ainda se fazia. As projeções para o futuro, no que se refere à erradicação do trabalho infantil seja doméstico, domiciliar, urbano ou rural, são praticamente nulas; as propostas pareciam, para ela, não passarem de leituras aligeiradas dos dados e fatos. Tudo lhe parecia de profunda inoperância. Eram inúmeras gerações queimadas como carvão nas caldeiras de um regime capitalista, injusto e explorador.

Pensativa, a professora aprendente se dava cada vez mais conta do analfabetismo emocional a que as pessoas estão expostas e defende, com veemência um desenvolvimento sustentável no que se refere às relações humanas, não apenas entre as gerações, como também para com o próprio planeta. Defende a necessidade de as pessoas cuidarem das suas emoções, relacionamentos, trabalho e natureza. O lixo emocional produzido, por anos a fio de abandono das questões sociais e humanitárias, faz com que o trabalho infantil seja invisibilizado pelos governantes, e não é por acaso que a sociedade brasileira, mais cedo ou mais tarde, se depara com mais esta questão para resolver, uma vez que ela se transforma em pauta de interesse mundial.

O Brasil assumiu o compromisso de erradicar o trabalho infantil, não apenas como parte de sua agenda de direitos humanos, mas como uma das prioridades de política social. E a professora aprendente questiona: Quando nosso país colocará em prática seu próprio discurso? O que lhe falta?

Fortalecer a vontade política será de fundamental importância para que a docilidade infantil não se transforme na base de uma exploração que comprometerá a realização do sonho de inúmeras famílias brasileiras. Lembrou-se de Marcelo, criança trabalhadora de doze anos, ao falar sobre sua família, mais especificamente, sua mãe:

-Minha mãe faz questão que eu estude. Preciso estudar para melhorar de vida. Não quero viver assim para sempre. Quero ser doutor.

A fala de Marcelo, diferente da de Jaime trazida anteriormente, também é a fala de inúmeras outras crianças que necessitam sonhar com dias melhores, para elas e suas famílias, pois a escola se mostra como a alternativa mais viável.

Sabemos que não há uma nação no mundo que tenha saído do estágio de subdesenvolvimento sem arrebatados esforços de educar seu povo. No Brasil o movimento parece o inverso, uma vez que joga cada vez mais cedo suas crianças no mercado de trabalho e grande maioria é privada de freqüentar uma escola, ou ainda, ao fazê-lo, sentem-se cansadas pela jornada enfrentada anteriormente.

Países muito mais pobres que o Brasil colocam suas crianças na escola. Em nosso caso, o desafio é além do ingresso, é preciso efetivamente trabalhar pela permanência com qualidade, no âmbito escolar. É principalmente uma questão de respeito e dignidade.

Por onde passa o respeito à criança trabalhadora? E a dignidade?

O trabalho infantil, freqüentemente associado à pobreza e à desigualdade, constitui uma forma preciosa de dificultar a mobilidade social. Ao passar de pai para filho, dificulta a possibilidade de mudança social na própria geração e entre gerações, parecendo algo hereditário, herdado, passado de pai para filho.

Muitos pais de crianças trabalhadoras também o foram no passado e, ao olhar a situação em que seus filhos se encontram, percebem o quanto é difícil sair dela, romper com o estigma da pobreza excessiva, superando a situação de indigência a que estavam expostos.

Direitos e deveres dos brasileiros entre 0 e 18 anos já estão previstos no artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que dispõe sobre o dever da família, da sociedade e do Estado em assegurar à criança o direito à vida, à saúde, à educação, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-la a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão.

Indignada, a professora aprendente mais uma vez se questiona: O que se passa conosco? O que nos falta? Ainda não conseguimos minimamente fazer com que as crianças convivam com seus familiares e comunidade. Ainda não sabemos construir a paz, relacionamentos saudáveis nem a dignidade humana. Abandonamos os jovens e os idosos e cuidamos muito mal dos de meia idade. Afinal, o que aprendemos a fazer conosco? Que tipo de humanidade aprendemos e estamos ensinando?

Se as leis funcionam como objetivos a serem atingidos, ela ainda não conseguia perceber esforços sérios para alcançá-los; se funcionam como normas, regras a serem seguidas, aprendeu que por decreto não chegam a lugar nenhum. Colocar em andamento propostas que estão no papel demanda fundamentalmente vontade política. Qual será o nosso real e verdadeiro inimigo? Contra quem ou contra o que realmente lutamos? Um outro grande pesquisador admirado por ela, que também foi criança trabalhadora, era afro-brasileiro e rompeu com o determinismo histórico, transformando-se em um dos maiores intelectuais que este país já viu, Milton Santos (2000:53) ao se referir à falta de vontade política

por parte de nossas elites nos diz que: “*somos uma sociedade de homens e mulheres lentos.*” Talvez seja essa lentidão que também transfere nossos sonhos para um futuro muito, muito distante.

Através de pesquisas, a professora aprendente, tomou conhecimento de que seriam necessários pelo menos mais de 12 anos para erradicarmos o trabalho infantil no país, caso seja mantida a tendência de 1995 a 1999, período em que 236 mil crianças deixaram o mercado de trabalho, segundo o economista Márcio Pochmann, do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

Sem querer contrariar as fontes de pesquisa, ela se deu conta de que precisariam de muito mais tempo, por ser esta uma questão complexamente ligada a fatores históricos, políticos e sociais, não dando para ser tratada de forma isolada. Em meio aos que são contra e a favor ao trabalho infantil, existem os que compartilham com ela da necessidade de contextualizá-lo para melhor compreendê-lo e combatê-lo, o que fica evidente na fala de Bárbara ao ser questionada sobre o que pensa sobre o trabalho infantil.

Introspectiva, a professora aprendente se lembrou de que já conhece Bárbara há alguns anos, havia trabalhado com ela em uma das escolas de Ensino Fundamental e, apesar de, não terem estreita convivência, nutriam certa simpatia uma pela outra e o reencontro se deu por causa de Marcelo, uma das crianças trabalhadoras acompanhadas. Neste momento, reflete sobre o quanto é mais fácil, ou aparentemente fácil, falar sobre o seu tema com pessoas que já conhece. Parece que as dificuldades dos primeiros contatos são minimizadas quando as pessoas já se conhecem. Naquela manhã chuvosa e fria do mês de junho, tudo lhe parecia mais silencioso, ficava introspectiva e as palavras lhe chegavam em outro tom, condição que a ajudava a perceber os fatos de forma diferente. Antes do horário da entrada das crianças e após alguns minutos de conversa trivial,

Bárbara concorda em falar sobre o tema. E a forma com que o enfoca chama a atenção da professora aprendente que, pela primeira vez, se vê às voltas com fatos aparentemente dúbios ou, até mesmo, contraditórios, uma vez que Bárbara tem motivos suficientes para discordar por um lado e concordar por outro. Ali se estabeleceu o seguinte diálogo:

O que pensa sobre o trabalho infantil?

__ *Depende. O trabalho escravo onde a criança é obrigada a trabalhar, no meu ponto de vista é o fim do mundo. (Silêncio...)*

__ Por que?

__ *Quando a criança trabalha com o que ela gosta, já olho de outro modo, pois ela está trabalhando para sua sobrevivência.*

Bárbara é professora da quarta série, tem 30 anos e dá aula há 12. Sabe que alguns alunos de sua turma trabalham e procura ajudá-los na realização das tarefas escolares. Algumas professoras pesquisadas dizem ser contra o trabalho infantil quando ele assume um caráter explorador. Ao assumir o caráter de sobrevivência, o trabalho infantil ganha novos contornos e passa a ser mais tolerado pelas pessoas. Em muitos casos, a criança se adapta ao tipo de trabalho que exerce, passando a gostar do que faz, seu semblante irradia alegria e não se sente preso aos rituais do mundo do trabalho infantil. Um exemplo vivo é Alan, doze anos, malabarista em um sinal de trânsito no centro da cidade de Niterói. Ao ser perguntado sobre o que pensa sobre seu trabalho, responde:

- *Acho legal. Brinco é divertido, as pessoas gosta e ainda ganho um troco.*

- *Parece que você gosta do que faz? Há sempre um sorriso em seu rosto, seus olhos brilham.*

- *Sabe como é, né? Eu preciso trabalhar e arrumei isso que é melhor do que vender as coisas e receber a toda hora um não bem redondo na cara. Neguinho tá dizendo que isso aqui é arte.*

- *Quem?*

- *O instrutor e o pessoal que passa na rua. Aí eu fico todo cheio. Gosto que me enrosco.*

Diferente ocorre com as que brigam para não trabalhar. Fogem de casa e, quando permanecem trabalhando, demonstram insatisfação a todo o momento, tratam mal à freguesia, se distraem com facilidade, perdem a mercadoria e se mostram infelizes. Apreensiva, a professora aprendente percebeu que este grupo está mais suscetível às drogas e, pela sua revolta, podem ser levado facilmente para o mundo do tráfico e da prostituição. A ausência do gosto pelo trabalho passa a ser um passaporte para sua autodestruição. É Claudionor, criança trabalhadora de treze anos quem nos diz:

- *Tô aqui amarrado. Sou bicho homi e não sou panaca. Os caras humilha a gente. Tem coisa mais irada para fazer lá no morro.*

Até aqui, no que se refere ao trabalho infantil, e a partir de tudo o que foi visto e aprendido a professora-aprendiz concentrou seus esforços para compreender como se processam a exploração e o desrespeito. O próximo ponto seria a visão do trabalho infantil como alternativa para as famílias menos favorecidas financeiramente. Deu-se conta que este aspecto de compreensão do trabalho infantil, embora tenha aparecido em menor quantidade, tem relação direta com o pensar das crianças e das famílias por ela pesquisadas.

Ao debatermos o tema em um grupo de estudos com a professora Kelly, esta a surpreendeu com uma visão bastante singular a respeito do que achava sobre o trabalho infantil:

___ Penso ser o trabalho infantil uma alternativa para as famílias carentes que dependem da ajuda de muitos de seus filhos.

Kelly tem 21 anos, está em seu primeiro ano como professora e não se scandalizou ao pensar no trabalho infantil como necessidade das crianças. Compreende-o como uma alternativa de sobrevivência e defende corajosamente sua postura frente às outras professoras durante a reunião.

Tipos de percepção idênticos também aparecem em diferentes escolas. Outras professoras pensam da mesma forma de Kelly, porém, como já havíamos mencionado, é a percepção da minoria das professoras que, em grande parte, radicalizam suas posições, mantendo-se contrárias ao trabalho infantil, afirmando que *idade de brincar é de brincar, idade de trabalhar é de trabalhar*, desconsiderando a realidade aviltante em que seus alunos estavam inseridos.

Autores como Marx e Engels, admirados pela professora aprendente, alertavam sobre a necessidade de:

“antídotos absolutamente indispensáveis para resistir aos efeitos de um sistema social que degrade o operário até o ponto de transformá-lo em um simples instrumento de acumulação de capital e que, fatalmente, converte os pais em mercadores de escravos de seus próprios filhos.” (1975:43)

Passados cento e trinta e seis anos, as formas de exploração do trabalho infantil ficam cada vez mais refinadas, exigindo o ingresso cada vez mais precoce das crianças no mundo do trabalho. Sabemos que um século e trinta e seis anos para a história de vida de uma pessoa era muito tempo, mas para a história da humanidade, era pouquíssimo.

Era extremamente desafiador tentar compreender as questões que submetem, durante anos a fio, famílias inteiras ao subemprego, à marginalidade, à fome e à miséria. Parece-nos que, cada vez mais, tudo corrobora para a manutenção deste estado de coisas, funcionando como uma camisa de força, dificultando a libertação dos trabalhadores. Apesar dos autores já mencionados alertarem tantos anos antes, não foi suficiente para interromper a produção, cada vez mais intensa, de crianças no trabalho infantil e transformar os pais em mercadores de escravos de seus próprios filhos.

Indignada, a professora aprendente lembrou-se de Márcia, 35 anos, que trabalha como doméstica na casa de um político da cidade. Ganha trezentos reais por mês para sustentar-se e aos três filhos. É separada do pai de seus filhos. O que ganha é insuficiente para passar o mês. Ela é mãe de Marcelo, criança trabalhadora já mencionada nesse capítulo. Foi principalmente com ela que a inquieta professora aprendente aprende analisa a importância do trabalho infantil para a família das

crianças trabalhadoras e a respeito do olhar potencializador dos pais sobre o trabalho de seus filhos.

D. Márcia fazia feira para sua patroa quando ambas se encontraram e durante uma compra e outra falou sobre o que pensava sobre o trabalho infantil

___ *É claro que nenhuma mãe gosta de ver seu filho nas ruas trabalhando. Eu pelo menos não gosto. É melhor trabalhar do que pedir esmolas ou roubar. Para mim, o dinheiro que o Marcelo traz para nossa casa é muito importante. Com trezentos reais por mês, não dá para fazer nada. Quando chega o meio do mês, as coisas lá em casa começam a faltar. Peço a Deus para que ninguém fique doente. Já pensou? Não sei o que seria de mim.*

Respeito muito meus filhos e respeito também o trabalho do Marcelo, o dinheiro que ele traz para casa e todo o resto. Somos uma família, precisamos nos unir para não morrer. Conto com o dinheiro dele como se fosse de um adulto. Ele tem responsabilidade de trazer para casa, sabe que a gente precisa dele. Às vezes dou um pouquinho para ele.

Há muito que refletir sobre a fala de D. Márcia, bem o sabemos. Em primeiro lugar quando admite que não gosta de ver seu filho na rua, trabalhando. Esse também é o pensamento de outras mães de crianças trabalhadoras. A partir do universo pesquisado, é possível afirmar: a grande maioria das crianças que trabalham e estudam tem o reconhecimento e o respeito de seus familiares, principalmente por trabalharem. Alguns chegam a se referir aos seus filhos como braço direito.

___ *Ele é o meu braço direito, sem ele não sei como seria a vida.*

Esta é a fala de Dona Márcia e ela não é a única mãe que admite contar com a ajuda do filho como complemento do orçamento mensal. Também não é só ela que gostaria de ver o filho apenas estudando, sem precisar contar com seu trabalho. Essas foram lições aprendidas a partir da necessidade imposta pela vida que levam.

Sofridamente, a professora aprendente toma consciência, convivendo com algumas mães de crianças trabalhadoras, sobre o quanto se ressentem e também se preocupam quando alguém demonstra suspeitar dos esforços por elas realizados para suprir suas famílias; quando chegam até mesmo a duvidar da necessidade do trabalho de seus filhos. Nos momentos em que com eles esteve foi possível detectar o quanto é difícil também para elas admitir a falta de alternativas. Aprendeu com elas que a opção pelo trabalho de seus filhos era vista como a última e não a única. Diz última, pois inúmeros são os relatos sobre formas de ganharem dinheiro antes da opção pelo trabalho das crianças.

Outro aprendizado junto às mães de crianças trabalhadoras é sobre o respeito, a valorização e a dignidade que percebem no trabalho de seus filhos. Ao dizerem que trabalhar é melhor do que pedir esmolas ou roubar evidenciam a existência de um pouco de dignidade para seus filhos e famílias. Esmolar ou roubar é o fim da linha para famílias como a de dona Márcia que tenta a todo custo ensinar o melhor para seus filhos.

O estado do Rio de Janeiro sofre com o crescimento desmedido da violência. Crianças são atraídas para o trabalho junto ao tráfico, em idade cada vez menor. Facilmente encontram-se meninos de 6 anos a serviço do tráfico, recebendo mais de três salários mínimos por semana e dentro da família é a maior renda. Recentemente, mais precisamente no dia 20 de janeiro de 2005, os jornais da cidade do Rio de Janeiro exibiram a foto de uma criança de 9 anos de idade com o corpo repleto de tatuagem fazendo alusão ao tráfico e alguns de seus líderes.

Uma das professoras acompanhadas relata ter mais de 70 alunos que trabalhavam para o tráfico. Escreviam com a cor vermelha porque se diziam participantes de uma determinada facção criminosa e, como se não bastasse, exigiam extremada submissão por parte das outras crianças.

No tocante à influência do crime organizado no interior das escolas pesquisadas, é possível detectar outra situação bastante séria e preocupante. O tráfico, com sua influência dentro das comunidades, consegue dar um outro sentido para a escola na vida das crianças que nele trabalham. Elas são claramente obrigadas a estudar, ter as documentações escolares em dia, pois estes são os documentos capazes de evitar que sejam presas em caso de serem encontradas a serviço do mesmo.

O processo pedagógico, a partir de tal antecedente, recebe outro matiz, transformando-se em um desafio ainda não vivido pelos educadores. Os professores que trabalham com esse conjunto de crianças não podem falar sequer, um pouco mais veementemente; sem serem ameaçados clara ou veladamente:

___ *Ô professora, não é assim não, não é assim que a banda toca não... Aqui nós temos as nossas lei, é só falar comigo que eu resolvo.*

Esta é a fala de Luís. Com apenas 14 anos, demonstra saber que tem e exerce poder e “exigia” da professora um outro tipo de posicionamento para com os alunos pertencentes ao seu grupo. Embora esse não fosse o objetivo do trabalho da professora aprendente, não foi possível evitá-lo, pois o material que chega a suas mãos é de profunda riqueza para análise do processo vivido em sala de aula por alunos e professores.

Preocupação maior do que esmolar ou roubar é a incursão no tráfico de drogas. As mães, sempre atentas ao fato, se dizem sabedoras de que a exposição de seus filhos nas ruas poderá ter como consequência o envolvimento com “maus elementos” – termo utilizado pelas mães ao se referirem aos traficantes: Quanto a isso, buscam orientá-los e entregá-los às mãos de Deus, dizia Marilda, uma das mães das crianças acompanhadas.

Outra constante na vida das crianças pesquisadas é a fé em Deus e em dias melhores. Muitas vezes nos perguntamos ser essa a força que os mantém vivos. A fé em Deus é uma constante em suas vidas. Ao saberem que fogem ao controle de qualquer situação, não se retiram de cena, porém se afastam e colocam a Força Divina à frente de todas as coisas.

Apreensiva, a professora aprendente alerta: Vejam, é diferente de lavar as mãos. É diferente de entregar às mãos de Deus o que fazem e saem da frente em momentos de total impotência. Esse fato colocou abaixo a visão amplamente divulgada nas últimas décadas de que este segmento da sociedade entrega tudo nas mãos de Deus e se acomoda. O vivido junto a elas foi muitíssimo diferente. O exercício da fé cumpre uma função importantíssima junto a ela, mas não chegava a paralisá-la, é para impulsioná-la a seguir para a frente, ou *tocar pra frente* como costumam dizer.

A questão da fé também fica evidente na fala de D. Márcia ao dizer da possibilidade de doença sua ou de seus filhos durante o mês. Ela diz *rezar* para que isto não aconteça; caso contrário o que fazer? A fé é um exercício constante na vida das pessoas acompanhadas. Em muitos casos, parecia ser o que os mantinha vivos.

O respeito pelo trabalho dos filhos, aliado à fé são os fatores principais, apontados por eles como constituintes aglutinadores da família. Compreendem que só através da crença em Deus e em dias melhores é que podem manter a família enquanto família, unida, articulada em torno de um mesmo objetivo, buscando um mesmo fim. Sabem que a luta pela sobrevivência passa pela agregação do núcleo familiar e vice-versa; nutrem por si e por seus filhos um sentimento de gratidão que os acompanha ao longo da vida.

O trabalho infantil traz em si o caráter aglutinador da família uma vez que o fruto do trabalho não é visto como algo pertencente ao indivíduo apenas. Seu objetivo maior é principalmente a família, sabedora da importância do seu trabalho para auxiliar na manutenção dela. A criança, de certa forma, passa a se responsabilizar por ela, redimensiona seu papel no núcleo familiar e constrói uma percepção diferenciada sobre si potencializando-se.

Ao assumir responsabilidades, a criança amplia a percepção que tem sobre si, se vê às voltas com novos desafios, reconhece possibilidades e limitações, arrisca mais, ousa mais, se expõe mais. Essas são ações constituidoras de um perfil bastante característico da criança trabalhadora e, ao revelá-las em sala de aula, exige da professora uma nova adaptação profissional, um novo aprendizado, um novo desempenho. O que se constitui um desafio para ambos.

Atenta, a professora aprendente considera três características como marcantes no perfil da criança trabalhadora que constituem um desafio para o professor. São características advindas principalmente dos enfrentamentos no cotidiano, nas adversidades existentes nas ruas, nos locais em que moram, na vida. Afirma que a grande maioria das crianças por ela pesquisadas se mostram livres, conscientes e criadoras.

Por ser assim, fortemente marcada pela liberdade, pela crítica e pela inventividade encontram múltiplas respostas às exigências do fazer cotidiano, acarretando, de certa forma, um duplo sentimento por parte das professoras acompanhadas: um misto de mal-estar e desafio. Ao dizer mal-estar o faz por compreender o quanto algumas professoras se sentem desestabilizadas em seu fazer, perturbadas e até mesmo afrontadas por crianças com características iguais ou semelhantes às mencionadas, o que ficou evidente na fala da professora Alice:

___ *Não gosto desse garoto. Ele não faz nada na hora que a gente quer, como a gente quer. Só vive inventando moda. Dá nos nervos.*

Alice era professora há 12 anos, tem duas matrículas, uma no Estado e outra na Prefeitura. Trabalha oito horas por dia e só tem uma hora para almoçar e se deslocar de uma escola para a outra. À noite, ainda estuda, faz Letras em uma Universidade Pública. Os desgastes físicos, mentais e emocionais de Alice ficam evidentes. Afinal são oito horas de trabalho e quatro de estudos. Diariamente, conta apenas com uma hora para estudar e trabalhar, sobrando-lhe o mínimo para viver, amar e desfrutar de momentos de lazer.

A essência do trabalho do professor traz consigo a convivência diária com seres humanos e, em especial, os que trabalham com Educação Infantil e Ensino Fundamental. Convivem com crianças que exigem dedicação diferenciada e especial. Nas escolas pesquisadas, não é difícil constatar a atenção mais demorada, o cuidado ao explicar um conteúdo e até mesmo a necessidade de parar para ouvir, brincar, inclusive para chamar a atenção dos alunos.

Ao longo dos anos de trabalho, Alice construiu algumas características como as mencionadas acima e perdeu outras, ou até mesmo sequer chegou desenvolvê-las. Saber se existem ou não crianças trabalhadoras em sua turma era para ela

algo que estava muito longe do seu foco de atenção uma vez que não se colocava a temática em pauta como questão.

Talvez o desgaste, um forte sentimento de antipatia, ou ainda ambas as possibilidades e tantas outras possíveis faziam com que Alice construísse um sentimento de negação no que dizia respeito ao Cláudio, aluno trabalhador, transformando suas atitudes em algo a ser sempre desrespeitado, negado.

Atenta, a professora aprendente se dá conta de que das professoras com as quais em situação de pesquisa, Alice fazia parte da maioria que sequer sabe sobre as tarefas diárias de seus alunos e muito menos que existiam crianças trabalhadoras em sua turma. Foi aprendendo, ao conviver com esse grupo de professoras, sobre o quanto as exigências cotidianas as impediam de ir além da sala de aula; limitando-as ao trabalho planejado.

Ao chegar às escolas, ao conviver com os alunos e professoras, a partir do tema da pesquisa, vai descobrindo, paulatinamente, que, em uma sala de aula, existiam muito mais crianças trabalhadoras do que imaginava. Levando-se em consideração que pequenas tarefas domésticas, como lavar louça, tomar conta de irmãos menores, limpar a poeira dos móveis, poderiam ser consideradas como trabalho.

No dia 25/04/03, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgou a existência de meio milhão de crianças entre 5 a 15 anos trabalhando em casas de família. Deste montante, 75% não estudam e 30% já sofreram algum tipo de acidente desenvolvendo suas funções profissionais. Os dados confirmam o que de certa forma a atenta professora encontrou em sua pesquisa: existem muito mais crianças trabalhando do que poderíamos supor.

Existem crianças que trazem inscritas em seus corpos as marcas advindas da exposição precoce ao trabalho: marcas de queimaduras, cortes profundos, fraturas mal calcificadas e, um desenvolvimento diferente em seus corpos.

Indignada, a professora aprendente lembrou-se de suas anotações sobre as impressões a respeito de Sérgio e suas mãos:

Nunca vi uma criança assim. Com dez anos de idade, aparentando ter sete, corpo pequeno, porém musculoso e mãos bastante grandes em relação ao corpo. As juntas dos dedos quadradas conferem às mãos uma aparência desproporcional. Os calos também se ressaltam nas palmas das mãos. Parecem envelhecidas.

(Diário de Campo, 07/03/01).

Há, sim, um primeiro momento de estranhamento, de muito estranhamento em relação ao Sérgio como um todo e depois em relação ao seu corpo. Ela foi aprendendo gradativamente sobre como e quanto o trabalho escreve e se inscreve em nosso corpo. Pode afirmar que somos também aquilo em que trabalhamos e produzimos. Ao mesmo tempo em que construímos formas próprias de fazê-lo, de desempenhá-lo, nos escrevemos e somos inscritos nele e por ele.

Pesquisas recentes realizadas pela OIT, janeiro de 2003, sobre os malefícios provenientes do trabalho infantil, trazem como exemplo o que ocorre durante a panha da laranja, quando as crianças correm o risco de terem lesões nas pontas dos dedos, perdendo as digitais, por causa do ácido contido em sua casca. E havia famílias inteiras que trabalhavam e moravam em florestas de eucalipto, onde as crianças, ajudando a cortar e a carregar a lenha, sofriam lesões por carregar peso excessivo, sofriam mutilações pelo uso da moto-serra, além de problemas respiratórios por causa da inalação da fumaça oriunda da queimada da lenha.

No que se refere às marcas deixadas nos corpos e nas mentes das crianças trabalhadoras e que, de certa forma também marcam a professora-aprendiz, não poder deixar de fora o árduo aprendizado ocorrido em 2000 por ocasião de sua inserção em uma escola, onde 98% das crianças trabalham. É o CIEP do Lixão de Duque de Caxias. Ela confessa que não suportou por muito tempo ali permanecer. Após a visita ao aterro sanitário foi mais difícil ainda (Foto)



Era difícil admitir que possam existir seres humanos vivendo em condições subumanas. Se alguém me contasse eu não acreditaria. Por mais limpas que estejam as crianças e o prédio, o mau cheiro não acaba. Mesmo de banho tomado, cabelos lavados, unhas limpas, as crianças trazem impregnado o cheiro do lixo. É como se dele fizessem parte.

(Diário de Campo, 18/04/00).

Na época, a professora aprendente alimentava a forte ilusão do quanto poderia ser cômodo realizar a pesquisa em um único local. Ela não poderia negar o quanto seria rica a convivência com aquele grupo, pois traria um outro enfoque à sua pesquisa.

Tropeçando na dor humana toma consciência de que dentre todas as limitações nela existente enquanto pesquisadora esta é a que mais lhe trouxe sofrimento. Falta lhe condições emocionais para continuar e ali permanecer. As pessoas se alimentam de restos e sobras do seu e de outros municípios.

Há pessoas misturadas ao lixo, sendo tratadas como lixo, sobrevivendo do e no lixo. Por forte sentimento de compaixão não foi possível suportar. Manuel Bandeira um dos autores apreciados pela professora-pesquisadora desde menina, em sua poesia “*O Bicho*” fala muito próximo ao seu sentimento que, naquele momento, é um misto de dor e amor.

*“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.”
(Manuel Bandeira)*

A partir dos ensinamentos de Marx aquele autor mencionado por ela anteriormente, ao falar sobre a produção das circunstâncias afirma: “*As circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias*”. (1987:123). Com isso podemos questionar: que tipo de percepção

têm as crianças que sobrevivem do lixo? Que desafios trazem para a escola? Como poderemos auxiliá-las a partir da realidade em que se encontram? Como superar o estado de indignação, substituindo-o por uma efetiva, real e concreta ação?

Freqüentemente, chegam à escola sorridentes e inchados. Exibindo alegres suas mãos cheias de chocolates, doces e yogurtes fora do prazo de validade. Por terem consumido os produtos, estão intoxicados e, ao conversarmos sobre os malefícios causados à saúde atribuídos ao consumo de produtos em tais condições, dizem sempre sorrindo:

___ *Tia, aprende comigo, o que não mata engorda. Eu sempre comi essas coisas e nunca morri.*

___ Mas é perigoso ingerir alimentos fora do prazo de validade.

Disse a professora aprendente e ao que Francisco bem humorado responde:

___ *Você não sabe que tudo é passageiro? Apenas o motorista e o trocador é que não é..*

Ela levou alguns instantes para compreender o que se passava, quando Francisco continuou falando:

___ *Depois passa.*

Francisco, criança trabalhadora de 9 anos de idade, ao ser perguntado sobre as marcas em seu corpo deixadas pela intoxicação, responde: *Depois passa.*

Francisco, aos nove anos de idade, é um sobrevivente do lixo, trabalha mais de seis horas por dia no lixão da cidade em que reside. Muitas vezes falta às aulas para trabalhar. Sua freqüência na escola é regulada pela qualidade do lixo que chega ao aterro sanitário. Ao se alimentar freqüentemente com produtos fora da data de validade aprende sobre o quanto seu organismo suportava e ousava cada vez mais alimentar-se com produtos como os mencionados. É uma ousadia advinda do desafiar sua saúde. Já não estranha os olhos inchados e a pele áspera com sinais vermelhos, pois tudo fazia parte da sua vida e lhe era comum.

Por achar que não fazia mal, ou por saber que o organismo é capaz de suportar aquele tipo de agressão, ofereceu sorridente o produto achado no lixo e mostrou-se ofendido diante de alguma recusa. A partir de experiências vivenciadas, Francisco construiu a consciência de que, mesmo passando mal, ao consumir alimentos fora do prazo de validade, sobreviver é melhor do que morrer de fome. Embora programado, mas não determinado pelo e para o insucesso, sonha com outro tipo de vida:

___ *Um dia minha vida vai mudar. Eu e minha família, a gente vamos mudar, não vamos precisar viver do lixo.*

Um misto de esperança e de vingança perpassava a fala de Francisco, que se emocionava profundamente ao ver a si e aos seus em situação de tamanha adversidade, porém algo dentro dele o fazia intuir a existência de uma outra possibilidade, de uma alternativa capaz de transformar suas vidas de forma qualitativa e, terminou o encontro com a seguinte frase:

___ *A gente vivemo no lixo, a gente não nacemos no lixo.*

Sabendo-se em movimento, com capacidade de viver dias melhores entre os seus, Francisco nutria a esperança de, um dia, poder ser gente, ser humano, ser feliz.

Apesar de ser tratado como lixo, de viver no e do lixo percebia-se como gente e lutava, sonha com o dia em que tudo isso ficaria no passado. Freire conta sua experiência em um depósito de lixo público em Olinda ao tropeçar na dor humana:

Os moradores de toda redondeza “pesquisam” no lixo o que comer, o que vestir o que mantinha vivos. Foi deste horrendo aterro que há dois anos uma família retirou do lixo hospitalar, pedaços de seio amputado com que preparou seu almoço domingueiro. (1997:127)

A comunidade pesquisada pela professora aprendente não é tão diferente da mencionada por Freire. Na década de 90, houve em Goiânia a contaminação de um grupo de pessoas pelo Césio. Os que vieram fazer tratamento no Rio de Janeiro tiveram todo o material utilizado consigo, embalados e trazidos para o aterro sanitário de Duque de Caxias. Os familiares das crianças pesquisadas encontraram este material e dele se utilizaram, por exemplo: copos, bandejas de aço inoxidável e chegaram a consumir partes de corpos extraídas em uma cirurgia. E continua Freire (1997: 128): *“A realidade, porém não é inexorável, hoje ela assim se apresenta, mas poderia ser diferente, e para que seja outra é que precisamos lutar.”*

Qual o sentido da presença de da professora aprendente neste espaço? Qual o sentido de sua presença no mundo, se não tiver contribuído para a superação

deste estado de coisas? Neste momento, lembrou-se do curta metragem: *Ilha das flores* que, mostrava a realidade de um aterro sanitário semelhante aos vivenciados por ela e por Freire, cada um em seu espaço e tempo. Lá também, pessoas e bichos misturavam-se na disputa pelo lixo.

Entre o mal estar e os desafios sentidos pela professora de crianças trabalhadoras, a professora aprendente passou a refletir sobre o segundo aspecto que, de certa forma, a envolveu muito mais, uma vez que percebeu algo diferente no fazer pedagógico de certas docentes.

É de Freire que, geralmente, encontra pistas para dar continuidade ao seu trabalho de pesquisa e não é possível negar o quanto o admira. Admira seu trabalho e, principalmente, seu testemunho de vida. Junto a suas idéias, sente-se amparada, compreendida e, acima de tudo, há um profundo processo de identificação. É como se falassem um mesmo idioma. É possível afirmar que há sintonia na matriz de pensamento de ambos. De seus escritos extraiu: *O que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso; mas nunca desprezá-los* (1985: 51)

Raras não foram as vezes em que a professora aprendente esteve a vivenciar situações muito semelhantes às descritas por Freire. Em alguns casos, a partir de algumas circunstâncias, algo ocorre e uma comunicação saudável se estabelece entre a professora e os alunos por ela pesquisados. Para além do conhecimento sobre os métodos e as técnicas docentes, há um forte componente que ousa chamar de um misto de intuição e emoção.

A professora aprendente, de alguma forma, parece ter clareza de que sua opção temática levou-a a se expor às mesmas condições que afligem essas crianças e professores e, por isso, acredita ser importante pesquisar este contexto, perceber como se organiza, aprender com eles, neles mergulhada. Inclui-se na questão porque, neste momento, mais do que nunca, sabe que, para além do antigo *olhar cartesiano* que ainda carrega fortemente, poderá inserir na sua pesquisa o dito por Ferrazo (2000:31) outro pesquisador por ela admirado ao falar sobre os sentimentos do pesquisador, aos quais acrescenta, e porque não, o intuir? *“sentimentos, atitudes e sentidos outros como compartilhar, enredar, ajudar, ouvir, tocar, degustar, cheirar, intervir, discutir, etc.”*

A professora aprendente achou por bem voltar -se novamente às contribuições do convívio de Sérgio com sua professora Kátia, por ter se traduzido em fonte inspiradora para suas reflexões acerca do sucesso escolar das crianças trabalhadoras. Entre ambos se estabelece principalmente uma relação de afeto, de cumplicidade, fazendo com que, por princípio, Sérgio fosse aceito, acolhido pela professora e, conseqüentemente pela turma. Talvez uma das interpretações possíveis resida justamente no fato de Kátia ter sido também uma criança trabalhadora, que ajudava os pais tomando conta dos irmãos mais novos, mas nunca abandonara os estudos. Assim que completou 13 anos, foi trabalhar em uma fábrica onde permaneceu até ingressar, por concurso público, em uma escola como professora.

Diferente da grande maioria das professoras pesquisadas, que também trabalharam quando crianças, Kátia aprendeu com e na própria vida o quanto o estudo transforma a vida. Viu-se em Sérgio e por ele lutava sempre. Era diferente de outro grupo de professores que, ao se verem em seus alunos, negavam este momento de suas vidas.

É horário de recreação e a turma está sob os cuidados da professora responsável por esta atividade, possibilitando, assim, a aproximação entre ambas, foi quando travaram o seguinte diálogo:

___ Soube que o Sérgio é criança trabalhadora e gostaria de conversar com você sobre ele.

___ *Quando olho para o Sérgio, vejo um pouco da minha história. Comecei a trabalhar muito cedo e nunca abandonei meus estudos, é por causa deles que estou aqui. Como ele é, cedo, cedo mudará sua vida para melhor.*

Ao ver-se em Sérgio, Kátia resgatou sua história e reafirmou, cada vez mais, sua importância. Sabe que a função de professora vai muito além da mera transmissão de conteúdos. Sente-se desafiada a aprender com o próprio Sérgio e na sua própria história de vida. Sabe como tornar a escola possível para ambos, pois o sucesso de um é o sucesso do outro.

Acreditamos que a intrínseca relação existente entre a professora e seus alunos, merece, sempre que possível, ser revisitada. Muito temos com ela a aprender. Durante anos, é ensinado às professoras sobre um aluno apartado de sua própria realidade, desconectado de uma conjuntura maior da qual ela - professora - também faz parte, criando um distanciamento entre ambos. Parece que o mundo do aluno não é o mesmo da professora. Já em seu nascedouro, esta relação fica comprometida, dando a impressão, em alguns casos, que é o professor contra o aluno, e não com o aluno.

Com Kátia não é diferente. Ela também aprendeu assim, porém, a força da identificação de histórias comuns fazia que descobrisse, por conta própria, uma

outra forma de compreender o aluno no processo educacional. E o diálogo continua:

___ *Ele, ela e os outros fazem parte de mim. É como se agora eu soubesse que os ensinamentos da Faculdade e do curso de Formação de Professores não bastassem, seria preciso saber que entre nós há uma relação humana e que a libertação deles passa pela minha libertação também.*

Admirada com o que acabou de ouvir, a professora aprendente vê Kátia, neste momento, com os olhos cheios de lágrimas, emocionada. Também se emociona. Lembra algo aprendido na época do Mestrado, nas aulas de Economia da Educação. São os escritos de Marx (1989) que, mais uma vez, vêm à sua lembrança: *“Os indivíduos fazem-se uns aos outros, tanto física como espiritualmente, mas não se fazem a si mesmos, nem na absurda concepção de São Bruno nem no sentido único, do homem feito.”*

Ao tomar consciência da inter-relação existente entre alunos e professores, buscasse saber quando, como e onde agir, compartilhando com seus alunos o que tem de melhor.

Absorta em seus pensamentos, a professora aprendiz sai da escola naquela manhã contemplativa. Constata que há algo mais em sua pesquisa, algo que transcende o puro fazer pedagógico. O que tem em mãos é a possibilidade concreta de pôr em diálogo a dimensão pedagógica do conhecimento com a dimensão humana do ser que conhece, ou seja, do ser cognoscente. Seria algo revolucionário constatar que, para além do processo de identificação com os alunos, é preciso ensinar a partir do ponto de vista de onde a criança aprende, ou seja, antes mesmo de tentar ensinar, será necessário saber como a criança aprende e, a partir de onde apreende, o que será aprendido.

A princípio pareceu um exercício hercúleo, porém, ensinar de outra forma, já não faz nenhum sentido. Aos poucos, ela foi se dando conta de que as pessoas não apreendem o mundo da mesma forma. O fazem a partir de vivências e experiências, de valores e pontos de vista adquiridos ao longo da vida. Existem grupos de pessoas que o apreendem de forma semelhante, porém, não da mesma forma, tudo vai depender das histórias de vida de cada um. Por exemplo: uma criança que, por força das condições de vida, precisa trabalhar para auxiliar sua família tem uma relação com a família, com o trabalho e com o dinheiro, completamente diferente daquela que recebe sua mesada.

Trazemos neste momento a antiga discussão dos seres humanos como universos específicos, singulares, que guardam em si semelhanças e diferenças. Falamos sobre a complexidade do ser, sobre as inúmeras possibilidades de existência e de aprendizagens, falamos da multiplicidade e da singularidade contidas em todos nós.

A partir dessa ótica, é possível compreender, por exemplo, se as crianças que têm formas de apreensão do mundo semelhantes ao da professora, compreendem o que ela ensina quase que imediatamente. E se os outros aprenderão como puderem, em tempos e ritmos variados, como se apreendessem o ensinado por conta própria, apesar da escola. Seria tudo isso verdade? A direção apontada por sua pesquisa estaria, de certa forma, correta? Onde se daria essa linha reflexiva? Assim, com a cabeça cheia de idéias e inquietações, a professora aprendente escreve em seu caderno de campo:

Fazer pesquisa tem muito a ver com a emoção, não é apenas razão, não sei como os pesquisadores positivistas acharam um dia ser possível separar uma coisa da outra. Creio sermos um misto de ambos e mais. Estou profundamente emocionada e exausta. Vivenciar profundas emoções nos deixa assim.

(Diário de Campo 16/05/ 01).

Doce ilusão achar que a pesquisa de campo a ensinaria apenas sobre o tema eleito, aprendia muito também sobre sua própria vida, marcada que era pela vida de tantas outras pessoas. Uma das canções de um compositor e cantor do qual gosta, veio- lhe à mente:

*“E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar.”*

Gonzaguinha

Pelos caminhos do coração a professora aprendente encontra ressonância para antigos sentimentos que só aquele que se vê no outro seria capaz de perceber.

Para ela, fazer pesquisa é estar na vida, no campo de corpo e alma, razão e emoção, intelectualidade e espírito. A pesquisadora humana não se separava da pesquisadora racional, aliás, para ser racional não é preciso desumanizar-se. Sendo o diário de campo um território livre, nele se emocionou ao registrar aquilo que, antes, com certeza, nela havia sido registrado e aprendido sobre o quanto a

emoção também nos ensina sobre nós, sobre os outros e sobre a vida, a vida de professoras marcadas pelas experiências de fazerem-se educadoras.

Diz educadora por compreender o quanto é diferente, para além dos ensinamentos básicos recebidos durante o Curso de Formação de Professores. Ser educadora é um vir a ser permanentemente, gestado no processo de vida, a partir de uma opção profissional que a expõem aos riscos de uma convivência diária com seres humanos em formação. É pôr em diálogo, o vir a ser educadora com o vir a ser dos alunos. Um diálogo que traz consigo o desafio de percebê-lo como exercício da fé entre os homens. A professora pesquisadora, mais uma vez, lembra -se de Freire (1998:124) ao falar sobre a fé que tem nos homens:

“Não há diálogo, se não há uma intensa fé nos homens, fé no seu poder de fazer de refazer. De criar e de recriar, fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens”.

Com Kátia e Sérgio não era diferente. Ambos acreditavam um no outro. Havia investimento profissional e afetivo e, inventaram juntos inúmeras formas para superar as dificuldades surgidas no dia-a-dia de estudo e de trabalho. Quando a professora acreditava em si e em seus alunos, gostava do que fazia e tinha, minimamente, consciência do seu papel, o processo educacional parecia fluir melhor, apresentava uma outra qualidade. Porém, nem sempre foi assim entre ambos.

Em outra manhã, quando a professora aprendente acompanhava Sérgio na escola, houve mais uma oportunidade de estabelecer um novo contato com a Professora Kátia que ao vê-la logo se aproximou mostrando-se solícita para continuar com o diálogo no horário de recreação dos alunos. Neste momento, perguntou:

___ *Como foi no início com Sérgio? O que aconteceu quando o percebeu pela primeira vez?*

___ No início, eu não sabia lidar com ele, era muito difícil, fazia tudo muito rápido, era muito independente. Conviver com ele foi um grande desafio para mim.

Um dos aprendizados obtidos pela professora aprendente a partir da convivência com ambos foi sobre a necessidade de a professora estar disponível: pessoal, intelectual, profissional e humanamente; é como se fosse uma combinação de fatores funcionando como força motriz, capaz de imprimir um sentido outro no fazer pedagógico. Sim, era preciso aprender a correr riscos, aceitar desafios, pagar o preço. Lembrou-se de Clarice Lispector (2000:16) em seu poema Mude: *“a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!!!”*

A professora aprendente considera importante ressaltar sua compreensão no que se refere às professoras que não trazem em si a combinação dos fatores mencionados anteriormente, o corre-corre do dia a dia, a falta de tempo para si e para os seus, a pressão financeira a que estão submetidas, à falta de condições para o prazer ou para o lazer, que refletem um quadro altamente desgastante capaz de produzir efeitos colaterais de toda ordem.

As pessoas reagem de forma diversa a diferentes estímulos, são influenciadas por suas histórias de vida e por suas opções, porém algo chama a atenção da aprendiz é justamente o fato de como essas pessoas se colocam perante a vida. Como lidam com os desafios e com as situações adversas, como se sentem perante o novo e o desconhecido.

Ela aprendeu cedo, no seio de sua família, que existem dois tipos de seres humanos: os pessimistas e os otimistas. Ela sabe que a situação é bastante complexa, porém ao longo da vida, vai percebendo o quanto há de verdade nesse ensinamento, e o confirma na experiência de pesquisa: quanto mais enfrentamos desafios, mais nos tornamos fortes para fazê-lo. Por isso, é possível afirmar que só aprendemos sobre o amor, amando; sobre a vida, vivendo; sobre como fazer

as coisas, fazendo-as; sobre como ensinar nossos alunos, ensinando-os. Eles trazem em si o segredo e precisamos, enquanto educadoras, aprender a decifrá-lo, lendo em nossos alunos sobre como ensiná-los. Ao fazê-lo, aprendemos sobre eles, também sobre outros e sobre tantos outros alunos e professoras.

É esse misto de individual e coletivo, de singular e plural que encanta a aprendente saber que na unidade está representada o todo e que o todo traz consigo as partes. É um desafio permanente descobrir as conexões existentes entre os seres, o planeta, os conteúdos escolares, as coisas, a vida.

E, a partir desse ponto de vista, defendemos a necessidade de que o Curso de Formação de Professores seja perpassado por conteúdos capazes de promover a inventividade, o empreendimento, o desafio. Achamos necessário deixar claro que não negamos em momento nenhum o valor da teoria, muito pelo contrário, porém afirmamos que a prática também nos forma e informa. Não dicotimizamos a discussão e afirmamos lutar por um diálogo permanente entre ambos, dizendo sonhar com o dia em que poderemos compreender que teoria e prática fazem parte de uma mesma realidade chamada vida.

A aprendente professora, antes porém, se pôs a pensar em todas as experiências pelas quais passa. Certamente, a questão da invisibilidade da criança trabalhadora é algo que a mobiliza. Foi quando questionou: O que leva as pessoas a invisibilizarem umas as outras? Que tipo de jogo é esse que, através de manipulação de alguns, muitos são invisibilizados? Afinal, o que tanto temem?

Começou a entardecer. O sol ia se pondo. O céu de um azul infinito ia se tornando avermelhado. Absorta em seus pensamentos a aprendente reflete sobre o motivo pelo qual as pessoas tratam umas às outras assim. Os jogos de interesse só

fazem afastar as pessoas umas das outras. Ficou lá até que o sol declinasse definitivamente.

III

Com o que sonham as crianças trabalhadoras e os seus.

Entardece. A brisa forte do outono varre as ruas, espalhando as folhas secas que caem das árvores amareladas, e os raios de sol, que se filtram por entre as nuvens cinzentas, não conseguem aquecer as pessoas que por ali passam.

Contemplativa, a professora-aprendiz, do alto do muro de sua casa, sente a brisa a acariciar-lhe o rosto, admirando o belíssimo pé de amendoeira com folhas douradas pela constante exposição ao sol. Nesta época do ano, as cores emanadas da natureza, parecem ter maior intensidade e as folhas parecem puro ouro, lindo de ver, belo de viver. O cenário é de rara beleza e, mesmo que estivesse ocupada com seus afazeres, não poderia deixar de apreciar a beleza que a natureza compõem considerando os mínimos detalhes. Tudo na natureza lhe parece perfeito e, sempre que pode, desfruta de forma reflexiva da sua obra.

Assim, admirando a natureza e procurando a ela se integrar, busca inspiração para voltar à análise do material coletado em situação de pesquisa. Ela participará, dentro de alguns meses, de um seminário interno, sobre direitos humanos. Porém, antes de entrar, pôs-se a pensar na generosidade da natureza em contraposição ao processo de exclusão dos direitos humanos. A situação dos direitos humanos em seu país e em grande parte do mundo está na contramão de qualquer aprendizado advindo com o contato junto à natureza. Os homens ainda se negam com ela a aprender, retardando os processos de desenvolvimento sustentável das relações humanas e, conseqüentemente, dos direitos humanos.

Nos dias que se passaram, a professora aprendente se dedica aos estudos. Precisa se preparar para o seminário e, toda vez que se envolve com um trabalho, o faz por inteiro. É preciso fazer escolha, ela bem o sabe. Privilegiar um caminho, escolher o rumo a seguir, seja na profissão, na pesquisa ou na vida, provoca mudanças, provoca uma reação ao seu ato e suas conseqüências serão sentidas. Para sua surpresa, a cada minuto, descobre, em seu acervo, materiais que parecem ter ligação direta com a temática do seminário.

É quando toma consciência de que o tema por ela pesquisado faz parte da pauta de discussão sobre os direitos humanos. Neste momento, como num relampejar reflexivo, deduz: *humanos direitos das crianças trabalhadoras*. O relato de uma experiência pode ser uma das formas de organizar o material que tinha à sua frente.

Passa o dia e a noite trabalhando, há muito a ser feito. Quanto mais trabalha, mais sente vontade de fazê-lo. Com ela é assim, ao mergulhar no fluxo criador, tem seu estado de consciência sobre o tempo alterado, não vê a hora passar, não sente sono e, nem tampouco cansaço.

Seu objetivo principal é o de promover algumas reflexões acerca dos direitos humanos das crianças trabalhadoras, colocando em diálogo a compreensão delas sobre o tema e, compreender se os tão proclamados direitos humanos realmente se traduzem em humanos direitos das crianças que trabalham na urbanidade, desempenhando atividades que, em muitos casos, as desumanizam.

Segundo as Leis de seu país: Em julho de 2004, o ECA (2), Lei Federal de número: 8.069/90, completou quatorze anos. Nele constam os direitos e os deveres de brasileiros entre zero e dezoito anos que, já estavam previstos no artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que dispõe sobre o dever da família, da sociedade e do Estado em assegurar à criança o direito à vida, à saúde, à educação, á

alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-la a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência familiar, crueldade e opressão.

Apesar de todos os esforços teóricos e jurídicos, no que se refere à prática, seu país, está entre os países com altos índices de trabalho infantil, segundo dados recentes divulgados. De acordo com a PNAD em 1993 trabalhavam no país 4.547.944 crianças brasileiras de cinco a catorze anos; destas, 40% se encontram nas cidades desenvolvendo trabalho tipicamente urbano.

Entristecida, a professora aprendente olha de frente a realidade nua e crua, como se apresenta, pois, sabe que os dados oficiais guardam uma longa distância da realidade. Por mais que tente, não consegue aceitar a constatação da intensa produção de mão de obra infantil em seu país e no mundo como um todo. Mais uma vez se lembra em renomado autor Freire (2000:23) ao afirmar:

A história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. Constatando, tornando nos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptarmos a ela.

Resolvida, a seguir as recomendações do autor, trata de se livrar da indignação sentida ao constatar os fatos e volta sua atenção para os fatos revelados em sua pesquisa. Ao debruçar sobre eles, percebe o quanto o seu tema de pesquisa estava imerso em questões referentes aos direitos humanos e vice-versa.

Já ia tarde o dia e pelo adiantado da hora, é preciso redobrar os esforços para organizar o material que tem em mãos. Não tardou em encontrar inspirações para continuar o desafio por ela aceito. Quando menos esperava, encontra a letra da música Brejo da Cruz, de Chico Buarque, um reencontro com versos e com melodia

após tantos anos, sendo que, agora faz um novo sentido para ela e um novo diálogo será possível.

O diálogo se estabelece por compreender o brejo como um lugar de possibilidades e de impossibilidades; nele há lama, mas também há lírios, que nascem alvos, belos e suntuosos, apesar do brejo. Ao fazer uma analogia entre a letra da música e a temática por ela pesquisada, se vê com a possibilidade de afirmar que, as crianças com as quais se ocupa, apesar de serem relegadas a segundo plano pela sociedade, não tendo moradias adequadas, os pais desempregados e a escola sonhada, se constituem em verdadeiras fortalezas e lutam como podem para sobreviver a cada dia.

E diz o autor: “*A novidade que tem no Brejo da Cruz/ É a criançada/ Se alimentar de luz.*” Da década de setenta para cá, outras áreas do Brasil foram transformadas em Brejo da Cruz e, inúmeras outras crianças se alimentam de luz. O processo de empobrecimento do país nas últimas duas décadas forja a pobreza da população brasileira, constrói o que hoje conhecemos como *os miseráveis*, ou seja, pessoas que contam com menos de dois reais por dia para alimentação e moradia; cria também a classe dos desempregados, mergulha o país na chamada economia submersa, uma versão perversa do chamado neoliberalismo produzindo, cada vez mais, pobres entre os pobres.

Contraditoriamente, o Brasil é o mais rico entre os países com maior número de miseráveis, fato que torna inexplicável, a pobreza extrema de 23 milhões de brasileiros; é uma tragédia que não pode ser mais ignorada. Dizendo de outra forma: a pobreza no Brasil é formada por dois grandes grupos. Há 30 milhões de pessoas vivendo com extrema dificuldade, donas de uma renda mensal per capita inferior a 80 reais. E há mais de 23 milhões que vivem ainda em pior situação, sobrevivendo de maneira primitiva. Não ganham dinheiro bastante para comprar todos os dias alimentos em quantidade mínima necessária à manutenção saudável de uma vida produtiva - ou seja, algo em torno de 2000 calorias. Com seus 23

milhões de miseráveis, o Brasil representa 3% do problema mundial. Em outras palavras, o Brasil é hoje o país mais rico do mundo em maior taxa de pobreza. E, isso se chama *injustiça social*.

Ao refletir sobre a temática do presente seminário: Alfabetização e Direitos Humanos a professora-aprendiz se vê às voltas com algumas questões muito próximas da pesquisa que desenvolve nos últimos anos sobre o trabalho infantil urbano e, conceitos como humanidade, respeito, direitos, cuidado, família, pobreza, educação, razão, intuição, emoção, poder.

Ela pensa ser o cotidiano um campo do conhecimento portador de infinitas possibilidades de inserção do pesquisador na tessitura das micro-estruturas da existência humana. Assim como a física quântica se ocupava das pequenas partículas da matéria, o cotidiano propicia a realização de pesquisas procurando encontrar material de trabalho onde muitos relegavam. Como no poema por ela admirado há alguns anos, Manoel de Barros (2001): “*Dou respeito às coisas desimportantes/ e aos seres desimportantes.*”

Com seriedade a professora-aprendiz toma consciência de que ao longo do último século, principalmente a ciência, privilegiou a razão em detrimento da emoção. Não sendo capaz de colocá-las em diálogo, provoca um processo de desumanização, de afastamento do homem do próprio homem. As políticas governamentais advindas desse processo não são diferentes relegam a segundo plano a formação do homem que, não sendo capaz de conviver de forma ética com ele mesmo, com outros seres e com o próprio planeta, abrem mão de ver a face humana entre os humanos.

Ela compreende ser também este um momento rico em possibilidades de superação das questões emergentes do contexto apresentado, se vê às voltas com a necessidade de aprender com ele sobre como trabalhar com alunos e professores das escolas que recebem essa camada da população, uma vez que

constitui uma lição que ainda não foi escrita. É tarefa que urge. Por este motivo, o seu trabalho se ocupa com reflexões sobre os humanos direitos das crianças trabalhadoras, a partir do relato de sua experiência em situação de pesquisa. A professora aprendente compartilhava do conceito de experiência de um pesquisador espanhol Larrosa (2001:137), ao reconhecê-la como “*algo que nos ocorre, que nos forma e nos transforma.*”

Ao trabalhar com relatos de experiências a partir de situação de pesquisa, pretende promover algumas reflexões acerca dos humanos direitos das crianças trabalhadoras, colocando em diálogo a compreensão delas sobre o tema, com os estudos sobre a questão do cuidado já mencionada na parte anterior deste trabalho e, alguns preceitos que tentam regulamentar a situação das crianças em seu país. Parte de situações de pesquisa, tendo a vida como fio condutor de três eixos: família, trabalho e escola.

No que se refere à família, aparecem temas como habitação, alimentação e presença dos pais. São temas que emergem da própria condição de vida em que as crianças trabalhadoras se encontram. Surgem de forma natural em suas conversas, no período em que estão juntos. Foi quando optou por colocá-los em diálogo com a Declaração dos Direitos Humanos, principalmente em seu artigo 25.

As crianças trabalhadoras trazem em si algumas questões sobre os direitos humanos, embora nem sempre tenham noção daquilo que lhes ocorre, apenas sentem, não conseguem identificar suas possíveis causas. Talvez por ser este grupo composto de pessoas que nas últimas décadas assistem a violação cada vez mais crescente de seus direitos, pagando com a própria vida e com vida dos seus o preço pelo descaso a que foram expostas.

Embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos apregoe em seu artigo de 25, parágrafo I: Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário,

habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle; entre o real e o ideal, há uma distância muito grande. O fato de estar escrito no papel, de ser uma lei, um pacto entre os homens, não é garantia de que os preceitos sejam postos em prática. Há uma necessidade imperativa de se ter vontade política. Um sentimento de compaixão e solidariedade, aliados à percepção de que a questão não é apenas com o outro, tem a ver com ela também invadem a professora-aprendiz. Direta ou indiretamente, para ela, todos estão envolvidos, todos são responsáveis.

Rodrigo é criança trabalhadora, tem onze anos de idade, certo dia desabafou:

___ Não gosto de morar na favela. É feia, suja e tem tiroteio. Uma casa bonita não faz mal a ninguém. Lá a gente tem amigos, mas não gosto.

Rodrigo, dentre as crianças com as quais a professora aprendente conviveu durante o período de pesquisa, é a que mais verbaliza insatisfação com o local em que vive. Não gosta da comunidade, tem medo dos tiroteios, embora goste de algumas pessoas que lá moram. Constantemente ela pensa sobre o que se passa na cabeça daquelas crianças sobre a situação em que se encontram. Em alguns momentos, este pensar é externado acompanhado de olhares melancólicos, inclusive o seu; ela os recolhe e raras não são as vezes em que fica sem ter o que lhes dizer, saber como reagir; sente apenas com eles e empresta-lhes sua companhia, solidariedade e compaixão.

Ela passa a perceber que seu trabalho de pesquisa pode constituir uma forma de auxílio. Pode não ser exatamente para essas crianças, mas, com certeza, será para outras que, apesar de sua vontade, um dia trilharão a mesma estrada.

Inconformada com a situação do trabalho infantil aprende com as crianças trabalhadoras e seus familiares, que o trabalho das crianças tem um fator aglutinador das famílias, auxilia as crianças a compreender a situação em que estão inseridas e, principalmente, de alguma forma, faz com que percebam o quanto são valorizadas pelos seus familiares.

Paulo é outra criança trabalhadora. Tem doze anos de idade, é porta voz do desejo de muitas outras crianças no que se refere à presença dos pais:

___ *Gostaria que minha mãe não ficasse a semana toda na casa da patroa dela. A gente fica só. Às vezes tenho medo.*

Paulo estuda e trabalha, auxilia a mãe, que é viúva, a aumentar o orçamento familiar. Também é responsável pela organização da casa, durante a ausência da mãe. Passando a semana apenas em companhia da irmã de dez anos, conta com a solidariedade de uma vizinha que indiretamente se responsabiliza por eles, comunicando à mãe das crianças como a semana se passou.

Embora Paulo não tenha verbalizado claramente, é possível ler em sua fala a falta que sente da mãe durante a semana, sem deixar de fazer alusão ao fato de ainda sentir medo, uma vez que vive nessas condições há dois anos. Com a morte do pai, sua mãe precisou trabalhar, dividindo com ele a responsabilidade de dar continuidade à vida.

Pesquisas recentes mostram a existência de cerca de 80% de mães das classes populares desenvolvendo algum tipo de trabalho para sustentar ou auxiliar no sustento das famílias, deixando a cargo de outra pessoa a responsabilidade pela criação dos filhos ou até mesmo, a cargo de um dos filhos mais velhos. Em muitos casos, a diferença entre a idade do mais velho para o mais novo não passava de dois anos.

Ao se recordar da Declaração dos Direitos Humanos, no que se refere ao trabalho, a professora-aprendiz detecta em seu artigo 23, parágrafos 1, 2 e 3: Toda pessoa, tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego. 2- Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. 3- Toda pessoa que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

Ela se recorda de que a pesquisa junto às crianças trabalhadoras suscita mais três aspectos: o direito de não ser perseguido pela polícia, de ser respeitado pelas pessoas e o de ser reconhecido como trabalhador. Foi Fábio o primeiro a externar seu ponto de vista:

___ *A gente fica na rua pra trabalhar, a gente não zoa. Não sei porque a polícia trata a gente desse jeito, ela tem é que correr atrás de quem é bicho solto.*

Com apenas treze anos de idade, Fábio é capaz de perceber algumas questões importantes sobre o ambiente da rua. Sabia que os policiais não devem se ocupar das crianças trabalhadoras, uma vez que elas não assaltam as pessoas, apenas trabalham. O de que Fábio não se dá conta ainda, é o fato de as crianças trabalhadoras, aos olhos de uma grande parcela da sociedade, ameaçam. Ameaçam principalmente por representar o fracasso de uma sociedade em administrar suas questões sociais básicas, por revelar o desprezo dos governantes para com as crianças e, principalmente pela produção cada vez mais crescente do desemprego na sociedade.

Neste momento, Ricardo, criança trabalhadora de doze anos de idade, se aproxima e continua a conversa:

___ *Acho que a polícia não respeita a gente e tem gente que não é polícia e não respeita também. Acho que elas não gostam que a gente fique trabalhando na rua. Quem sabe da nossa vida é a gente.*

Agora é Márcio que se aproxima e fala:

___ *A gente que trabalha na rua, não é pivete, é muito diferente. Por isso coloco roupa boa para trabalhar, não quero que achem que sou pivete. Não sou criança de rua, tenho família. Só preciso trabalhar.*

De uma forma ou de outra, as crianças trabalhadoras, ao trabalharem nas ruas, se alfabetizam em várias áreas. Aprendem a se defender, sabem como as outras pessoas as vêem e, principalmente, o que realmente são. Sabem o que devem e o que não devem fazer, onde podem ou não ir. Orientados pelas famílias, por outros colegas ou aprendendo a duras penas, sobrevivem ao mundo das ruas e conseguem sair vivos dela. Esta são apenas algumas aprendizagens em meio a inúmeras outras.

A professora aprendente lembra que, a grande maioria das crianças que trabalham o faz porque seus pais têm, de alguma forma, o direito ao trabalho violado. Da grande maioria dos pais com os quais trava contato ouve relatos sobre o sonho de retirar seus filhos do trabalho nas ruas. Eles têm clareza de que o melhor é poder mantê-los na escola e em casa. Apesar da Declaração dos Direitos Humanos, há um processo desumanizador em nossa sociedade, fazendo com que os pais necessitem do fruto do trabalho de seus filhos para complementar o orçamento familiar.

Fábio, Ricardo e Márcio ajudam a professora aprendente a construir essa percepção, a partir das formas com que compreendem o mundo que os cerca, a forma como as pessoas vêem o trabalho infantil e como se relacionam com as crianças trabalhadoras. Certamente que não leram a Declaração dos Direitos

Humanos, mas têm noção do abandono a que estão expostos e percebem como a população interage ou não com eles.

Ao falarem sobre a perseguição por parte da polícia, o respeito para com o seu trabalho e não serem confundidos com pivetes as crianças trabalhadoras deixam claro para a professora aprendente, o quanto são sabedoras das condições em que se encontram e do quanto precisam lutar para que suas vidas sejam menos desconsideradas.

E a escola? Como as crianças trabalhadoras percebem seus direitos no que se refere à escola? Com este questionamento em mente ela sabe que a escola, por constituir um espaço rico de possibilidades reflexivas, se traduz também em alvo de suas atenções por ser o local onde a grande maioria das crianças e seus familiares depositam os sonhos de toda uma classe. É através dela que as famílias pensam poder retirar seus filhos do trabalho infantil, permitindo aos mesmos dias melhores.

A professora aprendente, de posse da Declaração Universal dos Direitos Humanos, lembrava o que proclamava o artigo 26: Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito.

Com Luís, Aline e Carlos ela passou a refletir sobre a escola e o seu papel na vida das crianças que trabalhavam e de seus familiares. Abordou essa temática a partir de três direitos: as boas condições de estudo envolvendo prédios bem conservados e limpos, atenção e carinho por parte da professora e ser respeitado em suas opiniões.

Com Luís, de apenas 10 anos de idade, a professora aprendiz continuava suas reflexões, tomando consciência do quanto as crianças trabalhadoras lutavam pelo direito ao acesso e permanência na escola:

___ *Lutei para estudar aqui. A outra é muito ruim, suja, barulhenta, a professora gritava comigo.*

Sabedora do quanto algumas professoras *sofriam dos nervos* quando expostas a muitas e numerosas turmas e após longos anos de exercício do magistério, a professora-aprendiz nota um certo esgotamento físico e mental por parte dessas profissionais que já deixam transparecer, cotidianamente, sinal de cansaço. É necessário resignificar suas funções.

O desgaste do professor deve ser uma disciplina a ser estudada com atenção por parte dos governantes. A bem da verdade, a educação em si, merece atenção especial. Os professores não são máquinas, são seres humanos, e como tal, têm limitações, precisam de atenção especial. Contudo, nada pode justificar um processo de maus tratos às crianças. Elas também merecem o máximo respeito e não têm que pagar pela situação profissional dos professores.

Outro aspecto levantado pelas crianças pesquisadas e aqui representado pela fala de Aline, criança trabalhadora de nove anos de idade, é o que se fere à questão da higiene:

___ *Eu queria mesmo que a escola tivesse um banheiro igual ao do shopping com papel higiênico, sabonete para lavar as mãos e cheiroso.*

Muitas vezes as pessoas que trabalhava dentro da escola acabava naturalizando algumas situações que não são nada naturais. Em muitos casos, por causa dessa visão, aceitam certas circunstâncias que, apesar de se darem em um ambiente

educacional, deseducam as crianças. Poucos educadores se dão conta de como as crianças administram questões como a trazida por Aline.

O desgaste dos prédios por anos a fio sem reforma ou mesmo sem manutenção adequada, a falta de materiais de limpeza e o acúmulo de trabalho com pouquíssimos funcionários fazem com que as crianças percam aos poucos hábitos de higiene adquiridos e impedem que as outras crianças que, ainda não desenvolveram tais hábitos, fiquem sem fazê-lo. Essa é uma forma de abandono que pode ser evitado a partir do momento em que a escola deixe de naturalizá-lo.

Outro aspecto importante mencionado pela professora-aprendiz é o direito à atenção. Desta vez é Carlos, criança trabalhadora de doze anos de idade quem fala:

___ Olha só o que ela vai fazer quando o cachorro entrar... Viu? Eu só queria que ela olhasse para mim, me ouvisse, passasse a mão na minha cabeça.

Alguns relatos guardam graus diferenciados de dificuldades para a professora aprendente. E esse é um deles. Ao olhar para frente vê a professora afagando a cabeça de um cachorro que aparentemente vive pela escola. Todas as vezes que lá chega, o encontra sentado ao lado do porteiro, no portão principal. Em alguns momentos, ele é o próprio porteiro, só havia ele guardando a entrada da escola. Por esse motivo, independente de ser ou não aceitável animais dentro da escola, as pessoas costumavam vê-lo com frequência e já não estranhavam sua presença. Esse também não é um fato natural, não dá para naturalizar a presença de um animal que, embora doméstico, conviva com pessoas diferentes durante todo o dia.

Por mais que procure não pensar, fica cada vez mais presente que o assunto em pauta não é apenas a presença do cão dentro da escola. É principalmente a

atenção a ele dispensada e negada à criança. Isso é sério. A aprendente professora se lembra da fala de Leonardo Da Vinci (1452- 1515): “*Chegará o dia em que os homens conhecerão o íntimo dos animais, e nesse dia um crime contra um animal será considerado um crime contra a humanidade.*” Esse é o desenvolvimento emocional sustentável por ela sonhado, porém substituir a atenção a ser dada a uma criança pela atenção dada aos animais, parece de pouco adiantar. Não se trata de substituir um pelo outro, se trata do respeito e da atenção para com ambos.

Ela sabe que as crianças até têm escola, mas que tipo de escola e com qual qualidade de ensino, educação e afeto?

Sabe que não é possível exigir de uma professora que seja carinhosa para com todas as crianças, porém acredita ser possível sim, ser atenciosa com seus alunos, os ouvir, os considerar. Não está culpabilizando a professora pelas mazelas da escola. Não se trata disso, trata-se de pensar, junto a elas e com elas, as alternativas possíveis de incluir as crianças trabalhadoras, de impedir a produção de mais uma forma de discriminação.

O fato de existirem prédios, professores e merenda, é importante, porém não é garantia que os direitos das crianças que neles estudam sejam, respeitados. É mais do que saber conteúdos a serem transmitidos. Significa, principalmente, se dar conta de que antes do aluno que está à sua frente, existe a criança que luta para se manter com extrema dificuldade dentro da escola.

O tempo passava e depois de refletir sobre os humanos direitos das crianças trabalhadoras é, de certa forma, impulsionada a refletir sobre a necessidade dos sonhos na vida dessas crianças. A professora-aprendiz sabe ser o sonho uma das coisas mais importantes da vida, pois ele impulsiona a existência e se questiona: quais sonhos são acalentados pelas crianças por ela pesquisada?

A importância de sonhar sonhos possíveis sempre fez parte de sua vida. Aprendeu no seio de sua família. A professora-aprendiz também é descendente do povo indígena e, por isso, fortemente marcada pela intuição, pelo amor à natureza, pelo respeito aos vários povos do planeta, às diferenças. Ela aprende no seio de sua família a seguir seus sonhos, por mais absurdos que possam parecer no momento em que surgem. Aprende ainda que tudo o que deseja fazer, se não for algo ruim para ela e nem para os outros, consegue realizar.

Algumas pessoas se comportam em relação aos sonhos como o homem do romance: O Conto da Ilha Desconhecida de Saramago (2002: 32),

“o sonho é um prestidigitador hábil, muda as proporções das coisas e as distâncias, separa as pessoas, e elas estão juntas, reúne-as, e quase não se vêem uma `outra, a mulher dorme ao lado dele e ele não soube como alcançá-la, quando é tão fácil ir de bombordo a estibordo.”

Esta é uma das dimensões do sonho importante de ser levada em conta, uma vez paralisante, poderá desviar a pessoa de um caminho sonhado. É preciso saber então, o que fazer com o sonho acalentado.

A mistura étnica que compõem boa parte da forma de ser humana da aprendente não para por aí, pois ela também tem em si um forte componente africano. Muito do que é, deve aos negros, aos afro-brasileiros, herdeiros dos povos mais antigos do planeta, aqueles que, segundo pesquisas recentes, povoaram o primeiro continente do nosso planeta. Deles herda a dança, o cultivo às tradições e o gosto pelos rituais simbolizado pela manutenção da família, dos hábitos e costumes.

Como não pode deixar de ser, também existe nela a presença do povo europeu, uma vez que sua bisavó fora apanhada na floresta, nas proximidades de sua tribo, por seu bisavô, português.

Desse grupo também herda um forte sentimento pelos bens adquiridos, a importância de ser empreendedora, o respeito pela terra onde nasce a necessidade de manter a família unida. Certamente que, independente dos povos que a tenham constituído, é possível perceber que todos são marcados pela esperança no futuro e trazem a necessidade de sonhar para realizar. Não é difícil perceber o quanto a aprendiz traz para sua pesquisa essas características, fazendo com que se preocupe em fazê-lo humana, ética e solidariamente.

As crianças por ela pesquisadas têm sonhos e sonham como todas as crianças, porém há algo que as unifica em seus sonhos. Todas, sem exceção, sonham com dias melhores para elas e para os seus e, por incrível que pareça, a continuidade dos estudos aparece como necessidade primeira. Todos querem continuar os estudos e, como dizem freqüentemente: *querem ser alguém na vida*.

A professora aprendente herda de seus pais o gosto pela música. É criada ouvindo música e, por causa disso, sua casa é considerada pelos vizinhos como a casa da luz. Segundo eles, sempre parece que ali todos são leves, há um clima de paz na casa, sabem administrar as situações sem se desesperar e acreditam na música como terapia para os embates cotidianos. Ao entrar, sentem alegria da magia dos bons sons.

Com isso ela aprende a ampliar a atenção que desenvolve pelos sons da natureza para o som advindo das músicas e suas respectivas letras, e se recorda do grupo Jota Quest ao cantar Dias de Paz:

*“Vivemos esperando
 dias melhores
 dias de paz
 dias a mais dias que não deixaremos para trás
 vivemos esperando
 dia em que seremos melhores no amor
 Melhores na dor
 melhores em tudo
 vivemos esperando
 o dia em que seremos
 para sempre
 Vivemos esperando
 dias melhores
 para sempre.”*
Jota Quest

Independente de raça, credo e opinião, sonhar também é uma característica das crianças trabalhadoras. Ela os mantém vivos, os faz acreditar na possibilidade da transformação das condições em que estão ainda inseridos. Sonham com dias melhores, dias de paz, dias a mais, dias em que não serão deixados para trás. A professora-aprendiz pôs-se a pensar... Aprende com a vida sobre a necessidade de estar sempre atenta aos seus sonhos, estar alerta para com suas necessidades e desejos. Aprende na família a cuidar bem deles, pois traziam em si possibilidades de realizações concretas. É por isso que tem respeito pelos sonhos das crianças trabalhadoras e investe para que sonhem, sempre que pode falar sobre essa possibilidade humana revolucionária. Ela vê, a cada dia, o poder existente nos sonhos. Em algum lugar aprendeu que se há sonhos no presente, há esperança no futuro. Parar de sonhar significa, para ela, morrer em vida. Ela aprendeu ao longo da vida que os sonhos mobilizam as pessoas em torno de uma determinada idéia e que, para além de sonhar, será preciso agir no sentido de concretizar o já sonhado. Para ela e para Paulo Freire, sonhar sem ação é mera ilusão.

Os sonhos funcionam como metas a serem atingidas a curto, médio e longo prazo. Ao atingi-las se fortalecem, se revigoram, se vêem capazes de concretizar o inesperado. Ao se fortalecerem, compreendem, paulatinamente, a função dos sonhos em suas vidas. Para a professora-aprendiz os sonhos funcionam como

bússolas a guiar suas vidas, a indicar o caminho a ser tomado, mostrando por onde passar.

O como fazer pesquisa, viver a vida, não é dado a priori, só o sabem, ao vivê-la, ao realizá-la. Como diz a música cantada pelo grupo Skank: *o caminho não há outro, a não ser quando você passa*; ou ainda como ensinou Machado: *o caminhante faz seu caminho ao caminhar*.

Por mais que se preparem para realizar os sonhos, o inesperado é parte integrante do processo de realização dos sonhos, surge e com ele a necessidade de agir a partir das condições em que se encontram, conforme se apresentam no momento imposto pelo cotidiano. A realização de sonhos traz em si o aprendizado advindo do lidar cotidianamente com o devir, com o inesperado. Esse é um aprendizado que não está nos livros escolares. Apesar de estar também na escola, ele se encontra principalmente na vida. Falar sobre os sonhos trazidos pelas crianças trabalhadoras, as potencializa e, ao ouvirem sobre os sonhos das outras crianças, revisitam os seus, os ampliam, resignificando-os.

Com Mário, ela também aprendeu que determinados sonhos não têm idade. Ao falar sobre sua casa própria, o sonho acalentado por sua mãe e irmãos há tantos anos, seus olhos se encheram de lágrimas, fazendo com que ela também se emocionasse. Desta vez foi Mário que iniciou a conversa:

___ *Quero falar uma coisa importante para você: temos uma casa nova. Você sabia?*

___ *Isso é muito importante mesmo, meus parabéns! Tendo um teto seguro para morar a gente fica mais tranquilo na vida.*

___ *Onde eu nasci e fui criado não é nada legal. A gente só morava porque precisava. Parece até milagre ter saído de lá. Com a casa nova tudo parece novo. Tudo é mais fácil de combinar, tudo realça.*

A professora aprendente imaginava que as moradias das crianças por ela pesquisadas deveriam ser algo sem conforto, em condições precárias, desagradáveis. Ao ouvir os seus relatos, teve sua triste suspeita confirmada, mas procura também saber sobre os seus familiares.

Em abril de 2001, ela conhece Mário. Ele com sua mãe e dois irmãos, acabam de conseguir a casa própria. Com a construção da linha Vermelha, uma via expressa que liga a Baixada Fluminense à Cidade do Rio de Janeiro, foram desapropriados de sua antiga moradia e, após alguns anos, conseguiram do Governo do Estado, conforme o combinado, o que chamam de casas construídas a partir do Projeto Favela Bairro.

Para quem sempre morou em barracos, a casa de alvenaria apesar das condições precárias de acabamento é bem melhor, cabendo aos moradores o acabamento interno e externo. Embora a professora aprendente soubesse ser esta uma das etapas mais caras de qualquer obra, nada fala e continua a ouvi-lo.

Mário, com o fruto do seu trabalho, auxiliou sua mãe a melhorar a área interna da casa colocando louças novas no banheiro, mudando o piso e pintando tudo. Com o pouco dinheiro que ganha, ajuda como pode. O momento é de plena realização e sonha com a mobília nova. Há algo mágico naquela criança. Sem pensar em preço, faz planos com a certeza de que conseguirá. Impossibilidade é uma palavra inexistente para ele.

A professora aprendente sabia que, por estar falando sobre uma criança trabalhadora, poderá parecer aos menos atentos que Mário está querendo demais

e se pergunta: por que não? Se, acredita serem as oportunidades algo para todas as crianças, por que não?

Mário revela ter gosto estético ao combinar as cores da louça do banheiro com o piso e paredes. Demonstra entender de obras. Segundo ele, ajuda a muitos vizinhos, em mutirões como, por exemplo, virar laje, erguer paredes e embolso. Foi aprendendo pela vida e com ela.

Os encontros com Mário se intensificam a cada dia e ela chega a pensar que apenas ele fornecera material suficiente para desenvolver sua pesquisa. A abordagem de alguns assuntos começa na escola e termina no local de trabalho, e vice versa. O importante é que entre os dois foi sendo construída, paulatinamente, uma relação de afeto e de confiança mútua, permitindo a abordagem de variados assuntos com certa facilidade.

Porém os sonhos de Mário não param por aí. Ele nutre sonhos de dar continuidade aos estudos. Quer aprender a falar inglês e estudar fora do país. Em um de nossos encontros na escola, no horário do recreio, conversamos:

___ Como você está? E os estudos? E o trabalho? E a vida? Conte-me tudo e não me esconda nada.

Embora Mário já estivesse acostumado ao jeito de ser da professora-aprendiz, naquele dia, parece não ouvir o que ela diz, está com a idéia fixa no que havia pensado durante a semana, desde o encontro anterior. Ele precisa chegar e aproveitar a primeira oportunidade para fazer o pedido, assim mesmo, à queima roupa, sem rodeios. Aliás, as crianças pesquisadas, em sua maioria, são assim, atiradas, falam o que pensam e o que precisam sem meias palavras. Foi quando, sem mais nem menos perguntou:

___ *Você consegue uma bolsa de estudos para mim? Quero andar rápido com os estudos.*

De alguma forma parece querer recuperar o tempo perdido, acelerar os estudos e uma bolsa para estudar inglês, o que poderá auxiliá-lo. Algo lhe diz que estudar fora do Brasil é importante e, por isso, quer aprender a falar inglês. Foi quando conseguiu falar sobre a necessidade de melhorar seu desempenho nos estudos referentes ao Ensino Fundamental, que agora realiza, como possibilidade concreta para sua bolsa de estudos. Mário planeja sua vida com o mesmo vigor com que planeja seu dia de trabalho e não há como deixar de acreditar que ele conseguirá realizá-lo. Seus estudos de inglês começaram praticamente na mesma semana.

A professora aprendente reflete sobre a importância do papel da escola para a criança trabalhadora. Aprende com Mário o quanto é necessário colocar os conteúdos escolares realmente ao alcance das demais crianças. Em muitos casos, aquele ano de vida escolar poderia ser o último e, quanto mais sucesso obtivesse, melhor. Falar sobre seus sonhos é um exercício potencializador e poderá auxiliar em muito na escola.

Contudo, Mário não é o único que acalenta sonhos. Francisco, criança trabalhadora, desenvolve seu trabalho no aterro sanitário da cidade e percebe que as pessoas, seus familiares e todos os que sobrevivem com o lixo, nutrem sonhos de poder trabalhar em algo diferente. Quer sair daquele lugar, quer mudar de vida.

Com Francisco, nas proximidades do Aterro sanitário, a professora-aprendiz estabeleceu o seguinte diálogo Francisco:

___ *Você pensa em trabalhar fazendo outra coisa?*

___ *Não vejo a hora de poder fazer outra coisa, sei que seria mais feliz. Minha mãe diz que fazer outra coisa é muito difícil.*

Apesar do desânimo da mãe, Francisco sente e sabe que será mais feliz fazendo outra coisa, exercendo outro tipo de atividade que o retire do contato direto com o lixo. Vive naquela situação há mais de dez anos e se sente entristecido ao perceber que sua mãe parece ter se adaptado. E continua falando:

___ *Minha mãe parece só pensar em trabalhar aqui, não consegue pensar em outra coisa. Diz que tem medo de dar com os burros n'água.*

Dar com os burros n'água é o termo utilizado por Dona Maria, mãe de Francisco, para indicar o temor que sente ao arriscar-se novamente em uma outra atividade. Ela aprendeu com a própria experiência e tem medo de voltar a passar fome com ele. D. Maria aprendeu duramente o significado de passar privações, principalmente tendo uma criança sob sua responsabilidade. Ela está junto a Francisco, quando a professora- aprendiz com ele conversa. Até aquele momento se mantivera quieta, ouvindo o que o filho falava e refletindo sobre o que se passava. Foi quando resolveu participar da conversa:

_ *A gente já passou fome, a senhora nem queira saber o que é dar a hora do almoço e não ter nada para pôr na panela. Ele era pequeno e nós quase morremos de tanta fome. Aqui a coisa pelo menos anda. É sujo, traz doença, eu sei, mas a gente não morre de fome não, dona.*

Empática, a professora aprendente percebe não ser difícil se colocar no lugar da mãe de Francisco que, ao ver seu filho passando fome, busca imediatamente algo para fazer e tem receio de optar por outra atividade. Nenhuma das situações é fácil. Por um lado, a fome e a necessidade de alimentar-se e a seu filho, por outro lado o lixo, as doenças e o desafio de sobreviver a cada dia.

O sonho de Francisco não chega a ir tão longe como o de Mário, porém, acredita na necessidade de ir além da situação em que se encontra, dando um passo de cada vez, para que, aos poucos, possa ir mais longe.

Perceptiva, a professora aprendente começa a tomar consciência de que as crianças trabalhadoras também sonham e acreditam que tudo será possível. É importante descobrir que os grandes projetos são feitos de pequeninos passos. E o pequenino passo precisa ser dado. É preciso pôr-se a caminho. Às vezes, o sonho funciona apenas como um motivo para ir além. O que encontra nem sempre é o planejado, mas, certamente, é o que consegue fazer com que os sonhos se concretizem. Ela aprende, principalmente, que cultivar o sonho é cultivar a vida. Independente de credo, etnia e classe social, os seres humanos trazem em si um fortíssimo potencial sonhador capaz de colocar, a caminho, a realização das mais profundas aspirações.

Ela, as professoras de Mário e de Francisco descobrem o teor revolucionário existente nos sonhos sustentados pelas crianças e passam a questionar o quanto havia de pedagógico em trabalhar com a realização dos sonhos. Por que não?

É a professora Kátia quem trouxe uma forte contribuição ao trabalho de pesquisa, quando perguntada:

___ O que pensa sobre a relação existente entre os sonhos acalentados pelas crianças trabalhadoras e a escola?

___ *Se a gente conseguir compreender como a escola pode ajudar as crianças a realizarem seus sonhos, talvez possamos ser mais eficientes naquilo que dizemos e fazemos.*

Kátia é professora há mais de quinze anos, ensina na escola em que Francisco estuda. É sua professora há dois anos. Acompanha o sacrifício e a luta pela sobrevivência de Francisco e de quase toda a sua turma. Não consegue admitir que possam passar toda a sua vida ali, expostos a doenças como hoje se encontram.

De alguma forma, Kátia pressente que ensinar os conteúdos é importante, porém não é a única coisa a ser feita. Algo lhe diz o quanto necessita ampliar sua percepção pedagógica para fazer com que o contato com os alunos seja mais envolvente e enriquecedor. Trabalha com jogos, valoriza a fixação das atividades ou recreação e faz com que seus alunos sintam prazer em estar na escola aprendendo e brincando.

Dando continuidade à conversa, volta a falar com a professora-aprendiz sobre a influência do seu trabalho junto às crianças trabalhadoras:

___ *Quero que tenham vontade de voltar no dia seguinte, quero que gostem de mim e da escola. Quero que gostem dos estudos, que ampliem seus conhecimentos, que sejam felizes.*

Para ela é fácil se identificar com Kátia. Seu compromisso profissional faz com que a admire a cada dia. Percebia que Kátia trabalha na construção da escola por que tanto sonha: uma escola para todos e para cada um. Por mais que pareça loucura, sabe ser possível.

Durante o ano em que se encontraram semanalmente, não mostrava ter preocupação com questões políticas mais amplas; sua política era a sala de aula e o exercício do magistério. Quer que todos sem exceção aprendam, segundo ela, pra valer, de verdade, como Francisco. Sempre diz que gosta de ser fada e não bruxa para seus alunos e, para isso, se esforça na elaboração das atividades que trazia para ele e para os demais alunos.

Kátia parece compreender que o gostar dos estudos e da escola passa por gostar dela também, ou seja, os três estão interligados e, por isso, é necessário pensar constantemente em cada passo. Cada aula, cada novo dia, são aguardados com ansiedade e alegria por parte dos alunos e por parte dela também, que não vê a hora de colocar o sonho em prática. E continuava a falar:

___ *Eu também tenho sonhos. Quando planejo, sonho com uma aula bem legal, capaz de envolver a mim e aos alunos.*

Sonhar sonhos possíveis já nos alerta Paulo Freire (2002:111). É com ele que aprendem sobre a necessidade de sonhar com coisas possíveis de serem concretizadas. Kátia percebe que ao planejar as aulas, sonha, e o sonho faz parte do processo educativo. É com ele que os professores poderiam ajudar a transformar o mundo.

O compromisso com as aulas criativas e dialógicas empresta ao trabalho de Kátia um matiz especial e, quase sem o perceber, constrói o sucesso de Francisco e de tantos outros alunos e da escola.

Hoje, já se vão dois longos anos desde o último encontro na região do aterro sanitário. Francisco trabalha em uma loja de material de construção, sua mãe trabalha como cozinheira em um bar da cidade. Moram em outro lugar. Suas aparências, aos poucos, se transformaram, já não se parecem mais os que um dia conheci.

Francisco continua com seus sonhos, agora quer ser doutor. Quer ir para a Faculdade, fazer Medicina para ajudar a curar as pessoas como as com quem conviveu, durante todos aqueles anos, no aterro sanitário. Quer trabalhar de graça, quer fazer caridade. E diz:

___ Quando estiver na Faculdade, quero estudar para ser doutor. Vou trabalhar para ganhar dinheiro, mas vou consultar de graça as pessoas do lixão. Já morei lá e quero ajudar.

Dois anos após, os sonhos de Francisco vão muito além. Prestes a ingressar no Ensino Médio, longe do local em que morava e ocupando uma outra função, falando, sonha com a Faculdade de Medicina. Sabe que ainda tem todo o Ensino Médio pela frente e que muitos desafios ainda estão por vir, mas aprende o teor revolucionário dos sonhos.

Dona Maria, mãe de Francisco, como dito anteriormente, trabalha de cozinheira em um bar da cidade. Ao olhar para trás, para um passado recente, diz estar admirada de como sua vida mudou. Ao estar com a professora-aprendiz, fala:

___ Quem diria, naquela época, que hoje eu estaria assim! Morria de medo só em pensar no risco de não dar certo. Mas quem não arrisca não petisca e aqui estamos nós. O Francisco está falando em estudar para ser doutor. Já pensou eu mãe de doutor?

Por que não, pensou ela, sabedora de que as dificuldades serão inúmeras e que, por melhor que sejam as escolas por onde Francisco passou, ele estaria em desigualdade para com os outros jovens que freqüentam outras escolas e vivem outras realidades, porém algo fica fortemente nela: Por que não? Estudioso como é, saberá encontrar as oportunidades para realizar seus sonhos. Saberá, por quê?

Ele descobre que o sonho move a vida. E a professora-aprendiz retorna à mãe de Francisco:

___ *Por que não? A luta será grande, mas creio que poderá conseguir.*

Um ensinamento que muitos não aprendem: ao abrir mão de sonhos estão desvalorizando a própria vida. São sabedores de que não basta apenas sonhar. É preciso sonhar e criar condições materiais de realizá-lo. E se o sonho anuncia o futuro, se faz necessário sonhar.

Francisco aprendeu a sonhar e a ousar. Criou condições próprias de realizar seus sonhos. Foi com ele que aprenderam o quanto o sonho poderá modificar as condições de vida de crianças trabalhadoras e de suas famílias. Os sonhos não os deixam acomodados, os perseguem, os fazem agir.

E Kátia? Continua trabalhando na mesma escola, com turmas de 4ª série do ensino fundamental. Realiza seu trabalho, cada vez mais dedicada e tem refletido sobre Francisco que saiu do aterro e transformou sua vida e de sua família. Sabe que o mesmo pode acontecer com outras crianças e a melhor forma que tem para auxiliar esse processo será fazendo bem o seu trabalho.

Sabe que a história de Francisco pode se repetir e estará ali, fazendo o seu trabalho da melhor forma possível. Este é o seu papel.

___ *Sei que não acontece todo dia, nem a toda hora, mas estou sempre alerta para que todos os sonhadores realizem seus sonhos.*

Chama a atenção da professora-aprendiz a forma com que Kátia se vê profissionalmente. Diz -se de prontidão, em alerta, para ajudar aos que sonham. É com ela que aprende sobre o lado realizador de sonhos, existente no professor. Mesmo sem saber, ao valorizarem suas tarefas educativas, proporcionam meios de concretização de sonhos dos que dependem da escola para a sua emancipação.

Sonho e educação são componentes de uma combinação perfeita para a emancipação da criança trabalhadora. O que fazer para diminuir tanta injustiça social? O que fazer para que todos tenham oportunidades de uma vida digna, humana e solidária?

Deve haver oportunidades de criar seus filhos com dignidade, oportunidade de trabalhar, de se alimentar. É por isso que luta a professora-aprendiz, para que não haja tanta discriminação entre os que podem e os que não podem. As crianças menos favorecidas não são menos inteligentes que as outras. Isso a aprendiz aprende com elas, sobre a falta de oportunidades que os remete à condição de incapazes.

Sair do lixo e ir para a cidade, trabalhar e comprar os móveis da casa, são apenas dois exemplos, para ela, dois grandes exemplos que trouxe para comentar sua reflexão sobre a importância do sonho. A aprendente não sabe como outras crianças reagiriam, se estivessem no lugar das crianças que acompanhou, porém suspeitava de que todos sonhavam e ousavam no sentido de realizá-lo.

Nos dias que se seguiram, a professora-aprendiz continuou naquele encantamento de aprender sobre como a escola pode ajudar as crianças trabalhadoras a realizarem seus sonhos. Faz relativos progressos e, à medida que

aprende, vai percebendo as semelhanças e diferenças nos sonhos acalentados pelas crianças que acompanha. No grupo investigado, não é surpresa: todos sonham com a casa própria e em boas condições de uso, sonham também em ter suas necessidades básicas atendidas.

Conversa com uma amiga querida, durante os encontros de terça-feira, sobre seu sentimento no que se refere aos sonhos das crianças trabalhadoras:

___ *Ana, às vezes penso ser mínimo o que sonham as crianças trabalhadoras. Elas não querem tanto e, mesmo assim, não conseguem. A todo o momento nos chegam notícias de jovens que perdem a vida por causa de um par de tênis, um relógio ou um telefone celular. Ambos, o assaltante e o assaltado correm risco de vida. A situação não é justa para com nenhum dos dois. Que tipo de sobrevivência a sociedade está produzindo? A que ponto chegamos? Tudo me parece tão injusto e indigno.*

Ana não tarda em perceber que a aprendente está com os sentimentos revirados, prestes a desmontar por conta das reflexões advindas do processo de pesquisa. Seu tom de voz e a expressão em seu rosto são reveladores de que as coisas não estão bem, e sabe que é preciso agir. A amiga precisa de ajuda.

Ao que Ana responde:

___ *Escute, quem disse que a vida é justa? Gostaríamos que fosse, mas não é. O tipo de vida que os homens estão sendo capazes de construir para si, queira ou não, diria até mais, queiramos ou não, porque me incluo também, está sendo esta. Poderá mudar, mas, por enquanto, está sendo esta. Se quer descobrir os fatos, não pode se deixar levar por eles ou por impulsos que podem dificultar o conhecimento.*

Ela ouve atentamente as palavras da amiga, pensa sobre elas e se põe a caminhar refletindo sobre o seu papel naquela situação. Pensa na importância da amizade na vida das pessoas, no bálsamo em que se transformam nos momentos difíceis.

As crianças trabalhadoras também contam com os amigos para vencer os desafios do dia-a-dia. E lembra da conversa tida com Sérgio sobre amizade:

___ *Você tem muitos amigos?*

___ *Não, conheço muita gente, mas amigo, amigo de verdade, tenho poucos. Tem gente que chega perto, mas é falso e minha mãe diz pra eu ter cuidado. Sabe como é, eu trabalho, ganho meu dinheiro e tem sempre um esperto para ajudar a gastar. Para ajudar a ganhar não tem não, mas para gastar tem muita gente.*

___ *A esses você chama de amigos, considera amigos?*

___ *Não né. Pensando direito, esses caras, a gente só conhece. Amigo mesmo, amigo de verdade tem pouco, mas tem. O pessoal lá da comunidade, que ajuda no mutirão, sábado, domingo, que limpa a rua, que vira a laje, que socorre no gás, eles sim. Sabe como é, uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto. Eles ajudam a gente a tocar a vida.*

De uma forma ou de outra, Sérgio demonstra a diferença que faz entre pessoas conhecidas e pessoas amigas e, principalmente, a importância dos amigos para tocar a vida como disse; para nos amparar, para realização de nossos sonhos. E isto a professora-aprendiz o sabe.

É tarde fresca e agradável. Francisco, sentado na grama da escola, ao lado dela olha algumas crianças brincando e comenta apontando para duas delas:

_Você está vendo aqueles dois ali? Parece grude, não se desgrudam nunca. Aonde vai um, vai o outro. Parece Cosme e Damião. Moram na mesma rua e estão sempre brincando. São amigos. Eu acho bom ter amigos. Minha mãe diz que quem tem um amigo tem um tesouro. Os dois se metem até em encrenca por causa um do outro. Lá em casa, quando falta dimdim para o remédio, quando o bicho pega mesmo, se não fosse os amigos, os vizinhos que a gente pode contar, não sei não. Até pra fazer intera quando falta algum pra comprar alguma coisa.

De certa forma, essa é uma reflexão que a professora-aprendiz já vem fazendo há algum tempo. Ela sabe da necessidade de as pessoas se ajudarem, principalmente frente a situações adversas. Se não for a união entre as pessoas, sua amizade, dificilmente sobrevivem. A ajuda dos amigos também é realidade dentro das escolas, quando a união nos estudos auxilia na superação das dificuldades encontradas durante as aulas.

Reflexiva, a professora aprendiz, se põe a pensar: talvez, quem sabe, precisemos de uma pedagogia que leve em conta o poder revolucionário existente nos sonhos, fazendo com que, através da vontade de sua realização e o amparo dos amigos, as crianças aprendam melhor o ensinado, trazendo-lhes um novo sentido para estudar. Neste momento, recorre mais uma vez a Freire (2002) ao falar sobre a escola:

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo, a escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que, apaixonadamente, diz SIM à vida.”

Ela não sonha com outro tipo de escola para crianças e professores. Pensa no processo de aprendizagem e de ensinagem, revendo, através de seu trabalho de pesquisa, alguns vestígios de escolas que se assemelham ao dito pelo autor

estudado e, mais do que nunca, reafirma suas suspeitas sobre a existência de uma escola voltada para tais princípios.

Por mais que o tempo passe, a cada dia ela confirma sua percepção sobre o saber de crianças e professores. Ambos sabem sempre mais do que ela possa, um dia, suspeitar. A partir dessa reflexão afirma: o fato de não ver acontecer a todo o momento e com todas as crianças, aprendizagens como a importância da amizade e dos sonhos, entre tantas outras, não significa que assim não seja. Portanto, insistir com dedicação e tempo, na temática até aqui trabalhada parece importante para ela. O que mais os sonhos das crianças trabalhadoras podem nos ensinar?

Voltando a estudar o importante pensador brasileiro Freire descobre mais uma vez:

“Mulheres e homens somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (2002: 56).

É uma manhã fria de inverno, chove torrencialmente e a professora-aprendiz precisa dar continuidade ao seu trabalho. Os dias frios tocam -lhe diretamente a alma, inspirando-a profundamente. Apesar de os considerar tristes, ela não pode negar a existência de uma contribuição especial, daqueles tipos de dias, para o seu trabalho. A bem da verdade, cada dia, cada estação do ano, cada ano, ela sente um novo influxo na realização de seu trabalho. O ato de pensar e repensar faz com que conheça um pouco mais o tema estudado. Foi quando resolveu reler um antigo livro onde Buscáglio escreveu:

“Não basta viver e aprender para hoje. Temos que sonhar sobre como será o mundo em 50 anos, educar para um mundo daqui a 100 anos e sonhar com um mundo daqui a 1.000 anos. O mundo para a criança que está começando a estudar não será o seu mundo daqui a 30 anos.” (2000:25).

Feliz, a professora aprendiz segue em busca de melhores e maiores reflexões sobre o tema escolhido para trabalhar. Pensa freqüentemente no desenvolvimento sustentável, na promoção humana, na saúde e na felicidade das pessoas. Ela não consegue conceber a humanidade fora da égide da sua auto-realização.

Ela tomava consciência prestando atenção na vida e em como ela funciona, como age. Pensava nos enganos a que a lógica humana pode conduzir, mas também se dava conta de que não há muitas coisas. Embora os costumes sejam diferentes de uma classe social para outra, de uma idade para a outra, as pessoas são muito parecidas. Os desafios, as emoções, os conflitos e os sonhos são os mesmos em toda a parte e foi por isso que resolveu continuar.

Volta a caminhar. Olha de fora os cenários nos quais sua pesquisa se desenrola. Enquanto anda, sente a brisa leve que passa, delicada, envolvendo-a em agradável sensação de bem-estar, como a confirmar que naquele instante seu dever estava cumprido, é um novo ciclo que se anuncia a dizer: aquieta teu coração. Tudo é harmonia, tudo está mesmo em paz.

Cenários da pesquisa:

I – Cenas de rua



II – Cenas da escola:



CONSIDERAÇÕES FINAIS: PONTO DE CHEGADA OU DE PARTIDA?

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana.
(Emílio Rousseau)

O tema por mim pesquisado se inscreve na agenda mundial dos direitos humano, nas últimas décadas assistimos a um fantástico crescimento na produção de serviços e de bens materiais, eles, porém, foram desumanamente distribuídos, tendo como resultado a produção da exclusão, originando inúmeros malefícios, inclusive o fenômeno do trabalho infantil.

O objetivo deste trabalho não é instituir, naturalizar ou até mesmo legalizar o trabalho infantil, é exatamente contra isto que me coloco, porém, não posso fechar os olhos aos fatos vivenciados com as crianças na rua e na escola. A pesquisa que realizo tem mostrado que, as crianças trabalhadoras, se encontram em um contexto de emergências, precisam trabalhar para sobreviver, uma vez que os proventos recebidos por seus pais, quando empregados, não suprem as necessidades da família. Ao iniciar a pesquisa o fiz confiante de que o trabalho infantil era fruto, em sua grande maioria, do descaso dos pais para com seus filhos, com o passar do tempo, fui aprendendo que esta suspeita se confirmava, porém não era reveladora da complexidade da questão estudada. Muitas crianças trabalhadoras são filhas de pais afetuosos e responsáveis que, embora vitimados pelo desemprego lutam como podem para não deixar seus filhos morrerem de fome, são famílias inteiras que lutam para sobreviver ao massacre da fome, da miséria e do desemprego, este é basicamente o contexto das famílias das crianças pesquisadas.

Longe de garantir o sucesso do aluno trabalhador, a grande maioria das escolas pesquisadas, o coloca cada vez mais longe dela: ou a escola muda as “lentes” com as quais olha seus alunos ou alunas ou nunca irá vê-los enquanto totalidade, inserida numa totalidade maior, sociedade. Sua generosidade, por exemplo, poderá ser compreendida como relaxamento. Levando em consideração que professor tem o mesmo significado da palavra lente, precisamos mudar a concepção da concepção deste em relação às crianças trabalhadoras.

Embora faça interface com o tema pesquisado também não é meu objetivo, realizar nenhuma análise sócio-econômica sobre: desemprego, pobreza crônica/conjuntural, desestruturação familiar políticas sociais de proteção à criança e os malefícios do trabalho para as crianças. Durante toda pesquisa estive envolvida com a seguinte questão: As crianças estão na escola, o que a escola entende desta situação? Como podem contribuir para o seu desenvolvimento e assegurar a aprendizagem?

A questão que se coloca para neste momento é a de me posicionar frente à questão investigada. Não posso dizer que sou contra todas as formas de trabalho infantil porque seria uma generalização que levaria a uma postura superficial, radicalmente contrária a o vivido em situação de pesquisa. Existem trabalhos realizados pela criança que não são prejudiciais a saúde, usurpadores de sua infância, como por exemplo, o de ator e de atriz muito presente nos dias atuais. O trabalho realizado em casa como a arrumação da cama em que dorme, a organização de sua caixa de brinquedos ou até mesmo de suas gavetas, de acordo com a idade em que a criança se encontra, fazem com que tenham responsabilidade por seus pertences, desempenhem uma função dentro do coletivo familiar, continuam sendo crianças, trabalham, estudam, brincam. É fato que as crianças trabalham, estudam, brincam e não deixam de ser crianças. O

que faz com que as crianças deixem de ser crianças, Idade, leis, regras sociais, a atividade que desenvolvem, sistema econômico e político em que esteja inserida?

A exploração do trabalho infantil é inadmissível, não compartilho do crime que tem sido praticado historicamente contra a criança, roubando sua infância. É preciso denunciar o trabalho que explora, que mata, que deixa marcas para sempre nos corpos e nas vidas das crianças, toda e qualquer situação que humilhe, envergonhe, empobreça, subalternize, enfraqueça, produza menos vida, desumanize. Como Clarice Lispector escreveu e Caetano Veloso musicou: "*Gente é pára brilhar / Não para morrer de fome.*"

Fechar os olhos ao fato de muitos pais exigirem que a criança traga por dia uma determinada quantia, caso contrário, não entra em casa, seria mascarar a realidade. É difícil tirar da cabeça, esquecer, a imagem de uma criança de cinco anos de idade, corpo franzino, chupando o dedo, como se pedido colo, uma cama quentinha para descansar, atenção, carinho, nada mais do que tem direito; às vinte e três horas, nas ruas da cidade, em uma noite fria de inverno, sem agasalho, alimentação, com os pés apenas calçados com uma sandália de borracha, em horário de dormir, esperando vender os últimos pacotes de bala para voltar para casa. Muitas, quando não vendem os doces, preferem ficar pelas ruas, expostas a todo o tipo de situação, pois, voltar sem vender todos os doces é sinônimo de espancamento.

Esta é, sem dúvida, uma situação lamentável que vem se multiplicando a cada dia em nosso país. Um crime contra a vida de crianças inocentes e, precisa ser denunciado. Existem casos em que se a crianças quiser algo que a família não poça proporcionar, os próprios pais, a partir de um verdadeiro processo de desumanização falam para seus filhos: *se vira* ou ainda *dá o seu jeito*, se transformando em uma porta aberta para a esmola ou qualquer atividade que

resultará em retorno financeiro, por menor que seja, para família. É preciso deixar claro que não compartilho com esta idéia e, contra ela me oponho.

Hoje já não tenho dúvidas de que no Caso do Brasil, o trabalho infantil é fruto de uma sociedade escravocrata que faz das favelas as novas senzalas, perpetuando condições desumanas de sobrevivência para a maioria da população.

O dito popular: *Trabalho de criança é pouco e quem não aproveita é louco*; ou ainda a frase: *Trabalho nunca matou ninguém* (fala de uma mãe pesquisada), tão comuns entre os responsáveis pelas crianças trabalhadoras, povoaram freqüentemente nossos encontros e, como tudo na vida, têm no mínimo duas interpretações, talvez sirvam como alento para aqueles e aquelas que humilhadamente necessitam contar com a ajuda das crianças para levar dignidade material para casa. Embora o tipo de trabalho infantil por mim pesquisado não mate fisicamente a criança, isto não é justificativa para que ocorra, uma vez que mata ideologicamente e concretamente suas possibilidades futuras de superação das condições em que se encontra, deixando marcas indeléveis para o resto de sua vida, escrevendo a ferro e fogo em sua história um enredo que possivelmente a excluirá de desfrutar de um futuro digno. Ressalto que não apenas a ela como a seus filhos, reforçando o caráter hereditário do trabalho infantil, percebido e sinalizado por algumas pessoas pesquisadas.

É triste constatar o que se passa com a criança em nosso país. Quando nasce de mãe muito jovem e, portanto, ainda uma criança, como é o caso de 90% das mães das crianças pesquisadas, tende a morrer ainda no parto. E isto ocorre também com a prematura mãe. Vale á pena ressaltar que Duque de Caxias, dentre as cidades do Estado do Rio de Janeiro é a que tem maior índice de morte de jovens adolescentes em trabalho ou situação de parto.

Ao sobreviver a uma gravidez sem amparo e a um parto geralmente difícil, sua luta continua na tentativa de alimentar-se. Dependente de sua mãe para alimentá-lo com poucos recursos e em muitos casos sem o próprio leite materno. Sobrevivendo a esta fase, continua lutando para entrar na escola e nela se manter com sucesso. Geralmente é incompreendida, desacreditada em seus saberes e exposta a uma série de situações vexatórias que acabam fazendo com que procure se dedicar a outra atividade, uma vez que, com o próprio auxílio da escola, se convence de que este espaço não é para ela.

Excluída da escola e conseqüentemente excluída de uma vida digna no presente e no futuro a criança das classes populares em nosso país, é desafiada a sobreviver desde o nascimento. Embora seja marcada para morrer, uma vez que o jogo da sociedade assim o faz, algo a move na direção da sobrevivência, crescer e se fortalecer na luta. Lutar passa a ser parte de seu cotidiano e esta característica *precisa* ser considerada pela escola. Como podemos desperdiçar uma característica tão marcante do povo brasileiro? Como transformá-la em conteúdo curricular? Como auxiliar aos professores para com ela trabalhar? Considerá-la talvez possa vir a ser uma forma de auxiliar a criança das classes populares a ter sucesso no mundo da escola. Não falo de um caso isolado, nem de vinte ou trinta crianças. Falo sobre uma nação de cento e sessenta milhões de brasileiros. Algo precisa ser feito urgentemente.

Foi tomando contato com a aridez da vida das crianças trabalhadoras e refletindo sobre ela que paulatinamente percebi o quanto suas vidas são fortemente marcadas pela resiliência no que se refere à dor ou ao amor, ao trabalho ou lazer. Sei que muitas ficam pelo caminho, não conseguem sobreviver a tantos *atentados* contra sua integridade física, intelectual, humana, moral, étnica e ética. Tenho consciência de que o que ocorre com a criança em nosso país se compara, vergonhosamente ao *holocausto*, e quanto a isso, não posso me calar.

Matar o futuro no que se refere às possibilidades de futuro. Pode não matar ninguém, entretanto, sonho com uma sociedade de homens livres, que tenham direito não apenas ao trabalho, mas à cultura, ao conhecimento, ao prazer e ao lazer. Uma sociedade onde os seres quando crianças tenham direito de ser apenas e unicamente crianças, independente de origem social, raça e credo.

Há muito venho sonhando com uma educação que seja capaz de formar verdadeiramente o ser humano, a partir da visão de integrante deste todo maior que é o universo e que seja capaz de cuidar de si e do universo como integrantes de um todo interligado e extremamente dependentes um do outro. Sonho Também com uma escola para todos e para cada um, que seja capaz de abrigar a unidade na diversidade.

“Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem da linguagem e da cultura. Portanto, o processo social é um círculo produtivo ininterrupto no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz.”

(Edgar Morin)

Freqüentemente, a mídia veicula a importância da reciclagem do lixo. Um processo de educação das pessoas para aprenderem a conviver de forma mais ética e ecológica com a natureza e com o planeta. Não obstante, freqüentemente esquecemos de voltar nossas reflexões para as pessoas, para os seres humanos. Reciclar nossas relações é importante, uma vez que o ser humano, é o material mais importante existente na face da Terra.

É com ele que nós pesquisadores sociais aprendemos sobre nossas *questões temáticas*, somos desafiados a superar antigas certezas, nos tornamos quem

somos. No círculo produtivo do processo social precisamos uns dos outros, nos criamos e nos recriamos permanentemente.

Com Morin, sinto-me desafiada a pensar sobre os caminhos que percorri até encontrar a compreensão da existência humana em devir e, em se tratando de criança, esta compreensão imprime em mim um compromisso ainda maior: o de compreendê-la em tão tenra idade, já exposta a todo tipo de experiência capaz de fazê-la desenvolver-se e tornar-se, cada vez mais, parte do que é. Somos co-produtos um pelo outro, nos tornamos quem somos a partir deste movimento, nos humanizamos.

Com isso, penso que nenhuma intervenção educacional é definitiva, nada é definitivo. Compreender-nos em processo, exige de cada um de nós, cada vez mais, o exercício permanente de nossa própria humanidade. A compreensão do nosso inacabamento nos remete a inúmeras possibilidades como educadores que somos, inclusive a de nos perceber como formadores em devir. É por isso que nossa intervenção no mundo é possível, uma vez que conosco ele também é inconcluso. Queiramos ou não, somos sempre responsáveis um pela formação do outro, estamos permanentemente em contato com alguém, seja direta ou indiretamente. Com Drummond, busco aprofundar esta reflexão através de seu poema *Mãos Dadas*:

*“Não serei poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho os meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história.
Não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela.
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.
Não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
Homens presentes,
A vida presente.”*

Há muito por fazer e por isso sempre haverá a possibilidade da nossa própria superação e das situações que formos capazes de construir, sejam individuais ou coletivas, institucionais ou sociais. Se por um lado na vida não é possível fazer um rascunho, por outro, certamente, poderemos reescrevê-la de outra forma. Daí a importância de aprendermos a reciclar também nossa forma de fazer parte do mundo, transformando nossos sentimentos, nossas ações, imprimindo nele nossa marca pessoal.

É um pouco sobre essas questões que gostaria de refletir neste momento, sobre o meu processo de convivência na Baixada Fluminense, especificamente na cidade de Duque de Caxias, e com as pessoas que ali vivem. Tentarei não perder de vista os ensinamentos de Drummond, fazendo do tempo presente e do homem presente, a vida presente é a minha matéria. É um pouco a síndrome de Moisés, o da Bíblia, posso não entrar na terra prometida, mas posso prepará-la para os que virão. A princípio, poderá parecer pretensão, contudo se olharmos um pouco mais atentamente ao nosso redor perceberemos que herdamos dos nossos antepassados, um planeta com uma determinada qualidade de vida, uma sociedade com muitos conceitos trabalhados. É assim que encontramos o mundo quando nascemos. A vida se passa nele e com ele nos fazemos, todavia não o levaremos conosco, os que virão o herdarão. É com Thiago de Mello que reforço esta compreensão:

*“Como sei pouco, e sou pouco,
Faço o pouco que me cabe
Me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
O homem que eu quero ser.*

*Já sofri o suficiente
Para não enganar a ninguém:
Principalmente aos que sofrem
Na própria vida, a garra
Da opressão, e nem sabem.
Não, não tenho o sol escondido
No meu bolso de palavras,
Sou simplesmente um homem
Para quem a primavera já a primeira
E desolada pessoa*

*Do singular - foi deixando,
Devagar, sofredamente,
De ser, para transformar-se
- muito mais sofredamente-
Na primeira e profunda pessoa
Do plural.*

*Não importa que doa: é tempo
De avançar de mãos dadas
Com quem vai no mesmo rumo,
Mesmo que longe ainda esteja
De aprender a conjugar
O verbo amar.*

*É tempo sobretudo
De deixar de ser apenas
A solitária vanguarda
De nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde e límpida
verdade de nossos erros.)
se trata de abrir o rumo.*

*Os que virão, serão povo,
E saber serão lutando.”*

Com os versos de Thiago de Mello redimensiono o meu compromisso com os que virão, sabedora que sou de que é este exatamente o fato que traz um sentido renovado ao meu fazer. Comungo com aqueles cujas vidas ensinaram o quanto o outro está em nós, não fazendo sentido uma existência centrada apenas no singular.

Como diz o autor, se trata de abrir o rumo para nós e ao fazê-lo abrimos para os outros também. Fui assim, construindo aos poucos e sofredamente, a percepção do quanto as coisas estão interligadas, o quanto estamos nos outros e os outros em nós. Independente de uma querência particular, este é um fato que não podemos modificar.

Volto ao processo de orientação coletiva, vivido no Grupalfa e no GEPEC, quando fui compreendendo a necessidade compreender, cada vez mais, os atores sociais de minha pesquisa, objetivando maior compreensão de suas histórias de vida de cada um deles, o que faziam, de que gostavam, onde moravam, o que pensavam

sobre: a vida, a escola, os estudos, o trabalho e, principalmente, que sonhos acalentavam para suas vidas.

Leonardo Boff (1998), nos diz: “*Sem o cuidado, ele (o humano) deixa de ser humano. Se não recebe cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, a vida perde sentido e morre.*” Penso que de uma forma ou de outra, tenhamos consciência disso ou não, as profissões nos remetem ao cuidado com o outro, com o próximo e, porque não dizer, com o planeta. Drumond também nos alerta para a mesma questão levantada por Boff e nos dá pistas para fazê-lo ao dizer que: “*A defesa da terra começa no interior de cada um de nós.*” Dentro de cada ser humano e ao refletir sobre as falas trazidas nesse momento reforço em mim o sentimento da relevância da temática eleita, para a construção de uma escola que seja capaz de ensinar com humanidade, recuperando a auto-estima de professores e alunos e os valores históricos políticos e sociais das crianças trabalhadoras brasileiras. Penso seriamente que um dos maiores investimentos que poderemos fazer é na construção da humanidade dos homens, uma vez que nós professores trabalhamos com a formação de humanos.

Duque de Caxias, Baixada Fluminense, apontada como uma das maiores cidades dormitório da América Latina. Uma cidade que abriga profunda contradição, como: a pobreza e a riqueza convivendo lado a lado e explicitando, freqüentemente, a forma de exclusão dos trabalhadores. É uma cidade que arrecada a terceira maior renda do Estado, mostrando-se contraditória por excelência e rica por essência; fascinante pela mistura de culturas e marcada pela desigualdade construída pelas mãos dos homens através da história.

A partir de uma história de vida profissional construída predominantemente em sala de aula, pois faço do ofício de ser professor o desafio de minha própria

existência, busco o que mais me seduz para o exercício do magistério: a potencialização dos alunos, seres humanos, gente em busca de conhecimentos, que possam contribuir para a realização de sua humanidade.

A realização da humanidade pelos seres humanos é um processo histórico e social através do qual nos transformamos de humanóides em seres humanos. Falamos sobre épocas de humanização e desumanização e percebemos que a escola é também um local onde o referido processo se dá, uma vez que nossas crianças lá convivem cotidiana e coletivamente.

É justamente nos espaços de convivência que se dá a oportunidade de humanização dos seres e evidencia-se a responsabilidade da escola que está para além da formação intelectual de seus alunos embora grande parte dos educadores não se dê conta de tamanha responsabilidade.

Minha permanência na sala de aula tem sido marcada principalmente pela reflexão acerca de como o/ a professor/ a pode contribuir para que se tornem capazes os considerados *incapazes*, os discriminados, os colocados à margem do sistema, da escola, da vida. Os alunos que avançavam e o fazem apesar das dificuldades e interdições do meio, não me preocupam tanto. Estavam dando certo e para eles eu não era tão necessária. Embora fortalecessem meu jeito de ser professora, não suprimam o incômodo deixado pelos que não avançavam, pelos que não aprendiam.

Há muito me fora ensinado a naturalizar o sistema educacional. Construí desde muito cedo um olhar simplificador de uma realidade altamente complexa e obtive como resultado o impedimento de enxergá-la como produção dos homens e mulheres a partir de seu próprio trabalho.

O/A professor/a ao entrar em sala de aula, traz consigo uma concepção de homem e de mundo adquirida através de sua formação e durante toda a sua

própria vida. Traz um modelo idealizado de aluno e seu objetivo primeiro é fazer com que seus alunos se adaptem ao modelo pré-estabelecido. Os alunos com suas histórias de vida são avaliados a partir daquilo que lhes falta. O que já têm não é levado em conta.

Ao olhar o aluno a partir de uma ótica simplificadora, reducionista, através de modelos pré-estabelecidos, o/a professor/a faz com que ele perca sua identidade. Parece-nos ser regra dentro das escolas: primeiro anular a identidade do aluno, para depois moldá-lo de acordo com os padrões impostos pela sociedade. Quando o aluno resiste a este processo, quando não se adapta, fica como se estivesse perdido no vácuo. Já não é o que era antes, mas também não é aquilo que a escola gostaria de que se tornasse.

Compreendo o vácuo como um local onde o tempo e o espaço não contam, talvez, quem sabe, seja o local do próprio esquecimento, do desprestígio e da desvalorização. O aluno, ao atingir este lugar, passa a não contar dentro da sala de aula. Geralmente é deixado de lado pelo professor e pelos outros alunos. Sente-se desprezado e incapacitado para enfrentar tanta adversidade e acaba por abandonar a escola. O local que um dia, certamente, fez parte dos seus sonhos e dos sonhos de sua família, agora se mostra como um pesadelo, e ele abandona a escola com a certeza de que aquele não é um espaço para ele.

Longe de garantir o sucesso do aluno trabalhador, a escola o coloca cada vez mais longe dela. Ou a escola muda as lentes com as quais olha o aluno ou nunca irá vê-lo enquanto totalidade, de uma totalidade maior, a sociedade. Sua generosidade poderá ser compreendida como relaxamento.

*A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas deve ser vivida olhando-se para frente.
(Kierkegaard).*

Ao trazer esta história de vida do meu acervo pessoal, o faço por compreender o quanto poderá servir como fio condutor na percepção de como me tornei quem sou.

Assim, fui construindo uma das minhas principais marcas: a inquietação acompanhada de um profundo inconformismo. Inquieta por formação e inconformada por opção, busco compreender as questões de raça, gênero, etnia, credo, articuladas com questões históricas, políticas e sociais que constituem o cotidiano escolar.

Opto por esta vertente por acreditar que nos dão pistas importantíssimas para a construção do sucesso escolar das crianças trabalhadoras, que há muito vêm fracassando no modelo escolar vigente. Não é qualquer criança que fracassa na escola. São principalmente as pobres, negras, afro-brasileiras. E, por compreender ser este um processo construído pela ação humana, também o compreendo possível de sofrer transformações a partir da intervenção do homem. Por isso atrevo-me a pensar/ sonhar com a construção de uma forma diferente de se fazer a escola para as crianças trabalhadoras. As bases de construção da tão sonhada escola se encontram em plena existência dentro das escolas por mim acompanhadas, reveladas através de pistas possíveis de serem seguidas pelos educadores ocupados com uma outra forma de fazer educação.

Acompanhando as crianças, aprendi sobre *o caráter mutante do objeto/ sujeitos de pesquisa*. Convivendo com as crianças, no cotidiano escolar, aprendi entre outras coisas, a acompanhar também seus professores e professoras, alguns

familiares, uma vez que são personagens de fundamental importância na vida das crianças. Dificilmente conseguirei falar sobre um, sem que os outros estejam direta ou indiretamente envolvidos.

Uma das minhas principais marcas é a inquietação acompanhada de um profundo inconformismo. Inquieta por formação e inconformada por opção, busco compreender as questões de raça, gênero, etnia, credo; articuladas com questões históricas, políticas e sociais que constituem o cotidiano escolar.

Opto por esta vertente por acreditar que possui pistas importantíssimas para a construção do sucesso escolar das crianças trabalhadoras que há muito vêm fracassando no modelo escolar vigente. Não é qualquer criança que fracassa na escola. São principalmente as pobres, negras, afro-brasileiras. E, por compreender ser este um processo construído pela ação humana, também o compreendo possível de sofrer transformações a partir da intervenção do homem. Por isso atrevo-me a pensar/sonhar com a construção de uma forma diferente de se fazer à escola para as crianças trabalhadoras.

As bases de construção da tão sonhada escola se encontram em plena existência dentro das escolas por mim acompanhadas, reveladas através de pistas possíveis de serem seguidas pelos educadores ocupados com uma outra forma de fazer educação.

Para mim, o processo de construção da escola da criança trabalhadora é marcado por um forte compromisso, por parte dos professores, em realizá-la e, principalmente, por estabelecer um diálogo entre as práticas que contribuem para o fracasso, com as que contribuem para o sucesso das crianças pesquisadas. Este diálogo precisa se dar entre os dois modelos de prática que se mostram

aparentemente antagônicas e excludentes, mas, que precisam ser percebidas como indissociáveis e indispensáveis para a compreensão de uma mesma realidade, a escola. Busco através do exercício reflexivo, juntamente com Pascal que: *“O contrário de uma verdade não é o erro, mas uma verdade ao contrário.”* Unir noções aparentemente antagônicas para pensar os processos organizadores, produtores e criadores da escola tem sido meu maior desafio.

Recentemente travei contato com a teoria de Milton Santos e com ele aprendi que: *“a teoria que nos interessa, nós vamos ter que produzir, na medida em que, como intelectuais de periferia, devemos/precisamos ter um compromisso com o povo do qual, aliás, somos parte.”* Se, venho do povo, penso que para ele devem retornar os frutos de minha pesquisa, uma vez que como Gramsci (1992), acredito na importância de intelectuais orgânicos para os processos de emancipação social.

Há muito venho me encantando com a teoria de Paulo Freire, (1986) e foi principalmente com ele que aprendi a refletir sobre a importância de um posicionamento em meu fazer cotidiano profissional:

“No momento mesmo em que a gente se pergunta em favor de que e contra que, em favor de quem e contra quem eu conheço nós conhecemos, não há mais como admitir uma educação neutra a serviço da humanidade, como abstração.” (pág.97).

Uno a preocupação de Freire a mais uma de Gramsci (1986): *“Que tipo de homem e de sociedade você gostaria de ajudar a formar com o seu trabalho?”* A partir desta combinação teórica de suma importância para nós educadores, nunca mais consegui ser a mesma. Passei a me ocupar de questões que até então não me ocupara. Construí fortemente a necessidade de fazer uma opção e, soube desde então, que esta jamais seria neutra e passei a concordar com Freire (1985) mais uma vez se não estou a favor de quem está oprimido, conseqüentemente, estarei a favor de quem oprime. Educar exige posicionamento político, exige opção e ao

optar rompo com aqueles que diferente pensam e agem. Essa mesma, ruptura busco fazê-la de forma dialogada, incluindo os que diferente pensam, na tentativa de trazer movimento, novas reflexões à opção realizada. Não é tarefa fácil, às vezes me vejo em profundo desacordo, com tudo isso, porém importante é tê-la como meta.

A partir de reflexões e tomadas de posições como as expostas acima, que aprendi com Kant de Lima:

“Continuo achando que devemos nos esforçar por encontrar caminhos próprios de reflexão, fugindo da senha modernizadora dos que nos querem impor, como se fossem universais, modelos particulares”.(1997:12).

Sei que não é fácil construir caminhos próprios de reflexão que se transformem em ferramentas para a realização de uma pesquisa mais humana, digna e solidária.

As políticas públicas cuidam dos efeitos e não das causas, fazendo com que os fatos permaneçam como estão, acarretando com isso a inalteração dos fatos. Esse é um processo histórico no Brasil onde muito se fala e pouco se faz. Parece que sofremos de certa lerdeza na hora de executarmos nossas propostas que geralmente não saem do papel ou quando saem de pouco adiantam. Muitas pessoas se mostram contra o trabalho infantil, criticam as crianças trabalhadoras e seus familiares, porém não produzem mais empregos.

O trabalho infantil, além de ser social e eticamente indesejável, é um instrumento de manutenção da pobreza. Gera perdas financeiras consideráveis tem como conseqüência o baixo desenvolvimento humano das crianças obrigadas a trabalhar. Paradoxalmente, este mesmo trabalho faz com que tenham alimento, vestuário e saúde, por mais precários que sejam.

Ao iniciar a pesquisa, há sete anos atrás, pensava ter clareza de que o trabalho infantil não poderia ser suportado pela sociedade em nenhuma hipótese, porém ao conviver com as crianças, seus familiares e professoras nas escolas e em seus locais de trabalho, fui construindo a concepção de que o trabalho infantil urbano, por mais aviltante que possa ser, é o responsável pela manutenção das vidas dessas crianças. Não é o ideal, porém é o possível. O grande questionamento que fica, para mim, é o trabalho forçado e espoliador. Essa é uma forma de trabalho que não tem nenhum argumento de defesa.

As crianças pesquisadas se mostraram resilientes também me sinto um pouco assim, enfrentado as adversidades da vida, dos estudos, do trabalho. Os sofrimentos da vida nos fazem crescer. Os que sofrem têm dois caminhos: ou se revoltam ou se humanizam. É preciso dizer que a pesquisa realizada me fez compreender as crianças e solidarizando-me com elas.

Por causa da minha história de vida, fiz a opção de trabalhar, colocando o meu conhecimento a favor das crianças e suas histórias de vida me formaram enquanto professora que sou, me transformaram em professora pesquisadora e aprendente que sou.

A presente pesquisa se originou do fruto da minha indignação e inconformismo com o fracasso dos alunos, a produção do fracasso escolar e o sofrimento das crianças na escola. Não aceitando o fracasso delas fui ver como se comportam no mundo, seus saberes e dizeres, para que reconhecida em seus saberes superem o fracasso escolar.

Acalento o sonho de ver a vida das crianças trabalhadoras incorporadas ao currículo escolar, vê-las reconhecidas em seus saberes. Nutro a esperança de ver realizada a escola que venho denominando de para todos e para cada um. Uma esperança que não é esperar é uma esperança que me põe a caminhar. Na minha

vida ponho meu trabalho para que a esperança se transforme em ação. Busco viver a vida que me faz crescer e aprender melhor.

Bibliografia

ALVES, Nilda. (Org.). ----- *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

----- (Org.). *Pesquisa no/ do cotidiano das escolas – sobre rede de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus, 2001.

ALVES, Nilda e Dimenstein G. *Fomos maus alunos*. Campinas: Papyrus, 2003

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: EDUSP, 1981.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A senha do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

----- *Fazendeiro do ar & poesia até agora*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

ANDRÉ, M.E.D.A. (Org.) *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre – imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2001.

AZEVEDO Jô, Huzak I, e Porto C. *Serafina e a criança que trabalha*. São Paulo: Ática, 1999.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

----- *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1990.

----- *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. Texto, 1992.

- . *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1977.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. 2.ed. São Paulo: Record, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- *Estética da Criação Mental*. São Paulo: 2000.
- *Questões sobre Literatura e Estética-A teoria do Romance*. São Paulo: Unesp, 1998.
- *Problemas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e cultura: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- *Escovando e Recordando*. In: Rua de Mão Única, Obras Ecolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1998, Vol. 2.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Fenomenologia de olhar*. In: NOVAES, A. (Org). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *Lições da aula*. São Paulo: Ática, 1988.
- *Razões práticas – sobre a teoria da ação*. Campinas, Papyrus, 1994.
- (Org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Z. (Org.). (1994). *A crise dos paradigmas e a educação*. 3.ed. São Paulo: Cortez.
- BRIGGS, j. Y Peat f.D. *Espejo y refleto: del caos al orden - Guia ilustrada de la teoría del caos y la ciência de la totalidad*. Barcelona: gedisa Editorial, 1989.
- CALVINO, Ítalo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- *As cidades invisíveis*. Companhia das Letras, 1991.
- *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

-----*O ponto de mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

-----*Pertencendo ao universo – explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1991.

-----*Sabedoria Incomum*. São Paulo: Cultrix, 1988 .

CARRAHER, Terezinha, David C. e Ala L. Schliemann. *Na vida dez, na escola zero*. São Paulo: Cortez, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Editora Papirus, 1995.

-----*A invenção do cotidiano – 1- Artes de fazer*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

-----*A invenção do cotidiano – 2 – Morar, cozinhar*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

-----*A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

-----*Relações de força - história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

-----*Os andarilhos do bem - feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

-----*Olhos de madeira - nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

-----*História Noturna - Decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CHAUÍ, Marilena, *Janela da alma, espelho do mundo*. In. NOVAES, A. (org). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Latras, 1988.

COMENIUS, J. *A didática magna*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

CORAZZA, Sandra M. *Infância & Educação. Era uma vez...quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.

- .In: Costa M. Vorraber. *Labirinto da pesquisa, diante dos ferrolhos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- CYRULNIK, Boris. *O nascimento dos Sentidos*. Lisboa: 1991.
- . *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática, 1995.
- e Soulé, Michel. *A Inteligência anterior à palavra. - novos enfoques sobre o bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- CHIAVICATTI, CIANCA e ANDRADE P. *O grito dos inocentes. Os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes*. Série Mídia e Mobilização Social, Vol.5. São Paulo, 2003.
- CHABONNEAU, P. E. *Crônica da Solidão*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1984.
- DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade. Olhar sociológico pós-moderno – volume I –* Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEBRET, Jean Baptista. [http: site Jean Baptista Debret, biografia Notícias rede Brasil - Arquivos](http://site Jean Baptista Debret, biografia Notícias rede Brasil - Arquivos).
- DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ELIAS, Norberto. *A sociedade dos indivíduos*. Rio: Jorge Zahar, 1994.
- FAZENDA, I. (Org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1999.
- *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FOERSTER, Von H. (In), Schnitman F.D. *Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- FRANKLIN, Benjamin. *Coleção: Homens que Mudaram a Humanidade*. Rio de Janeiro: Editora Três 1974.
- *A ordem do discurso*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- *Microfísica do poder*. 3.ed. São Paulo: Graal, 1982.
- *Vigiar e punir*. São Paulo: Vozes, 1991.

- FREINET, Célestine. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- . Pedagogia do Bom Senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.
- Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Conscientização _ Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _-----*A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1980.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1999.
- GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar - A escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: 1999.
- GALLO, Silvio. *Pedagogia do risco*. Campinas: Papyrus, 1995.
- GARCIA, Regina Leite. *Múltiplas linguagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- (Org). Alfabetização dos Alunos das Classes Populares - Um desafio*. São Paulo: 1992.
- Cartas Londrina e outros lugares da educação*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- GARDA, CYNTHIA. *Cidadania antes dos 7 anos- A Educação Infantil e os meios de comunicação. Série Mídia e Mobilização Social - Vol. 2*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GERALDI, J.W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GHIRALDELLI, Paulo. (Org.) *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

-----*Maquiavel, A política e o Estado Moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GROSSI, Esther (Org.). *Construtivismo pós-piagetiano. Um novo paradigma sobre aprendizagem.* Petrópolis: Vozes, 1993.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias.* 3.ed. Campinas: Papirus, 1991.

GÓES R.e M. FLORENTINO. *Crianças escravas, crianças dos escravos.* Editora Francisco Alves, 1985.

HELLER, ÁGNES. *O Cotidiano e a História.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

----- *Sociologia de la vida cotidiana.* Barcelona: 1991.

HEISENBERG, W. *A parte e o todo.* Rio de Janeiro, Contra Ponto, 1996.

IBGE, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: Síntese de Indicadores: 1999.* Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Emprego e Rendimento, 2000.

IBGE, *Síntese de Indicadores sociais 1999.* Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais 2000.

JUNG, GG. In: Progoff Iria. *Jung, sincronicidade e destino humano - A teoria da coincidência significativa de CC Jung.* São Paulo: Cultrix, 1999.

KUENZER, Acácia Z. *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LACERDA, Nilma Gonçalves. *Manual de tapeçaria.* Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

LARROSA, Jorge; PÉREZ de LARA, Nuria (Org.) *Imagens do outro.* Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998.

LACERDA, G. Nilma. *Manual de tapeçaria.* Rio de Janeiro: Philobiblion Livros de Arte LTDA., 1986.

LARROSA, Jorge. (Org.) *Imagens do outro.* Petrópolis: Vozes, 1998.

----- *Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas.* Belo Horizonte: Autentica, 1999.

LELOUP. J.; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto.* Petrópolis: Vozes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem.* Campinas: Papirus, 1989.

LINHARES, Célia Frazão et.al. *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa.* 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- LOCKE, J. *Tratado sobre o governo*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1998.
- LOWY, Michael. *As aventuras de K. Marx contra o Barão de Munchhausen*,. (*Tradução de Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy*), São Paulo:Cortez, 1989.
- MANHÃES, Luiz Carlos Siqueira. *Angra das redes: formação de educadores e educadoras no sul fluminense*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999, 267 p. (Tese, Doutorado em Educação).
- MARX,Karl.In: Erich Fromm..*Conceito Marxista de Homem - manuscritos Econômicos e Filosóficos de Paris de 1844*. Rio de janeiro: Zahar,1893.
----- e F. Engels. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987.
----- . *Textos sobre ensino e educação*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1985.
- MACHADO, José. *Nas rotas do cotidiano*. *Revista crítica e Ciências Sociais*, n 37, junho, 1996.
- MARTINS, José S. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.
----- . *Massacre dos inocentes*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.
----- *Cognição,ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MELLO, Thiago. *O Estatuto do Homem*. Acessado em: 25/10/2004. Disponível em <http://www.vidaempoesia.com.br/thiagodemello.htm>
- MINAYO, Maria C (org). *Pesquisa social - método, teoria e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 3.ed. Campinas: Papirus, 1999.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Portugal: Publicações Europa-América, 1994.
----- . *Introdução ao pensamento complexo*. Rio de janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
-----*O método: 4- as idéias*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

----- *Amor, Poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro:BCD União de Editoras,1997.

----- *A cabeça bem feita*. Rio de Janeiro: ACD União de Editoras S.A, 2000.

-----e Jean L. Moigne.*A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 1999.

-----*Edgar Morin*. [on line]. Brasil, 2001, Disponível em: <http://sites.uol.com.Br/vello/morin.htm> [consulta:10/09/01]

-----*A cabeça bem feita*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

-----*A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 1999.

-----*Amor, poesia, sabedoria*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

-----*Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

----- *Os Fraticidas - Jugoslávia - Bósnia 1991 - 1995*. Lisboa:relógio D' água, 1996.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. . Petrópolis: Vozes, 1999.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Alfredo Veiga. (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

NÓVOA, Antonio. (Org.). *As organizações escolares em análise*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

----- (coord) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Elena de G., Porcaro, R. M., Araújo, T.C.N. *O lugar do negro na força de trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985

OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Rosiska de *O elogio da diferença*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

- PENESB n 1. *Relações raciais e educação: alguns determinantes*. Niterói: Intertexto.
- PERES, Andréia. *Crianças invisíveis - O enfoque da imprensa sobre o trabalho infantil e outras formas de exploração*. - Série *Mídia e Mobilização Social*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- Pedagogia diferenciada – das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- A Pedagogia na Escola das Diferenças- fragmentos de uma sociologia do fracasso*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- Avaliação – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin – A Educação e a complexidade do ser e do saber*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- POMPÉIA, Raul. *O ateneu - crônica de saudades*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo: UNESP, 1996.
- QUINTANA, Mário. *Obras Escolhidas*. Editora Brasiliense. Rio de Janeiro, 1982.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995
- RODRIGUES, Neidson. *Elogio à educação*. São Paulo: Cortez, 1999.
- Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1981.
- REIS FILHO, C. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

SADER, E. e GENTILI, P. (Orgs.) *Pós-liberalismo – as políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A, 1998.

SAINT-LAURENT, Lise. *L'Éducation intégrée à la communauté*. Québec/Canadá: LOGIQUES Inc, 1994.

SANTOS, Boaventura Souza. *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. Revista de Estudos Avançados, São Paulo: USP, maio/agosto 1998.

----- (Org.) *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século 21*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

----- *Um discurso sobre as ciências*. 11.ed. Porto: Afrontamento, 1999.

-----, *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

----- *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. Volume 1- para um novo senso comum – a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos. *De como a educação torna-se palco no romance brasileiro (uma tentativa de interpretação de O Ateneu de Raul Pompéia)*. São Paulo: Faculdade de Educação da PUC-SP, 154p. 1988, (Dissertação de Mestrado em História e Filosofia da Educação).

----- *Heterogeneidade como experiência de cidadania – relato da inclusão na rede municipal de Três Corações – MG- 1994 –1996* In: MANTOAN, Maria Teresa (Org.). *A integração de pessoas com deficiência*. São Paulo: Memnon, 1997.

----- *Caminhos interrompidos? Descontinuidades/Continuidades: uma análise de políticas públicas em educação*. In: MANTOAN, Maria Teresa (Org.). *Caminhos pedagógicos da inclusão*. São Paulo: Memnon, 2001 (no prelo).

----- *O Plano de Desenvolvimento da Escola como instrumental de gestão num*

SASSAKI, Romeu Kasumi, *Inclusão. Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

-----Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: 1996.

SARMENTO, M. Jacinto, Bandeira A. e Dores R. *Trabalho domiciliário infantil - um estudo de caso no Vale do Ave*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Sociedade, 2000.

SCHNITMAN, D.F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença- a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

----- . *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

----- *Documentos de identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

-----*O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

-----*O sujeito da educação – estudos foucaultianos*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

-----*Manifesto pós-estruturalista*. Texto digitado. Porto Alegre, 2000.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Tradução Jaime Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

-----*Igualdade e diversidade*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração. 1997.

UNICEF. *Meninos e meninas em situação de rua - Políticas integradas para a garantia de direitos. - Série fazer valer os direitos*. Volume 2 . São Paulo: Cortez, 2002.

VALLA, V. *A nova ordem mundial, sociedade civil e educação popular no Brasil. In: Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política.* Departamento de Psicologia, UFF, Niterói: 1997.

VALLE, Lílian do. *O mesmo e o outro da cidadania.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ANEXOS:**INVENTÁRIO DOS DOCUMENTOS COLETADOS NA PESQUISA**

Alguns documentos foram coletados e produzidos para o processo de análise da experiência com crianças trabalhadoras, suas famílias e professoras, nas ruas e nas escolas. O quadro referente às crianças é apresentado em dois momentos por fazerem parte de atividades diferenciadas: crianças acompanhadas e crianças apenas entrevistadas informalmente. Neste quadro encontraremos referencia ao agrupamento étnico de cada uma, fato que nos permite inferir que, as crianças por mim pesquisadas são afro-brasileiras.

ENTREVISTAS				
Anos de Magistério	Material	Descrição e comentários		Ano
EN	Entrevista	Entrevistas realizadas com o grupo de professoras de crianças trabalhadoras.	Cor	2001 _ 2003
10		Vera	Parda	
20		Ana Luísa	Parda	
15		Rosa	Parda	
Estagiária		Daniela Aparecida	Parda	
5		Carla	Parda	
19		Dinartina	Parda	
12		Bárbara	Parda	
3		Kelly	Parda	
12		Alice	Negra	
10		Kátia	Parda	

Crianças trabalhadoras acompanhadas/ idades			2000 a 2003
Trabalho	Textualização	De cinquenta crianças trabalhei com quinze	Cor
Vendedor de doces		Fábio - 6	Parda
Lavador carros		Fábio L. - 11	Parda
Carreto		Carlos - 10	Negra
Carreto		Isaías -10	Negra
Vendedor flores		Carlos - 11	Negra
Vendedor sorvete		Jorge - 12	Negra
Vendedor flanelas		Leonardo - 10	Parda
Vendedor flores		Isaías - 11	Parda
Lavador de carros		Paulo - 12	Parda
Carreto		José – 13	Parda
Carreto		Alex – 10	Negra
Vendedor doces		Marcelo - 12	Parda
Carreto		Alex - 10	Negra
Vendedor doces		Marcelo - 12	Parda
Empacotador		Luis - 14	Parda
Catador lixo		Francisco - 12	Parda
Vendedor doces		Sérgio -	Parda

Crianças trabalhadoras entrevistadas informalmente		
Distribuidores de Panfletos	Ana - 9	Parda
	Carla - 12	Parda
	Lúcia - 14	Parda
	Luzia - 10	Parda
	Tereza - 12	Parda
V. balas de Coco Carameladas	Carlo - 10	Parda
	Pedro - 6	Parda
	Mathias - 9	Parda
	Lúcio - 10	Parda
	Alan - 7	Parda
	Nilson - 8	Negra
	Paulo - 9	Parda
	Jonathan - 11	Parda
Carreto	Luís 10	Parda
	Máximo - 11	Parda
	Emerson - 9	Parda
	Roberto - 12	Parda
	João - 13	Parda
	Antônio - 14	Parda
	Wesley - 14	Parda

Crianças trabalhadoras entrevistadas informalmente - continuação		
Ser. Almoço	Nelson - 12	Parda
	Júlio - 10	Parda
	Ricardo - 14	Parda
	Anderson - 13	Parda
	Tereza - 12	Parda
	Aleilson - 9	Parda
	Alexandre - 11	Parda
	Gleice - 12	Parda
	Júnior - 10	Parda
Vem. Pães Doces	Rômulo - 13	Parda
	César - 12	Parda
	Rubens - 14	Parda
	Israel - 11	Parda
	Carlos - 10	Negra
	Samuel - 9	Negra
	Renato - 12	Negra

Mãe das crianças trabalhadoras		
Depoimentos	Falas de mães de alunos trabalhadoras acompanhadas entre 2000 e 2005. Estas falas foram coletados durante minhas incursões nas ruas, nas escolas e nas casas.	2000 - 2005
Eduardo	D. Maria	
Isaías	D.Cecília	
Isaías L.	D. Josefa	
José	Cleuza	
Marcelo	Márcia	
Francisco	Maria	
Músicas		
Autores	Textos de músicas ouvidas nas ruas durante a pesquisa de campo que me fizeram refletir sobre os temas abordados durante os encontros com as crianças trabalhadoras.	
Milton Nascimento e F Brant	Eu caçador de mim	
Gilberto Gil	Queremos saber	
Raul Seixas	Metamorfose ambulante	
Milton Nascimento Gonzaguinha	Encontros e despedidas	
Jota Quest	Caminhos do coração Dias de paz	

Minhas Anotações			
CA	Cadernos de anotações	Os diários de campo com anotações sobre crianças, pais, professoras, músicas, poesias etc.	2000 - 2004
Apresentação da pesquisa			
A P		Roteiros de apresentação da pesquisa em seminários e simpósios.	2000 - 2004
Autores:		Textos reflexivos coletados	
Malba Than Robert Louis Ítalo Calvino	Alguns textos foram trazidos pelas próprias professoras das crianças.	Camelo extraviado Lençol sujo Leitura de uma onda	2000 - 2004
	Recolhidas ao longo do processo de pesquisa através de leituras paralelas	Poesias Algumas das poesias lidas ao longo dos anos da pesquisa.	2000 - 2005
Of	Ofício	Ofício encaminhado ao delegado de Ensino solicitando alteração das aulas dos sábados para a sexta aula durante a	

Vídeo e Fotos			
F V	Fita de vídeo com gravações de apresentações da pesquisa. - Fotos com cenas da pesquisa: rua e escola.	- Conversas com professoras - Projeto de Extensão GRUPALFA - UFF - Seminário Interno - GRUPALFA - UFF . Complexidade do cotidiano escolar . Direitos humanos - Documentação da pesquisa através de fotos e filmagens para elaboração do hipertexto.	2000- - 2005
F P	Documento dos professores em vídeo	Fita de vídeo com gravação do evento contra a Reorganização das Escolas da Rede de Ensino Oficial do Estado de São Paulo, em 1995	1995
Publicações			
M P	Textos produzidos para publicação do Jornal A Paágina da Educação. Sínteses provisórias do processo de pesquisa.	- Ei moça, vai carreto aí? - Criança trabalhadora também tem direito à escola. - Criança trabalhadora, criança resiliente?	2000 - 2004
Relatórios C N P q			
R P	Relatórios produzidos para o CNPq.	- Crianças trabalhadoras, crianças que nos ensinam. - Quando criança, brinca, quando menor, trabalha.	2000 - 2004
Doc. Of	Documentos oficiais	Documentos oficiais sobre a reorganização da Rede Estadual em 1995	1995

Uma História Infantil



**ERA UMA VEZ UMA MENINA CHAMADA
BENVINDA. ELA GOSTAVA DE BRINCAR
IMITANDO PROFISSÕES.**



SEM SABER O MOTIVO PELO QUAL SE INTERESSAVA PELO TRABALHO DE MILHÕES DE PEQUENOS BRASILEIROS, BENVINDA CONTINUAVA BRINCANDO.

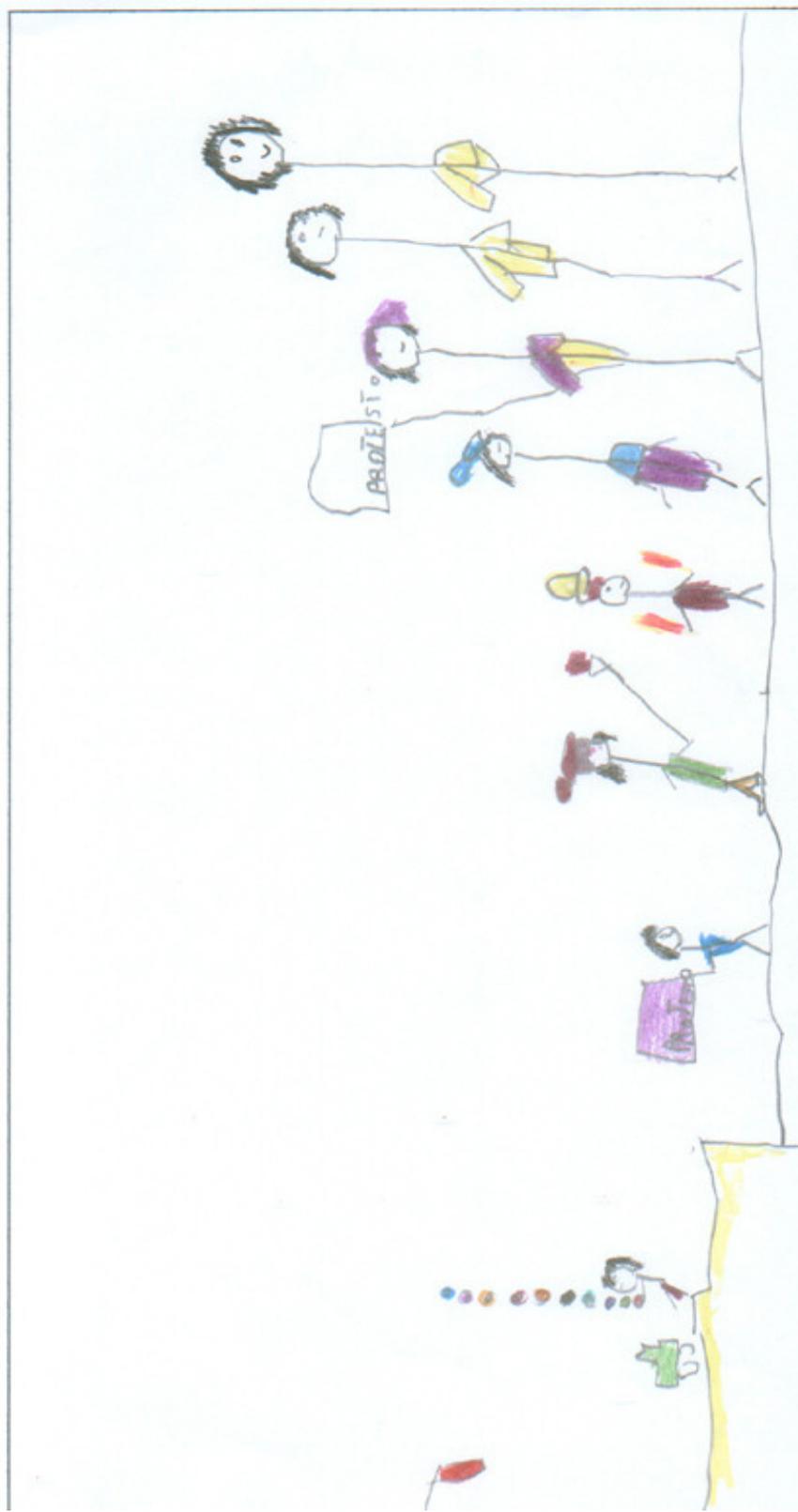


E QUANTO MAIS BENVINDA SE PERGUNTAVA MAIS SE DAVA CONTA DE QUE VIA CADA VEZ MAIS CRIANÇAS TRABALHANDO NAS RUAS.

-PORQUE TANTAS CRIANÇAS TRABALHAVAM NAS RUAS?



O TEMPO PASSOU. BENVINDA CRESCER E PASSOU A
 CONVIVER COM CRIANÇAS TRABALHADORAS,
 APRENDEU COM ELAS SOBRE COMO SE SENTIAM,
 VIVIAM, O QUE PENSAVAM SOBRE A ESCOLA, QUE
 SONHOS ACALENTAVAM



MUITAS VEZES ERAM CONFUNDIDAS COM CRIANÇAS DE

RUA E SE ENTRISTECIAM. A ISSO RESPONDIAM:

- NÓS TRABALHAMOS NAS RUAS, NÃO SOMOS CRIANÇAS DE
RUA.



**A PRIMEIRA COISA QUE CHAMOU A ATENÇÃO DE BENVINDA
FOI SABER O QUANTO ESSAS CRIANÇAS FICAVAM
TRISTES POR TEREM SUAS CASAS PEQUENAS, POUCO
AREJADAS, SEM SEGURANÇA E ALIMENTAÇÃO**



A FORMA COM QUE SE VIAM CHAMÁVA CADA VEZ MAIS A ATENÇÃO DE BENVINDA QUE NÃO TARDOU A SE LEMBRAR DE FRANCISCO, UMA CRIANÇA QUE TRABALHAVA NO ATERRO SANITÁRIO. ELE DIZIA COM FREQUENCIA:

- NÓS VIVEMOS DO LIXO, NÓS NÃO SOMOS LIXO.



**AS CRIANÇAS TRABALHADORAS E SUAS FAMÍLIAS
CONTAVAM COM A AJUDA DA ESCOLA PARA
SAÍREM DAQUELA SITUAÇÃO. SABIAM QUE,
ESTUDANDO, SUAS VIDAS PODERIAM MELHORAR.**



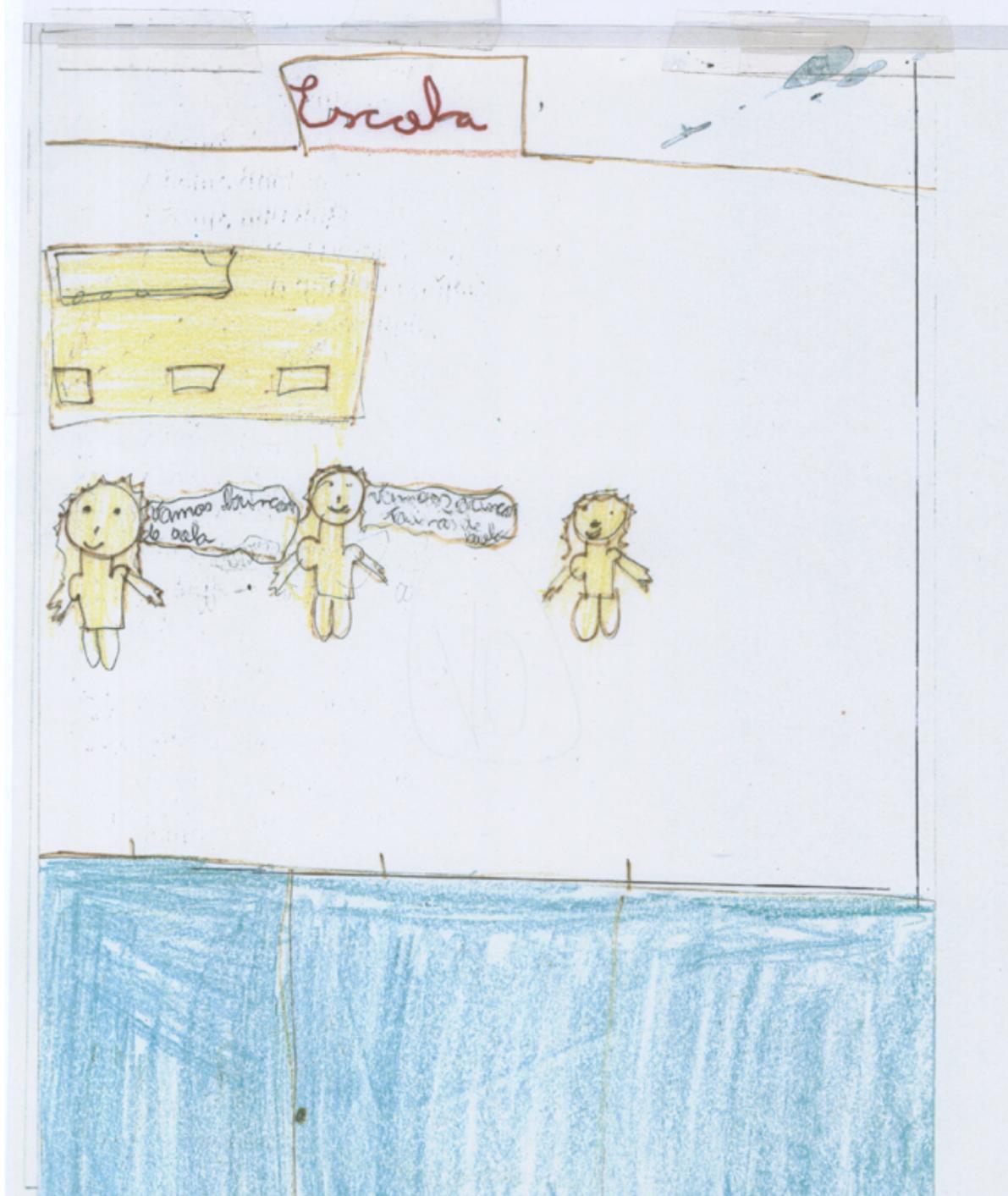
AO MESMO TEMPO QUE SE PREOCUPAVA COM O QUE
DESCOBRIA, TAMBÉM SE ENCANTAVA COM O FATO DE QUE
APESAR DE SOFREREM, SABIAM QUE A SITUAÇÃO ERA
PASSAGEIRA, QUE SUAS VIDAS PODERIAM MUDAR.



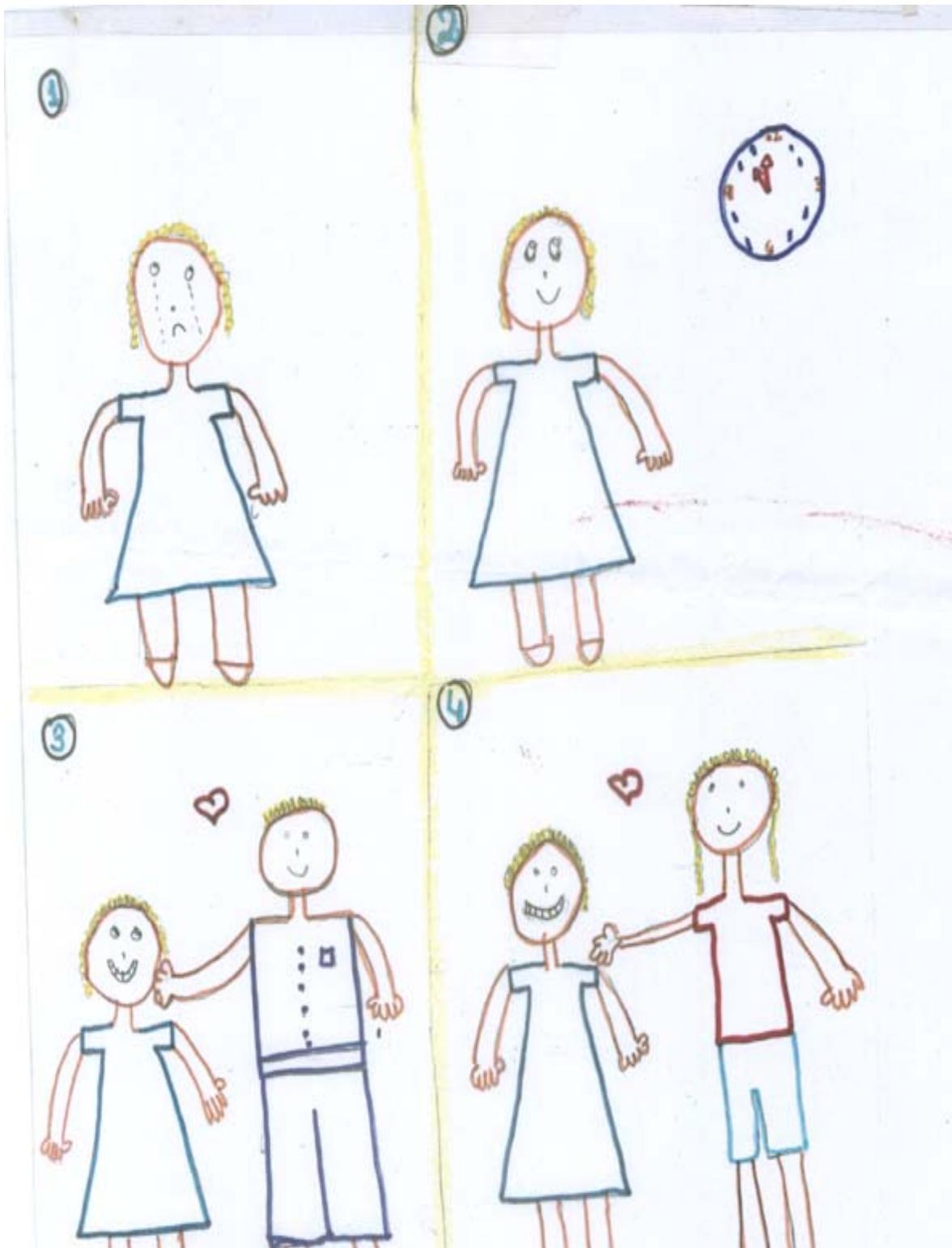
AS CRIANÇAS TRABALHADORAS ALÉM DE SOFRER
LUTAVAM POR DIAS MELHORES, ERA POR ISSO
QUE TRABALHAVAM.

Produções das Crianças

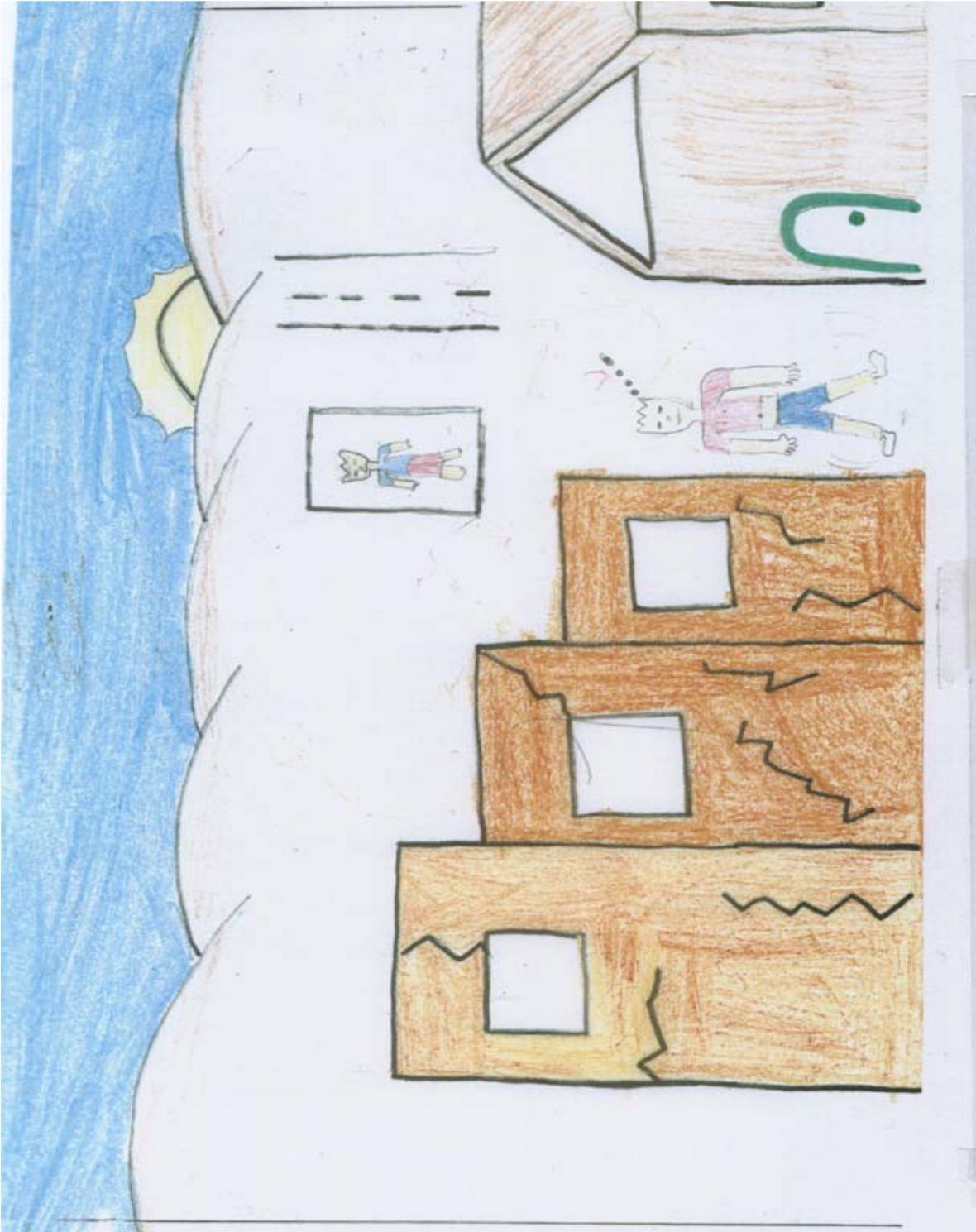
DIREITO DE BRINCAR

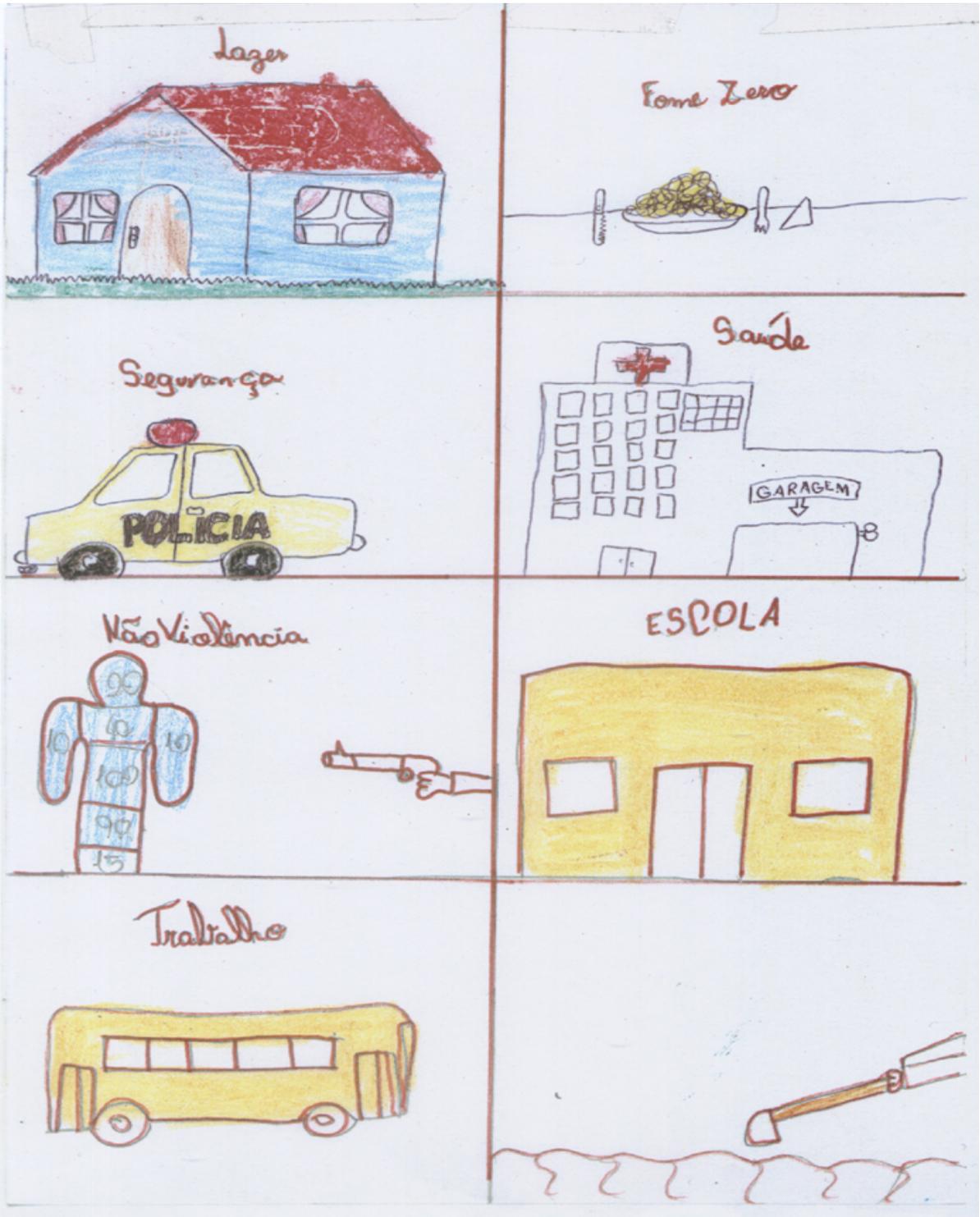












DIREITO A ATENÇÃO NAS ESCOLAS

